Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

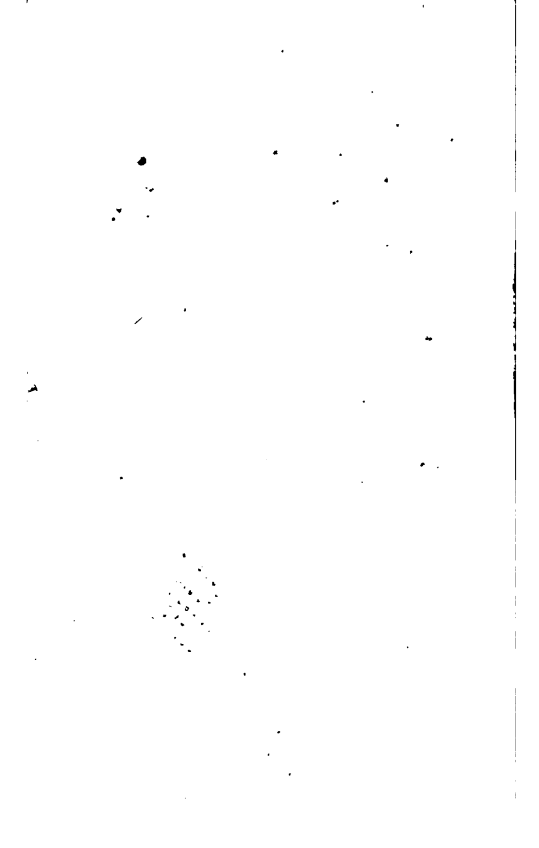
AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO IV.

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

M DCCC XXVII.

PARNASO LUSITANO.

Lyricos.

ODE XV.*

AOS NOVOS GAMAS.

. . . . Nil mortalibus arduum est,
Cælum ipsum petimus. . . . .
HORACIO.

Assim deixou de Creta as cem cidades
O fabuloso mestre, **
As estranhadas nuvens dividindo
Com atrevidas pennas;

* A admiração deu o nascimento a ésta *ode*, e com effeito a grandeza, e a novidade do spectaculo, dera assumpto a melhor canto, se a veia do poeta fôra de mais alta classe.

** *Dædalus, ut fama est, fugiens Minoia regna*
Præpetibus pennis ausus se credere cœlo
VIRGILIO.

Assim nos ensinou a ser monarchas
Do ligeiro elemento:
Mas, do arrojo agastada a natureza,
Sob alçapão ferrado
O temerario arcano poz seguro,
E aos seculos vindouros
Com manto espesso de nublada treva*
Lhe encubriu o jazigo.
Que não vence indefesso ímprobo studo,
Que põe na glória o fito!
Que marcos não transpõe esporeado,
Destemido desejo!
Viram da morte a hedionda catadura,
(E com pausados olhos)
Os heroes arrojados, que na lança
Levaram sanguinosa

* Alguns meninos, inda boçaes em poesia, me censuraram de ter eu usado *treva* no singular; porque talvez só se lembraram da *quarta feira de trevas*: aos taes lhes aponto aqui (alèm de outros que não screvo) estes tres logares de Camões, que tenho á mão:

Acorda e ve ferida a escura *treva*.
Cant. II, *est.* 64.

Todos nus, e da côr da escura *treva*.
Cant. V, *est.* 30.

Divina assim tirou da escura *treva*.
Cant. III, *est.* 15.

Conquistados imperios, e deixaram
Imprórida memoria.
E os que, seguindo as leis da ardua virtude,
Calcaram denodados
O collo insidioso da Calumnia,
Dragão de atro veneno.
Ja tinha em fragil lenho submettido
Os reinos de Neptuno,
Mortal, desprezador de dubia morte;
E, alongando a carreira,
Da roixa aurora visitado o leito;
Do tardio Boótes
Penetrado os gelados escondrijos
C'o sagaz Astrolabio.
Ja devassando os terminos do mundo,
Inquietos humanos
Tinham serras longinquas, invios ermos
Trilhado aventurosos;
Com mão profana as lobregas entranhas
Da terra revolvido....
E tu, Vulcano, que as Lipareas ilhas
Regías indomavel,
Regido foste, e a sábias mãos sujeito,
Para os humanos Joves,
Em dura schola, trabalhaste os raios,
Que estalam com ruína
Nas cerradas phalanges, nos reparos
Das munidas cidades.
As estrellas, os orbes despedidos

Reconheceram regras; *
E o raio assustador, que vago e sôlto
Estendia ou quebrava
O roixo trilho do farpado incendio,
Hoje a Franklin submisso,**
Pela perita barra, *** ingrata via,
Reluctante discorre.
So resestia ufano e mal-soffrido
Ao tentame frustrado,
Do vasto Eolo o imperio mal-seguro,
Diaphanas campinas.
Os rijos Aquilões, Euros fogosos

* Não tinha ânimo, nem paciencia (n'ésta *ode* que primeira imprimi em França, como tambem n'outras que lhe seguiram as pegadas) de pôr notas em similhantes bagatellas; mas como tanto me tem soado nos ouvidos, que acham escuros alguns logares d'ellas, me sinto no lance de pôr mais patente o que me parecia trivial e claro. Assim direi, que as regras de que fallo, são as de Newton.

** De quem disse Turgot: — *Eripuit cœlo fulmen, etc.*

***A barra do *paratonnerre* não tem mais sciencia que qualquer outra barra de ferro; mas foi o perito Franklin, que ensinou com ella a dirigir o raio para onde queiram. Assim o pente de que falla o Garção na *ode* ao Delphim, não era mais destro que qualquer outro pente de corno, e ainda mesmo da mais fina tartaruga, mas na mão de Gabilhon fazia maravilhas.

C'o sôpro amedrentavam
A progenie arriscada de Japeto:
As aguas infamadas,
C'o nome do mancebo * mais-que-afouto,
Com descorados mêdos
A empresa ambiciosa represavam.
Debalde a natureza
Ao pertinace esfôrço se esquivava,
De sustos povoando
O largo plaino dos desertos ares,
Desemparadas quédas
Oppondo, escarnecidas, por barreiras!
O desvelo incançado
Que aguça a vista á sensação reflexa,
Arremessado rompe
Pelos montões de obstaculos, e investe
C'os penetraes vedados,
A arrancar o segredo perigoso.
Para escalar os astros
Intexe um globo **, imitador dos orbes,
Que gyram no ar vasio....
Eu mesmo o vi. *** Obediente ao mando

* Icaro.

** *L'invention des aérostats est due aux Français. Le poète anglais* Darwin, *dans son poëme des* Amours des Plantes, *en fait une très-belle description.*

*** Em quanto o globo de *messieurs Charles* e Ro-

Deixou airoso a terra;
Sôbre as frentes dos homens assombrados
Levantado planeta
Sulcava as raras ondas magestoso :
(Em suberbo triumpho
A regrada sciencia aos ceos subia)
E furtando-se aos olhos
A nova estrella prefazia o gyro.
Tal Jupiter subido
Tira bizarro, pelo ethereo campo,
Os satellites fidos,
De um Pólo, a outro Pólo, * passeiando,
Na clara estiva noite.

bert, subia mui sereno entre acclamações e assombro de todos os que o viam, tecia eu ésta *ode*, quasi tal que aqui vai impressa, salvo as correcções que lhe fiz ao screve-la.

* Não me amofinem com astronomias, nem com Pólos d'aqui, nem Pólos d'alli, que muito bem se sabe que os planetas não correm de Pólo a Pólo. Leiam Camões, e verão que elle mette Pólo a toda a casta de môlho.

ODE XVI.

AD SODALES.

....Jure perhorrui
Late conspicuum tollere verticem.
HORACIO.

La vem a Aurora, o manto apavonado
Lançando pelas croas dos outeiros;
Soprando os brandos zephyros lhe ondeiam
As faldas roçagantes:
Orvalhadas bouinas
Cubiçam de enfeitá-la;
Do verde leito de enleiada murtha
Se ergue a sauda-la o rouxinol canoro.
Campos, com que prazer, com que saudade
Buscar-vos corro, escravo fugidio
Do imperio duro da violenta côrte!
Sêde-me asylo, oh bosques
De afortunada sombra!
Contra as douradas mágoas,
Contra o riso traidor da vil lisonja,
Contra a voz indigente da cubiça.
Verdes álamos tremulos, cubri-me

De sombrío socêgo; e tu, ribeiro,
Que entre pardos penedos te espedaças,
Manda esquecido sonho,
Com teu rouco murmúrio,
Á mente inda abalada
Dos crebros sobresaltos veladores,
Dos turvos mêdos, subitas justiças.
No seio d'éstas placidas campinas,
Que bordou Flora com mimoso studo,
Venho despir os trajes dos desgostos.
Aqui renasce o sabio;
Aqui, das mãos graciosas
Da alegre Liberdade,
Bebo em rustica taça, escarmentado,
Do tranquillo prazer o nectar puro.
Não venha aqui com as servis riquezas
Assuberbar-me ufano esse valído,
Que a tantos cortezãos azeda os dias; *

* *N'espérez plus de candeur, de franchise, d'équité, de bons offices, de services, de bienveillance, de générosité, de fermeté dans un homme qui s'est livré à la cour, et qui secrétement veut sa fortune. Le reconnaissez-vous à son visage, à ses entretiens? Il ne nomme plus chaque chose par son nom : il n'y a plus pour lui de fripons, de fourbes, de sots et d'impertinens. Celui dont il lui échapperait de dire ce qu'il en pense, est celui là même, qui venant à le savoir l'empêcherait de cheminer.*

Pensant mal de tout le monde, il n'en dit de per-

Que aos pés do idolo cego
Da privança, recuso
Lançar dons, nem serviços.
Fechada a estrada tenho de ser grande;
Porque nunca aprendi a envilecer-me.
Vai, avarento; vai, ambicioso,
No culpado regaço colhêr honras,
Colhêr os dons, que arroja desvairada
Sôbre os maus a Fortuna;
Porque possas suberbo
Calcar do virtuoso
A singela confiança, e dar ao vulgo
Mais uma státua, que insensato adore.
Ama o vulgo a riqueza, inveja as honras;
Porque esquivo da luz da sapiencia,
Dos verdadeiros bens não ve o trilho:
Per entre lidas, mêdos
Se arroja extraviado,
Após um bem nocivo,
Após uma chymera enganadora,

sonne, ne voulant du bien qu'à lui seul, il veut persuader qu'il en veut à tous, afin que tous lui en fassent, ou que nul du moins ne lui soit contraire. Non content de n'être pas sincère, il ne souffre pas que personne le soit: la vérité blesse son oreille: il est froid et indifférent sur les observations que l'on fait sur la cour et sur le courtisan; et parce qu'il les a entendues, il s'en croit complice et responsable, etc.

La Bruyère.

Que em pouco vai soltar-se em vago fumo.
Eu, aope d'ésta fonte saúdosa;
Deitando ao longe os repousados olhos,
Per entre os arcos dos annosos freixos,
Contente me divirto
C'o cordeiro, que affaga
A retesada ovelha;
C'o cabrito saltão, que pendurado
Treme no agudo serro, aventureiro.
Em quanto spero pela branda musa,
Que benevola os ceos ás vezes deixa,
Por vir-me acompanhar n'este retiro. *
Então me adestra os dedos
Sôbre as divinas cordas,
E me entoa as virtudes
Do honrado Mathevon, ou de Dorindo, **
Ou de outro nome que ao olvido arranca.
Alguma vez Amor vem, não-pensado,
Troca-me a lyra, e põe-me inda defronte

* *La gloire se nourrit du silence et de l'ombre.*
Sans de profonds loisirs et des veilles sans nombre,
Képler, Bayle, Descarte, et Corneille, et Milton,
N'eussent jamais loin d'eux fait éclater leur nom,
Sans éveiller l'Envie, inquiète, alarmée,
Long-temps ils méditaient leur vaste renommée;
Mais ils laissaient à peine échapper leurs travaux,
Qu'un éclat imprévu foudroya leurs rivaux.

LEBRUN.

** Amigos do poeta.

O rosto meigo da gentil Marfisa;
E espertando, no peito
Ja quebrantado e frio,
Adormecidas brazas,
Revolve o cofre das amantes notas,
E manda á boca deslembrados versos.
Se, da cova de *Caco*, os bens roubados,*
Me salva amiga mão de Hercules novo,
E posso, n'éstas veigas, nova choça,
Em aurea mediania,
Erguer desassombrado;
Em são deleite e puro
Involverei alegre os justos dias
De benefica vida descançada.
Porei por guarda á porta a Experiencia,

* Perdi, pelo terremoto, quantos livros então possuía. Pela segunda vez perdi quanto meu pae ganhou no serviço d'el-rei, em 60 annos que foi maritimo, e os bons livros classicos gregos, latinos, italianos, alguns francezes, castelhanos, e muitos portuguezes, que com bem custo e trabalho tinha juncto, la m'os sequestraram em Portugal. Pela terceira vez perdi moveis e 700 volumes o mais injustamente, desde que o mundo é mundo, penhorado per sentença de Juízes. Pela quarta e última vez (digo última, porque ja não tenho que me penhorem) a minha tal e qual livraria, fato e moveis os perdi, pela perfidia d'uma mulher, que tomei para me servir, a qual os Juízes condemnaram a restituir

C'uma longa alabarda, que afugente
A cohorte importuna dos cuidados,
A ambição insoffrida,
E os vesgos longos olhos
Da descarnada inveja.
Marfisa, amigos poucos, poucos livros
Me ampararão do ensosso enfadamento.

tudo, e a dous annos de prisão; e outros arbitraram, que ella ficasse com tudo; e, a querer eu resgatar o que era meu, pagasse 940 francos, que eu nunca devi.

ODE XVII. *

Á LIBERDADE.

Jupiter illa piæ secrevit littora genti.
HORACIO.

Que é o que eu ouço, oh deuses!
A minha eburnea lyra,
Que repousa, depois que a clara glória
Cantei suberbo, do Albuquerque duro,
Não tocada resoa,
E, do vate incurioso, a mão convida?
Respeitavel prodigio,
Acceito o auspicio fausto:
Feitos altos, a musa, que te excita,
Em grandiloquo metro me apparelha.
Ja me assignala as cordas,
E ao meu sujeito ouvido o canto ajusta.
Qual, da Sicyonia praia,

* Grandes ideias, optimas elegancias, bello colorido e linguage purissima, constituem o merito d'ésta ode!

Parte o Agenorio,* incerto,
Buscando a linda irman, mal-confiada
No fallaz touro de nevada fronte;
E dobra ancioso as crespas
Pontas dos alongados promontorios.
Per insolitos máres,
Calcando insanos mêdos,
D'alêm Colomb, d'aqui o inclyto Gama,
Vão tremolar Occidentaes bandeiras
Entre povos, que ajoelham
Ante homens numes, do trovão senhores.**
Os tritões insoffridos,

* *Cum pater ignarus, raptam perquirere Cadmo*
Imperat, et pœnam, si non invenerit, addit
Exilium, facto pius, et sceleratus eodem.
Orbe pererrato (quis enim deprendere posset
Furta Jovis?) profugus patriamque, iramque parentis
Vitat Agenorides.

OVIDIO.

** Pintura sublime no sentido e no estylo!
Seja-me licito expor aqui outro rasgo de poesia sublime:

. . . De igual modo
De Saragoça nos alluidos muros
Torreia Palafox; d'alli fulmina
Bellico Adamastor, e estende a espada
Cubrindo toda a Hespanha, e deixa aos tigres,
Do pósto, que defende, o sítio apenas.

J. M. DA C. E SILVA, *Epist. a Thomino.*

Que os não-rompidos máres,
Com desatado arrojo, assim devasse
Do extremo Occaso o morador afouto,
Depoem à ingrata nova
Ante o throno do cerulo tyranno.
Neptuno enfurecido
Do solio se arremessa,
E c'o braço potente abala o fundo
Do mar, que se amontoa, e se espedaça;
Que encapellado atira
De serra a serra, os descorados lenhos.
Eis ja, Cabral, descobres
Os Brasis não-buscados:
C'os salgados vestidos gotejando, *
Pesado beijas as douradas praias;
E aos povos, que te hospedam,
Ignaro do vindouro, os grilhões lanças.
A bondade, a innocencia,
Que immemoriaes imperam
Nos reinos não avaros de aurea veia,
Dos costumes da Europa espavoridas,
As gentes desemparam
Miserandas... Então a Liberdade,
As azas, não manchadas
De baixa tyrannia,
Soltou isenta pelos ares livres;

* Com o marulho das ondas embatidas trazia os vestidos humidos e pesados quando desembarcou.

Mal que avistou a escravidão ao longe,
Roupas trajando sanctas,
Vir estes climas demandar ditosos.
Ao vento se desfraldam,
E as vélas ja branquejam,
Que as leis escuras trazem, sanguinosas,
Trazem cordas, grilhões, trazem segures,
(Da liberdade em trôco)
Para as nações, que o crime mal conhecem.
Geme a America ao pêso,
Que insolente lhe aggrava
Dos vicios a cohorte maculosa: *
O veneno da Europa se derrama,
E os mudos valles trôam
C'o tremulo fragor do bronze rouco.
Themis, co'as mãos ao rosto,
Subito os olhos cerra,
Quando encara as fogueiras flammejando,
O rei maniatado, o algoz sedento,
Pelo ouro mal-devoto **
Decepando as cabeças innocentes.
Mas... Que doce violencia
Me retira de tanta
Scena de horrores? Qual me sparges nectar,

* *Maculosum nefas.*
Horacio.

** Que não tinha sido té então empregado em pagar missas e outras devoções.

Musa, pelos mortaes pesados membros;
Que mal toco, ligeiro,
As azuladas transparentes ondas?
D'este licor banhado,
O dulcisono Orpheu,
Assim seguia a próvida Calliope,
Desde os máres da Grecia, ao Nilo ignoto;
Quando o mysterio egypcio
Quiz registrar, do alto saber avaro.
Salve, copado bosque,
Salve, placido asylo
Da casta foragida Liberdade.
Lá vejo o templo seu aprico, immenso,
Que encerrar-se não deixa *
De bronzeas portas, artezoados tectos.
La vejo, inda entalhado
N'essa árvore robusta,
Do humanissimo Penn o nome grato:
Inda os costumes sãos, que elle plantara,
Recendem n'éstas veigas,
Orvalhados de amiga tolerancia.
Aqui, nos terrões toscos
Sentados, acceitavam
Os selvagens indigenas o preço **

* Como antigamente se não fachavam em Roma as portas das casas, em que moravam os Tribunos dos povos.

** *Le gouvernement avait donné au père de Guil-*

Da terra ja além-dada : exemplo insigne,
    Que insculpirá infamia
Nos que as plagas, não suas, captivaram.
    No mais, no mais, * oh musa!

laume Penn, en 1680, au lieu d'argent, la propriété et la souveraineté d'une province d'Amérique, au sud de Marylaud. Cet homme juste eut la bonne foi de traiter avec les tribus indiennes comme avec un peuple indépendant et souverain de sa terre natale. »

Dic. dos Hom. illus.

* Veja-mos o reparo que fez um crítico (dos que censuram de afogadilho, sem examinar ou intender o que censuram) a este *no mais*, que o illustre José Maria de Souza (na rica edição de Camões que deu á luz) não quiz alterar :

« Uma lição conservou da edição primeira de 1572, contra o parecer dos mais edictores, que não obstante o que diz em abono d'ella, me parece inadmissivel, pela melhor de todas as razões, que é o não offerecer sentido. Esta lição duas vezes se acha repetida, e consiste em conservar *no mais* em vez de *não mais*. Eisaqui a primeira estancia em que se encontra :

Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
No mais que so sessenta de cavallo.
Lus. cant. III, *est.* 67.

No mais, musa, *no mais*, que a lyra tenho.
Lus. cant. X, *est.* 145.

Se aomenos o edictor suppozesse que Camões escrevendo ora *não*, e ora *nam*, poderia ter tambem

No mais furor me accendas.
Sinto o sangue correr atropellado,
O cerebro assaltar-me aguda chamma
De fatidico incendio:
Ja, do futuro, a Jove arranco as chaves.
Como risonha e déstra
Treze regiões discórre:
Como co'as alvas mãos lhe quebra o jugo,

escripto,como fizeram os nossos antigos, *nom*, ou *nõ*, então poderia achar-se razão em escrever a palavra *no; mas em caso nenhum* no, *contracção de* em o. »

Ora para lhe mostrar que não é contracção de *em o*, nem êrro typographico, mas sim um modo d'expressar d'aquella idade, citar-lhe-hei os seguintes logares :

No mais afflicta musa,
Que ja não póde mais o rouco alento
Soluçoso e cançado.

Luis Pereira, *Elegiada*, pag. 236.

« Para os Portuguezes, que o accompanhavam, e stiveram no convite, cabaias de setim de côres *no mais*. »

F. M. Pinto, *Perigr.* pag. 370.

« *Ora no mais, no mais*, intendida sois senhora. »

J. F. de Vasconcellos, *Euphros.* pag. 159.

Eis como ficam logo colhidos ás mãos os que, sem ler os classicos, se mettem a fallar de linguage antiga (Veja-se o *Hyssope de Diniz*, pag. xx.)

E as toma, a Liberdade, em annel firme!
Como as dêstras lhe enlaça,
Sopra em seus peitos brios, esperanças!
Soltam-se os pendões livres
Ao teu sisudo aceno,
Philosopho Franklin, que arrebataste
Aos ceos o raio, o sceptro á tyrannia; *
E ao teu aviso, em Boston
O lirio adjudador ** tremola, ovante.
De honra e valor armado,
Washington, alli te ergues,
E ao Congresso indeciso a fe abonas:
Tu es sua muralha, e seu escudo;
Qual, outrora no Lacio,
O Fabio tardador, *** á afflicta Roma.
Os socios protegidos,
Os tyrannos exhaustos
São eternos brazões da tua glória,
Que cresce triumphal na redondeza,
Como os circulos crescem
Em lago, que no centro foi ferido.
N'este limpo terreno

* *Eriquit cœlo fulmen, sceptrumque tyrannis.*
TURGOT.

** A armada franceza, que foi logo em seu soccorro.

*** *Vistricesque moras Fabii.*
PROPERCIO.

Virá assentar seu throno
A san philosophia, mal-acceita;
E leis mais brandas regerão o mundo,
Quando homens mais humanos,
C'o raio da verdade, a luz espalhem.
Ja de sapiencia ricos,
Enxames philadelphios
Vão conquistar com almo ensino a Europa;
Sem bayonnettas, sem canhões escravos,
Vão plantar generosos
Ramos da restaurada Liberdade:
Quaes, do florido Hymetto,
Mellificas abelhas,
Entre as azas do zephyro amparadas,
Vão demandar, com vôo desejoso,
As remotas devezas,
Que hão de adoçar c'os fabricandos favos. *

* Se os leitores acharem algumas alterações n'éstas *odes* e outras peças de Francisco Manuel, torno-lhes aqui a repetir o mesmo que ja disse nas paginas cxxxiij e cxxxiv, do I volume d'ésta escolha, e é — Que me servi de um exemplar da primeira edição correcto e annotado per esse poeta, e com o qual me elle brindou pouco antes de fallecer. — FONSECA.

ODE XVIII.*

Nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se?
JUVENAL.

Vejo apontar o hinverno pelos cumes
Dos hyperbóreos serros;
Com elle apontam procellosos ventos,
Truculentos negrumes;
Roucas rajadas de saltão granizo, **
Com fragor se desatam
Pelas roturas do arrastado manto.
Lambem-lhe em roda a grenha
Roixos coriscos, rapidos relampagos:
O desabrido Bóreas
Lhe faz côrte, a geada arrebanhando,
Que hade espargir a froxo
Pelas nuas campinas descontentes.

*Ésta bellissima *ode* foi dirigida ao Snr. Timotheo Lecussan Verdier, antigo e presadissimo amigo de Francisco Manuel.

** Quando leio este verso onomatopeico, lembra-me est'outro na versão do poema.—*As Plantas*—feita per Bocage:

Nos tectos *saltinhando* a pedra soa.

Ja hirsuto o arco atésa
Para os farpões de tremedores gelos
Nos disparar agudos.
Ei-lo que estala, e os crepitantes frios
Me açoutam as vidraças.
Todo me encolho, todo me arrepio,
Ja so de ouvi-lo e vê-lo.
C'os olhos cérco os desprovidos cantos
Da casa, e das gavetas,
Por ver (desabrigado, tiritando
C'o penetrante frio)
Se, para lhe aparar as estocadas,
Acho de prata escudo,
Forrado casacão ou pilha de achas,
Hinvernifugo couto.
Mas, ai de mim! que tudo stá despido!
O lento crebro sôpro
Da desgraça; aferrada em meu alcance,
Varreu, sem piedade,
Quanto viu, quanto achou. Quanto é ditoso
Quem ve sôbre o cabide
Da rica e recheiada guardaroupa,
Tufar empaturrado
Pelludo gabinardo zebelino!
Ve, no redondo estojo,
Regalo aquecedor! no lar ardente
Ondadas labaredas!
Cuidar, que hei de ir, com barretada humilde,
Pedir, co'a bolsa em punho,

Ao suberbo estanceiro, repimpado
No throno mercantil,
Carrada escassa de velhaca lenha: *
Porque não venha a Parca
Co' as fadadas tesouras, c'os novellos
Visitar-me immatura....
Ver que o quente sertum acolchoado,
O lanoso vestido,
O lusitano tepido copote
São de subido prêço,
E que a bolsa engelhada em vão escorro
Sem que deite chorume,
São flechas mais pungentes, que as do hinverno.
Hoje virei-lhe o buxo;
E ella do çujo esfarrapado fôrro,
Entre cotão sediço,
Dés réis vomitou sos, muito esfalfados.
E vós, crê-lo-heis, vindouros:
Eu que não vira nunca da Pobreza
A magra catadura; **

* Medem tam velhacamente a lenha, que buscam as achas mais tortas, para as pôr no meio da medida, e deixa-la quanto mais vasia podem.

** *Ainsi les maîtres de la lyre,*
Partout exhalent leurs chagrins:
Vivans, la haine les déchire;
Et ces dieux que la terre admire,
Ont peu compté de jours sereins.

DE FONTANES.

Que á sombra dos herdados arvoredos
Descançado dormia
No regaço da intacta Probidade:
Eu, que no altar da Honra,
Do rígido Dever, queimava incensos;
Que á patria, aos meus, * sem termo
Dei quanto pude e sube; e dera o sangue,
Se o sangue meu podera
Resgata-la do ignaro captiveiro.... **
Eu vivo desterrado,
Roubados os meus bens, roubado ainda
O prémio da virtude!

* Ainda hoje conservo o mesmo amor da patria, a mesma ansia de viver, de tractar so com Portuguezes. O meu summo desejo fôra formar na minha vizinhança uma colonia de meus patricios, com quem sempre fallasse e convivesse.

** Eis a expressão de uma alma virtuosa e toda inflammada em patriotico amor! Este grande homem, não obstante os perigos que correu em Portugal; não obstante o desarrimo em que se achava n'um paiz estranho, onde vivia quasi ignorado ou esquecido d'aquelles que outrora se diziam *seus fieis amigos*; sem mesmo se eximirem de tam ingrato olvido certos Portuguezes, *então residentes em Paris*, e que bem poderam adoçar-lhe a amargura da velhice, e do exilio com algumas visitas; indifferença ou desleixo, de que eu fui testimunha, pois assisti a Philinto até o ultimo periodo da molestia que, pouco depois da minha chegada a Paris, o lançou no tumulo; não

E o Geral dos Bernardos, * que so teve
    Por desvelo e doctrina,
Anafar brando as roscas do cachaço,
    Rode sege e dobrões,
Dê roupas, dê brilhantes, jogue rijo!...
    Oh terra amaldiçoada!

obstante (torno a dizer) todos os vexames e perseguições com que a injusta patria galardoou os 60 annos de trabalhos e vigilias, que tanto hoje a illustram e ennobrecem; e, não obstante, alfim, o desamor de seus ingratos filhos para com o melhor d'elles; que jubilo não era o d'este respeitavel velho, quando me fallava das cousas patrias, ou me lia essas *odes* que o levaram á immortalidade! E qual prazer não foi tambem o seu, quando em 23 de dezembro, dia de seus annos, e pela última vez, recitou á meza perante mi, e o seu íntimo amigo o Snr. João Nepomuceno Bertrand aquella *ode* offerecida ao mesmo, e que assi começa:

Ser-me-ha feliz este anno oitenta e cinco
Que, de hoje, avança? ou tem de vir cortar-me
A morte co'a luzente fouce a trama
    Da desbotada vida?

Mas esse prazer foi de pouca dura: a inexoravel Parca em breve cortou o fio de tam preciosa vida, e me arrebatou esse sabio amigo, o único que eu conversava a miude, e com o qual me instruía acerca do nosso tam rico, quam desestimado idióma.

* Fallo do antigo, que eu conheci, e que scandalisou muita gente de juizo.

Qual cheiroso ananaz, se foi plantado
Entre aldeanas couves,
Esmorece, definha e não dá fructo,
Ou dá-o ensosso e pêco;
É finalmente morre atassalhado
Das rusticas raízes:
Tal vive o sabio, peregrina planta,
Em terreno ignorante.

ODE XIX.*

A NOITE.

Sudden to heaven
Thence weary vision turns, where tending soft
The silent hours, and from her genial rise
Whay day-ligth sickens till it springs a fresh.
Thompson.

Deusa que espalhas pela etherea zona
No mudo carro de evano brunido
As sombras repousadas, os amores
De furtivo decoro;

*Quam maviósos são os affectos que n'ésta *ode* pa-

Tu que acompanhas, com fiel escolta,
Ao prazo dado o amante impaciente,
E c'o piedoso manto encobres roubos
De divinaes prazeres;
Que as doces leis de Venus, de Cupido
(Almo recôbro da vivaz natura)
Benigna estendes nos calados tectos,
Nos namorados bosques:
Que pedes ás estrellas mais propícias
Um froxo raio * de modesto brilho,
Com que os rubis da boca, com que os lirios
Do peito entrever deixas:
Por tanto ouves os gratos murmurios
Dos amantes ditosos, que redobram
Em teu louvor, pelo macio amparo
Que em tua sombra encontram.
Ouves o som do trepido ** ribeiro,
Que inflammado dos meigos ais vizinhos,

tenteia a candida alma de Philinto! e quam feiticeiros os seus versos! Tudo n'elles respira a paz, e a innocencia. O poeta nos arrebata, nos commove, nos interessa, e quasi nos fórça a tomar parte nas diversas sensações que o agitam.

* . . . . *A faint erroneus ray*
Glanc'd from th' imparfect surfaces of things
Fling half an image on the straining eye.
THOMPSON.

** *Lympha fugax* trepidare *rivo.*
HORACIO.

Novo Alpheu se apresura namorado,
Após nova Arethusa.
São mais doces de noite, e mais mimosos
Os afagos de Amor. A luz patente
Do sol constrange o gôsto, e sólta ao pejo
Mui reservadas redeas.
E a nympha, que ólha pelo ceo luzido
Aqui Leda, * *alli Io,* ** *além Calisto,* ***
E o *cortejo de estrellas*, com que as honra
Não deslembrado Jove.
Que, como ella, nas selvas, juncto aos rios,
Outrora essas estrellas se humanaram,
E os troncos, como a ellas, que a convidam
C'o susurro das folhas;
Toma a Leda ou Calisto por traslado,
Cerra ao Recato a rabujenta boca
Co' a mesma mão com que ameigara a face
Do porfiado amante.
Noite melhor que o dia, quem não te ama?
Quem não vive mais brando em teu regaço,

* Mulher de Tyndaro, com a qual Jupiter, em fórma de cysne, dizem teve ajunctamento, do qual pariu dous ovos, e de um d'elles nasceu Pollux e Helena; e do outro *Castor e Clytemnestra.*

** Filha do rio Inacho, amada de Jupiter.

*** Filha de Lycaon, rei de Arcadia, mudada em ursa per Juno, e depois em estrella per Jupiter, a qual se toma pelo Norte.

J. F. Barreto.

Despindo da alma, e dos cançados membros
O dia afadigado?
Tu dás vida aos vergeis com teu suave
Prolifico lentor; a curva rosa,
O lirio, a quem pendeu o sol ardente,
Se erguem, e se retoucam.
As penas, e os cuidados que os humanos
Corações remordiam como abrolhos,
As ambições, os perennaes processos,
(Crueis aquuleos da alma!)
Ao ver descer o Somno, que a teu lado
Vem reclinado no tardio coche,
E derramar nos ares o recreio
Do placido socêgo;
Afroxando os cordeis ja manso e manso
Descaiem mão dos infernaes supplicios,
Que dão, antes da morte, aos imprudentes,
Que espanca-los não ousam:
Que não sabendo pôr honras, riquezas
No merecido grau, são desditosos,
São baldões da Fortuna, são captivos
Do insolente Orgulho.
Vem estender sôbre o meu leito, oh Noite,
Com mão amiga, o manto do socêgo,
Negado a camas regias, e a bordadas
Cubertas oppressoras.
Vem consolar do acinte dos destinos,
Das invejas dos maus, o assiduo Vate,
Que trabalhou por ser aos seus proficuo,

Enfeitando a virtude.

Tu, em teu seio o toma, e lhe refresca
Com leve sôpro a frente, e a face roixa
Das chammas, que no sangue lhe ateiara
Apollo enfurecido.

Vem, Noite amena, vem, traze comtigo
Os sonhos agradaveis, que o ceo brando,
Por prémio guarda mais mimoso ás nobres
Fadigas do Parnaso.

Vem spargir pelos olhos, pelos membros
Ás mãos cheias as languidas papoulas,
Que escolhera Morpheu nas descuidadas
Ribanceiras do Lethes.

Que eu com grinaldas, com festões das flôres
Que ao teu surgír despontam do castão, *
Sempre a ti grato, em quanto alento a vida,
Cubrirei teus altares.

* Todos conhecem os *suspiros roixos* e amarellos, que não abrem senão ao pòr do sol; e tambem as *viúvas*, e outras flôres mais, que so de noite desabrocham do botão.

ODE XX.

. . . *Te doctus prisca loquentem.*
Te matura senex audiat.
CLAUDIANO.

Floreça, falle, cante, ouça-se e viva
A portugueza lingua.
FERREIRA.

Irritado da dor de ver zombada
Per insulsos pechotes, *
A lingua de Camões sonora e pura,
Que nos deu tanto nome;
A phrase nobre e tersa com que a Castro
Derramava seu pranto;
Chorando o fado dos alados cysnes,
Que do Parnaso as sendas
Nós calcaram com tam gentil despejo,

* Francisco Manuel foi incansavel em inculcar a lição de nossos classicos, e em zurzir com o latego do ridiculo os admiradores e introductores de gallecismos na lusa falla e scripta; mas se algumas pessoas se corrigiram d'ésta vergonhosa mania, inda outras muitas (sem dar ouvidos a seus brados) continuam a erriçar seus scriptos de infindas phra-

E com tanta opulencia
De eloquente riqueza nos fizeram
Herdeiros sumptuosos,
Fui sentar-me cuidoso e magoado
Nas ribeiras do Tejo:
E, a mão na face, descaída a frente,
Lançava ao longe a vista
Pelas aguas do rio caudaloso,
Outrora tam cantadas,
Tam famosas na Europa, e no Oriente.
— Quem vos viu n'outras eras
Tagides nobres, celebres nos hymnos,
Levantar triumphantes
Nas claras ondas o suberbo rosto,
Entre as do Alpheu, do Mincio,
Na Italia e Grecia tam gabadas nymphas?
Hoje, de deslembradas,
Não atreveis erguer-vos, pôr os olhos
Nos cantores de Elysia.... —

ses e termos spurios, taes como *engajar*, *massacre*, *tiroteio*, etc.

. . . . É gran' desgraça
Que a Real-Académia não fabrique
Para estes empestados de ruim phrase
Um Lazaretto e boa quarentena,
Onde per doctas mãos curados sejam
Com xaropes de corda ou de azorrague,
Como doudos de nova phrenezia.

FRANCISCO MANUEL.

N'isto... sinto um rumor... turbam-se as ondas;
Borbulham, formam cercos,
Que vão, uns após outros, estendendo-se;
E entre a miuda espuma,
Que alveja pelas lisas verdes tranças,
Diviso o lindo côro
Das graciosas nymphas, escoltadas
De tritões escamosos
Com a forcada cauda o mar varrendo.
No meio um soberano
Ancião de branca barba ondeiada e longa,
Que branda lhe descia
Pela cerulea toga auri-brilhante. *
De nereia em nereia
Os verdes-mares olhos perpassando,
Curva real aceno
Á mais bella das nymphas, que responda
A meus vivos queixumes.
Callou-se o vento, e as ondas alizando-se,
Como em luzente espelho
Tritões espadaúdos retrataram,
E o Tejo e suas nymphas.
Então em mim fitando a clara dea
O angelico semblante:
« Philinto, com razão, mui justas queixas
Apaixonado spalhas
Pelas nossas ribeiras saúdosas,

* Tudo n'este retrato é propriissimo.

Depois que a morte crua
Segou, com fouce avara, aquelles grandes
Espritos excellentes *
Camões sublime, altiloquo Ferreira,
E quantos a era augusta
Criou com leite são, clara doctrina,
Que a patria acreditaram:
E nume tutelar, benigo Phebo,
De accender não cessava
Divino fogo nos ingenhos lusos,
Mostrando-lhes croado
De illustres ramas o desejo de honra

* *De bonnes études faites dans les livres des anciens, le désir de les imiter, une certaine hardiesse de pensées et de style, voilà ce qu'on aperçut dans les auteurs qui font encore aujourd'hui la gloire de la littérature portugaise. Il est curieux de voir dans les poésies de ce temps-là, les épanchemens de cœur de ces hommes vraiment estimables et remplis de zèle pour la gloire de leur patrie. Ils sentaient que les lettres seules pouvaient lui assurer les avantages dont elle jouissait alors sur toutes les nations de l'Europe, en éclairant la conduite du gouvernement si sujet à être trompé, parce qu'il est investi de gens qui ont intérêt à ses fautes. Ils songeaient à répandre les lumières dans la nation; ils conspiraient ensemble pour son bonheur, et ils auraient eu la gloire de réussir, sans de fatales circonstances qu'il était impossible de prévoir.*

Cournand.

Ganhada por bons versos.
Este ar, troando ainda c'os furores
Da bellicosa tuba
Que immortal aquecia o vate ousado,*
Quando lançava o brado
Que per esse Universo se estendia,
Mostrando os máres da Asia
Trilhados das afoutas proas lusas,
E os feitos memorandos
Que inda echo fazem nos aurítos montes,

* *Que de beautés dans la* Lusiade, *dans ce poëme où la force s'unit à la grace par des nuances douces et imperceptibles, où l'art est si bien caché par le naturel, où le style familier ne dépare point la dignité du sujet, où brillent tant de morceaux de la plus grande force, tels que le discours du vieillard qui voit partir avec chagrin la flotte portugaise destinée à la découverte des Indes, et aux périls de tant de mers, l'apparition soudaine du géant protecteur et gardien du Cap de Bonne-Espérance, le dévouement de Nunes, l'épisode d'*Inès de Castro, *des peintures gracieuses comme celle de l'île enchantée, comparable aux jardins d'Alcine et d'Armide, une foule de traits vifs et pressans, des comparaisons heureuses dans le récit des combats, que le Camoëns fait avec bien plus de précison et non moins de force, que l'auteur de l'Iliade et de l'Énéide! Le tendre, le pathétique, le gracieux, le sombre, l'élégance, la naïveté, toutes les qualités qui constituent le poëte, il les a possédées au plus haut degré. Le continent de l'Espagne n'a rien qu'on puisse lui opposer dans la*

Despertam insoffridos
Ardentes peitos de renome eterno
A treparem com ansia
Pela scabrosa encosta do alto Pindo,
E n'elle cortar louros.
Inda ha pouco Garção, Elpino, * Alfeno
Per Apollo animados,
E nos *nossos regaços instruídos*,
As lyras receberam
Dos cantores mais altos do Parnaso,
E sôbre as doctas cordas
Ja renovaram as canções Dirceas;
E as musas, que corridas

poésie héroïque, et ce beau génie n'a pas moins bien réussi dans la poésie légère. Il avait une souplesse de talent qui se pliait à tout.

COURNAND.

* Um vai caminho recto ao fim do curso,
Igual e facil, natural e grave,
Gracioso, elegante e meigo e terno;
O outro forte, magestoso e altivo,
Tira sons varonis da eburnea lyra,
Sem regra ás vezes corre e se devolve
Per cem fozes, que o luso campo alagam:
Aquelle nos seus versos deleitosos
Serenos raios de splendor esparze,
E em doce luz os Orbes allumia:
Este incendido e fulgurante toa,

Da rançosa academica * cohorte,
    Fugiram enojadas;
Que, de mil semi-vates aprosados,**
    Escuros e spinhosos,
Desdenharam influir os anagramas,
    Acrosticos e enigmas, ***
Ou gothicos freiraticos conceitos;
    Ja canoras do Pindo
Vinham descendo a bafejar os hymnos

Despede labaredas, que inda abrasam:
Aquelle salva sem ruído a méta,
No leve carro placido suave:
Este ennovela o po do olympio curso,
Faz resoar estrepitosas rodas,
E dos ferventes eixos fogo exhala.

A. R. dos Santos.

* Fallo da antiga.

** Eu de mim sei que muitas obrigações devo á *Henriqueida*. Nas minhas maiores insomnias acudia ao Menezes, que sempre me acalentou de modo, que se fallía á primeira oitava, mal que eu entrava pela segunda, vinha logo apontando o somno, e com seus surrateiros dedos me ía grudando as pestanas.

*** N'um soneto *enigmatico*, *anagramatico*, etc. que fiz (e cuja difficultosissima *glossa* me pareceu a quinta essencia dos trabalhos poeticos, e da erudição recondita) o que mais me custou foi arrumar o *acrostico*, que era ao mesmo tempo *labyrinthico*, *rabiforcado* e *retruso*. Nunca presumi do meu estro, que lançasse tam longe a barra metrica. Adjudou-me

Dos viçosos alumnos.
Nos gregos prados, nas latinas veigas
Medrados co' a cultura
Do apurado saber, ferrenho stúdo....*
Eis que de negros corvos **
Um bando iniquo emtôrno d'elles grasna
Invejoso, molesto,
Moteja a lingua de aspera, e de antiga;
De sentido enleiado;

porèm muito com seus conselhos (*veritati fides habeatur*) um padre-mestre capucho, que toda sua vida empregou em *finuras predicaveis*, e em *acrosticos* de *enigmas*. Elle mesmo me tinha dado o *mote*, para tomar o pulso ao meu talento, e, com effeito, não se descontentou da *glossa*, que quasi comprendeu do primeiro lanço de olhos. D'onde colhi, com grande assombro meu, a perspicacia de seu ingenho.

O Auctor.

* *Les bons poëtes modernes n'ont-ils pas de ces mouvemens heureux, de ces traits animés, de ces éclairs inattendus que vous admirez dans les anciens poëtes? Oui certes, ils en ont, et beaucoup; mais toutes ces beautés sont les fruits d'un long travail, et non de l'inspiration; elles ne sont ni spontanées, ni involontaires : elles naissent journellement, et seulement à force de méditations, de combinaisons et de recherches.*

C. Palmezeaux.

** *Sitôt que d'Apollon un génie inspiré*
Trouve loin du vulgaire un chemin ignoré,

Acha bronco o Camões, charro o Ferreira; *
Camões! a nossa glória!
Por quem somos so lidas e studadas
Nas terras mais remotas!
Erguem no povo rudo alto ruído
Contra os novos Orpheus.
E assim como as Bistonides ** raivosas
O canto lhe afogaram
Quando no Hebro a dulcisona cabeça
Arrojaram dementes;
Taes contra os meus alumnos, essas gralhas
Os gritos desentoam:
D'ellas te queixa, n'ellas ceva as íras;
Que as flechas do ridiculo

En cent lieux contre lui les cabales s'amassent;
Ses rivaux obscurcis autour de lui croassent;
Et son trop de lumière importunant les yeux,
De ses propres amis lui fait des envieux:
La mort seule ici-bas, en terminant sa vie,
Peut calmer sur son nom l'injustice et l'envie;
Faire au poids du bon sens peser tous ses écrits,
Et donner à ses vers leur légitime prix.
BOILEAU.

* *Les jugemens dictés par la jalousie ou par l'ignorance, ne font aucun tort aux bons ouvrages, et ces ouvrages reçoivent un nouveau lustre des critiques les plus sévères, quand elles sont éclairées.*
RACINE. (filho)

** Bacchantes.

Horacio e Juvenal te afiam promptas:
Que não temos as nymphas
Mais armas que as do verso acicalado
Que rasga o amago d'alma.
Não somos Jove atirador-de-raios,
Nem Phebo arci-tenente,
Que contra esses, que a pura veia turvam
Da Pegasea Aganippe,
E as estradas do Pindo o passo impedem
Aos mimosos das musas,
Disparemos bombardas. Mas tu pódes,
Novo Boileau severo,
Cortar per Scuderis, Cotins, La Serres, *
Descoser seus scriptos;

* Mediocres e pessimos scriptores francezes. Eis os versos com que Boileau os satyrisa :

Bienheureux Scuderi, *dont la fertile plume*
Peut tous les mois sans peine enfanter un volume!
Tes écrits, il est vrai, sans art et languissans,
Semblent être formés en dépit du bon sens:
Mais ils trouvent pourtant, quoi qu'on en puisse dire,
Un marchand pour les vendre, et des sots pour les lire.
Et qui saurait sans moi que Cotin *a préché?*
La satire ne sert qu'à rendre un fat illustre.
Mais combien d'écrivains, d'abord si bien reçus,
Sont de ce fol espoir honteusement déçus! *
Combien, pour quelques mois, ont vu fleurir leur livre,
Dont les vers en paquet se vendent à la livre!
Vous pourrez voir, un temps, vos écrits estimés

Ou novo Lobo, de engraçado pico, *
   Pô-los tam despreziveis,
Que nem os olhos levantar se atrevam
   Para os que os sons mellifluos
Ansiosos bebem na agua do Parnaso
   Alta sperança lusa. »

Courir de main en main par la ville semés;
Puis de là tout poudreux, ignorés sur la terre,
Suivre chez l'épicier Neuf-Germain et La Serre.

* Uma cousa vos confessarei eu, que os Portuguezes são homens de ruim lingua, e que tambem o mostram em dizerem mal da sua, que assi na suavidade da pronunciação, como na gravidade e composição das palavras é lingua excellente. Mas ha alguns nescios, que não basta que a fallem e screvam mal, senão que se querem mostrar discretos dizendo mal d'ella : e o que me vinga de sua ignorancia, é que elles acreditam a sua opinião, e os que fallam bem desacreditam a ella, e a elles... E para que diga tudo, so um mal tem, e é, que polo pouco que lhe querem seus naturaes a trazem *mais remendada que capa de pedinte.*

F. R. Lobo, *Côrte na Aldeia.*

ODE XXI.

A VENUS.

Si. . . . . mavis Erycina ridens,
Quem jocus circumvolat et Cupido.
HORACIO.

Se ao teu nume offreci piedosa Venus,
O coração estreito em prisões de aço,
E se amorosas lagrymas sentidas
Verti em teus altares;
Se assiduo servo, em teu sonoro templo,
Maviosos hymnos te enviei alados
Entre cheirosas enroladas nuvens
De estremados perfumes;
Se a bemaventurar baixas-te outrora
C' um almo riso, c' um divino beijo
De requintado mimo, affavel, meiga
Teus leaes amadores....
Lembre-te o louro filho de Cinyras, *
Quando as selvas pizas-te em seu alcance,

* Adonis.

E quando so de o ver terçar um dardo,
Te estremecia o peito.
Falle o Simoente, e os ulmos piedosos
Que, curvados, os ramos enlaçavam
Para acoutar os sofregos abraços
Do mui ditoso Anchises. *
No Ida ovante Páris te olhou nua.... **
Possue Anacreonte a vocal pomba,
Que em galardão d'um hymno lhe cedeste
Voluntaria servente... ***

* Filho de Capys, e pae de Eneas, havido em a deusa Venus, juncto do Simoente, rio de Troia.

** Aconteceu que stando um dia as deusas Juno, Venus e Pallas em grande paz e união, a deusa da Discordia (por entre ellas haver desavença) lhes lançou, sem ser vista, uma maçan de ouro, com umas lettras que diziam — *dê-se á mais fermosa* — intendendo cadaqual que nenhuma a merecia mais, chegaram com inveja a grandes contendas; até que de commum acórdo, vieram a se louvar em Páris, a quem escolheram por seu juiz arbitro; para que julgasse a dúvida; e querendo cadauma d'ellas te-lo propício, Venus lhe prometteu a mulher mais fermosa, Juno um reino, e Pallas grande sabedoria. Páris julgou por Venus, que lhe fez haver a Helena, a mais fermosa de toda Grecia, e a origem da ruína de Troia.

J. F. Barreto.

***A pomba, de que Venus fez mimo a Anacreonte, se lhe offerecia, muito de sua vontade, a servi-lo.

E eu, que antigo devoto me acobarde
Ante ésta tua imagem fria, escassa
De teu meigo fallar, meneio airoso,
Teus olhos derretidos!
Eu, que a teu filho, e a seus farpões prolixos
Abri no peito campo á aljava inteira;
Que a ti, que ás tuas nymphas, da aurea lyra
Votei todas as cordas!
Porque *não peço*, que te a mim descubras,
Qual em Paphos reluzes, quando emtôrno
Do césto poderoso te surriem
As nuas lisas Graças?
Mas sou eu digno!.... Dobrarei offrendas;
Votos pendurarei cheios de affecto;
Escreverei nas immortaes paredes
— *Escravidão devota* —
Encurvando os joelhos importunos,
Teu nume dobrarei. Que assim foi digno
Esse sculptor * rebelde aos teus festejos,
Quando te orou prostrado,
« Que, esquecida do atroce menospreso,

Que differença d'éstas pombas francezas, que agora servem os Anacreontes! Senão, diga-o eu! A primeira me fez penhora polo que eu não devia, e a segunda, que me devia tudo, me deixou nu e cru.

* Pygmalion, o qual amou de tal sorte uma státua de Venus, que a sposou. Instantemente pediu a Venus que a dicta státua fosse animada, o que ésta deusa lhe concedeu.

Na fria estátua spiritos soprasses »
Ja se aquece o marfim, azuos as veias
Entre a pelle resaltam.....
Ja a boca se avermelha, os olhos luzem.....
La se descurva o braço retardio....
Na lingua inerte a voz atropellada
Prova encetada a vida. —
Eu devaneio! O dardo flammejante
Que me varou o peito, Amor iniquo,
Em lagrymas de amantes delirosos
O tinhas temperado.
Tanto não peço, oh deusa! so supplico....
Oh musas, adjudae-me! Aqui comvosco
A dulcisona voz ameigadora
Trazei do brando Phebo:
Aquella mesma, que soltou suave
Nas ribeiras do Amphryso, quando a Jove
Derreteu as cholericas vinganças
A quebrar-lhe o destêrro.
Essa voz peço; e se outra inda ha mais doce,
Essa requeiro. Co' ella intento, anhelo
Supplicar, ameigar a Cytherea,
Que aos votos meus aspire.
Venus! Venus! Oh deusa da ternura,
De branda compaixão perenne fonte,
Senhora das benevolas florestas,
Das sombras namoradas;
Desce a meus olhos das olympias nuvens;
Faze feliz com teu divino rosto....

Per ti, oh Diva! endeusado seja
Teu servo ardente, assiduo.
Não temas o surriso malicioso
Dos invejosos deuses. Se o receias
Toma a fórma de Anarda, que a miudo
Por Cypria a teve o Orbe.
Ella tem as douradas molles tranças
Que Adonis tantas vezes, pelos bosques,
Te desembaraçou de humida relva,
E de amassadas flôres:
Seus olhos, como os teus, dardejam gôsto
Que aquece, que inquieta o assento d' alma;
Da boca virginal correm-lhe algemas
Quaes as com que tu prendes.
Da-me que eu possa, em teu disfarce illuso,
Beber dos labios seus o amante riso,
E ás pudibundas rosas de seu rosto
Chegar a accesa face:
Dá a meus famintos braços, que lhe cinjam
O eburneo collo, voluptuoso golpham
Onde acerbos ondeiam separados
Os não-tocados pomos.
Mas que estranho som se ouve no templo!....
Que incanto em meus sentidos!.... Eis que as aras
Mor perfume recendem!... (Que alto assombro!)
Volvem mais clara flamma!
Faustos signaes os áres alvoroçam;
Despem os ceos as nevoas descontentes;
O sol accende em chamma auri-rosada

O festivo horisonte:
Os prados se ornam de matiz estranho;
Nova esmeralda vestem as campinas;
E os troncos desabrocham novas flôres
Pela copada rama.
Que ouço! La soa a porta do alto Olympo,
Sôbre os burnidos quicios bipatentes:
As columnas avisto de diamante,
Os solios de carbunclo.
Os deuses assentados radiosos
A attenção immortal com gôsto inclinam
Á celeste harmonia; a vista pascem
No subjacente mundo.
Levantam-se as menores divindades,
E em longo fio aos porticos caminham:
Toda a turba divina corre, voa,
E correndo recresce.
Os atrios, as arcadas se povoam;
Mil fileiras de aligeros Cupidos,
Flóreos arcos travando, os ares rasgam,
Cortejo abrindo alegre.
Per entre elles, em rapidas chorêas,
Os Jocos, os Prazeres véem dançando;
Diviso as pombas, e o dourado coche
Com a bella Erycina.
Eis da alta concha assetteando airosa
Vem, * c'os raios azues dos olhos lindos,

* Para contentar grammaticos, devera o poeta

Homens e numes. Que gentis feridas!...
O filho desinvolto,
Aqui, alli o sceptro meneiando,
Manda aos Amores despejar aljavas,
Sacudir pela sphera os fachos vivos,
Té que os ares se inflammem.
Como vem sôbre nós a ardente chuva!
Amorosas faíscas nos reluzem,
Nos accendem, nos lavram pelo seio,
A dar rebate ao sangue!
Qual vívida influencia omniparente
Se spalha e desce aos penetraes ansiosos
Da Madre-terra! Oh como aviva e enfeita
A innúmera progenie!
Retumbam nas lídadas officinas
Echos gostosos de nascentes almas,

mui channmente dizer—*A bella Erycina vem airosa assetteando homens e numes com os raios azues dos lindos olhos.* —

Estes perluxos Francezes, com as suas clarezas de stylo, c'o seu pautado nominativo, verbo e caso, com seus cadilhos de pronomes, articulos, suas duplices negativas, teem encandeiado muitos bons ingenhos, e malquistado com elles as inversões tam contínuas no verso, e engraçadas, muita vez, na prosa. Inversões (digo) tam acceitas, e tam bem casadas com a lingua latina, e per conseguinte com a nossa sua primogenita e principal herdeira. E que se segue d'ahi?— Que se lhes damos ouvidos, em logar

Que novos corpos a animar concorrem.
Acode vida aos gomos:
Nos dobradiços ramos balançando-se,
As ternas aves, enlaçando os bicos,
Pre-sentem ja no estremecido arrulho,
Os propinquos prazeres:
Co' as auri-verdes caudas escamosas
Os tritões arrasando as ondas crespas,
Trás as bellas nereias se arremessam
Em concertados pulos:
Os felpudos capripedes silvanos,
Afitando as cornigeras orelhas,
Chammas os olhos, descomposto o passo,
Se entranham pelos bosques. —

de dar-mos poemas, que retratem a formosura, e o numeroso dos Virgilios, nos desbotaremos em *prosissimas prosas deslavadas.*

Elle (la langue française) *n'ose jamais procéder que suivant la méthode la plus scrupuleuse et la plus uniforme de la grammaire; on voit toujours venir d'abord un nominatif substantif qui mène son adjectif comme par la main; son verbe ne manque pas de marcher derrière, suivi d'un adverbe qui ne souffre rien entre eux; et le régime appelle aussitôt un accusatif qui ne peut jamais se déplacer. C'est ce qui exclut toute suspension de l'esprit, toute attention, toute surprise, toute variété, et souvent toute magnifique cadence.*

FÉNÉLON.

Salvae-vos d'este abrasador desejo,
Nymphas, que os lisos membros de alabastro
Banhaes na lympha pura, ou mal da vista
Os recataes dançando...
Aqui descem, (que instante deleitoso!)
Os alegres Amores, que saltando
Se estremam pela relva, e com ligeiro
Travêsso riso me olham.
Com mil settas subtis, que humedeceram
No mel hymetto, e na acidalia fonte,
Me emplumam todo, embebem-me as entranhas
De insolita doçura.
Eis desce contra mim buscando a terra,
A cypria concha... Amor! que affabil me olhas!
Co' a ponta da aza, a pomba do alvo jugo
Me afaga meiga a face.
Amor! Amor! Que vejo! quem conduzes!
Venus tomou de Anarda o gesto lindo?
Não. — É Anarda! Anarda! São seus olhos:
É seu grato surriso.
Não sou em mim! Oh deuses! acudi-me!...
Tanto prazer no seio não me cabe;
Pela alma me transborda; á boca estreita
Vem de tropel as vozes.
Ah! que incerto não sei per onde encete...
A Gratidão... o Amor... tanta estranheza —
Venus, em meu enleio, não nas fallas,
Ve meu sancto respeito.
Jove a teus votos sempre amigo, affabil...

Ah! nunca Adonis, nunca Marte frios...
Nunca o sol vingativo te descubra
Mal-roubados deleites.
Nova Psychis Amor, não-curiosa
Te abrace eternamente afortunado...
Cupidos adjudae-me a agradecer-lhe
Favor tam pre-excelso.

FRANCISCO MANUEL.

. . . Eis Philinto em quem unido fulge
Quanto nos dous[1] se admira! A' similhança
D'esses sabios museus onde se encontra
Quanto o vasto Universo enriquecendo,
Per ares, terras e aguas em diversos
Climas oppostos espalhou natura!
Ou como o mar, que em si resume e acolhe
Rios mil, que um so d'elles nos assombra
Co'as que volve fartissimas correntes!
Eis de Apollo o valido, que á nascença
Erato recolheu no alvo regaço,
E, os labios em seus labios imprimindo,
N'elles o nectar lhe influiu dulcissimo
Com que o mundo infeitiça! Ou quando, acceso
De amorosa paixão, em brando metro
Canta os agrados da gentil Marfisa;
Ou quando fervoroso, os olhos fitos
Na longa experiencia, que prevista
No antemural dos seculos se encosta, [2]

[1] Diniz e Garção.
[2] Versos de Francisco Manuel.

Da eloquencia e verdade arroja os raios
Ao torpe abuso, que embrutece os homens,
E ímpio degolla a candida virtude.
Oh Genio illustre! com que pasmo observo
Como, as azas batendo, astros transcendes,
A's vezes desleixado, e grande sempre!
Bemcomo o sol, que, pôsto lhe notemos
Manchas no luminoso disco ardente,
Sempre é bello, e *profuso derramando*
Océanos de luz, de luz á fôrça
Os mais astros obscura! Eia, de flòres
Tagides lindas enlaçae grinaldas,
E ao vosso vate coroae com ellas.

J. M. da C. e Silva.

ODE I.

Ps. Beatus vir qui non abiit...

Feliz aquelle que os ouvidos cerra
A malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
Do peccador infame,
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
Pelo vicio empestada;
Mas na lei do Senhor fitando os olhos
A revolve e medita
Na tenebrosa noite e claro dia.
A fortuna, e a desgraça,
Tudo parece ao seu sabor moldar-se:
Elle é qual tenro arbusto
Plantado á margem de um ribeiro ameno,
Que de virentes folhas
A erguida frente bem depressa ornando,

* Este *psalmo* não tem titulo; mas do seu contexto se deprehende que David é seu auctor. O seu sentido mystico, segundo a opinião dos mais sabios interpretes, é relativo a Jesu Christo; não obstante que a lettra parece fallar somente de David.

STOCKLER.

Na sazão opportuna,
De fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, ó impios!
Mas qual o leve po que o vento assopra,
Aos ares alevanta,
E abate e espalha e com furor dissipa:
Por isso vos espera
O dia da vingança; e o frio sangue
Vos coalhará de susto:
Nem surgireis, de glória revestidos,
Na assembleia dos justos.
O Senhor da virtude é firme esteio;
Em quanto o impio corre,
De horrisonas procellas combatido,
A naufragar sem tino.

ODE II.

Ps. Quare fremuerunt gentes.

ESTROPHE I.

Que fremito e bramido emtórno soam!
Que vãos conselhos as nações meditam!
Os principes se ergueram,
E os rêis da terra contra o Deus supremo,

E contra o seu ungido!
« Quebremos as algemas que nos prendem,
E o jugo sacudamos,
Com que a cerviz indomita nos rendem. »

ANTISTROPHE I.

Assim disseram; mas a sua ousada
Infame rebeldia o Deus eterno,
Sôbre as nuvens sentado,
Com riso mofador encara e insulta:
Ja de íra lhes prepara
Abrasados discursos, ja castiga
No seu furor invicto,
E espalha a imbelle desgraçada liga.

EPODO. I.

Então, a voz alçando,
Assim fallou o Christo do Deus vivo:
« Eu sou monarcha, sôbre o monte sancto
A frente me coroa
O mesmo Deus; e suas leis sagradas
Ás gentes annuncio
Da Zona ardente té o Pólo frio,

ESTROPHE II.

Não duvideis, ó povos! pois me disse
O Nume soberano: Tu, meu filho,
Tu es o meu amado;
Eu hoje te gerei: pede, e o imperio

Do Orbe quero dar-te;
Com ferreo sceptro rege a redondeza;
Qual de vil barro um vaso,
A po reduzirás sua dureza. »

ANTISTROPHE II.

Ouvistes estes sons, ó rêis soberbos?
E vós, juizes que julgais a terra,
Instruí-vos agora,
E da justiça meditae as regras;
Perante o rei supremo
Abatidos, curvae excelsas frentes,
E com júbilo sancto
Alegres exultae e reverentes.

EPODO II.

A lei divina e eterna
Abraçae; que não se ire o Omnipotente,
E com justa sentença, do caminho
Vos lance da virtude.
Quando breve raiar de sua íra
O temoroso dia,
Venturoso o que n'elle so confia!

ODE III.*

Á EXISTENCIA DE DEUS.

ESTROPHE I.

A luz se faça; e subito creada
A luz, resplandecendo
A voz ouvia que aviventa o nada;
D'entre as trevas se foi desinvolvendo
O chaos, que estendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e os ceos, e a noite, e o dia.

* Aindaque, cedendo á vontade de meu defuncto amigo, resolvi fazer algumas pequenas correcções em suas obras; não é justo que o público deixe de ser informado das principaes alterações, que practiquei, e das razões em que me fundei: afim de que, se com algumas das emendas a que me resolvi, deteriorei as composições de um poeta e scriptor tam distincto pelo seu saber e gôsto, os meus defeitos lhe não sejam attribuídos, antes sim se considerem meus, como na realidade são, e possam merecer a indulgencia a que lhes dá direito a escassez de meus talentos, e a pureza dos sentimentos que os dictaram.
STOCKLER.

ANTISTROPHE I.

Mas tu quem es, ó chaos tenebroso?
De quem o ser houveste? *
De algum Deus per ventura poderoso,
A cujo aceno tu tambem cedeste?
Ou acaso nasceste
De ti mesmo ante o tempo? e a tua idade
Tem por termo e princípio a eternidade?

EPODO I.

Resoa altiva lira
De novo, entre os meus dedos vencedores,
Dos suberbos altisonos cantores
Que em seus muros ouvira
A Grecia fertil em saber profundo,
E a bellicosa capital do mundo. **

ESTROPHE II.

Ó necessaria e immortal verdade

* Este verso stava no original da maneira seguinte.

D'*onde* o ser recebeste.

Não tendo eu porêm jamais encontrado o adverbio de logar — *onde* — figurando no discurso, como um relativo pessoal, intendi ter havido inadvertencia da parte do auctor, e por isso lhe fiz a pequena mudança com que vai no corpo da obra.

** Roma.

Dos seres creadora,
É possivel que involta em scuridade
Apar de ti, a vil destruidora
Da ordem, da beldade,
A negra confusão a frente alçasse,
E comtigo, ante o tempo, se avistasse!

ANTISTROPHE. II.

Que mortal, da razão as leis pizando,
Igual a natureza
Da ordem, da desordem reputando,
Da fealdade e divinal belleza,
Da fôrça, e da fraqueza,
Chamou o inerte chaos *existente*
Necessario, qual é o Omnipotente?

EPODO II.

O peito se embravece:
Voraz zêlo as entranhas me consome.
Ah! foge, êrro feroz, respeita o nome
D'aquelle a quem conhece
Por Senhor o Universo; e em vão gemendo
No abysmo esconde teu furor horrendo.

ESTROPHE III.

Faze, ó Razão, soar a voz augusta
Que as rochas desaferra,
E que as fôrças do Averno abala, assusta.
Escutae, altos ceos: ergue-te ó terra!

A fronte desencerra;
Attenta de meus versos a harmonia,
De novos pensamentos a ousadia.

ANTISTROPHE III.

Inda o sceptro chymerico empunhava
O Nada, avassallando
Informe reino e vão, que dominava
A seu lado o *Silencio venerando*;
E tudo repousando
No seio incerto e immenso do possibil,
De existir era apenas susceptibil.

EPODO III.

Somente a Eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gozando interminavel vida,
Perenne mocidade,
Com infinitas perfeições brilhando,
Sotopunha os futuros a seu mando.

ESTROPHE IV.

Ao som de sua voz omnipotente
O possibil se aterra,
O nada se fecunda; e derepente
Attonitos produzem ceos e terra,
E o espaço que os encerra:
Começa então o Tempo pressuroso
A curva fouce a manejar iroso.

ANTISTROPHE IV.

As agitadas ondas se separam
Da terra que cubriam,
E no vasto Oceano se abrigaram:
As fructiferas árvores nasciam:
De pennas se vestiam
As animadas aves; e de vida
Animaes de grandeza desmedida.

EPODO IV.

O homem apparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado,
Da mulher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece:
De raios, e de luz se rodeiava
Phebo que almo calor a tudo dava.

ESTROPHE V.

Sem ti, Eterno-Ser, ninguem podera
O veo mysterioso
Que encobre a creação, com mão sincera
Rasgar; e descubrir maravilhoso
Princípio luminoso,
Que a origem fecunda da existencia
Do Orbe faça ver com evidencia.

ANTISTROPHE V.

Tece embora, scriptor endurecido,

Philosopho arrogante,
Extenso fio nunca interrompido
De seres que perecem : se um instante
Vacillas inconstante
Sem novo annel prenderes á cadeia,
Do teu mundo desfaz-se até a ideia.

EPODO V.

Abre os olhos e stende
Do frio norte ao sul tempestuoso,
Ou antes ao logar onde fermoso
O louro sol descende,
Com passo agigantado mede a terra,
E com raios a noite escura aterra.

ESTROPHE VI.

Um pouco te levanta ao firmamento;
Nos astros que o povoam
Prende o teu vagabundo pensamento :
Conta-os, se a tanto os teus desejos voam :
Ah! ve como pregoam*

* Tambem este verso foi per mim alterado. No original lê-se :

Ah ! ve como *resoam.*

Regeitei ésta lição, por não ter jamais encontrado em classico algum nacional o verbo — *resoar* — em significação activa.

Em voz sonora o nome triumphante
D'aquelle que os sujeita a lei constante.

ANTISTROPHE VI.

O vérme que no campo resvalando
Ergue a mobil cabeça,
A aguia sôbre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espêssa;
A garganta travêssa
Do leve rouxinol, e o peito forte
Do leão que esbraveja e insulta a morte;

EPODO VI.

O mar embravecido,
A terra de mil fructos que a guarnecem
Toldada, com que as fôrças reverdecem
Do homem atrevido:
Tudo aponta a Suprema-Intelligencia,
Adoravel auctora da existencia.

ESTROPHE VII.

Qual o dourado habitador de Quito,*
(Morada da crueza,
Onde em ferreo grilhão suspira afflito
O doce Indio, desgraçada preza
Da Europea avareza)

* Capital do reino do Peru.

Se ve tremer a terra e abrir-se, corre
Fugindo em vão, que entre as ruínas morre:

ANTISTROPHE VII.

Assim vaidoso atheu, que maneatando
A razão, se adormenta;
Se medonho trovão ouve troando,
E irada a natureza um pouco attenta,
Espavorido intenta
Fugir em vão á luz, que um Deus potente
Per toda parte lhe faz ver presente.

EPODO VII.

Furioso procura
Embrenhar-se em veredas não-trilhadas:
Alli de novo afia armas usadas
Com que a razão escura
Abate quasi; até que emfim na morte,
Do Deus, que nega, encontra o braço forte.

ESTROPHE VIII.

Ó tu, reconcentrado immenso Oceano
De desejos ferventes,
Insaciavel coração humano,
Que debalde com ansias sempre ardentes
Forcejas por contentes
Passar da vida fugitiva e escaça
Os momentos, que a Parca ao longe ameaça.

ANTISTROPHE VIII.

Se o cego Pluto todo o seu thesouro
Desfechasse brioso,
E te assentasse sôbre a prata e ouro
Que n'elle encerra; se Mavorte iroso,
Guerreiro mentiroso,
De louro em mil conquistas te croasse,
E a teus pes o Orbe inteiro ajoelhasse:

EPODO VIII.

Se a perfida belleza
De graças, e de risos brincadores
Rodeiada, e de férvidos amores,
Per toda a redondeza
Te idolatrasse so: tu gemerias
Ainda, ó coração! suspirarias.

ESTROPHE IX.

Mais alto é teu mágnifico destino.
Mas onde achaste, ó lira!
Este som que hoje sóltas, som divino?
Novo abrasado espirito me inspira,
Sublime fogo gira
Vivido em minhas veias; escutae-me,
Ó mortaes! e de croas adornae-me.

ANTISTROPHE IX.

A ave pelos ares pressurosa

Contente se abalança:
Desprende em paz a voz harmoniosa
Sem temor, sem sentir outra esperança:
Se ingrata fome a cança,
Aqui, alli pousando o bico agudo,
Satisfeita vegeta e esquece tudo.

EPODO IX.

Rumina o boi pesado
Na estreita manjadoura a leve palha,
E o seu carnoso coração encalha
No círculo acanhado
Que a fome lhe traçou; tal é a sorte
Do animal, seja fraco, ou seja forte.

ESTROPHE X.

O infinito, ó ideia soberana!
Eis o termo anhelado,
Que so póde fartar a mente humana.
Ó Deus! ó Providencia! assim gravado
Teu nome sublimado
Em lettra, mais que o bronze duradora,
No íntimo de nós altivo mora.

ANTISTROPHE X.

Ó ceos! de um Deus morada, onde se ostenta
A inexhausta riqueza,
O eterno prazer com que alimenta
Os varões, que com solida grandeza

A bruta natureza
Fortes domando, a Deus so aspiraram,
E á virtude so votos consagraram.

EPODO X.

Dia grande e fermoso
Aquelle que findando o tempo, e a porta
Da Eternidado abrindo, deixa absorta
Em pasmo delicioso
A alma nobre do justo, que abysmada
Ve raiar do seu Deus a face amada.

ESTROPHE XI.

Onde, ó homem! ser fraco, onde encontraste
A imagem do infinito?
Ou d'onde ao coração a transplantaste,
Para deixá-lo a suspirar afflito?
Se o mundo, circunscrito
Em limitado spaço te estreitava,
E teus vastos desejos encurtava?

ANTISTROPHE XI.

Ergue as mãos, de amargura penetrado,
E com fervente pranto
Os teus olhos no chão fita humilhado:
Entoa magoado, triste canto,
Ao veres com espanto
Como, ingrato, te esquece o prémio eterno
Com que te acena o alto Ser superno.

EPODO XI.

Os ceos, a terra, os mares,
Do Creador á lei obedecendo,
Se stão nos seus limites revolvendo
Per modos regulares:
O homem so, *rebelde as leis despreza*
Do supremo Senhor da *natureza*.

ODE IV.*

O HOMEM SELVAGEM.

ESTROPHE I.

Ó homem, que fizeste? tudo brada;
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz dourada,

* Ésta *ode*, onde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais bellas composições d'este genero scriptas na lingua portugueza e talvez mesmo que em todas as linguas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o auctor apenas 21 annos de idade.

STOCKLER.

A Liberdade em ferros se ve preza,
E a pallida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura,
Do Deus, que te creou, a imagem pura.

ANTISTROPHE I.

Na cythara, que empunho, as mãos grosseiras
Não poz cantor profano;
Emprestou-m'a a verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoara; e o vil engano,
O êrro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo emfim banido.

EPODO I.

Dos ceos desce brilhando
A altiva Independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado;
Eu a ouço dictando
Versos jamais ouvidos: rêis da terra
Tremei á vista do que alli se encerra.

ESTROPHE II.

Que montão de cadeias vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis ao bem dos homens consagradas?
A natureza simples e constante
Com penna de diamante

Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

ANTISTROPHE II.

O teu firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sôbre o tremendo
Altar do calvo Tempo *se levanta*
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso veo da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

EPODO II.

Da dor o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as trémulas entranhas apertar-me.
Ó ceos! que immenso espaço
Nos sepára d'aquelles doces anos
Da vida primitiva dos humanos!

ESTROPHE III.

Salve, dia feliz, que o louro Apollo
Risonho allumiava,
Quando da natureza sôbre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

ANTISTROPHE III.

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sostinha,
E contra o Tempo de furor armado,
Este dia alongar por glória tinha;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A noite foi do Averno a fronte alçando.

EPODO III.

Saíu do centro escuro
Da terra a desgrenhada Enfermidade,
E os braços, com que unida á Crueldade
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

ESTROPHE IV.

Que augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura!
Nu, mas de graça, e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Feia mão da Ventura:
No rosto a Liberdade traz pintada,
De seus serios prazeres rodeiada.

ANTISTROPHE IV.

Desponta, cego Amor, as settas tuas:

O pallido Ciume,
Filho da ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume.
Em vão bramindo espume,
Que elle indo após a doce natureza
Da phantasia os erros nada preza.

EPODO IV.

Severo volteiando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que de espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura. *

ESTROPHE V.

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do froxo Caraíba, que encostando
Os membros sôbre a relva, sem turbar-se,
O sol ve levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de amor aos doces laços.

ANTISTROPHE V.

Ó Razão, onde habitas?... na morada

* Verso algum tanto escabroso no encontro syllabico *da dura*.

Do crime furiosa,
Polida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro?... Dize... aonde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

EPODO V.

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora
Nos valles ja sombria,
Apenas apparece; assim me prende
O homem natural, e o estro accende.

ESTROPHE VI.

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle ímpio tyrano,
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do *meu* e *teu* o grito deshumano
Fez soar em seu dano;
Tremeu a socegada natureza,
Ao ver d'este mortal a louca empreza.

ANTISTROPHE VI.

Negros vapôres pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram,
As nuvens entre raios decepando,

Do seio seu lançando
Os crueis erros, e a torrente impia
Dos vicios que combatem noite e dia.

EPODO VI.

Cubriram-se as Virtudes
Com as vestes da Noite; e o lindo canto
Das musas se trocou em triste pranto:
E *desde então so* rudes
Ingenhos cantam o feliz malvado,
Que *nos* roubou o primitivo estado.

A. P. DE SOUZA CALDAS.

ODE I. *

Qual Genio, ó musas! inspirou sublime
Um novo pensamento d'honra e brio
Ao grande heroe da lusitana gente,
Que inda hoje ouvido assombra
A patria Elysia, e o mundo?
Mui leaes a seu rei os nobres lusos,
Sem as armas depor, sem dormir somnos,
Velando no espigão do muro firmes
D'esse asperrimo cêrco
Feros combates soffrem.
Tu, claro Monda, os duros males viste:
Curvados anciões, sagrados vates,
Candidas virgens, pavidos infantes
No regaço da fome
Morriam cruas mortes. **
Juncada de cadaveres a praça,
Faltava pia terra, que os cubrisse,
Faltava pyra funeral ardente,

* As *odes* de A. Ribeiro, pelo seu assumpto e correcção d'estylo, tornam-se recommendaveis aos que prezam a lingua patria, e os altos feitos de nossos antepassados.

** *Morrer morte* e *dormir somnos*, não são pleo-

Que em chammas devorasse
Os insepultos corpos.
Poucos varões, que restam, so lamentam
De não morrerem na campina rasa,
Em cheio guerreando, não fraternas
Hostes, mas tropa imiga
De estranha gente e reino.
Assim os deuses sem piedade os Lusos,
Entre apertos de morte, ou d'honra, deixam;
Porêm constante e forte em taes extremos
Não cede aos duros astros
O valoroso Freitas.*
Nem sêde ou fome, ou barbaro trabalho,
Nem fatal risco, nem funesto nuncio
Da morte de seu rei, o faz descer-se
D'altas tenções fidalgas
De peito excelso e firme.
Sustenta a voz por Sancho; não consente
Míngua em seu nome, que a algum outro ceda

nasmos, são elegancias antiquissimas na lingua; exemplos:

« Se o posso, ou devo dizer, Jesu Christo
N. S. não *morreu morte* tam honrada. »

PINA, *Chronicas.*

Dormimos somnos alheios,
Os nossos nan os dormimos.

SA' DE MIRANDA.

* Martim de Freitas, alcaide-mor de Coimbra.

Esse castello, por que fez menagem,
Té que vejam seus olhos
Do rei defuncto o corpo.
Este o pacto: per entre armadas filas
D'esse attonito conde; com semblante,
Qual o de Jove quando desce o Olympo,
Ja parte o heroe sublime,
Maior do que os seus fados.
Entra em Toledo; abre a fria campa;
Seu rei ve morto; o regio corpo adora;
Põe-lhe as chaves na mão, e desobriga
Mais puro que as estrellas,
Sua palavra d'honra.
«Guardei-te, ó rei, a fe!» (disse medonho
Com voz que o peito a todos estremece)
E vem mais magestoso, do que fôra,
Entregar do castello
Ao novo herdeiro as chaves.
Espanta-se do feito o bravo Afonso, *
Não visto d'antes; e invejando a Freitas
A glória, com que vem; por tam formosa
Acção trocar quizera
O novo sceptro augusto.

* D. Afonso, conde de Bolonha.

ODE II.

No recontro fatal vencido e prêso
O forte capitão em duros ferros
Ante o castello de Faria trazem
Os ferozes imigos.
Com torvo aspecto, que ameaça o mundo,
O alfange nu na crua mão alçado,
Manda o barbaro ao pae, que persuada
Ao filho seu, se entregue.
O grande Nuno* o chama; elle apparece
No tope das ameias: c'um semblante
Màis medonho que a guerra, os bravos olhos
Põe n'elle o pae severo.
« Filho! (bradou) esse castello guarda
Sê fiel a teu rei, a mim, e á patria:
Se a não pódes salvar contra os imigos,
Co' a espada em punho, morre.»
E comtudo sabía a dura morte,
Que ja sôbre a cabeça lhe pendia;
Porêm não de outra sorte a espera, armado
De intrepida constancia,
Que se de louro marcial croado
No carro triumphal entre os applausos

* Nuno Gonsalves.

Subisse vencedor ao Capitolio
Da raínha do mundo.

ODE III.

Fervia ao longe, com fragor medonho,
O mar caliginoso: horrenda fama
Desde a origem do mundo apregoava
Do inaccessibil pêgo
As férvidas voragens.
Desastrados successos agourando,
Pavido nauta trespassar não ousa
O Bojador sanhudo, que guardava
Entre feros horrores
Os não-surcados máres. *
Tu filho caro da natura, ó Genio!
Que tardaste em formar per tantos evos
O lusitano Henrique, ** alfim um dia

* Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo, e os novos ares
Que o generoso Henrique descubriu.
Camões, *Lusidas*, cant. V, est. 4.

** Este Infante, não so-foi um dos maiores homens de seu tempo em Portugal, mas um dos mais excel-

A empresa lhe inspiraste,
Que enche de glória a Lysia.
Eis elle na mão toma ardente facho,
Que desde o Sacro-Promontorio fulge;
Tiro de luz despede, que allumia
Do tenebroso Océano
Os pelagos immensos.
« Ide romper os máres (*disse aos Lusos*)
Com chaves immortaes *té-qui fechados*:
Ide alargar per nova maravilha
Á patria Lysia, á Europa

lentes que se teem visto em todas as nações, e em todas as idades. E pôstoque isto é muito dizer em seu louvor, todavia não exageramos nada, nem affirmamos cousa que não seja mui somenos de seus merecimentos. E seja qual for a differença que ha entre o stado da Europa agora, e o em que se achava nos tempos de D. Henrique, é indisputavel, que todas as vantajens procedidas do descubrimento da mor parte da Africa, e da India Oriental e Occidental, e todas as que d'ellas se derivarem té o fim dos seculos, se devem ao genio e diligencias d'este principe, a não as querermos attribuir, em parte, a el-rei D. João seu pae, que vendo a propensão, que elle tinha para a mathematica, lhe deu na mocidade bons mestres, e depois foi accrescentando nas rendas do Infante, com que elle pôde aproveitar-se de seus conhecimentos.

MORAES.

Os terminos do mundo. »
Gente animosa invicta as vozes ouve;
A angra deixa da marinha Sagres;
E em promptos barineis * ás ondas descem,
Deuses do mar potentes,
Os novos argonautas.
Ja la longe das praias, onde Alcides
Poz balizas ao Orbe, as proas surcam
Vastos desertos de profundas aguas:
E as barreiras quebrantam
Dos resguardados máres.
Que espectaculo grande a natureza
Aos Lusos apresenta! Quaes portentos
Não sabidos dos seculos amostra!
Quanto mundo encuberto
Aos olhos seus descerra!
Novos tritões na azul campina lhe abrem
Facil estrada: novas aves voam,
E ja proximas terras lhe annunciam:
Novos benignos astros
De estranhos ceos lhes brilham.
Eis d'entre as ondas ja la véem surgindo
Novos montes e cabos, novas praias,
Terras de vario clima, de diversos

* Embarcação usada no Mediterraneo.

« Mandou armar um *barinel*, que foi o maior navio que até então tinha enviado. »
BARROS, *Decada* I, liv 1.

Productos da natura,
De ignota gente e nome.
Como do meio das cerradas nuvens
A atlantica Madeira sai formosa
De verdejante folha a trança ornada;
E vem com brando gestò
Saudar os lusos nautas!
Correm pelo ceruleo campo a vê-los
As mais *filhas de Thetis* cubiçosas:
As Graças, Arguim, e as que guardavam
Hesperides formosas
Os ricos pomos d'ouro.*
A torrida Ethiopia, ao sol visinha,
Desdobra o escuro véo, que a fronte cobre,
E amostra a face magestosa: ve-se
Vir receber os Lusos
O Arsinario cabo:
Ve-se mais ledo ao mar co'a gran' corrente
Ja vir o Sanagá, e o curvo Gambea:
Ve-se o filho do grande Nilo, o Zaire
Contente devolvendo
Ao alto golpho as aguas.
Da intrepida façanha desusada
Os maritimos deuses se espantaram,
Mas não Protheu, que próvido sabia
Do immobil fado eterno
Os divinos arcanos.

* Bellissima pintura!

Mal viu de longe as cortadòras proas,
Co' a fatidica voz, que tudo assombra,
« Ó lusos nautas! (clama) ó vos ditosos,
Que os fados ca vos chamam
Do mar ao novo imperio.
Per éstas ondas, ora povoadas,
Té-qui em solidão desertas, cedo
N'esses ousados lenhos do Oriente
Virá toda a fortuna
Do aureo Indo ao Tejo. »
Soou mui longe a voz do vate : ouviu-a
O roixo-mar e estremeceu; e o Nilo,
E a suberba Damasco, e a syria Alepo,
E o grande egypcio Cayro,
E a rica Alexandria.
Ouviu-a, e estremeceu a gran' raínha
Do Adriatico golpham : do alvo collo
Cai-lhe o collar de nitido diamante;
Cai-lhe da altiva fronte
A croa d'ouro fino.

ODE IV.

Aos lusos soberanos não bastaram
Os triumphos do mar, quando, saíndo
De Sagres,* e do Tejo aventureiros,
A estranhos ceos e ventos desfraldavam
Das cavas naus suberbas
As atrevidas vélas.
Co' as intrepidas proas diamantinas
Romperam fortes os cerrados muros
Do reservado reino Neptunino,
Alto senhor de pelagos immensos,
Que o azul tridente volve
Do Atlante ao Indo, e ao Ganges.
Sem mêdo o Bojador bramar ouviram;
Troar o carro dos tremendos deuses;
Rugir a serra asperrima Leoa;
E assobiar com silvos horrorosos
O Drago das Hesperides.

* O Infante D. Henrique fundou ésta villa, distante algumas milhas do cabo de san' Vicente, e fez ahi um dos melhores portos e praças do reino, a respeito do stado da marinha d'aquelles tempos.

MORAES.

As viboras das Górgonas.
Nem temeram tocar as bravas costas
Da adusta região, que o mundo parte;
Onde visinho o sol do carro ardente
Raios dardeja, alto terror aos nautas,
De Gregos e Romanos
De longo tempo herdado.
Mas não repousam animos constantes
Em buscar honra a si, e á cara patria;
Ja sublimes maritimas empresas,
Maiores, que as primeiras d'alto espanto,
Impavidos commettem
Os lusos argonautas.
Preside á nova acção o claro Dias *
Filho dos astros: eis trespassa tudo
Quanto undívagas naus ja descubriram
Té onde as arenosas praias correm
Que o longo Zaire ** inunda,
Da torrida Ethiopia.
Então com qual corajem denodado
A outro immenso golpham se arremessa!
Quam senhor das procellas, bravos Euros,

* Bartholomeu Dias descubridor do cabo de Boa-esperança.

** Rio grandissimo de Africa, cuja fonte stá no sertão do reino de Congo.

J. F. Barreto.

Caliginosos vortices vencendo,
D'Africa a méta occulta
Vai demandar ousado!
Em vão Neptuno o Tormentorio-cabo
De sustos povoou: em vão armado
De morte Adamastor feroz gigante
De cem braços, e d'olhos cem, do Austro
Sob a medonha treva
Guardava os virgens máres.
Calca mêdos e azares, calca agouros
O sublime varão; o monstro arrosta,
E os terminos vedados lhe devassa;
Alli ergue padrão a Lysia, e arvora
Os pendões triumphantes
Das venturosas Quinas.
Assim, de um vasto mar á Europa ignoto,
Os incantos quebraram grandes lusos;
E o passo abriram ja, per onde o Gama,
A volta inteira d'Africa correndo,
Per novo rumo achasse
Insolito caminho,
Per onde fosse descubrir a Lysia
Os immensos thesouros do Oriente;
Per onde nos trouxesse ao Tejo ufano
As perolas brilhantes, que adornavam
Do Sol os ricos paços,
E os thalamos da Aurora.
Isto tinhas na mente decretado,

Ó grande Henrique! ó deus dos nautas![*] quando
No lyceu Turdetano, onde brilhavam
Tuas sublimes luzes, revelavas
A heroes da lusa gente
Os segredos dos máres.

[*] Este Infante, não so foi o primeiro descubridor de novas terras, per seus enviados, mas inspirou o gôsto dos descubrimentos, com que depois se fizeram grandes cousas. Elle tinha as ideias mais exactas da *sphera*, e mostrou a utilidade da *longitude* e *latitude* na navegação, e o meio de as achar, com o soccorro das observações astronomicas : sabía, alêm d'isto, muito bem a *architectura-naval*, e conhecia perfeitamente quantos fruitos resultariam do augmento da navegação, das fundações das colonias, e dos progressos do commercio exterior.

MORAES.

ODE V.

A LISBOA

SÔBRE A DECADENCIA DAS NOSSAS CONQUISTAS DE ASIA.

Ó tu nos sette montes sublimada,
Mais que do Tybre a lacial raínha,
Clara Ulyssea, que do alto medes
Os ceos e ultimos astros
Dó mundo Occidental, onde os brilhantes
Raios depõe o sol, quando, descendo
Com toda a magestade de seus lumes,
Vem dormir em teus máres:
Tu estendes d'ahi ao longe os olhos
Pela esteira, inda impressa n'essas ondas,
Que o Neptunino Gama ousado abrira
Do Tejo ao Indo, e ao Ganges:
Revolves ind' agora n'alta mente
Africos climas, indianas terras,
Aonde teus heroes ja te arvoraram
As triumphantes Quinas.
E que ves tu d'essa grandeza immensa?

Que ves da glória antiga, que ganhaste,
Cavando máres, superando povos,
Alçando altas cidades?
Aonde estão os fortes, que venceram
Co' a lança em punho, e o bravo peito á morte;
O Hidalcão, Achem, Badur ufano,
O Çamori potente?
Aonde está a aurifera Malaça,
Que inda treme do nome de Albuquerque?
Onde Dabul, Damão, Cochim, Cambaia,
Tropheos da lusa gente?
Ja não troa Chaul do morro altivo,
Terror fatal dos indianos povos;
Ja não troa Coulão, Tidor, Ternate,
Nem Cananor suberba.
Ja não se ve de mar em mar correndo
A grossa armada, que em naval batalha
Espantou tantas vezes o Indostano,
O Turco, o Egypcio, o Arabe.
Que foi d'esse ouro fino de Çofala?
Dos rubís do Pegu? dé tanta perla
Da piscosa Manar, das ricas télas
Da opulenta Bengalla?
Que foi da muita alfaia, da baixella,
Dos aromas, das drogas, altas pareas
Que pagavam do Indo subjugado
Os rêis, a ti vassallos?
So pelos fastos, que teus feitos guardam,
É que hoje o antigo teu valor sabemos:

So per tuas ruínas te medimos
A passada grandeza.
Que não transtorna o tempo! Oh praza aos deuses
Não percas inda mais! nem que teus filhos,
Dos paes degenerando, desafiem
Seus iracundos raios.

ODE VI.

Á MEMORIA

DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.

O sublime Cantor, que sôbre as azas
Do sagrado poema * leva aos astros
O Gama illustre, e a lusitana empresa
Dos Gangeticos máres;
Dizei, qual digna recompensa, ó Musas!
Teve a seu canto, de que se honra Apollo,

* Os *Lusiadas* foram traduzidos em todas as linguas cultas da Europa, mas nenhuma das traducções, que eu conheço, dá uma ideia do original, e particularmente do estylo de Camões.
J. M. de Souza.

Que a tanto feito, a tanto heroe valente
Deu immortal memoria?
Do rico imperio da gemmante Aurora,
Onde soltou aos ceos a voz divina; *
Nem ouro, nem fulgente pedraria
Lhe deu a sorte avara.
De seus illustres meritos sublimes,
Que as estranhas nações tanto invejaram,
So teve em prémio e galardão sobejo
A horrida pobreza.
Tu, escravo de Java, ó so amigo
Que o ceo lhe dera em tanta desventura!
Entre as trevas da noite mendigavas
Seu misero sustento.
Lysia, inda então dura ao som divino,
Cevada so em vil cubiça d'ouro,
Cerrou o peito esquivo aos seus queixumes;
Nem lhe enxugou seu pranto.
Inda agora, oh descuido torpe e cego!
Não saberia com desdouro eterno,
Aonde as sacras cinzas repousavam
Do lusitano Homero;
Se o generoso inclyto Coutinho,*
Co' a voz magoada os manes invocando,
Não achasse, dos deuses soccorrido,
A desprezada campa.
Assim, assim o cidadão de Arpino**

* D. Gonçalo Coutinho.
** Cicero.

De Syracusa aos espantado povos
O ignoto sepulcro descubria
Do sublime Archimedes. *

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

* Mathematico syracusano.

ODE I.*

Saudade, messageira
Dos suspiros de Silvio, vai depressa,
Ao caro amigo dize:
« Apalpa, Silvio, o manto inda molhado
Nas lagrymas de Almeno.
Fallando-lhe de ti, interrompida
De seus ais e soluços,
Eu mesma não podia... Ah Silvio! Silvio! *
Mui grande amor lhe deves:
Nem elle me deixou contar-lhe tudo,
Nem eu de magoada
O podera fazer. O triste peito

* O P. Fr. José do Coração-de-Jesu, foi tam profundo litterato como (apezar dos latidos do mau gôsto) sublime poeta. Impediu-lhe a morte enriquecer a patria com a completa traducção do poema de Ovidio, de que se imprimiram (debaixo do supposto nome de Almeno) os primeiros quatro livros, que são um testimunho authentico de seus talentos e instrucção, e da perda, que foi para a nossa litteratura, não podêr elle levar ao fim aquella ardua empresa.

J. M. da C. e Silva.

* D. Fr. Alexandre da Sagrada-Familia, bispo de Malaca.

Trespassado das settas
Em sangue lhe escorria : a cada passo
Ficava sem alentos :
Almeno, ai pastor! em vão o abalo;
Muitas vezes o tive
Por morto nos meus braços; muitas vezes
Meus olhos o choraram :
Os teus o chorariam, se *piedosas*
As Musas não *tornassem*
A metter-lhe no corpo a alma fria
Em gemidos desfeita :
Extremosas comtigo não soffreram
Que a Parca dura os doces
Futuros dias suspirados córte. »

ODE II.*

A lyra (que desgostos penduraram
Do louro collo da virginea rama,
Resguardada per Phebo
Dos insultos da fouce
Em obsequio da nympha)
A voz suave novamente sólta,
A teus ouvidos, Figueiredo, grata,
No dia venturoso,
Illustre, memoravel,
No mais bello dos dias.
Qual se descobre a face rubicunda
Do principe dos astros, que matiza
Os valles, os outeiros;
Assim as nuvens levas,
Semeias lindas flôres.
Da cega noite as macilentas filhas
Offendidas da luz, traições te armam:
Á pressa, á pressa Clotho
Ja põe na torpe cinta
A róca ensanguentada.

* Foi ésta *ode* dedicada ao padre Fr. Dionysío de Figueiredo no dia de seus annos.

Sem atar os cabellos, vem Lachesis,
E no tetrico fuso o fio enrola:
Pulando de contentes
A grandes vozes bradam
Por Atropos que o córte:
Eis das mãos lhe arrancou, não sei que deusa
A tesoura fatal! Com pe suberbo
Piza do Tempo as azas,
Cubrindo de viçosas
Perpétuas a cabeça.
Trazia na direita, de luzente
Metal, que o raio matutino imita,
Um círculo estupendo
Com lettreiro deroda,
Gravado em várias linguas.
—*As aureas portas do meu templo augusto*
A famosos varões jamais se fecham.
Os sabios, perfumando
Com fragantes aromas
As minhas aras, vivem.—

ODE III.*

No leito, não-eburneo, aonde os ricos
No regaço pacífico do somno
Os seus cuidados salteiadores prendem
    Com suaves cadeias:
No leito de afflicção as noites passo,
Sem mais allívio que as tyrannas dôres;
Cadaqual empenhada na ruína
    De meus languidos membros:
Zombando activas dos segredos todos
Que o divino Esculapio em aureos cofres
Deixou a seus discipulos dilectos
    Por bem da humanidade.
E d'estes monstros ávidos de sangue,
Mais ávidos que as feras sanguisugas,
Como crês de escapar o teu Almeno,
    Ternissimo Ribeiro?
Se as almas nobres, á feição das baixas,
Se agourassem tambem, dissera, amigo,
Que á lyra deram, Sulmonense, olhado**

* Ésta *ode* foi dirigida ao doctor Antonio Ribeiro dos Santos.

** Quebranto:

« Se isso não foram algumas amadias que

Os emulos das musas.
A mão rebelde e tremula não póde
As cordas afinar, nem pôr no plectro
Os sons mimosos do poeta estranho,
Que á portugueza soa.
Na traducção que lêste e commentaste,
E de louvores mil, e taes, encheste;
Antes do meio da carreira fico,
Sem animos, sem fôrça...
Querida patria, nunca Ingenhos grandes,
Nunca te faltem cytharas famosas
Entre as outras nações, que *te* respeitam,
Sejas cantada sempre.
Venham Gregos a ti, venham Romanos,
De louro grinaldados; e seus hymnos
Apar dos lusitanos emmudeçam,
Harmonicos, mais bellos.

te embruxaram, ou algum *olhado*, que te quebrantou. »

F. R. Lobo, *Primavera.*

« Nem dê *olhado*, que é muito de fermosas. »

Sa' de Miranda, *Vilhalpandos.*

ODE IV.*

Agora, musa, novo canto, novas
Mais altas odes, inclytas inspira:
Ja de entre as sombras da calúmnia feia
Renasce o nome illustre:
Nome banhado em lagrymas tam tristes,
Trocadas n'um prazer sancto e divino,
Levar-te-hão do mundo ás quatro partes
Meus intrepidos versos.
Não teme a lyra, não, chegar aonde
Gregas canções pindaricas chegaram:
Com teu louvor suberba e resoluta,
Riscando da memoria
Os antigos heroes, fará que brilhem
Não virtudes guerreiras, não talentos
Nocivos aos mortaes, senão a bella,
A doce humanidade,
A fe, a rectidão, costumes de ouro,
Que viram nossos paes, e que so vemos
De dias saúdosos trasladados
No bispo de Malaca.
O claro resplandor, que o grave e firme

* Em louvor de D. Fr. Alexandre da Sagrada-Familia, bispo de Malaca.

Aspecto doura do varão constante,
Como do sol o raio luminoso,
Ousada nuvem rompe.
O torpe aleive desmaiou vencido:
A innocencia, pizando-lhe a cabeça,
Sobe nos braços da gentil Verdade
Ao carro do triumpho.
Soltae, Musas, soltae o vosso canto;
A voz alçae com toda a valentia;
Espalhae os louvores, da Virtude
Sôbre as nitidas azas.

FR. JOSÉ DO CORAÇÃO-DE-JESU.

Foi Almeno um feliz discipulo da Natureza, e da Arte; que certo ambas de mãos dadas conspiraram para o formar um poeta de genio, e de doctrina. E em verdade, as suas composições denunciam um poeta de singular talento, de sabedoria, e de gôsto, e rico de seu proprio cabedal, e do que houve de Gregos e Romanos, e dos melhores de nossa Lusitania. Facil, natural e engraçado, como Anacreonte, quando cantava os desenfados da vida, e os prazeres da amizade: urbano e sentencioso, como Horacio, quando entre os deleites poeticos involvia as instrucções da razão, e do moral: nobre e sublime, como Pindaro, se exaltava nos seus versos o merecimento, as virtudes, e a sabedoria do homem: assim que todos seus poemas eram peças de muita preciosidade e valia, como scriptas com gran' discernimento, e assélladas pelas mãos das Musas.

A. R. DOS SANTOS.

ODE I.*

OS AMORES.

Dos malignos Amores
Gyrava os ares o volatil bando,
Seus aureos passadores
Dos eburneos carcazes semeiando.
O mais destro frecheiro,
O chefe da invencibil companhia,
Que tem do mundo inteiro
A seus pés o destino e monarchia:

* Temos algumas *odes* e canções de Bocage; mas éstas apenas lhe poderão obter o último logar entre os lyricos portuguezes. Não tinha a flexibilidade e chistoso desalinho que requer o genero Horaciano, nem os vôos sublimes e luminosos rasgos, que formam o character da poesia pindarica; porèm a lição de Parny, e as imitações, que fez de alguns versos d'este poeta feiticeiro, influíram seu espirito delicado a ponto de produzir algumas *Anacreonticas*, que o mesmo cantor de Teios invejara, e são como preciosos rubís, que adornam a sua corоa poetica.

J. M. da C. e Silva.

Aquelle que em desmaio
Muda ao tigre o furor, se a dextra move,
Que até sem mêdo ao raio,
Sacrilego farpão cravara em Jove;
Do azul campo sereno
Desce, emfim, c'os irmãos a fertil prado
Vizinho ao Tejo ameno,
E diz á turma, de que vem cercado:
« Eu, que não *satisfeito*
De combater, de triumphar na terra,
Comvosco tenho feito
Aos proprios ceos inevitavel guerra:
Eu, que prazer sentia
De forjar aos mortaes mortaes pezares,
Que ufano, alegre, via
O sangue borbulhar nos meus altares:
Eu, que em mavorcia lida
Tornei purpureo o limpido Scamandro;
Eu, cruento homicida
De Hero gentil, do nadador Leandro:
N'este dia de gôsto,
Em que brotou de generosa planta
Aquella, cujo rôsto
Almas captiva, corações incanta:
N'este bom *dia*, *em* que ella,
Em que Marilia, *nossa glória*, Amores,
Appareceu mais bella
Que a flor de Venus, na estação das flores;
Do que fiz me arrependo,

Quero afamar-me por mais alta empreza:
Eternizar pretendo
A melhor producção da natureza.
Um de vós, sem demora,
Procure o velho, que em perpétua fome
Rijos tronços devora,
O ferro, o bronze, o marmore consome:
Va dizer-lhe que parta
Logo o instrumento sanguinoso e duro,
A fouce, nunca farta
De mandar os mortaes ao reino escuro:
Que respeite, rendido,
Um dia tam sagrado, e tam jucundo,
Em que deixa Cupido,
Pela primeira vez, em paz o mundo:
E se o monstro faminto
Não dobrar a cerviz no mesmo instante,
Mostrarei que me sinto
Para a vingança com valor bastante:
Farei que saiba o quanto
Póde o fervor de um amoroso affecto,
Farei que lave em pranto
As caus espessas do medonho aspecto.
O mundo não tem visto
Obrar Amor prodigios cento e cento?
Pois veja agora n'isto
De meus portentos o maior portento.»
Disse, e depois que soa
Tenue sussurro, a ordem se executa:

Um d'elles parte e voa
Do Tempo á carcomida horribil gruta.
O velho injusto e forte,
Consumidor das cousas, encostado
No regaço da Morte,
Fouce na mão, cadaveres ao lado;
Vendo entrar derepente
O bello infante, o nuncio de Cupido,
Alça a rugosa frente,
Em tom lhe diz suberbo e desabrido:
« Infeliz! que arrogancia,
Que imprudencia, que fado ou que desdita
Te guia á negra estancia
Aonde o Tempo com a Morte habita?
Não pasmas, não tens susto
De olhar-me? de me ouvir? pois eu te ensino
Com meu braço robusto
A acatar-me, a temer-me, audaz menino. »
Disse, e, vermelho o gesto,
Torcendo os olhos, que chammejam ira,
Move o braço funesto,
E c'o a sanguinea fouce ao deus atira:
O ferro os ares mede,
Obedecendo á furia, que o sacode;
Mas eis que retrocede,
Fugindo ao numen, que ferir não pode.
Elle então c'um surriso
De altivez desdenhosa acompanhado,
Volve os olhos ao liso

Curvo instrumento, que lhe foi lançado :
E ao monstro, que veneno
Vomita da nojosa boca escura,
« Cessa (diz) eu t'o ordeno
Em nome de Marilia bella e pura. »
Elle proseguiria ;
Mas os dous feros socios, escutando
Pela voz da alegria
O nome incantador, suave e brando;
Quaes os deuses do Inferno,
Que a fronte, ouvindo Orpheu, desenrugaram,
E o ferreo sceptro eterno
Das inflexibeis mãos caír deixaram :
O furor impaciente,
Que as entranhas lhe roe, subito amançam ;
Erguem-se, e derepente
Da mimosa deidade aos pés se lançam.
— « Adoravel menino,
(Clamam, tremendo, os dous) tu nos domaste
Quando o nome divino
Da singular Marilia articulaste.
Dize, dize o que intentas,
Que ja qualquer de nós te está sujeito,
E as nossas mãos cruentas
Trémulas ves de affecto, e de respeito.»
— « Quero ja destruído
(Torna o menino) em honra d'este dia
Esse ferro buído,
Que com vipereo sangue a morte afia.

Marilia, cujo agrado
Desencrespa e serena o mar, e o vento,
Hoje ve renovado
Seu natalicio festival momento.
A déstra natureza
De regosijo, de altivez se cobre,
Por crear tal belleza,
Alma tam pura, coração tam nobre:
Até Venus benigna
A disputar-lhe os cultos não se atreve,
A louva, a julga digna
Dos cysnes, e da concha côr de neve.
Eia, pois, humilhados
De Marilia ante os olhos vencedores,
Ante os dous adorados
Ninhos das Graças, ninhos dos Amores:
Sacrificae-lhe as furias,
As furias, que defeza não consentem;
Nunca, nunca as injurias
Do Tempo ou Morte profana-la intentem.»
Com isto os labios cerra,
E logo o Tempo dos nervosos braços
Arroja sôbre a terra
A fouce, que entre as mãos fez em pedaços:
Depois, inda curvado,
Diz: — «Está transgredida a lei da Sorte;
Amor, vai descançado,
Que a Marilia veneram Tempo e Morte.»
Ao seu gentil monarcha

Torna o menino aligero, e lhe conta,
« Que o Tempo achou, e a Parcha
Prompto a seu mando, a seus desejos pronta.»
Junctos então revoam,
E de Marilia proximos aos lares,
Os Amores enteam
Hymnos canoros nos ceruleos ares.

ODE II.*

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:
Philinto o gran' cantor, prezou meus versos.
Sôbre a margem feliz do rio ovante,
D'onde, arrancando omnipotencia aos Fados,
Universal terror vibrando em raios,
Impoz tropel de heroes silencio ao Globo,
O immortal Corypheu dos cysnes lusos,
Na voz da lyra eterna, alçou meu nome.

* Ésta *ode* foi feita em resposta a est'outra de Francisco Manuel:

Lendo os teus versos, numeroso Elmano,
E o não vulgar conceito, e a feliz phrase,
Disse entre mim : Depõe Philinto a lyra
Ja velha, ja cançada;
Que este mancebo vem tomar-te os louros
Ganhados com teu canto na aurea quadra,
Em que ao bom Corydon, a Elpino, a Alfeno

Adejae, versos meus, ao Sena ufano
De altos, fastosos, marciaes portentos
E, ganhando amplo vôo após Philinto,
Pousae na eternidade, emtôrno a Jove.
Eis os tempos, a inveja, a morte, o Lethes
Da mente, que os temeu, desapparecem.
Fadou-me o gran' Philinto, um vate, um nume:
Zoilos! tremei. Posteridade! es minha.

Applaudia Ulyssea.

Rouca hoje e sem alento a minha Clio
Não troa sons altivos, arrojados:
Vai pedestre soltando em froxo metro
Desleixadas cantigas.
Desceu Apollo, e o côro das Donzellas
A' morada d'Elmano; e esse, que outrora,
Canto nos dava nome, o poz na boca
Do novo amado cysne.

ODE III.

ANACREONTICA.

A ROSA.

Tu, flor de Venus,
Corada Rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa:
Tu, que envergonhas
As outras flores,
Tens menos graça,
Que os meus amores.
Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante,
Quanto a Marilia
Té na pureza
Tu, que es o mimo
Da natureza.
O buliçoso
Candido Amor

Poz-lhe nas faces
Mais viva cor:
Tu tens agudos
Crueis espinhos;
Ella suaves
Brandos carinhos:
Tu não percebes
Ternos desejos,
Em vão Favonio
Te dá mil bejos:
Marilia bella
Sente, respira,
Meus doces versos
Ouve, e suspira.
A mãe das flores,
A Primavera,
Fica vaidosa,
Quando te gera:
Porêm Marilia
No mago riso
Traz as delicias
Do Paraiso.
Amor que diga
Qual é mais bella,
Qual é mais pura,
Se tu, ou ella:
Que diga Venus...
Ella ahi vem...

Ai! enganei-me,
Que é o meu bem.

ODE IV.

Poupando votos
Á loura Isbella,
Se Amor fallasse
Nos olhos d'ella;
De almos Prazeres
Me pousaria
Candido enxame
Na phantasia.
Outros que as almas
Tambem teem prezas;
Se regosijam
De ouvir finezas:
Eu antes quero
Muda expressão;
Os labios mentem,
Os olhos não.

BOCAGE.

ODE. *

SÔBRE O AMOR,

CONSIDERADO COMO PRÍNCIPIO E ESTEIO

DA ORDEM SOCIAL.

Não foram, caro Souza,** as lyras de ouro
De Orpheu, e de Amphion, que os leões bravos,
E os indomitos tigres amansando,
As cidades fundaram.
Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raízes desprendendo
As árvores annosas, que os penedos,
Após elles correram.
Tu, so tu, puro Amor, despir podeste
Da stupida bruteza a humana especie;
So tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

* Nem ficarão tambem ao tempo occultos
De Stockler os talentos singulares,
Que promettem fazer-lhe altos insultos.
F. D. Gomes.

** O padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

Sem ti insociaveis viviriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados;
Ou nos sombrios verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.
As fugitivas horas passariam
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estímulo da fome
Lhes espantasse o somno.
Os singelos prazeres da amisade;
Prazeres suavissimos, so dados
Aos peitos generosos e sensiveis,
Provar não poderiam.
As sciencias, as artes sepultadas
No seio da ignorancia inda jazeram;
Que inerte e froxo a nada se atrevera
Um peito enregelado.
As bellas Marcias, as gentis Lycores,
Em vão dos vivos olhos fuzilaram
Accesos raios, com que audaz fulminas
Rebeldes esquivanças.
Suas vermelhas engraçadas bocas
Em vão meigos surrisos soltariam,
Tingindo as juvenis mimosas faces
De pudibundas rosas.
Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.
Dos Risos, e das Graças rodeiada

Venus com farta mão não derramara
Em seus rusticos leitos brandas flôres,
Flôres que tu so colhes.
O gôsto de abraçar a cara esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.
Víra-se em breve, c'o volver dos annos,
Ermo de novo o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.
Ah! crê-me, Souza, Amor, Amor somente
A vasta natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos gera,
Nossos males adoça.
O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expor a vida
Em defensa da patria ameaçada
De inimigas phalanges;
Depois de haver soffrido longas marchas
Per aridos sertões, per frias serras,
Arrastrando cançado os cavos bronzes
Nas pesadas carrêtas;
Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando a furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte involta levam;
Depois de ver os rapidos ginetes
Atropellando os fulminados corpos

Dos caídos guerreiros, que em vão pedem
Vingança ou piedade;
Entre os braços da timida donzella,
Que amor lhe promettêra, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.
O misero cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos fructos,
Que a vida nos sustentam;
Ou ja soffra no frigido janeiro,
Em quanto o arado rege, os finos sopros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado nordeste;
Ou ja soporte no calmoso estio
Do abrasado Suão o ardente bafo,
Cuidoso o louro trigo debulhando
Nas pulvereas eiras;
Apenas desinvolve o denso manto
Sôbre a face da terra a noite amiga,
Se o repouso procura aos lassos membros
Na rustica morada;
Vendo a fiel consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sai, e o caro filho
Que largando da mãe o doce peito,
Lhe estende os tenros braços;
Em ternura suavissima desfeito,
Que o casto amor no coração lhe entorna,
Contente ja de sua humilde sorte

Bemdiz a Providencia.
Assim, ó Souza! na fiel balança,
Onde a razão os bens, e os males pesa,
Se ve que, sem Amor, a vida humana
Sería insoportavel.

STOCKLER.

Ou tu pretendas nos olympios campos,
Traspondo a méta na carreira ousada,
Correr parelhas com o Eolio vate
Em lyricas fadigas;
Ou ja folgues c'o a cythara suave,
Qual o Teio cantor, brandos prazeres
Da natura, e de amor louvar, e as graças
Da candida Dione;
As nove irmans do Patareu Apollo,
Tantos brios te inspiram no teu canto,
Que atrás deixas c'os sons harmoniosos
Os Argolicos cysnes.
Em teus versos gentis, divinos versos,
Com maior energia os rasgos sólta
Uma alma nobre, um coração sensibil,
A rica phantasia.
Teu estro é mais sublime, a voz mais doce;
O surriso de Venus é mais grato;
Amor é mais pudíco; são mais lindas,
Mais meigas as tres Graças.

A. R. DOS SANTOS.

ODE ANACREONTICA.

PYRAMO E THISBE.

Aope de uma serra
Ingreme e fragosa,
Por Pyramo espera
Thisbe carinhosa.
Mas eis que descobre,
Da lua ao clarão,
Rugindo de raiva
Sanhudo leão.
Da cruenta boca
Se ve claramente
Pingar, oh rigor!
Sangue ainda quente.
Qual a pomba vendo
Açor inimigo,
De uma grutta busca
O prospero abrigo.
C'os pés delicados
Duras pedras piza;

Pizadas de amor,
Que amor eterniza!
O véo delicado
Lhe cai na fugida,
Em que tinha a loura
Madeixa escondida.
Eis Piramo chega,
De Thisbe em procura,
Acha o véo rasgado
Sôbre a espessura.
Que a cruenta fera
O despedaçara,
E de rubro sangue
Todo o salpicara.
Pallido o semblante,
De dôr trespassado,
Ja pensa que Thisbe
Havia expirado.
E tirando a espada
No cruel transporte,
A crava, e se involve
Nas sombras da morte.
Mui sobresaltada
Sai Thisbe da gruta,
Ve que seu amante
Co' a morte inda luta:
No amor excessiva,
Vai terna beija-lo,
Jurando na morte

Firme acompanha-lo.
No buído ferro
Com valor se arroja,
Da vida que odeia
Cruel se despoja.
Vós nymphas, que ouvistes
Seus tristes gemidos,
Que de dor lançastes
Ternos ais sentidos;
Choremos, oh nymphas!
A barbara morte,
De amantes tam firmes
A cruenta sorte.
Seus ais, seus suspiros,
Com dor lamentemos;
Seus males, seus prantos,
Com dor recordemos.
Ligeiros regatos
Seu curso pararam;
As rochas immoveis
De dor se abalaram.
As cinzas de Nino
La onde jaziam,
Na frígida campa
De pezar gemiam.
Sentida amoreira
Involve de lucto
Com pena, com mágoa,
Seu candido fructo.

Com tam triste scena,
Da lua chorosa
Cobrira o semblante
Nuvem tenebrosa.
Em memoria, ó nymphas!
Da sua ternura,
Se grave um lettreiro
Sôbre a sepultura.
—Aqui jazem junctos
Dous firmes amantes,
Que Amor enlaçava
Com prisões constantes.
Juraram nas aras
Do deus das traições
Eternos affectos
Os dous corações.
Juraram que a Morte
So tinha poder
D'as duras cadeias
De Amor desprender.
Aos dous à Saudade
Deu mortes fataes,
No amor similhantes,
Nas mortes iguaes.
A ausencia evitando,
Dão provas de amor;
Pois inda se abraçam
Da campa no horror.—

M. M. Vieira.

ODE. *

Arma, arma tudo soa, tudo guerra;
Guerra o mar soa, soa guerra a terra;
E dos valles repulsando nos outeiros,
Respondem *guerra* os echos derradeiros.

QUEVEDO.

Estalou, de pavor destemperada
Rouqueja a minha lira:
Sôbre as cordas caíndo desmaiada
A sancta paz expira:
Ao longe alborotada tumultua
De Mavorte feroz a prole crua.
Eis se amontoam serros sôbre serros
D'horrisona armadura;
Comidos de ferrugem priscos ferros
Tomam nova figura;
Surgem obuzes bombas e bombardas,
Surgem lanças, espadas, espingardas.

* Como ésta foi a unica peça que me veio á mão, nada posso dizer decididamente acerca dos talentos poeticos de seu auctor; mas parece-me, que fortificados pela lição de bons modellos nacionaes e estranhos, virão a honrar summamente a musa portugueza.

Tincta de sangue, a cauda desenrola
Tremebundo cometa;
Qual trovão, que abalando os ares rola,
Fulminante carreta
Carregada co'o bronze vai rodando,
Serras, montes e valles abalando. *
Alveja dos cavallos quente espuma
Em fofos vellos solta:
Das ventas nuvem densa o ar afuma;
E c'o fumo d' involta
Sobe d'espesso po crasso negrume,
Que ergue a planta feroz ferindo lume.
Longevos cedros, resinosos pinhos,
Nos montes aprumados,
Não occultam das aves tenros ninhos:
A golpes de machados,
Descendo a povoar salso elemento,
Em vez de rama, soltam pano ao vento. **
Apinha-se de naus empavesadas
O bosque inextricabil:
As entranhas de raiva revoltadas
A morte inexorabil
Enroscando a cerviz em ferrea bala,
Quanto alcançá derruba, rompe e abala.
Estremece Neptuno ao rouco estrondo
Dos bellicos ensaios;

* Ésta hyperbole parece-me excessiva.
** Elegancia nova no idioma.

E as mãos convulsas nos ouvidos pondo,
Em frígidos desmaios
No mais fundo do abysmo cai tremendo,
E la mesmo rebomba o echo horrendo!
Que vejo, oh ceos! que maravilha estranha!..
Nos eixos abalada
Balança horrendamente ésta montanha!...
Ja se abre espedaçada!...
Ja rebenta o vulcão, e d'entre o fogo
Oh que espantoso monstro aborta logo!...
Os olhos requeimados e torcidos,
Tetricos lhe fuzilam;
Verdes dragões na coma entretecidos
Arquejando sibilam;
Os hirtos braços um canhão abrangem;
E os rijos dentes amarellos rangem.
Ondequer que revolve a ingente maça
*Chovem montões d'estragos;
Arruína, destroça, despedaça;
Fervendo surgem lagos;
E depois de imprimir damnosa planta,
As cinzas envenena, que levanta.*
Oh guerra! oh monstro horrendo! que mau fado
A Lysia te dirige?
Volve os passos atrás, volve apressado;

**Quàm benè, cùm ferum nondùm prodiret in auras!*
Omnia pacis erant, et sua cuique satis.

PROPERCIO.

Aquelle embora attige *
Que folga de vestir lustrosa malha,
Que se nutre de sangue, e sangue espalha.
Voa longe de nós, não, não persigas
A quem te não persegue: **
Para que a defender-nos nos obrigas
Á tua sorte entregues?
Deixa Lysia dormir a solto sono, ***
Vendo a patria segura, vendo o throno.
Em thalamos de paz deixa mimosa
Entre festões de flores,
Enleiada c'o esposo a cara esposa
Gozar doces amores;
Poisque o tempo é veloz, e é curta a vida, ****
Não interrompas a amorosa lida.
Não ate as mãos na testa, murmurando
Do damnoso tumulto,
Da paz amigo, o velho venerando,
Banhado em pranto o vulto:
Dos pobres lares o pastor não saia:
Não chame pelo filho a mãe na praia.

* Attinge.

** A repetição da voz *persegue*, torna o verso prosaico.

*** Ésta phrase não quadra á elevação que requer a poesia lyrica.

**** . . . . . *Breve et irreparabile tempus*
Omnibus est vitæ.

VIRGILIO.

Mas se é fôrça o tolher os cegos paços
Lysia, que faremos?...
Sanguentem-se, golpeiando, os limpos aços:
As armas entreguemos
Do futuro socêgo á doce esp'rança:
So pugnando, a perdida paz se alcança.
Das urnas se me antolha que se ergueram *
Albuquerques e Castros;
Que, bemque tantos annos ja correram
Sem ver a luz dos astros,
Não perderam dos seus inda a memoria,
Bemcomo não perderam inda a gloria.
A meus olhos o heroe brandindo a lança
Na, da patria, defença;
Ao monstro aterrador feroz se avança;
E, sem que rompa ou vença,
Por mais que inexpugnabil lhe resiste,
Da gloriosa empresa não desiste.
Oh exemplo immortal! nós te seguimos;
Sim, ó povos! mostremos
Na guerra os claros troncos d'onde vimos:
Fortuna e valor temos.
Se, astros da guerra, os Castros no ceo moram,
Nós Lusos somos, bemcomo elles foram.

J. E. de M. Sarmento.

* Éste verso achava-se desfigurado na copia, assim como outros mais.

ODE.*

AOS MEUS AMIGOS.

Quid dedicatum poscit Apollinem vates?
HORACIO.

Indaque sei, que pouco ou nada val
Natureza sem arte, e sem doctrina;
Que póde, com amor, parecer mal?
Se tal razão em tal materia é dina,
Bem vos podem meus versos parecer,
Pois m'os inspira amor, pois m'os ensina.
BERNARDES.

A madre natureza em seus productos
Sempre fecunda, rica, inexhaurivel,
Alardeia thesouros, que bem podem
Tentar mortaes avaros.
Fino buril, palheta variada,
Em que apparece o vivo colorido,

* Ésta *ode*, e as notas que a acompanham, são obra de um philosopho, que cultivando as lettras em silencio, e sem vaidade, vai enriquecendo a nossa litteratura com algumas traducções estima-

Obras primas trabalham, com que incantam
Os olhos deslumbrados.
Mas credes vós, que possa arte é natura,
Por mais que seus esforços affervorem,
Abalar de um poeta o sobrio peito,
A estoica pobreza?
Pois que preces, que votos noite e dia
Em meu tranquillo coração se nutrem?
De meu sereno peito, que se exhala,
Ás musas consagrado? *
Ás musas consagrado, á san verdade,
Á ventura dos homens, bemque nescios;

veis. Entre ellas distingue-se specialmente a de Tacito, scriptor philosopho, de que bem carecemos vertido em linguage; e ninguem melhor que o nosso auctor póde dar-nos uma boa versão d'esse sublime original, vistos os seus grandes studos dos idiomas portuguez e latino. Compoz tambem um optimo diccionario geographico do reino de Portugal; obra preciosa, por ser a mais bem scripta e exacta que temos; pois o auctor teve a curiosidade de percorrer os sitios que descreve. Quanto ás suas poesias, nada direi aos leitores; mas pósso remette-los ao terceiro volume das obras de Antonio Ribeiro dos Santos; o qual nos dous bellos *sonetos* a paginas 106 e 107, dirigidos a Leucacio Fido (nome poetico do auctor) soube tam sincera, como dignamente avaliar-lhes o merito.

* Presumo que ninguem desgostará de ver a bella estancia 10 do canto VII da *Jerusalem-libertada* do

Á civil Liberdade, á Tolerancia, *
Direitos sempiternos.
Ah meus amigos! preciosos entes,
Metade de minha alma, e meus thesouros:
Vós sois, almas egregias, sois aquelles
Em quem minha alma absorta,
Doces delícias gosta sem fartar-se;
Vérte brandos suspiros, que a consolam;
E as quentes emoções, que o peito sente,
O peito me embriagam.
Sim, meu Mello divino, que alimentas

Tasso, onde este grande poeta pinta uma parte da felicidade de Erminia, a qual me serviu de fundamento para ésta estrophe.

Altrui vile, e negletta, a me sì cara,
Che non bramo tesor, nè regal verga;
Nè cura, o voglia ambiziosa, o avara
Mai nel tranquillo del mio petto alberga.
Spengo la sete mia nell' acqua chiara,
Che non tem' io, che di venen s'asperga:
E questa greggia, e l'orticel dispensa
Cibi non compri a la mia parca mensa.

* Quasi desde o princípio do seculo passado se screveu bem sôbre a *Tolerancia;* e me parece ter-se provado que ella é até conforme ao spirito, e á lettra do Evangelho; o qual não é, em grande parte, outra cousa mais que a moral da natureza. Por todos póde ver-se o *Tractado-da-Tolerancia*, que vem (se bem me lembro) no tomo XVI da grande edição de Genebra das obras de M. de Voltaire. Ahi mesmo

No bemfazejo coração virtudes;
Inteireza, razão, beneficencia,
Candura e gratidão.
Tu, que em linguagem casta e docta prosa
Nervosa e forte, qual fallou Vieira,
Verdades assoalhas, e apregoas,
Sem susto, altos direitos:

se acham citados estes vinte versos da terceira parte do poema da *Lei-natural* do mesmo auctor, que começam no verso 95:

A la religion discrètement fidelle
Sois doux, compatissant, sage, indulgent comme elle.
Et sans damner autrui, songe à gagner le port:
La clémence a raison, et la colère a tort.
Dans nos jours passagers de peines, de misères,
Enfans du même Dieu, vivons du moins en frères:
Aidons-nous l'un et l'autre à porter nos fardeaux.
Nous marchons tout courbés sous le poids de nos maux.
Mille ennemis cruels assiégent notre vie,
Toujours par nous maudite, et toujours si chérie.
Notre cœur égaré sans guide et sans appui,
Est brulé de désirs, ou glacé par l'ennui.
Nul de nous n'a vécu sans connaître les larmes,
De la société les secourables charmes
Consolent nos douleurs au moins quelques instans:
Remède encore trop faible à des maux si constans.
Ah! n'empoisonnons pas la douceur qui nous reste,
Je crois voir des forçats dans un cachot funeste,
Se pouvant secourir, l'un sur l'autre acharnés
Combattre avec les fers dont ils sont enchaînés!

Que na lingua de Tullio eternizaste
O tio illustre, sempre á Lysia caro; *
Oh! praza ao ceo que a candida saúde
Um dia te bafeje!
Que Minerva te escude, e te defenda
Co'a temorosa egide, seu alumno,
Contra dòres crueis; e a fouce ao Tempo,
Por ti, arranque e rompa. **
Embora *então co'a fome*, e *co'a miseria*
Fiquem luctando mercenarios Celsos, ***
Vis Esculapios, que abocando a prêsa

* Pascoal José de Mello, cujo elogio recitado na Academia per Stockler, verteu seu sobrinho Francisco Freire de Mello, (bem conhecido na litteratura) em latim Ciceroniano. Este panegyrico latino, ja impresso separadamente em 1802, saíu novamente á testa das obras do tio, reimpressas pela Universidade, expurgadas de todos os erros que as afeiavam nas edições precedentes, e novas notas, n'este anno de 1816. Tudo se póde ver na perfação do primeiro volume em portuguez.

** Barros na decada I, livro 1, capitulo 13, traz — *as quebraram e romperam* —

*** Medico e philosopho muito celebre do tempo de Tiberio, cujas obras excellentes (a despeito do que diz Quintiliano) ainda existem. Não é tenção nossa atacar aqui a sciencia da Medecina, nem os respeitaveis medicos, que em todas as idades hão apparecido. Para merecerem nossas homenagens sobrariam, entre muitos outros, um Hypocrates, e dos

A chupam, e a devoram.
Depois de ti vem Paes, a quem Apollo
Os sons acordes da sonora frauta
Á boca applica, porque amores campestres
De Alcina ao ar modules.
Meu caro Paes, que dos Beirões antigos,
Herdaste a singeleza, e essa alma nobre,
Que la na serra * alcantilada arrèiam
Seus férvidos colonos.
La d'ésta serra ás fraldas tenho Pinto;
Pinto ás musas acceito, ao vate amigo: **
Prende laço tam forte as almas nossas,
Que nem quebra-lo podem,
Ou venenosa mão da negra inveja,
Ou tempo tragador volvendo os annos,
Ou caduca velhice aborrecida,
Ou tenebrosa intriga.
Que direi de Jordão, que ao Pindo monta,
E muito bebe da Castalia fonte?
De Roussado, que agudo farpão crava

modernos um Toderé, um Pinel, um Tissot, e sôbretudo um Cabanis; grande philosopho, cujas obras temos lido, e lemos sempre com delícias. So queremos fallar d'aquelles cujos studos e humanidade se encerram no — *auri sacra fames* — de Virgilio.

* A serra da Estrêlla.

** Amigo aqui é adjectivo e não substantivo. Vède *Afonso-africano, canto IV, est* 27; e Francisco Dias Gomes, *elegia I, vers.* 198.

Nos Chirons bastardios?
E tu, gentil Leucacia, a quem as Graças
Embalaram o berço, e os Risos meigos;
Ao caro Mello auxílio, a nós abrigo,
Prazer e glória a todos.
Mas ah! que a dor, que a mágoa sem remedio,
Marilia minha, o coração me partem!
Dous annos ha que a Parca em flor te corta,
E sem cessar te chóro!
N'essa noite cruel alto piaram
Tristes nocturnas agoureiras aves:
Oh! que não sei de nojo, como em penas
Se não desfaz meu peito!
Choraram-te, Marilia, os fundos valles,
E os altos montes, campos e espessuras:
Chamam-te em vão rebanhos e armentios,*

* Imagens similhantes acham-se em Virgilio, ecloga I, vers. 39; e em Camões nos *Lusiadas*, canto III, est. 84, e canto X, est. 118. —A respeito das phrases — *rebanhos e armentios* — não sei se os scrupulosos me notarão de pleonasmo. Para elles, e para o commum dos leitores, seja dicto de passagem, que o não é; que não ha vício da dicção de que tanto fujamos; e que o primeiro vocabulo designa — *rebanho de ovelhas e gado miudo*, aindaque muito pequeno seja: e o outro — *rebanho de gado grosso* — Podem-se ver Bluteau, Moraes, e os auctores classicos, não so portuguezes, mas tambem latinos, d'onde se tiraram éstas vozes para a nossa linguage.

E os ais d'ésta alma minha. *
Espirito gentil, alma sem mancha,
Coração bemfeitor, humano e terno;
Á etherea estancia voa; e não te esqueças
De quem sem ti deixaste. **

* Ésta phrase — *alma minha* — tam longe stá de se dever ter por cacophonia, que se toma sempre por uma expressão ternissima; e por este uso até chegou a ser uma elegancia, e a soar como uma specie de euphonia ou melodia. Citarei so dous exemplos: seja o primeiro o de Camões n'aquelle seu tam elegante e simples, como terno soneto XIX, que começa — *Alma minha gentil, que te partiste* — Seja o segundo o de Fernão Alvares do Oriente; poeta que nasceu pelos annos de 1540, e por conseguinte contemporaneo de Camões, e não suspeito de falta de elegancia, e pulimento; qualidades proprias d'aquella idade. Este na *Lusitania-transformada*, na canção que vem depois da prosa I, verso 272, diz assi:

Perdi a liberdade da *alma minha*,
Captiveiro, que ha tanto a vista chora;
Porque nunca dor grande esquece asinha.

** Este quadro foi ouvido per um grammatico-theologo, alma fria e gelada; e pôstoque fizesse ao auctor a honra de lhe louvar muito ésta pequena peça, pareceu não approvar a materia d'este logar, ou que se scandalizava d'elle (sem razão apparente). Um philosopho sensibil que stava presente, e o percebeu, disse: « *Taes sèntimentos fazem honra a*

Oh! amisade! oh dadiva divina!
Tu es minha ambição e meus thesouros:
Em meu coração puro ergui-te altares:
Por ti morrer quizera.
Não te conhecem rêis; e não te amimam
Esses ingratos célebres, que o vulgo
Felices chama, sem jamais o serem,
Bemque árbitros da terra. *

um, é a outro; e mais ainda ao poeta, que a Marilia. » Agora digam os que teem meditado alguma cousa sôbre o coração humano, se o genero de studos, a que se dá cadaqual, fórma ou não, em grande parte, os principios; se os principios formam ou não o coração; e se o coração não é o que faz do homem, ou um ente brando e humano, ou um ente bravio e feroz?

Mas não se lhe podia responder tam bem como com ésta sentença:

Com razão logo mal tammanho choro,
Que nem com tantas lagrymas melhoro.

F. A do Oriente.

O melhor porêm fôra dirigir, tanto á rudeza do crítico, como á dor do auctor o remate da ode de Horacio XXIV, do livro I:

Durum; sed levius fit patientiá
Quidquid corrigere est nefas.

* Não sabemos se haverá alguem, a quem pareça atrevido este pensamento. Queremos assentar que não; mas se por desgraça houvesse, tambem que-

Mas eu te afago, oh deusa sempiterna !
E dentro ao peito meu te acolho e chego;
Polos amigos meus em holocausto,
Qual victima, me off'reço.

J. T. CANUTO DE FORJÓ.

remos satisfaze-lo, dizendo-lhe, que elle, em parte, não é nosso, porèm sim da *Henriada*, no canto VIII, vers 317. Este pedaço é geralmente estimado, tanto polo calor e vida que o anima e vigora, como pola virtude que n'elle celebra seu auctor, e pola personage real que se pinta, Henrique IV; e como tal tem sido mui citado ; ei-lo aqui :

Il l'aimait non en roi, non en maître sévère,
Qui souffre qu'on aspire à l'honneur de lui plaire,
Et de qui le cœur dur et l'inflexible orgueil
Croit le sang d'un sujet trop payé d'un coup d'œil.
Henri de l'amitié sentit les nobles flammes.
Amitié, don du ciel, plaisir des grandes âmes,
Amitié, que les rois, ces illustres ingrats,
Sont assez malheureux pour ne connaître pas.

Para a segunda parte da strophe, e do pensamento, vêde o poema *Afonso-africano*, canto I, est. 36.

Como a amisade não é somente a maior das virtudes, mas tambem é a mais necessaria e util á mizeravel condição humana, e vínculo mais estreito da sociabilidade; e como em nossos tempos modernos somos accusados de não sentir-mos, e por consequencia de não celebrar-mos em nossos scriptos com o devido calor os attractivos d'ésta formosa virtude; não tememos citar aqui outro logar do

mesmo auctor, e do mesmo calor e vida: é o do discurso IV, sôbre o homem, que começa:

Pour les cœurs corrompus l'amitié n'est point faite:
O divine Amitié! félicité parfaite!....

E mormente os seus versos feitos aos manes de seu amigo Genonville, que tanto chorava dés annos ainda depois de sua morte.

Os antigos parece que tinham o coração mais quente, quando celebravam ou cantavam as doçuras, e os sentimentos da amisade; o que prova que a sentiam: e d'isto temos singulares monumentos; ou nascesse isto de suas constituições políticas, que uniam mais os homens uns aos outros com os laços de uma sociabilidade perfeita; ou fosse que a geração humana stivesse ainda menos degenerada, e por conseguinte menos depravada, e mais sensibil. A *Iliada* apresenta-nos em Achiles e Patrocolo dous amigos perfeitos; e taes, que d'ésta amisade, levada a um ponto extraordinario, quasi pende inteiramente o exito de todo o poema. Virgilio traçou um quadro, na verdade perfeitamente bello, dos dous amigos Euryalo e Niso, no livro IX, da *Eneada.* Este logar occupa 327 versos desde o 176 até o 502; e todo elle é a pura expressão da natureza, quando ella se explica nos grandes movimentos d'ésta grande virtude. Mas bemque interessantissimo, elle não é senão um episodio. Vêde este so verso, que é o 182;

His amor unus erat, pariterque inbella ruebant.

Vêde aquelles em que Niso pretende conservar a vida do amigo á custa da sua, que podia salvar; começam no 427, do livro IX:

Me, me (adsum qui feci) in me convertite ferrum,
O' Rutuli; mea fraus omnis; nihil iste, nec ausus;

Nec potuit : cœlum hoc, et conscia sidera testor :
Tantùm infelicem nimium dilexit amicum !

Poderamos citar alguns outros monumentos da antiguidade, que provariam decisivamente que n'ella se sentia mais a amisade, que em nossos tempos modernos; e entre outros a ode XXIV do livro I; e a XVII. do livro II de Horacio: e todos estes que citámos, quizera-mos imitar na presente composição; vistoque sentimos em nosso coração os movimentos d'ésta deliciosa virtude. Mas não nos permittiu, ou a virtude, ou o genio de tammanhos homens, senão segui-los de longe; e nos contivemos no respeito, que mostrou Estacio no fim do livro XII da sua *Thebaida*, pois fallando da *Eneada*, diz assi :

Vive precor; nec tu divinam Æneada tenta;
Sed longe sequere, et vestigia semper adora.

ODE I.*

A PHILINTO ELYSIO,

NO DIA DE SEUS ANNOS 23 DE DEZEMBRO DE 1817.

Rapiamus, amice,
Occasionem de die. . . .
Obducta solvatur fronte senectus.
HORACIO.

Entre horridas funebres ideias,
Imagens tristes, férvidos queixumes
Da humanidade enfêrma,
Que Delphico delirio me arrebata..?
Que enthusiasmo sancto
Me volve n'alma, o coração m'enleia?...
Onde me fica a terra? onde a morada?
Ja tam longe de mim que desparecem?
Novos ares respiro...

* Ésta *ode*, e as *seguintes*, pertencem a um discipulo de Francisco Manuel, a um mancebo, a quem a morte veio cortar o fio da existencia, quando elle apenas encetava a carreira poetica. A elevação de

Novas, decorro, sendas, novos climas...
Que suaves accentos,
Doce harmonia fere em meus ouvidos?...
« Aureas lyras cantae, cantae sonoras
Seus faustos annos, seu plausivel dia.
Que no Helicon sagrado
Canções festivas, mais que nunca altiloquas,
N'este dia resoem...
Festeje-se o natal do Horacio luso... »
Onde me elevas, musa, aonde? ao Pindo?..
Anhelante seguia... eis d'improviso
Brilhante veo se rasga,
Objectos mil a vista me deslumbram...
Para que os sons escute,
No rouco peito a debil voz enclaustro.
Além das castas Filhas da Memoria,
Da illustre Grecia e Roma excelsos vates,
O bicipite monte
C'os plectros de ouro candidos adornam;
Stá Camões, Tasso e Milton,
Cingem-lhe a frente verdejantes louros.
Os sons que se ouvem são do deus Apollo,

seus pensamentos, a pureza do stylo, a cadencia dos versos, e sôbretudo a philosophia que elle soube derramar pelas poucas obras que nos deixou, são um testimunho irrefragabil, de que (se mais longa fôra sua vida) sem dúvida offertara á patria composições com que ella, talvez, se vangloriasse e ennobrecesse.

Que voltado a Camões sólta este canto :
« Oh cysne d'Ulyssea!
Exulta ! exulta !... o teu Philinto caro,
Vencendo a Morte, e o Tempo,
Hoje, feliz, ditosos annos conta. »
Aureas lyras cantae, cantae sonoras,
Seus faustos annos, seu plausivel dia.
Maior do que seu fado ,
Da Inveja as lanças, da Ignorancia as íras,
No broquel da virtude,
Socegado, aparou, baldou superno.
E ousou o tribunal infame e perfido,
Do bom saber algoz tenaz e iniquo,
Roubar á patria lusa
Tanto splendor e genio, tal triumpho?...
Graças ao canto amigo,
Que astucias lhe frustrou, burlou desvelos!
Venceu, emfim, zombou de feros Bonzos;
Aos pés calcou o rude Fanatismo;
E as Neptuninas ondas
Em veleiro baixel cortando afouto,
Na valorosa Gallia,
Livre, adoravel paz, contente, goza.
Berço d'heroes, alcaçar de Minerva!
Egregia França ! tu lhe abriste os braços,
Que a patría lhe negara!...
Placido puro asylo da innocencia!
Ao proferir teu nome,
Que mágoa extrema o peito me assuberba!

Quantos em ti, fecundos Genios vagam,
Que em Lusitania reluzir deveram!
Entregues do infortunio
Aos pesados grilhões, a vida arrastram! *
Em erma soledade...
Obscuros vivem; faltam-lhes Mecenas.
E a pujante versucia, o pedantismo
A lisonja venal, o crime infenso;
Alta a cerviz entonam!...
Qual, debatendo as cortadoras plumas,
Manso retalha os ares
Aguia altiva, de Phebo escrutadora,

* Citarei estes versos, que bem pintam a sensibilidade de um coração amigo:

Afflictus vitam in tenebris luctuque trahebam,
Et casum insontis mecum indignabar amici.
VIRGILIO, Eneada, liv. II.

Carpitur acclivis per muta silentia trames,
Arduus, obscurus, caligine densus opaca.
OVIDIO, Met. 2, liv. II.

Quando me objectem que o sabio ama o retiro, e despreza dons que a Fortuna outorga, etc., etc., responderei com uma passagem de Rousseau, que ninguem desconhece:

« *Le sage ne court point après la fortune; mais il n'est pas insensible à la gloire; et quand il la voit si mal distribuée, sa vertu, qu'un peu d'émulation aurait animée et rendue avantageuse à la société, tombe en langueur, et s'éteint dans la misère et dans l'oubli.* »

E, c'os opacos olhos, aves tímidas
O accelerado trilho apenas seguem;
Assim caro Philinto,
Sôbre as, da Fama, penetrantes azas,
Da Glória ao templo voas,
Extatica deixando a turba ignara. *

* *Virtus recludens immeritis mori*
Cælum . . . .
. . . . Et udam
Spernit humum fugiente penna :
HORACIO, liv. III, od. 2.

ODE II.*

SÔBRE

A MORTE DE PHILINTO ELYSIO.

Immortalia, ne speres monet Annus, et almum
Quæ rapit Hora diem.
HORACIO.

Quam rapido, Fonseca,* o velho Tempo
No desenvolto carro ufano voa!
Tudo, tudo lhe cede!
Marmores, bronzes, co'a fulgente fouce
Tyranno gasta, e dos annosos troncos
Arroja aos ares a raiz suberba.
Com que alegria, ha mezes sette, ouvimos
Do bom Philinto as não-fingidas vozes
Attentos escutando
A bella phrase lusa; oh quantas vezes,
D'inveja, as Horas apressando a fuga,
Da noite nos traziam a espessa treva!

* Elle corregiu e annotou as escolhidas peças d'este *Parnaso*, e o Snr. J. B. L. Garrett compoz o *Bosque* o *da historia da poesia e lingua portugueza*.

Oh miseros que somos !... foi-se o instante
Em que eramos ditosos... ja Philinto
Da Morte despiedada
O golpe recebeu que nós sentimos.
Não mais o vemos, nem ouvi-lo é dado !...
Da Eternidade as sombras o involveram !...
Morreu ! morreu ! Em vão por elle choras !
Em vão o chamas... acabou Philinto !...
Mas se a viva saudade
Nos fere tanto o magoado peito,
Flôres colhamos, em silencio triste,
Espalha-las no seu jazigo vamos.
Traspassados de dor alli gravemos
Na fria campa que lhe cobre as cinzas :
— *Aqui Filinto jaz*,
Vate maior que a Fama, que o pregoa:
Viveu em terra estranha longos annos,
Fiel amigo, e portuguez honrado. —

ODE III.

SAPHICA.

La tristissima voz al ayre dando
Voy cantando mis quexas desusadas.
CAMÕES.

Que bellos são os rapidos momentos
Que aope de Lylia sem temor desfructo!
Seus lindos olhos da tristeza a nuvem
Férvidos rompem.
Em atrevido lenho córte as ondas,
Ludibrio das medonhas tempestades,
O avaro mercador que o cego Pluto
Trémulo adora.
Per entre espessos turbilhões de fumo
Ousado rompa o intrepido guerreiro,
Que por tyrannos, mais que pola patria,
Expõe a vida.
Pelos degraus da perfida lisonja
Aos postos suba o cortezão ignaro;
Em quanto aos cepos da penuria atado
O sabio geme.
Cinjam coroas os mortaes inuteis
Que só da escrevidão as leis conhecem;

Tributos soffra, guerras e desprezos,
Tímido o povo.
Á candida amisade eu so entregue,
Do mundo esqueço a bem-fanada glória...
Co' a minha triste sorte me contento;
Placido vivo.
Da cortadora inveja nunca os tiros
A paz me roubam, que me o ceo outorga:
Invejas, ambições, so teem assento
Sob aureos tectos.

ODE IV.

AOS MANES DE PHILINTO ELYSIO.

Quæ saxo struuntur; si judicium posterorum in odium vertit, pro sepulcris spernuntur.

TACITO.

Nos mudos sitios que povóa a Morte
Em vão do amigo o caro nome busco!
Parece que o furor de seu destino

Além da campa o segue.
Unica a terra fria cobre as cinzas
Que em urna de ouro repousar deveram?
Indifferente, estranho pe as calca;
Nem as conhece o Luso!...*
E assim premeia a patria o excelso Ingenho
Que seus heroes cantou, e deu á fama?
Que a lingua enriqueceu com novas prendas
De mui sublime escolha?...
Mas de que servem marmores e bronzes,
Se a lisonja venal os ergue ás nuvens?
Por nada em pouco tidos se deslembram:
O crime so confundem!
Tem na virtude o merito a coroa;
Adulações desdenha da vaidade:
Que importão ao luso Homero monumentos?
A Sócrates estatuas?
Singelo aqui repousas, oh Philinto!
Qual foi a vida tua, é teu sepulcro...
Mas nada em teus escriptos póde o Fado;
N'elles eterno vives.

B. L. Vianna.

* No dia em que, indo ao cemiterio do *Père-la-Chaise*, so pelo número dei com o seu jazigo.

ODE I.

Á POESIA.

Não os que enchendo vão pomposos nomes
Da Adulação a boca,
Nem canto tigres, nem ensino ás feras
As garras afiar, e o agudo dente:
Minha musa orgulhosa
Nunca aprendeu a envernizar horrores.
Genio da inculta Patria, se me inspiras
Acceso estro divino,
Os porphydos luzentes não m'o roubam,
Nem ferrugentas malhas, que deixaram
Velhos avós cruentos:
Canto a Virtude, quando as cordas firo.

* É digno de todo o aprêço o livrinho de poesias que o auctor publicou em Bordeos. Deplorâmos que o limitado spaço, e o plano d'ésta escolha nos vedem admittir a bella versão da ode primeira das *Olympicas* de Pindaro com as interessantes notas a ella annexas. Mas os leitores studiosos poderão consultar e ler com fructo esse precioso trabalho no mencionado livrinho.

Graças ás nove Irmans! meus livres cantos
São filhos meus e seus!
A lauta meza de baixella d'ouro,
Onde fumegam siculos manjares,
Do vulgo vil negaça,
Mal-comprados louvores não me arranca.
Divina Poesia, os alvos dias,
Em que pura reinavas,
Ja fugiram de nós. — Opacas nuvens
De fumo os horizontes abafando,
A luz serena offuscam,
Que sôbre o velho mundo derramaras.
Á sêde de ouro, e á vil cubiça dados
Os filhos teus (ingratos!)
Nas niveas roupas tuas aljofradas
Mil negras nodoas, sem remorso, imprimem.
Mascarada Lisonja,
Fome, Baixeza os venaes hymnos dictam.
Então que densos bosques e cavernas
Os homens acoutavam,
Pela Musica e Dança acompanhada
Benéfica Poesia a voz alçando,
Do seio da mãe terra
Nascentes muros levantar fazia.
Então pulsando o vate as cordas d'ouro,
A populosa Thebas
Altiva a fronte ergueu, ao som da lyra;
E os horridos costumes abrandando
A sentir novos gozos

Aprende a feroz gente, bruta e cega.
Assim Orpheu, se a doce voz soltava,
Os Euros suspendidos,
O rio quedo, as rochas attraía:
E os raivosos leões, e os ursos feros
Manso e manso chegavam
A escutar de mais perto o som divino.
O selvagem, que então paixões pintava
Com uivos, e com roncos,
Pelas gentis Camenas amestrado,
Os ouvidos deleita, a lingua enrica;
E com sonoro metro
Duraveis impressões grava na mente.
Qual a tenra donzella branca e loura
Da paphia deusa inveja,
Os olhos côr do ceo, vermelha a face,
O peito faz sentir que não sentia:
Assim musas divinas,
Corações bronzeados ameigavam.
Entre os frios Bretões, e os Celtas duros
Reinaram as Camenas.
De po, de sangue, de ignominia cheios
Mostra os vencidos Ossian á patria;
E a fronte coroando,
Canta os triumphos, canta a propria glória.
Qual das aves a magica harmonia,
Que a primavera canta,
Assim teus feitos grandes e sublîmes,
No dia da victoria, hérculeo Fingal,

Teus Bardos celebravam,
E a testa sobrançuda desfranzias.
Suberbos templos teve, teve altares
Na Grecia a Poesia.
Genios brilhantes! seus antigos vates
Os sociaveis nós uteis e doces
Humanos apertaram:
Simples, e poucas, sábias leis fizeram.
A frente levantar não se atrevia
O Fanatismo ferreo;
Co' a gotejante espada dos altares
Arrancada, vermelho sangue quente,
Que lagos mil formara,
Dos proprios filhos não vertia a Terra.
Nem absurda Calumnia perseguia
A razão, e a virtude...
Se a Terra via, via heroicos crimes.
Tu monstro horrendo, horrendo Despotismo
Ah! sôbre tí caíram
Accesos raios, que na mão trazias!
Maldição sôbre ti, monstro execrando,
Que a humanidade aviltas!
Possam em novos máres, novas terras,
Per Britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestigios,
Os filhos acoutar da Liberdade!
Então a fome de ouro, mãe de crimes,
Negra filha do inferno!
Não tinha o braço matador armado

Do tyranno europeu. — A Africa adusta,
E a doce patria minha,
Seus versos innocentes entoavam.
Vós lhe dictaveis, Heliconias deusas,
Ternos versos chorosos
Do doce amigo morto á sombra ausente!
Outras vezes as vozes levantando,
A glória dos heroes
Em choréas energicas cantavam.
Então nascendo altiloqua epopea
Celebra os semi-deuses:
Tal da Grecia recente em alvos dias,
A trombeta embocando sonorosa,
Fez ver a luz Homero,
Que depois imitaste, augusta Roma!
Não mil estátuas de fundido bronze,
Nem marmores de Paros
Vencem as íras de Saturno idoso:
Arrasam-se pyramides suberbas,
Subterram-se obeliscos,
Resta uma Iliada, e uma Eneida resta!
Qual rouca ran nos charcos, não pretendam
De mim vendidos cantos.
Se a cythara divina me emprestarem
As filhas da Memoria, altivo e ledo,
A Virtude cantando,
Entre os vates tambem terei assento.

ODE II.

Á AMISADE.

Amitié, dòn du ciel, soutien des grandes âmes.
VOLTAIRE.

De novo, ó musa! as azas empennemos:
Firam-se as aureas cordas
Da lyra abandonada:
Os frescos valles do sagrado Pindo
Mais ésta vez trilhemos.
Novo Alcides a clava sopesando,
As Hydras, as Chymeras
Caiam aos pés exangues;
A suberba enrugada, a vil mentira,
E tu, lisonja astuta!
Musa, filha do ceo! que esprito acceso
Me allumia a mente?
Não é furor fingido, —
Nem são inspirações da velha Delphos,
É da Amisade o estro!
Ja desce la do Empireo a san verdade:

Fujam, profanos fujam!
Aquelles que sentiram
Uma vez da Amisade os meigos laços,
Venham ouvir meu canto.
Não em dourados tectos levantados
De marmoreo palacio,
Ou doricas arcadas,
Que sustentam as salas magestosas,
Mora a virtude sancta.
Oh doce paz! sagrada liberdade,
Unicos bens do sabio!
Os idolos da terra
Não vos conhecem.—Vós dormis tranquillos
No seio da Amisade.
Em quanto na esquentada phantasia
Creando ocos phantasmas,
Freneticos humanos
Suspiram por privanças e chymeras,
Que os sustos envenenam.
Nos campos innocentes, onde brinca
Zephyro prazenteiro,
O sabio solitario
Ri d'esses doudos, ri do velho mundo
Com o discreto amigo.
Se sisuda tristeza lhe bafeja
Com halito empestado,
Beijando a cara amada,
Em quem moram Cupidos cento e cento,

Inveja faz aos deuses.
E la quando do negro throno estende
O plumbeo sceptro a Noite
Sôbre o cançado Globo,
Sentado c'o amigo á parca meza,
Conversa ledamente.
Umas vezes sondando altos mysterios,
Vedados á vil turba,
Deixando o pêso inerte,
Nada no espaço immenso, os Globos pesa,
Milhões de sóes encara!
Outras vezes baixando á humilde terra
Contempla a natureza:
As douradas espigas,
Que os prados vestem de formosas ceifas
Observa, e se enternece.
Tu Leibnitz immortal, tu grande Newton
A razão lhe vigoras!
E incredulo admira
Os vastos turbilhões, partos sublimes
Do creador Descartes.
Loke, Montesquieu, Rousseau, Voltaire,
Virgilio, Pope, Homero,
Camões, o padre Horacio,
Repartem os seus dias venturosos
Co'a candida Amisade.
Assim meu bom Philinto, caro amigo,
Com teu amigo Elysio

Possas viver teus dias!
E deixa que casquilhos repimpados
Namorem senhoritas.

J. B. de Andrada.

ODE I.*

Á NOITE.

Tu dos amantes silenciosa amiga,
Que d'amor os mysterios apadrinhas
Mais doces, quam difficeis;
Tu de quem o silencio favorece
Meditações profundas; que do sabio
Es o tempo querido:
Engrossa as trevas, ennegrece as ondas,
Noite, outrora de risos companheira,
Sê hoje de suspiros.
Teu manto de brilhantes semeiado,
Que me aprazia contemplar outrora

* *M. B., dans ses* odes, *dans ses* épîtres, *montre qu'il peut se livrer au genre le plus élevé. Il est à désirer qu'il se livre surtout à la peinture de ces contrées*[1] *étrangères, si intéressantes pour les Européens : c'est peut-être ce qu'on regrette de ne pas trouver plus souvent dans son recueil.*

F. D.

[1] Le Brésil.

Em pensativo arroubo;
De teu estro essa luz tam maviosa
Que aos meus olhos do meu bem mostrava
Mais do qu'ella, suaves.
Os fagueiros melindres, os carinhos,
Mais brandos que do zephyro o bafejo
Que te adoça no estio.
Prazeres e tam vivos, e tam varios,
Quaes em côres os circulos que cingem
De Cynthia a redondeza.
Favores que avarento cala o peito,
Qual o silencio teu então calava,
D'elles so testimunha;
Ah! não me lembres, não, mudem-se ó Noite!
Doces momentos em tristonhas horas,
Em lagrymas os risos.
Ó despotas d'amor! divinos olhos,
Lingua do coração, sim, eu te amo,
Disseste antes que os labios.
Como d'amor pintaveis os enlevos,
Extasis que sem vós dentro no peito
Abafados ficaram?
Augmenta-se o prazer, prazeres dando,
E vós da amada delatando os gozos
Junctais ao nosso os d'ella.
Mais o pejo esconder procura os gostos,
Mais indiscretos sois, doces traidores
D'amorosos segredos.
Em languidos requebros quando... oh! longe,

Longe molles lembranças, que enfraquecem
O peito nos perigos.
Ancioso pola patria, a patria busco:
Quaes d'ella são meu braço, e a vida, sejam
Meus pensamentos todos.
Ó Noite! manda favoraveis auras
Que o espaço encurtem: ah! ja são mui longos
Tam miseros errores.

ODE II.

Á VIRTUDE.

O homem c'o a invenção supera o bruto;
O impulso das paixões co'a razão doma;
Amor o faz humano, a honra probo;
Orna-lhe a mente o studo.
Mas no olvido dos seculos a morte
Tudo some, se vós porção do Eterno,
Vós que ao Eterno similhais o homem,
Não lhe endeusais o sprito.
Da omnipotencia a mão sinto elevar-me;
Fóra me julgo da fraqueza humana,
Quando fallas virtude; e ao mesmo Eterno

Cuido tocar de perto.

Se a fôrça ao cadafalso o justo arrastra,
Cai das mãos do juiz das leis a espada,
Cora a injustiça, treme a tyrannia,
E ant'elle reos parecem.

O perigo, a miseria ant'elle embora
A enorme catadura assanhe, afeie;
Baqueie o mundo embora, entre as ruinas
Sereno alteia a frente.

A seu mal impassibil, terno ao d'outrem,
Não goza se outro soffre; a dor espreita;
E os bens que faz, com lagrymas ornando,
Nunca insulta o infortunio.

De rôjo, quando vil serpeja o crime,
Brilha, qual resplandor de luz celeste;
Na etherea região o esprito adeja
A tudo sobranceiro.

O que ao vulgo deslumbra desdenhando,
Da fortuna ouropel n' adversidade,
De fingidos amigos não espanta
O refalsado rosto.

Sem ti nobres paixões se tornam vicios;
É conluio a amizade, amor licença:
Grasna o remorso, se emmudece o crime
No peito do perverso.

Na vida o mau do bem goza arremedos;
Na morte os crimes em tropel o esmagam;
Todo é remorso então: co'a morte o justo
Melhor vida recebe.

É da vida no termo, é na disgraça,
Que desfeitos do engano os vãos phantasmas,
Chorando os devaneios, porêm tarde,
Pola virtude exclama.

BORGES DE BARROS.

Dithyrambos.

A BACCHO.

Os brilhantes trançados ennastrando
Com verde myrtho, com cheirosas flôres,
Nos lindos olhos vivo rutilando
O doce lume
Do cego nume,
Alvas donzellas,
A quem vos ama,
Da crespa rama,
Que Bassareu
Ao mundo deu,
Co' as brancas mãos no copo crystallino
Lançae ligeiras
Louro Falerno, rubido Sabino;
Eia, voae
Deitae, deitae;
Gro gro, ta tá,
Que cheio está:

Ora brindemos
As gentis Graças, castos Amores:
No mar lancemos
Rixas, tristezas, mágoas, temores.
Mas de coradas nuvens, afumados
Vejo emtôrno gyrar os negros montes:
Candida espuma
De purpureas fontes
Ferve, e se enleia
Na crespa veia
Com que o ribeiro
Corre ligeiro.
Per entre aveleiras buliçosas
Das balsas espinhosas,
Mil capripedos Satyros auritos,
E mil Faunos brincões,
Ja véem saltando,
A terra c'o ruidoso pe trilhando.
Sincinnas choreias,
Bistonidas feias
Formam bradando
Evohé! Saboé!
Amores inspira:
O doce Leneu,
Amores bebamos,
Do peito lancemos
Os sustos, temores,
Nos copos ja temos
As Graças, Amores.

Evoé.
Ó padre Lyeu!
Saboé,
Evan Bassareu.
As férulas protervas coriscando,
Entre as cervinas pelles maculosas,
Derramam brilhantes
Trémulas estrellas,
Sôbre as sôltas bellas
Fulguri-crinantes
Tranças pampinosas
Das thyrsigeras Thyadas raivosas,
Corycio escutando
O phrygio clamor,
Está ululando
Com triste fragor.
Sôbre o prado ameno
Tremilhicando o pavido Sileno,
Do ebrifestivo copo, que trasborda,
Pela micante borda
Deixa entornar, com rubicundo rosto,
O cheiroso rubi, o quente mosto:
Encrespou o nariz, e sacudindo
Os humidos bigodes, ficou rindo.
Evohé.
Ó padre Lyeu!
Saboé,
Evan Bassareu.
Com thyrso potente,

Em carro luzente
De tigres puxado,
Dourando este dia,
Desterra o cuidado,
E traze alegria.
Evohé.
Ó Padre Lyeu!
Saboé,
Evan Bassareu.
Os copos brilhantes
O bom Nictileu
Em brindes retinem,
E Amor adejando,
C'o as azas rorantes,
Se está mergulhando
Em ondas brilhantes.
Evohé.
Ó padre Lyeu!
Saboé,
Evan Bassareu.

GARÇÃO.

DITHYRAMBO.

Ludentis speciem dabit, et torquebitur....
HORACIO.

Este, que hoje tocar ousado intento,
Oh pastores de Arcadia!
Thyrsigero instrumento,
Que primeiro em minhas mãos soa no Menalo,
(E talvez espantado o vulgo escute)
Que um furor desusado me inspira,
Que me accende, me eleva e transporta,
A minha não é usada lira,
Que nas azas suspenso deixa o vento;
Mas a que Arion pulsava
Quando Bromio cantava,
Ou aquella do Reddi afamado,
Que soltando a voz soberana,
Fez entrar Baccho em Toscana
Das Bistonides cercado;
E do Arno florido nas frescas ribeiras,
Os thyrsos vibrando, saltarem ligeiras.
Mas ja sinto bramar-me de emtórno
O rouco alarido de sistros e vozes.
Évohé! resoam do Menalo as gruttas,
Évohé! repetem as Melias ferozes.
Sim, é presente o gran' nume,
O filho de Jove emberbe,

Que meu peito com seu lume
Me inflamma, me atiça, e me abrasa.
Tragam-me vinho do turvo Douro,
Seja tincto ou seja louro;
Que a gran' sêde,
Em que me accendo,
N'elle pretendo,
Hoje apagar.
Eis empunho um grande copo,
E ligeiro alçando o braço,
Este, que faço,
Brindes suave,
Pastores de Arcadia,
A vós, que primeiro
Da prisca Roma,
Da antiga Grecia
As desprezadas
Naturaes graças
Do Tejo ás margens
Trazer ousastes:
A vós, que primeiro,
As silvas segando,
Que o luso Parnaso cubriam,
E de agudos abrolhos enchiam,
O grande caminho traçastes,
Que depois seguiram gloriosos
Outros novos espritos famosos,
Arando o mesmo agro;
A vós o consagro.
Oh cepa venturosa! que produzes

Licor tam saboroso!
De teus ramos, se a ideia me não mente,
Croa o vermelho Bromio a intonsa frente
No estio caloroso,
Quando Syrio ladrando a terra inflama.
Nunca do ardente Clario as claras luzes
Crestem tua rama,
Ou densa novoa em flor teu fructo opprima.
Nunca o *maglino* capro em tuas vides
O roaz dente imprima.
Outra vez tórno a encher o grande vaso,
Caros pastores!
E em honra vossa,
Outra vez, com a mesma graça, o vaso.
Oh vinho generoso!
Por ti sinto elevar-se o meu esprito.
Ah! se me irrito,
Com ésta lança
Derrubarei per terra
A suberba Inglaterra,
A inconstante França.
Oh! se me eu via
Nas montanhas de Thracia
C'uma mystica audacia
Na Bacchanal orgia
Um thyrso floreiando!
Que não faria!
Que não diria!
A voz levantando,

Assim cantaria :
Triumpho! Victoria!
Cantemos de Baccho
O louvor, e a gloria.
De Baccho que alenta
Os membros cançados,
De Baccho que augmenta
Da formosa Venus a graça e belleza,
De Baccho que afasta de nós a tristeza.
Porêm que ave estranha nadando nos ares
Estende umas vezes, outras vezes cerra
As compridas azas? Ah! ja chega á terra.
Oh pasmo! oh portento! oh nunca visto caso!
Este é, oh pastores! o gentil Pegaso.
Apollo brilhante (se em tal não te afronto)
Com tua licença sôbre elle me monto.
Eis ja pelos ares me leva voando
Ao monte difficil do sacro Parnaso.
Que novo me abrasa sacrosancto lume?
Poeta me sinto, poeta famoso,
E as plantas estampo no partido cume.
Que fontes de vinho espumoso!
Que ulmeiros de vides cingidos!
Que doce harmonia
Me fere os ouvidos!
Ah! não é este o cume sagrado
Ao louro Phebo;
Mas ao mirrado brincão mancebo,
Que o thyrso empunhando

Os reinos da Aurora
Em viva guerra foi devastando,
Debaixo das heras deitado,
Dos bailes, das graças cercado,
Um frasco de vinho brilhante
Chega raisonho á meliflua boca,
Em quanto Cupido
A lyra lhe toca,
O suave Anacreonte.
O borracho Cratino,
Que d'elle está defronte,
Um copo purpurino
De vinho generoso
Da fabulosa Creta,
Sorvendo está gostoso.
E o poeta gentil do antigo Lacio,
Ennio famoso,
Rude n'arte no ingenho poderoso,
N'um odre stá sentado,
E aope d'elle deitado
O grande Horacio,
O cysne Venusino.
Oh côro divino!
De Apollo sagrado,
As grandes infusas
Em louvor das musas
N'ésta fonte enchamos,
E ledos bebamos.
As filhas cantemos

De Jove sagrado:
E de seus alumnos
Em honra e louvor
Qualquer de nós prove
Do doce liquor.
Ora sus! levantae-vos em pé
E clamai sem cessar: Evohé!
Em quanto prostrado, com trémula mão
Encho ebri-festivo um grande cangirão.
Tu que cantando do grande Gama.
Fizeste eterna no mundo a fama,
Sempre famoso,
Ou com as trompas
Os ares rompas,
Ou dos amores
A doce pena,
Que o ceo te ordena,
Cantes saudoso
Na branda lira,
Ou rude avena
Entre os pastores;
Tu em meus versos benigno inspira
De tuas vozes o grato accento:
E em quanto respeitoso a mente inclino,
Dóbro o joelho, e o grande vaso empino.
Ésta de roixo vinho taça cheia,
Sangue espremido da gentil parrêira,
Consagra-la pretendo ao bom Ferreira.
Ferreira illustre.

Que per modos diversos,
Ou deu versos ás leis, ou leis aos versos.
Ferreira, que assombrando a culta Athenas,
Calça o cothurno ás Tagicas Camenas:
E na lyra sonora e som campestre
É dos nossos pastores sabio mestre.
Tragam-me um copo ja de branco vinho,
De liquidos topazios fino orvalho,
Com que brindar pretendo ao bom Mausinho,
Ante meus olhos
A todo o instante
Tenho presente
Da bella Zara
O sonipede ardente,
Que o freio mastigando em branca escuma,
Pelas ventas abertas sopra e fuma;
E com o pêso
Da nympha bella
Se embrida mais e altera.
A mesma nympha
Sôbre elle vejo
A manga a meio-braço recolhida,
E a trança d'ouro
Aos ventos esparzida:
Qual Arpalice,
Que ao longo do Ebro
O ginete lançando
Á rapida carreira,
Que o veloz vento corre mais ligeira.

Elle ferindo a magestosa cythara
C'o plectro soberbo,
Fez eterno no mundo o Affricano;
E eu de seu nome em honra agora vaso
Este odori-fumante cheio vaso.
Este que agora empunho
N'ésta taça,
Derretido rubim,
Este sim,
A ti bebo suavissimo Bernardes,
Que nas frescas manhans, serenas tardes,
Á sombra de altas árvores soltando
Doces queixas de amor em doce rhima
Tam célebre tens feito o manso Lima.
Mas onde ficas tu claro Ribeiro?
Tu que primeiro
No luso campo as canas ajunctas-te,
E imitar o deus Pan cantando ousas-te?
Este pois vinho cheiroso,
Saboroso,
Generoso,
Da Madeira
Aqui vindo,
Para os brodios
De Leneu,
Racimifero
Porta-thyrso,
Rompe terra
A ti brindo.

A ti... mas sinto, sinto
Apollo, que enfadado ja me manda
Outro copo brindar de vinho tinto
Ao docto Sá Miranda.
Nymphas do Aonio coro!
Vêde, que em o fazer, me não demoro.
Outro brindo em continente,
Até ver-lhe o centro oco,
A ti grande Gil Vicente,
Que calçando o humilde soco,
Deixar fazes em silencio
Eupolis e Plauto, Menandro e Terencio.
Venha vinho, venha á preça;
Que brindar quero tres vezes
Ao illustre Sá Menezes.
Inda agora o manso Leça
Com as nymphas vai dançando
De teus versos ao som brando;
De seus bosques na espessura
Inda o tom suave dura;
Inda o echo pelas grutas
O repete vezes mutas.
D'outro illustre Sá Menezes
A gran' fama me convida
A beber,
A louvar,
A cantar
Sua glória aos ceos subida.
Quantas vezes

De Thitonia o triste fado,
Em seus versos celebrado,
Tem regado
De sentido
Pranto amargo
Na dourada
Chersoneso
As fulas filhas da Aurora esmaltada!
Quantas vezes
Fulminar estou vendo em seu canto
De Albuquerque terribil a dextra
O povo infido da fera Malaca!
Ora pois em seu applauso
De bom vinho moscatel
Bebo inteiro um grande vaso.
Esse vinho que brilha
N'essa vasilha,
Que vinho é?
Se não me engano,
Vinho é do Porto,
Que o nosso Baco
Para conforto
Quando está fraco
Costuma usar.
Encham-me pois
D'esse liquido pyropo
Todo este copo,
Que inteiro quero
Bebe-lo em honra

Do grande Andrade.
De ti Andrade,
Agora fallo,
Que de todos o primeiro,
De Verona o cysne imitando,
Entre nós gracioso derramas
Os curtos, mas picantes epigramas.
So te vejo n'ésta estrada;
Mas seguir-te a mi me agrada.
E entretanto de vinho o copo arraso,
E em louvor de teu nome ja o vaso.
Outro va igual
Ao Côrte-Real;
Que ao Monte-maior
Não hei de brindar.
Guarde la sua *Diana*
Para a gente castelhana;
Se screvêra em portuguez
O brindára d'ésta vez:
Mas deixar o doce puro
Abundante
Elegante
E brilhante
Idioma Lusitano;
E por quem? polo Hispano!
Não o soffro, nem aturo;
Nem Apollo aturaria:
Porque bemque costumado
A soltar sua harmonia

Na riquissima Argíva linguage
(Que de todas as mais tem ventage)
Na Latina e Italiana ;
Quando falla a Lusitana,
E no Pindo n'ella canta,
Da Memoria as filhas incanta.
Mas oh ! que ja esquecia-me
Do rosado Oriente a joia , a perla ,
Tu Fernando belligero
Que a lança, e a cythara
Vibrando intrepido,
Tocando harmonico ,
D'altas palmas á sombra a voz alçaste ,
E a Clara *Lusitania* transformaste.
Com este vinho ,
Da cuba vindo ,
Eu ja te brindo.
Mas um novo brindes agora me chama.
Silencio ! silencio ! que Phebo me inspira.
Oh tu Candido divino,
Cujo nome, cuja fama
Pelo mundo se derrama ,
O pastor da Arcadia Elpino ,
Que as leis soberanas, que dictas, recebe,
Um copo brilhante
De vinho fumante ,
De vinho cheiroso,
Emtórno saltando, ja bebe gostoso .
Outra vez a voz levanto,

É com ella um odre, e digo :
A ti Foyos, doce amigo ,
Que nos enches de alegria
Com teu canto,
De suberba malvasia,
Mas que caia aqui de borco,
Ésta grande pelle emborco.
As correntes
De Hippocrene
Se turvaram ,
E confusas
Com o susto as ternas Musas
De mão as lyras deixaram :
E o intonso auri-crinito
Porta-lyra ledo Apollo ,
Arrancando o verde louro ,
Que a cabeça lhe croava,
Pela terra o arrojava :
E n'um teixo a lyra de ouro,
Que pendente tinha ao collo,
Pendurou
Quando a fama publicou ,
Que a malina
Libitina
Contra ti da fouce armado
Tinha o braço levantado.
Mas na Arcadia inda maiores
Desconcertos se observaram.
Derepente se murcharam

Do Erimantho nas margens as flores,
E no Menalo os verdes pinheiros,
(Quaes se fossem de raio tocados)
Quasi todos se viram crestados.
As ribeiras sem chuvas cresceram,
O campo inundaram,
As vinhas perderam;
Perderam-se gados,
Morreram rafeiros;
E como assombrados,
Os tristas pastores
Nem luctas tiveram,
Nem versos cantaram.
O mesmo Sileno,
Na grutta mettido, se via sosinho
Sem molhar os beiços n'um frasco de vinho.
Mas depois que a bella Hygia,
Dom de Jove o mais precioso,
Do ceo veio, e estentendo
Sôbre ti as puras azas,
Fez fugir a descarnada
Macilenta morte fea,
Os campos brotaram mil cheirosas flores,
E a formosa Cytherea
Rodeiada dos Amores
Com as nuas Graças e verdes Napeas,
Alegres choreas
Formaram ligeiras,
Ornámos de rosas as nossas monteiras:

E o velho caprino,
Saltando de gosto,
No campo vermelho,
E tincto de amoras o peludo rosto,
De forte agua-ardente
Á tua saude
Ja bebe contente
De um trago um almude.
Amigos toquemos,
Bebamos, cantemos
O nome de Foyos;
A Feyos louvemos.
Com raros encomios
O seu grande nome
De Evio Brisseu,
Do bom Bassareu
Ás orelhas alegres levemos.

Diniz.

DITHYRAMBO.*

TENOR.

Hoje que torna,
Gentil Maria,
Teu feliz dia,
Damon entorna
Do crystallino
Frasco benino
No copo ingente
O reluzente,
O Ebri-festante
Vivificante
Licor dourado,
Que Bassareu
Ao mundo deu:
Como o Universo,
Mais do que Juno,
Mais que Minerva,

* Este é um dos melhores *dithyrambos* de Domingos Maximiano Tôrres; e, como tal, o inseriu Francisco Manuel na grande edição de suas obras feita em París, em o anno de 1818.

Que o azul Neptuno,
E a mais caterva,
Que o Olympo encerra,
Que habita a terra,
O mar profundo
O abysmo immundo,
O gran' Lyeu
Enriqueceu!

IIº TENOR.

Aqui tens Alfeno, a ambrosía,
Que a fertil Chamusca nos manda,
Moscatel dourado e divino,
Que alegra e agita a loura Irlanda.

Iº TENOR.

Eis o primeiro copo empino
Dicando-o a ti, linda Maria.
Novos sons nunca escutados
Soltar vou... fugi ligeiros
Co' a profana plebe rude,
Sobrios vates adamados,
Para os *rancidos outeiros*;
Que eu beber quero um almude,
Té que Baccho facil deça,
E do Pindo traga as flores
Com que eu teça
Os louvores
Da donzella

Meiga e bella,
Tenra vara
Que brotara
Hoje um ramo
Que tanto amo,
Ramo em mil virtudes fertil
Dos honrados, e dos bons
Mathevons. *

CÔRO.

Viva a bella Maria! viva! viva!

II° TENOR.

Agora que a taça nitente
A escuma transborda fervente,
Inundo as sedentas entranhas,
Em que, gran' Leneu, ledo banhas
O vermelho imberbe semblante,
E o louro cabello ondeiante,
Çumo das pingues cepas ramosas,
Que tu mesmo benigno plantaste

* Familia franceza de quem Francisco Manuel foi constantemente amado. Mathevon era homem de lettras dotado de purissimo gôsto. Grande sabedor de Horacio, compoz algumas odes latinas, nas quaes imita a maneira d'esse sabio mestre. As dictas odes foram quasi todas vertidas em linguage per Francisco Manuel.

Quando á fresca Setubal chegaste,
Nas circunstantes serras viçosas.
Oh vati-comada
Progenie de Jove!
D'est' alma remove
E dardeja aos ares
Os crueis pezares,
Malifica praga,
Da desgraça filha,
Com este que brilha,
E o peito me alaga
Teu sacro licor.

CÔRO.

Desce propício, padre Baccho, desce!

1º TENOR.

Basta; deixae-me orar ao grande Bromio.

ou

Silencio; que exorar a Bromio quero.

Adjuda-me, Damon, nos sanctos ritos:
Primeiro em derredor do altar sagrado,
De pampanos ornado,
Tres vezes move a mystica ciranda;
Depois do almo Mação alambreado
Um cyatho * capaz libando entorna,

* Copo, taça: do latim *cyathus*.

Em quanto eu outro, que de vinho arraso,
Pela garganta sitibunda vaso,
E os meus rogos envio
Sôbre as azas de um hymno alti-canoro;
Té que com este duplicado incanto
O deus deduza do apollineo coro.
Oh padre! co' a dextra
Digna me fulmina,
E extingue a trilingue
Serpente furente
Da tristeza eterna,
Que n'alma se interna,
E mal n'ella aponta
Gôsto ou esperança,
Sôbre elles se lança
Famelica e pronta
Com ímpio furor.

CÔRO.

Desce propício, padre Baccho, desce!

II° TENOR.

Damon, Leneu inda não apparece?
Dá-me outro copo d'aquelle que imita
A accesa côr de Ariadne formosa,
Quando passou de amargura infinita *

* Ésta princeza tendo fugido de Creta com Theseu, foi per elle abandonada sôbre um rochedo na

Mais que nenhuma mortal venturosa,
Dos braços invenciveis
Que mil monstros terriveis
Votaram a Sumano,
Do nosso soberano
O crin-aureo Lyeu;
E em tal gôzo e doçura
A sua alma engolphava,
Que attonita e extatica
A ventura fantastica
Da irman não invejava,
E até se deslembrava
Do perfido Theseu.

CÔRO.

Desce propicio, padre Baccho, desce!

I° TENOR.

Eis empunho o copo brilhante
Do doce-ambri-fogo ondeiante;
Eis ligeiro o esgoto de um trago,
E da sêde as iras apago...
Évohé! Saboé!
Ja chegado o deus é!
Ja me offerece as flôres do Pindo,

ilha de Naxos; onde passada a fôrça da dor, com que amargamente chorou a sua desgraça, fez-se sacerdotiza de Baccho, que a sposou.

E o pampinoso thyrso brandindo
Ao coração, pela boca, me cala.
Traz d'elle attenta, Damon adorado,
Que brincão bando d'espritos abala
De porta-jubilos settas armado!
Ferve em meu peito
A alegre tropa;
E em guerra brava
Ja Bromio trava,
E o thyrso ensopa
No torpe sangue
Da vil Tristeza,
Que sem defeza
Baqueia exangue
E a arquejar.

CÔRO.

Evohé! viva Baccho! viva! viva!

II° TENOR.

Venha a botelha que encerra o rocio
Que destillou o feliz Lavradio. —
Que é isto, Alfeno? vasia deixei-a!
Estou desperto, ou sonhando? Não minto...
Como tu n'alma tumultos eu sinto...
Não escutas, não ves, doce amigo,
Com que tropel Evan triumphante
Conduz a accesa turba saltante,
Contra o bruto esquadrão inimigo,

Que se entrincheira no peito chagado
Dos sengui-sedentos pezares?
Zunem settas, cruzam os ares...
Ja trombetas roucas resoam...
O estridor, e os roncos me atroam.
Que ouço! victoria!
Victoria! grita
A turba invita:
E o bando infando
Passa, trespassa,
Escala e estala,
Que pela boca
Me desemboca
A sibilar.

CÔRO.

Evohé! viva Baccho! viva! viva!

I° TENOR.

Évohé, Nyctileu thyrsipotente!
Como toda minha alma desassombras,
Da luctifica turma, que tremente
Corre a engolphar-se nas tartareas sombras!
Inunda-me agora
A mente com teu nume
Aviva o immortal lume,
Que no peito infantil me accendeu Phebo:
E adjuda-me a tecer alma capella
De sempiternos hymnos

Aos nataes faustos da gentil donzella.
Mais vinho, mais vinho
D'aquelle côr d'ouro,
Orvalho da rama
Que ao timido Douro
A urna lhe enrama,
Que heide embriagar-me
Té Bromio emprestar-me
Seu sancto furor.
Silencio! silencio!
Ja Evio fremente
Toda me fulmina
A férvida mente,
E a lyra me afina
Do Dirceu cantar.

CÔRO.

Viva a bella Maria! viva! viva!

II° TENOR.

D'onde, oh deusa da alegre juventude!
Colheste a ideia, quando te esmeraste
Em tecer o lindissimo despojo
Que lhe a alma veste, ninho da virtude
Da engraçada Maria?
De que jardins celestiaes roubaste
Os lacteos lirios, as sanguineas rosas
D'éstas faces formosas?
Mas ja Baccho o mysterio me revella.

Tu mesma, oh Hebe! te desfarças n'ella:
Não, seus labios ardentes
De fendido rubim,
Nem tam nítidos dentes
De burnido marfim,
Bemque lide a natura
Ja mais póde crear.
São das graças so dinos
Os seus olhos brilhantes;
E os subtis ondeantes
Seus cabellos divinos,
Aureo esmalte do collo,
Sem ceder aos de Apollo,
So Amor no alto Olympo
Os podia fiar

CÔRO.

Viva a bella Maria! viva! viva!

1º TENOR.

Tragam-me vinho da ilha viçosa
Que os mortaes nescios Madeira nomeiam,
E os immortaes nova Chypre formosa;
Que com o nectar mil vezes misturam,
E a Venus lisonjeiam:
Com elle puro brindando á porfia,
Dos seus nataes ao festivo almo dia.
Encham dous copos cadaum raso, raso...
Ja nas ardentes entranhas um vaso

A ti brindando
Tenra donzella,
Affabil, bella;
Antes estrella
Do Tejo louro,
Rico thesouro
Que a lusa terra
Suberba encerra
Roubado ao ceo.
Brindo c'o outro
Ao seu papá
Que rindo está
Como um baxá
No seu sophá,
Juncto á captiva
Formosa e viva
Télli esquiva,
Mas ja não tanto;
Que as faces molha
De dubio pranto,
E a furto o olha
Tincto de pejo
O gesto seu. *

CÒRO.

* *Viva o gran' Mathevon! Maria viva!*

Pintura cheia de graças, d'estylo, e de poesia!

TIPLE.

Mas que prodigio subito ineffabil,
Dos meus olhos, da mente toma o freio!
Vejo da madre terra roto o seio,
Que em desmedido bárathro se alonga
Té a sagrada grutta d'onde o Lethes
Em somnolentas roucas bolhas brota. *
D'ella sai terra informe
Á minha vista ignota,
Mais horrenda que o Cérbero triforme?
Qual serpe vem de rôjo,
É toda immensa boca, immenso bôjo;
De contínuo devora
Honras, grandezas, titulos faustosos,
Sceptros, tiaras, feitos gloriosos,
Que emtôrno o ímpio tempo lhe rebanha; **
E so ao seu furor os fados negam
Quanto as da Aonia ingreme montanha
Tutelares gentis ao canto entregam.
Ja para nós dirige o veloz curso
O monstro detestando,
Pelas inchadas ventas exhalando
Espesso o crespo fumo que o ar enluta:
Eis da garganta bruta
Fazendo emmudecer de susto ao vento

* Verso que imita bem o que exprime.

** *Lhe ajuncta, apinha.*

Rompe a toante voz, o mundo atroa :
« Eu sou mortaes, o torpe Esquecimento,
Filho da tenebrosa Eternidade,
Que c'o esquadrão dos hymnos que revoa
Emtôrno ás vossas liras,
Desejo apascentar as minhas iras. »
Que sorte lhes insta !
Que trance apertado !
Ja tenho gelado
O sangue de horror.
Que mágoa ! que pena !
Como tal ordena
Do Fado o furor !

CÔRO.

Accode aos tristes, Baccho invicto, accode!

I° TENOR.

Damon! Damon ! oh ceos ! oh corre, amigo,
Sus, * mais vinho... mais vinho depreça.
A vasta boca a abrir ja começa
Para os tragar o monstro inimigo.
Da-me o nectar das cepas de Tires...
Bom !... eu farei que em vão te retires,
Maldicto, urrando ao reino de Dite

* A nossa lingua não é inda tam rica, para abandonar-mos este, e outros termos de que os classicos se serviram felizmente.

Por mais que a Inveja, e o Tempo te incite.

CÔRO.

Accode aos tristes, Baccho invicto, accode!

IIº TENOR.

Eis n'estes copos dous crystallinos,
Que um frasco inteiro embebem no bojo,
Vou mergulhar tres vezes os hinos;
E o resto á vil carranca te arrojo...
Que é isto? ao Orco foges pulando,
E o focinho bramindo sacodes!
Volta aos hymnos: devora-os se podes.
De corrido embrenha-se
Na grutta sombria
Do Lethes somnifico,*
E sôbre ella o bárathro,
Com fragor terrefico,
Logo se fechou.
O canto grandiloquo
Ouvi, oh vindouros!
A harmonia celica
Que co'as doces Pierides
A Maria angelica
Alçar ledo vou.

* Nova elegancia com que o poeta enriqueceu o idioma.

CÔRO.

Viva a bella Maria! viva! viva!

I° TENOR.

Quando, oh nympha! do empyreo radioso
Aos campos tagitanos
Baixou ufano o instante venturoso,
Que te deu aos attonitos humanos;
O altitonante * Jove,
Sôbre as pennas horrisonas do vento,
Corre a privar de luz e movimento
Aos astros d'onde chove
Maligno influxo sôbre o triste mundo;
Nem as sanguineas crinas desentrança
Pelo ether cometa furibundo.
O oceano lucifero e profundo,
D'onde o perenne fogo se deriva,
Que alimenta, que aviva
A cem sóes, que no ar gyram nadando,

* Nós ja temos muitos vocabulos compostos tirados do Latim, porque não faremos, e adoptaremos muitos outros tam necessarios em poesia? Ousem pois os futuros Ingenhos dar este nobre exemplo, e fico, que apezar de franzirem o beiço puristas acanhados, chegará o Portuguez, ja bello e rico agora, a rivalisar em bardimento e concisão com a lingua latina, de que traz a origem.

J. B. DE ANDRADA.

De alto gôzo suberbo transbordando
Com alma inundação de luz os cobre
O seu benigno aspecto te descobre
Dos planetas a turma refulgente,
E abrindo o cofre seu, de dons sublimes
Derramam sôbre ti formosa enchente.
Deem-me vinho, que tenho a voz rouca,
E o divinal furor se me apouca.

I° TIPLE.

Toma este spumoso
Líquido rubim.

II° TIPLE.

Qués * antes do Alambre
Que vence em fragrancia
A rosa, e o jasmim?

I° TENOR.

Venha este. . ceos! que subtil porta-fogo!
Basta; calae-vos e ouvi-me, vos rogo.
Ornada de taes dotes soberanos,
Lindissima Maria,
Quaes ja florecem em teus verdes anos,
Se eu não debalde denodado rejo
Das nove irmans o carro luminoso
Pelo reino fragoso

* Por *queres.*

Do futuro nublado,
Ja émulas te vejo
Co'as azas da innocencia, da virtude,
Longe da plebe cega,
Os remontados vôos que desprega
O aureo cysne do Loire
Pelo ceo da honra austera.
Alli da Fama o templo demandando,
C'um cheveiro de raios scintillando,
Que pelo vasto Olympo reverbera,
Themis vos dá em prémio, oh almas bellas!
As roupas immortaes com que vestira
As tyndareas estrellas.
Serie ínclyta de heroes
Piza os Orbes estrellados,
Cujos feitos em mil soes
São per Jove transformados,
Que escurecem as de Alcides
Immortaes brilhantes lides:
Pelo Empyreo ja resoam
Festivaes suaves sons.
Juncto aos deuses se recostam;
Ja o nectar, e a ambrosia
C'os purpureos labios gostam:
Prole é tua, gentil Maria,
Um e um a ti se humilha,
A abraçar-te gloriosa
E aos honrados Mathevons.

TODOS.

Viva o gran' Mathevon! Maria viva!

CÔRO.

Façamos silencio
Que as leves napaeas
Co'as nymphas do Tejo
Ja travam choreas,
Com digno festejo
Honrando á porfia
Da linda Maria
O dia feliz.

DOMINGOS MAXIMIANO TÔRRES.

DITHYRAMBO.

Bacchus reçoit les victimes d'amour.
BERNARD.

Chovendo estragos Orion ensifero,
Investe o mundo pavido;
Reveis frementes vortices,
Procellas mil horrisonas
Compoem seu bravo exércite.
Não longe o hinverno revoltoso assoma
Batendo as azas frígidas,
Rugem-lhe emroda tormentas rígidas,
E a porta-gêlo emaranhada coma
Erriçam-lhe enraivados
Nordestes assanhados.
O brumal tempo agourando
Dos Ripheus alcantilados,
Em confuso vago bando
Véem piando
Rubros frios ouriçados,
Ás pungentes azas dando.
Ah Celia amavel! que somos victimas
De seus immanes impetus,
Volveu-te a fôrça das crueis rajadas
Os brancos membros tremulos,

As faces carmesins, as mãos rexeiadas.
Que faremos?
Como a fria estação fugiremos?
Eia ledos a Baccho brindemos
De seu fero rigor zombaremos.
Aqui temos
Longo esquadrão de gravidas botelhas,
Qu'as bocas vermelhas
Tem inda arrolhadas:
Destapemo-las,
Despejemo-las;
Eis ja saltam as rolhas!
E involto em alegria
Tres copos coroados
Ja vejo, ó Celia! de espumosas bolhas.
As Orgias celebremos:
Evohé! Peian! Cantemos;
E c'os braços enlaçados,
Ledos brindes revezados
Hoje a Bromio tributemos:
Qual de nós libar primeiro
Do seu corpo o nectar puro,
Tome posse do terceiro...
Evohé! que fui eu mais ligeiro!
Por mais que afane,
Celia formosa,
Por apartar-nos
A sorte aveça,
Não te pareça,

Que separar-nos
Hade podêr.
Jamais o liquor placido
Que do almo Dionyso perfuma os altares
Desaloje cruentos pezares,
Cuidados mortiferos,
Remorsos anguiferos
D'essas almas obtusas, vulgares,
Que de nós murmuram,
Que brutais procuram
Um laço desatar, qu'a sympathia
A nossos ternos corações forjara,
Que proteje a razão, que o ceo ampara,
E mais aperta Amor de dia em dia.
Eis a mente veloz se anuvia!
O peito me enfurece
Frenetica alegria.....
Evan! que me parece,
Qu'em sanhudo leão me converto...
Não me halucino, é certo,
Hispida juba na cerviz me ondeia...
Garras crueis rompentes...
Sanguineos olhos, aguçados dentes...
Ebrio furor me presta.
De me ver minha Celia não fujas,
Que a Niseu na figura imitando
Quando
Ao tonante Jupiter
Os gigantes barbaros

Desthronar pretenderam sacrilegos,
Aquilão tyrannico
Heide ataçalhar.
Mas guarida, que estou profligado
Da caterva dos horridos Euros,
Da-me, ó Celia! uma taça depressa
Do liquor de Bordeos nacarado,
Possante,
Brilhante,
Cheiroso,
Gostoso,
Que envergonha ao Balais rutilante
No rubor, no gentil luzimento;
Qu'intento
Vence-los
Prende-los,
Prostra-los,
Deixa-los
Sem vida.
Quando a taça me dás Celia querida;
Não é mais engraçada,
Que tu a linda Aurora
De luzes coroada
No rútilo Oriente.
Da fulgida carroça apavonada
Os frisões auri-roixos
C'o flagello de rosas castigados,
Não teem mais graça...
Mas venha a taça

Evohé! bebe um gollo primeiro,
Que mais gôsto, maior fortaleza
Acharei no liquor lisonjeiro,
Que das almas alija a tristeza,
As mágoas suaviza,
E as rebeldes paixões tranquilliza.
Oh! não ves, Celia mimosa,
Apinhados
Pelo friso da taça formosa,
Em tumulto os Amores damninhos,
Debruçados
Dando sorvos, piscando os olhinhos?
Olha alguns, qu'embriagados
Com semblante furibundo
Dentro olhando a propria imagem,
Querem dar-lhe, e despenhados
Precipitam-se no fundo:
Do marulho, e da voragem
Os mais ficam salpicados,
E as cabeças sacudindo
Dos parceiros se estão rindo.
Ah Celia! Celia amada,
Apressa agora empina
A taça crystallina,
Se queres ter amor:
Porêm se es meiga,
Terna, constante,
Fiel amante,
De que te serve

Este liquor?
Silencio! silencio! ninguem me perturbe;
Alto influxo a cantar me afervora:
Ja tómo a eborea cythara;
Para a referta impavido
Vos desafio, leves Meonides;
Sois poucas,
Sois loucas,
Sois roucas;
Meu canto vence-vos, deixa-vos trémulas;
O vosso é languido, barbaro, frivolo,
Ah! vinde ligeiras ser minhas émulas:
Porque meu estro altivolo
Como ás filhas fizeste de Pierio,
E ás gentis Acheloides argutas,
Se cantar intentardes comigo
Vos fará d'este arrôjo em castigo.
Eia das frias Orcades
O almo sumo vitigineo
Tragam-me ápressa, que nunca embriaga;
Que pretendo cantar dignamente
O vencedor potente
Dos fulos povos da Memnonia plaga.
Deliro! não, eu vejo
Esquadrões horridos,
Turmas armigeras
Nos campos bellicos,
Movendo escandalo
Aos numes Celiços,

São os povos barbaros
Da zona soligera,
Que no carro luminoso
Vem Titão flammi-crinado,
Quando ja meio-acordado
Faz ao dia priguiçoso
Despertar do claro Ganges.
Dor é ver entre as fuscas phalanges
Como aqui, e alli guerreiro
Evio ligeiro
Toma a setta, arma o arco, aponta, mata;
E as tímidas cohortes,
Com repetidas mortes,
Suberbo desbarata.
Do Falermo purpurino
De Mareotis famosa·
Encho um copo crystallino;
Ei-lo é teu, Celia mimosa,
Acceita-o,
Empina-o,
Esgota-o,
Que eu mais dous encho ligeiro
De outra especie mais gostosa:
Que liquor tam lisonjeiro!
Na viva côr excede ás vivas brazas,
Dous copos tenho, ó ceos! são duas azas!
Deixem-me,
Larguem-me,
... Não me segurem, qu'as fôrças me quebram

Eu subo ás amplas regiões sidereas :
Ver pretendo se os numes celebram
La no Olympo tambem Antisterias.
Evohé ! sacro Osiris potente :
Não ha vinho que mais me cóntente,
Nem que tanto meus olhos deslumbre
Como o do Rheno ,
Suave , ameno :
Nem um vislumbre
Tenho agora dos negros cuidados ,
Que turbavam meus dias cançados.
Saboé ! que furor, me transtorna !
Soccorram-me , adjudem-me
A subir té á boca ésta dorna :
Quero empina-la ,
Quero liba-la ,
Quero esgota-la
Em honra do nume Thyrsigero ,
Que as mágoas adoça ,
A rugada velhice remoça ,
E qu'açaima os pezares cruentos.
Zunam ferozes desavindos ventos ;
Toldem-se os frios ares;
Rebentem nos recifes pedregosos
Negros revezos mares;
Troem roucos trovões estrondosos :
De horror na esphera escura
Os lentos passos mais ligeiras movam
Eliee tarda , e a tarda Cynosura

Que nunca as aguas de Amphitrite provam.
Com fragor horrido
Das encontradas nuvens nimbiferas
Chovam trisulcos tortuosos raios:
Echo fragueira desdobre á porfia
O horrisono rebombo
Na ouca penedia:
Qu'eu rio e zombo
Dos soltos ventos,
Revóltos máres,
Trovões raídosos,
Raios trifurcos,
Echos medonhos,
E resupino
Um grato almude
Hoje á saude
Ledo lhe empino.
Evan! Que vejo? eu sonho!
Eis se me antolha
De Bacchantes um bando risonho.
Celia, que fazes? olha...
Não escutas o som nos fundos valles
De tubas clangorosas,
De roucos ataballes,
De stridulos pandeiros,
De anafis, de buzinas espantosas?
Não ves, como ligeiros,
De corymbos e parras coroados,
Dos crespos silvados,

Das lobregas grutas,
Com tarros de Lyeu nas mãos hirsutas,
Saltam silvicolas satyros sofregos,
As plantas caprinas leves trocando:
E o desenvolto corni-pede bando
Não ouves cantando
Ó Baccho! Evohé!
Que refusas! vamos
De Niseu ás festas,
As testas
Cinjamos
De verdes pimpolhos...
Mas que vejo! dous Eus! duas Celias!
Evohe! numen Niseno,
Que meus olhos obumbrados
Fazem-me, tornam-me
Os presentes objectos dobrados:
Pois não é por estar vinolento.
Que dita! que portento!
O destino endeusou-me,
Em Baccho transformou-me,
Sou Baccho, e não duvides...
Das verdejantes vides
Em mim o Nume adora,
Agora
No sacrosancto nectar me embriago.
A azul esphera
Veloz transago;
Por mim, Celia gentil, um pouco espera,

Qu'a Jove revôo fulmini-potente,
Para que la no Olympo fulgente
D'um throno luzente
A posse me dé.
Ceos ! qu'em prazeres ardo !
Adeus Celia : não tardo.
Peian , Baccho ! Evohé.

B. M. Curvo Semedo.

DITHYRAMBO.

Dulce periculum est,
O Lenæe, sequi Deum
Cingentem viridi tempora pampino.
HORACIO.

Vem, vem, potente Baccho,
Vem domador das Indias invencivel,
Que os mosqueados,
Rabidos tigres
Reges sob'rano,
C'um açoite de vides dobradiças;
Que a desdenhada croa da princeza
(Antes que estrellas fôsse)
Com corymbos, com pampanos ornaste.
Tu, grande rei, governas
Os reinos da Alegria, e do Deleite:
Nossos humores
Punges, refreias:

* *Me juvat in gremio doctæ legisse Puellæ,*
Auribus et puris scripta probasse mea.
Hæc ubi contigerint, populi confusa valeto
Fabula: nam domina judice tutus ero.
PROPERCIO.

Tu animas as danças, os festejos,
E ameigas no teu collo as lindas Graças,
Que o riso airoso negam
Aos impios, que os altares teus não beijam.
Cai aos teus pés rasgado
A teu aceno o sêllo do segredo;
Francas as portas
Tens dos ministros,
Dos rêis cuidosos,
Se entrar em seus defesos paços dignas:
Tu, se co'a recedente invicta dextra
O coração lhe espremes,
Pela boca espirrar-lhe o arcano fazes.
Com branda amiga fôrça
Despedes das contentes companhias
Rancor pesado,
Sêcco silencio,
Grave Etiqueta;
Tinges de meiga côr nossos costumes,
E a fronte do sisudo desencrespas.
Por ti, ri a Virtude
Ao Amor, e a seus brincos buliçosos.
Vem, Baccho, de mãos dadas
Co'a molle Ociosidade voluptuosa;
Vimineos cestos
De almas botelhas
Satyros léves
Dos hombros fulos, ante mim deponham,

Aqui vazem rubí, aqui topazio
De trasbordada escuma,
Aqui rindo, o sedento seio alaguem.
Oh Nyctileu valente!
So de entoar na lyra os teus louvores,
Não sei que flamma
Vívida, fulgida
Serpeia e córre
A assettear, c'os petulantes raios,
As costas encurvadas dos Pezares...
Eis que trepa... eis que sóbe
Á casa da Razão, e m'a allumia.
Nóvo discernimento
Com novo radio extrema ideias novas.
Cruzam em bandos
Gentis conceitos
Louçãos, garridos.
Nova serie de acções de heroes corados *
Passam mostra no espelho do Futuro:
Outro povo, outros tempos
Se me offrecem, me esperam, me convidam.

* Perguntei ao Poeta porque razão chamou *corados* estes heroes; e elle me respondeu, « que nunca vira amante affincado do çumo da cepa, que não lhe saísse pelas faces a côr de çumo. » Ainda me disse mais, « que conhecera elle certo Thesoureiro d'uma Freguezia de Lisboa (que nunca bebia mais agua que a da missa) cujo suor lhe saía do corpo tam verme-

Que furor me arrebata!
Que novos ceos descubro, novos mundos!
Tudo são vinhas!
Tudo parreiras...
Um mar vermelho
Se estende e ondeia, crespo de navios,
Sem flammulas, sem vélas... Não, são dornas
São frotas, são armadas
De undívagos toneis conquistadores.
Ca descem das montanhas
Despenhadas correntes auri-dulces
Do Carcavellos,
Do bom Setubal,
Que aquece o seio,
Que ameiga, que aviventa a alma dos velhos.
Aqui dormentes sombras prazenteiras
Se debruçam das parras
Sôbre alastradas moitas de Bacchantes.
Como ronca o Sileno
Entre vasios potes do cheiroso
Nectar sadio!
Pelos bigodes

lho, que, no verão mormente, lhe pintava a camisa, e trespassando a loba, lh'a roxeiava. —

E perguntae aos sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura.

CAMÕES.

Nota do Editor.

A crespa escuma
Lhe ondeia ao som do folego cantante.
Arrepiados stridulos adufes
Alli jazem cançados
C'os pampinosos vingadores thyrsos.
Sôbre esteios nodosos
Repousa e estende os racimosos braços
A alegre vide;
C'o inchado bôjo
Regala a vista
O bago acceso; guapo as mãos convida,
Entre as viçosas folhas reluzindo.
Que de enfeitados templos
De devotos, que o bom Evan consola!
Destemido me assento
Ante ésta ara divina e rubicunda...
Como apressados
Mil sacerdotes
De pés fendidos,
Carregados de victimas undosas
Vem ornar-me este altar! Ponde no meio
A grande, a das quatro azas
E m'a adornae com bastiões de frascos.
Pela micante borda
D'esta bojuda taça espanca-enfados
Saltam Prazeres...
Ve como pulam,
Ve como estoiram,
C'os pés brincões, as apinhadas bolhas!

E no meio do lago, que derrama... *
Ólha nadando as nymphas,
As nymphas da alegria galhofeira.
Ólha, a travez das ondas
Que talham c'oalvo peito la no fundo
Baccho risonho,
Mui recostado
N'um throno de hera,
Que me acena c'o thyrso folheado.
Eu vou, eu vou, Leneu irresistivel;
Nos palacios do seio
Meu hóspede serás. — Entra de golpe.
Oh como um deus é grande!
Ondequerque aposenta, occupa tudo.
Os quartos da alma,
Os da memoria,
Té-qui tam cheios
De mordazes tristezas, de infortunios,
Tudo desalojou, tudo acha estreito
Para a pousada sua.
Baccho embebeu-me todo, e eu sou um Baccho.
Em fogosos Ethontes
Nos leve a repellões Apollo o dia;
Como uns instantes
As Horas voem:
Tacita a Lua
No carro argenteo acolha o fugaz Tempo

* Derrama, (de muito cheia) o licor que encerra.

Que eu transbordando Baccho, zombo e rio
Do seu bater das azas,
E lhe dou vaias c'o tinir dos copos.
Vaias lhe dou sonoras,
Quando cheio de ti, por ti poeta,
Nos bordões grossos
Da cava Lyra
Dou quatro golpes,
Com que este ar freme, atroa, estruge,
E vai pelas cavernas rimbombando,
Té que acorda a Delmira,
Que do folguedo de honte'inda hoje dorme.
Onde foste esconder-te
Deslavado Dorindo,* que os mysterios
Do augusto Bromio
Celebrar hoje
Foges esquivo?
Vem beber côres, vem beber saúde
Nas sacras taças d'este altar perenne:
Afoga-me esses philtros
Com que Esculapio te damnou o peito.
Tu por acaso julgas
Que uma agua sem sabor, sem cor, sem fôrça,
Nas froxas veias
Pinte, apresure

* O Snr. D. P. B. chamo-lhe *deslavado*, não porque elle o seja, mas porque o deslavaram então aqui com. . . .

Pallido sangue?
Encha de ardor o coração ensosso,
E discretas faíscas mande á testa,
D'onde alegria os olhos
Desça, e desça á boca o dicto agudo?
So foi dado a Lyeu
Povoar de altas ideias o juizo;
No verde Pindo
O docto Horacio
Nunca viu nymphas,
Sem que a mente primeiro confortasse
Com sangue de bacello. * D'alli versos
De atrevida harmonia,
D'alli prazer lhe vinha, vinha fôrça.
Cheio de ousado brio,
Que ésta croa me dá de louro, e de hera.
Aqui aguardo,
E os desafio
C'o copo em punho,
Os duros Valentões famigerados
Da viçosa Chamusca ou Lavradio;
Não ha hi desalmado
Gigante, Incantador, que eu não arroste.
Accende em rodas os fachos

* *Satur erat cum dixit Horatius Evoë.*
JUVENAL.
Horace a bu son saoul quand il voit les Ménades.
BOILEAU.

De resinoso crepitante pinho:
Entre mil lumes
Tremulos, rutilos
Bebo ésta grande
Taça ao grande Evio, est'outra a ti, Delmira,
Que auri-crinante chegas opportuna...
Ai como os campos dançam!
Dança a meza!—Dobrados vejo os frascos!

FRANCISCO MANUEL.

Cantatas.

DIDO.

Ja no roixo Oriente branqueando
As prenhes vélas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sôbre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullulando ,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
So ermas ruas, so desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta :
Com medonho fragor da praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas ;
E nas douradas grimpas
Das cupulas suberbas
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas

Do defuncto Sicheu com debeis vozes,
Suspirando chamar : Elisa! Elisa!
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara,
Mas viu esmorecida
Emtôrno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças :
E o derramado vinho
Em pelagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada,
Ja com tremulo pe entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostraram
As Iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descubriam
O lustroso pavez, a teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da baínha,
E sôbre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta :
De roixas espadanas rociadas

Tremem da sala as doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sôbre o leito
O corpo revolvendo, ao ceo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,
Éstas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouviram :
« Doces despojos
Tam bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os Fados,
Em quanto Deus
O consentiam;
Da triste Dido
A alma acceitae,
D'estes cuidados
Me libertae.
Dido infelice
Assás viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu :
Agora nua,
Ja de Charonte,
A sombra sua

Na barca feia,
De Phlegetonte,
A negra veia
Surcando vai. »

GARÇÃO.

CANTATA.

Á NOITE.

Ja o sol de purpureas froxas luzes
Croa as ferventes cerulas campinas,
Banhando aos arquejantes andaluzes
No mar as alvas fumegantes clinas.
As Horas os disjunguem;
E ao brando somno o deus nos thetyos braços
Manso e manso, abandona os membros laços.
Saiem do asylo das horrendas gruttas
Com as nocturnas aves agoureiras,
As sombras vergonhosas;
Pelos valles diffundem-se rasteiras,
Até que unidas ás do annoso bosque,
Afoitas mais e mais surgem e engrossam,
E do mundo se apossam.
Emtanto para o Occaso a noite dobra
O veo apavonado,
Que sôbre o seu azul manto estrellado
Invejosa estendera
A aurora vigilante.
No remanso do arroio murmurante
Ja fervem a chuveiros

Os reflectidos tremulos luzeiros.
Graças a Amor! assoma a feliz Hora
Tirada no seu coche
De cem Desejos férvidos, alados,
Em que me prometteu a minha Nize
De ouvir os meus queixumes namorados,
Na floresta de platanos que assombra
A entrada da caverna veneranda,
D'onde em mil borbotões de escuma o Mouro
Fervendo o seu liquor perenne manda.
Nize gentil, será, meu bem, possibil
Que hoje eu colha as dulcissimas primicias
De minhas esperanças vigorosas,
Do deus frecheiro pelas mãos mimosas
Da tua boca fonte de caricias,
De teus olhos travêssos
Em meu peito plantadas
Sempre de ardentes lagrymas regadas?
As portas d'alma, Alfeno pateuteia
Á celeste alegria:
Fogem d'ella os cuidados roedores,
E os pallidos temores.
Com branca pedra nota este almo dia.
Adeus, mágoas, adeus amargo pranto;
Torna, frauta, comigo ao ledo canto.
Ja Morpheu, do Lethes rindo,
Vai de sonhos rodeiado,
Sôbre o mundo fatigado
Molles somnos espargindo.

Dorme tudo, ó Nize bella!
So Alfeno e Philomella
Ternas queixas modulando
Vão turbando
O nocturno mudo horror.
Sancto amor que tens o ninho
Do meu bem nos meigos olhos,
Um pungente breve espinho
Tu elege dos abrolhos
Que em mim crava a saúdade,
Fere n'alma a tarda Nize;
Sôbre as azas da vontade
Voará ao seu pastor.
Eis desço ao valle. Eis entro o augusto bosque:
Que scena incantadora! Os ares cruzam
Immensos fuzilantes vaga-lumes:
Em quanto outros cravados
Nos frondosos doceis perenes brilham;
Emulando a floresta os ceos sagrados
De exhalações, de estrellas adornados.
Triste de mim! Não vejo a linda Nize,
Por mais que a selva emtôrno
Com os ávidos olhos investigo!
Vara gentil de ricos lavradores,
A cruel me desdenha
Prole de honrados miseros pastores.
Vivem inda os amores,
Inda susurra o virginal segredo
La no Latmio rochedo;

Alta noite acolhendo
No seio cavernoso
Da grande Cynthia o numen venerando,
Que ao acaso entregando
O govêrno do carro luminoso,
Dentro de veo nubloso
Sôbre os hombros dos zephyros baixava,
Endymião buscando,
Que entre ovelhas lanigeras jazia,
E nos braços do amado pegureiro
Do Olympo, e de si mesma, se esquecia.
Ah! lembre-te, inhumana, a triste sorte
Da bella Daphne esquiva,
Que desdenhando altiva
Do aureo pastor de Admeto
O ternissimo affeto,
E os ardentes queixumes lastimosos,
Que suado e anhelante
Com rota voz em seu alcance espalha
Ao vento o afflicto amante,
Sôbre a margem paterna
A bella fugitiva o corpo digno,
Em justa pena da dureza interna,
De improviso sentiu interiçar-se,
E em aspera cortiça
A nivea pelle morbida tornar-se;
Em rigidas raizes tortuosas
Pelo attonito rio os pés entraram;
Os braços torneados

Duros galhudos troncos se fizeram,
E pelo ar se estenderam:
E os dourados cabellos ondeantes
Per elles se espalharam
Em verdenegras folhas susurrantes.
Em louro transformada,
Com a nova sombra aos campos maravilha
Do azul Peneu a filha.
Phebo... Mas estremece a silva espessa,
O sonoro bulicio d'agua cessa:
Bocejando os Favonios rugidores
Surgem dos tenros calices das flores.
Acceito o agouro, Amor, é Nize! é Nize!
Repentino clarão as trevas fere...
Nova fragancia os ares embalsama...
É o meu bem que chega.
Omnipotente deus aos teus ministros
Do meu pobre rebanho a guarda entrega;
Em quanto Alfeno á sombra
Das fuscas azas da amorosa noite
Na molle gramma passa
Doces momentos da aurea nympha ao lado,
Digno de ser dos deuses invejado.
Alfeno ditoso
Te dá mil louvores,
Ó deus dos amores!
No ceo luminoso,
Nas lubricas agoas,
No reino das magoas

Despotico imperas;
Tu so da dor geras
Celeste prazer.
  Angelica Nize,
Amor, que alegria!
A Jove me iguala:
Quer goste a ambrosia
Na Olympica sala,
Que da alma Erycina
Na face divina
Se esteja a rever.

Domingos Maximiano Tôrres.

Uma das mais lindas poesias de Maximiano Tórres é a que elle intitulou — *Cantata á Noite.*

Francisco Manuel.

CANTATA I.

MEDEA.

Ja de Colcos a fera ardente Maga
Horridos versos murmurado havia,
Ao som de atroz conjuro e negra praga
Ja tinha amortecido a luz do dia;
Ja co' a fôrça do incanto
Os implacaveis monstros subjugara
Na feia habitação do eterno pranto,
E á voz terribil, ao potente aceno
A triforme carranca emfim curvara
Do rei das sombras a feroz consorte.
Embebidas n'um férvido veneno
As roupas nupciaes, brilhante ornato,
Em que ia disfarçada, alegre a Morte,
Instrumentos da raiva, e do ciume,
Punindo a vil traição do sposo ingrato,
O invisibil per arte aereo lume
Pouco a pouco ateiavam
Nas lisas carnes da real donzella,
E a preferida, a bella,
Miseranda rival desesperavam.

Descendente do Sol, do deus fogoso,
Tu, zelosa frenetica Medea,
Foste colhêr ao carro luminoso
Tenue fatal porção da luz phebea,
Talhaste fulvo annel da ignea trança,
E d'elle urdiste asperrima vingança.
Estás desafrontada? estás contente?
Nas garras da afflicção Creúsa expira:
Jason sem alma a sente,
Jason, que te offendeu, Jason delira,
Brama de horror, de angustia desfallece,
E mais que teu furor teu dó merece:
Eis o involve, o consterna amargo lucto,
Foi falso, foi traidor, foi reo sem fructo.
Que novo crime, insolito, execrando,
Que atrocidade insana
Vas contra a natureza apparelhando?
Poupa os filhinhos, barbara, inhumana,
Poupa os meigos filhinhos,
Elles são innocentes,
Elles inda tem jus aos teus carinhos.
Não ves que, descontentes,
Não vês que, enternecidos,
A teu fado, a teu mal dão mil gemidos,
Soluçam, tremem, choram,
Se lamentam do pae, e a mãe deploram?
Oh ceos! no coração da Maga horrenda
Natureza e vingança
Armam fervente pertinaz contenda:

Ora a ternura suspirando amança
Dos zelos a raivosa tempestade,
    Ora de agro despeito
    Ao vigoroso impulso
Cede a benigna maternal piedade :
    Emfim do irado peito
Foge, voa carpindo Amor expulso.
Eis a mãe, (ja não mãe) qual impia furia,
    Medonha e desgrenhada,
Te faz, oh natureza ! atroz injuria
A tua doce voz em vão lhe brada,
Em vão lhe representa, em vão lhe pinta,
Com mimoso pincel, com vária tinta
Aureos instantes, scenas deleitosas,
Nos meninos gentis, em vão lhe aponta
De amor suave as prendas carinhosas :
    Co' as imagens brilhantes
Se assanha do divorcio a crua affronta,
Dobra-se a pena, a raiva se requinta,
Ja lança mão dos candidos infantes,
E empunhando mortifero instrumento,
    Com que a ternura espanca,
    No cerrado aposento
Éstas vozes crueis do peito arranca :
    « Longe, affectos piedosos,
Longe, materno amor : estes que eu mato,
São prole de Jason, são criminosos,
Detestavel porção de um peito ingrato.
Morra, morra com elles a memoria

Do perfido consorte.
Justiça, indignação, dae-me a victoria,
Cessa de murmurar, oh natureza!
Recebe as tenras víctimas, oh Morte! »
N'isto, em chammas do inferno a Maga acceza,
Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos
Lacrymosos filhinhos:
Ao acto de os ferir lhe cai per terra;
Mas a dextra fatal de novo o aferra.
Infancia, formosura, a dor, e o pranto
Nada o terribil impetu embaraça,
Um após outro os miseros traspassa:
Tu, ciúme cruel, tu pódes tanto!
No horror da morte as victimas arquejam,
E, inda sentindo a filial ternura,
A mãe, o algoz acarinhar desejam.
Ella, mais que rochedos sêcca e dura,
Denso véo luctuoso
Sôbre os rotos cadaveres estende,
E aos olhos tristes do culpado esposo
A triste scena renovar pretende...
Ei-lo, ah! ei-lo, convulso, arrebatado,
Derriba a porta da horrorosa estancia
No liso pavimento ensanguentado:
Ferro mortal brandindo,
Corre a Medea com terribil ancia.
Ao vê-lo, em novas furias se afogueia,
Relampagos aos olhos sacudindo
A torva Maga, e subito meneia

Com rapido susurro a tenue vára,
Que ás longas vestes do perjuro applica :
Elle treme, elle pára,
Calado, immobil, qual estátua fica:
Porêm se perde a voz, e o movimento,
Conserva illesos vista e sentimento,
Logo o funebre véo Medea alçando,
Do falsario Jason a angustia dobra,
Aponta ao espectaculo nefando,
Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe exprobra.
Depois, abominando os impios lares,
Theatro de seus horridos furores,
As suberbas abobadas atroa
Com mil imprecações, com mil clamores,
E em leve salto se arremessa aos ares,
E pelos ares voa.
De aligeros dragões n'um carro enorme,
Dadiva de Prosérpina triforme.
Das Górgonas, das Furias negro bando
Retorce os olhos, que arremedam brazas,
A segue, e vai correndo, e vai crestando.
Com rubro facho ardente ao vento as azas.
Unisono alarido
A sanhuda caterva aos ceos levanta;
E da brutal fereza
O triumpho atrocissimo decanta.
O sol na escuridão fica sumido;
Negreja horrorisada a natureza;
Montanhas ergue o mar, vulcões a terra

Aos sons, que o coro estygio desencerra;
E entretanto o miserrimo consorte
Jaz entre os filhos, a luctar co' a morte.

Triumphe (os mostros clamam,
E a Compaixão suspira)
Triumphe, reine a Ira,
Caia, pereça Amor.

Teus raios, oh vingança!
Jamais, jamais se apaguem,
Sempre o altar te alaguem
Ondas de rubra cor.

Pasmae, tartareas hydras,
Pasma, infernal tyrano:
Inda o furor humano
Transcende o teu furor.

Da atroz Medea o nome
Em perennal memoria
Será do Averno a gloria,
E dos mortaes o horror.

Tropel de acerbos males
O mundo assalte e fira,
Reine, triumphe a Ira,
Caia, pereça Amor.

CANTATA II.

IGNEZ DE CASTRO.

Longe do caro esposo Ignez formosa
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto:
Os melindrósos candidos penhores
Do thalamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem d'ella,
No regaço da mãe serenos gozam
O somno da innocencia.
Côro subtil de aligeros Favonios,
Que os ares embrandece,
Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o par mimoso,
Ora, sôlto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela amante saudosa,
Pelos tenros meninos se reparte,
E com tenue murmurio vai prender-se
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera louçan, quadra macia

Da ternura, e das flores,
Que á bella natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de amor ao mundo apuras
O prazer da existencia,
Tu de Ignez lacrymosa
As mágoas não distrahes com teus incantos.
Debelde o rouxinol, cantor de amores,
Nos versos naturaes os sons varía,
O limpido Mondego em vão serpeia
C'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doura o sol de luz mais viva,
Os ceos de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, oh Castro!
Objectos de alegria amor enjoam,
Se amor é desgraçado.
A meiga voz dos zephyros, do rio
Não te convida o somno:
So de ja fatigada
Na lucta de amargosos pensamentos,
Cerras, misera, os olhos;
Mas não ha para ti, para os amantes
Somno placido e mudo;
Não dorme a phantasia, amor não dorme:
Ou gratas illusões, ou negros sonhos
Assomando na ideia, espertam, rompem
O silencio da morte.
Ah! que fausta visão de Ignez se apossa!
Que scena, que espectaculo assombroso

A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!
Em marmoreo salão de altas columnas
A solio magestoso e rutilante,
Juncto ao regio Amador, se crê subida;
Graças de neve a purpura lhe involve;
Pende augusto docel do tecto de ouro;
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
Nos luzentes degraus do throno excelso
Pomposos cortezãos o orgulho acurvam;
A lisonja sagaz lhe adoça os labios;
O monstro da politica se aterra,
E se Ignez perseguia, Ignez adora.
Ella escuta os extremos,
Os vivas populares, ve o Amante
Nos olhos estudar-lhe as leis, que dicta;
O prazer a transporta, Amor a incanta;
Premios, dadivas mil ao justo, ao sabio
Magnanima confere,
Raínha esquece o que soffreu vassalla:
De sublimes acções orna a grandeza,
Felicita os mortaes, do sceptro é digna;
Impera em corações... mas ceos! que estrondo
O sonho incantador lhe desvanece!
Ignez sobresaltada
Desperta, e derepente aos olhos turvos
Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
Ministros do furor, tres vis algozes,
De buídos punhaes a dextra armada,

Contra a bella infeliz bramindo avançam.
Ella grita, ella treme, ella descora;
Os fructos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os ceos, o Amante;
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
Á suave attracção da formosura,
Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterrais os impios ferros.
Cai nas sombras da morte
A victima de amor, lavada em sangue,
As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotam.
Dos olhos se lhe some o doce lume,
E no fatal momento
Balbucia, arquejando: « esposo! esposo! »
Os tristes innocentes
Á triste mãe se abraçam,
E soltam de agonia inutil chôro.
Ao suspiro exhalado,
Final suspiro da formosa extincta,
Os Amores acodem.
Mostra a prole de Ignez, e a tua, oh Venus!
Igual consternação, e igual belleza:
Uns dos outros os candidos meninos
So nas azas differem,
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcazes de marfim, virotes de ouro)
Subito voam dous do côro alado:
Este raivoso, a demandar vingança

No tribunal de Jove;
Aquelle a conduzir o infausto annúncio
Ao descuidado Amante.
Nas cem tubas da Fama o gran' desastre
Irá pelo Universo :
Hão de chorar-te, Ignez, na Hircania os tigres,
No torrado certão da Lybia fera
As serpes, os leões hão de chorar-te.
Do Mondego, que attonito recúa,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso
Das urnas de crystal eis vem surgindo,
Eis, attentas no horror do caso infando,
Terriveis maldições dos labios vibram
Aos monstros infernaes, que vão fugindo.
Ja croam de cypreste a malfadada,
E, arrepelando as nitidas madeixas,
Lhe urdem saudosas lugubres endeixas.
Tu, Echo, as decoraste,
E, cortadas dos ais, assim resoam
Nos concavos penedos, que magoam:
Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores:
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu.
Misero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu incanto
Ja não é teu.

Sua alma pura
Nos ceos se encerra:
Triste da terra
Porque a perdeu!
Contra a cruenta
Raiva ferina,
Face divina
Não lhe valeu.
Tem roto o seio,
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreveu.
De dor e espanto,
No carro de ouro,
O numen louro
Desfalleceu.
Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.
Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores:
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu.

CANTATA III.

LEANDRO E HERO.

De horrenda cerração croada a Noite,
Surgira ha muito da cimeria grutta,
Tapando ao longo ceo co' as azas longas,
Reina em meio Universo:
Occupam-lhe os degraus do negro throno
A Tristeza, o Silencio,
O Mêdo, a Solidão, o Amor, e o Crime;
Voam-lhe emroda lugubres phantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no gremio.
Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
Eis o líquido pêso
Rompe os enormes carregados bojos,
Em torrentes susurra e cai na terra.
Rebentam furacões, flammejam raios;
O estrondoso trovão no ceo rebrama;
O Helesponto nas rochas ferve e ronca.
Tu, abydeno amante,
Tu vélas n'este horror com a saudade.
Ja corres insoffrido ás ermas praias,
Donde é teu uso arremessar-te ao pégo,

E, déstro nadador, talhando as vagas,
Teus gostos demandar na opposta margem.
Ao longe em celsa tôrre, estancia cara
De Hero, sol dos teus dias,
O brilhante signal, o amigo lume
(Que é no facho de Amor per ella acceso)
Ves entre as sombras scintillar a espaços,
E como que te acena, e te suspira.
Debalde o mar bramindo, o ceo troando,
Teu impetu ameaçam;
Ardem-te n'alma os sofregos desejos;
Fulgurante illusão, dourando as trevas,
N'um quadro tentador te offrece aos olhos
Glórias a furto, vívidos prazeres,
Doces mysterios, que da luz se temem.
A sagaz Esperança
Te reforça, te incita,
Jura aplacar-te o ar, pôr freio ás ondas;
Dar-te aos suspiros da suave amada.
Attento á meiga voz, que attrai, que mente,
No montuoso pelago te arrojas:
Á quéda repentina alteia um grito
O corvo grasnador na dextra parte;
E os echos, despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas cavernosas fragas.
O triste agouro te irripia as carnes,
Teus cabellos erriça;
Mas prevalece amor; e, expulso o mêdo,
Forças a equorea tumida braveza.

Metade ja do trânsito afanoso
Industria e robustez vencido haviam:
N'isto a procella horrísona recresce;
Tingem sombras do inferno os véos da noite
Que o subito relampago retalha;
Braveja o mar, aos astros se remontam
Serras e serras de fervente espuma:
Carrancudos tufões arrebatados
Dobrando a fôrça, a raiva, luctam, berram,
E revolvem do pelago as entranhas:
Rochedo immobil, afferrado á terra,
Rebate apenas o horroroso assalto....
Ah Leandro infeliz! tu ja fraqueias,
A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas
Ja, misero amador, ja te fallecem.
Procuras o distante, o caro lume,
Astro benigno, que te influe e guia,
    Olhas, ves que te falta,
Que desappareceu, que jaz extincto:
    Suspiras, esmoreces
Da tua doce luz desemparado.
Invocas o gran' deus, que rege os máres:
De teus rogos não cura, immoto e surdo.
Invocas de Nereu potente as filhas:
Ellas ardem por ti; mas, invejosas
Do objecto incantador, que lhes preferes,
Ás maritimas furias te abandonam.
Hero invocas e Amor e os Ceos e a Sorte:
    A Sorte é implacabil;

Dos males, que dispõe, não se arrepende;
Teus dias signalou de um termo infausto.
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado creador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfructaste;
O facho luminoso em vão meneia
    Para encurtar-te as sombras,
E mais facil tornar a undosa estrada;
    Em vão co' as azas brandas
Tenta arrasar os orgulhosos máres.
Sôbre altos escarceos o Fado escuro
    Folga, triumpha e reina,
Punge, ameaça, desespera os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas:
Ella, prompta a seu mando, ella acommette
    O deploravel môço:
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume;
O tardo movimento eis lhe sopeia,
Pelas aguas o embebe, e de Hero o nome
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.
Abaixo, acima co' as cavadas ondas
Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo....
Ai! ja sem vida aqui, e alli vagueia
Á discrição do mar, e o mar com elle
De Sésto ás praias subito arremete;
Dá contra a torre de Hero, alli rebenta,
E deixa o triste corpo á margem nua.
Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias, (oh ceos!) que imaginavas?

Solitaria, anhelando,
Nas trévas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos máres
Lias de feio azar presagios feios.
Emtôrno á viva luz, que vigiavas,
(Que em raro véo com arte involto havias,
Resguardando-a dos ares indignados)
Emtôrno á viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zuniu tres vezes,
E á terceira apagou a esperta chamma;
(Foi no ponto funesto, em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco)
Do repentino assombro espavorida,
Attonita, convulsa,
O agourado clarão não renovaste.
Em âncias implorando os deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do afouto desvelado amante
Ao numen indulgente, á mãe piedosa
Mil incensos, mil víctimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa ideia
Em terriveis imagens,
Ora do môço audaz o usado arrôjo
Reprovavas comtigo;
Ora a cega imprudencia maldizias,
Com que em tam desabrida horribil noite
A perigosa senha aventuraras....
Ah triste! contra ti não te conjures:
Foi lei dos Fados a imprudencia tua.

Hèro desanimada,
Mettida em profundissimo lethargo,
Jaz sem tino, e sem voz, até que aponta
A purpúrea manhan no ceo ja ledo.
Farto o cruel Destino,
Adelgaçara os ares,
Ao pégo a mansidão restituíra
Depois que a terna víctima saúdosa
Foi suffocada nas voragens feras.
Elle, o duro oppressor dos desditosos,
Elle do almo prazer que os dous gozaram,
Está vingado em parte, e da vingança
Á desesperação commette o resto.
Hero! ah Hero infeliz! tu pelas aguas
Humida vista, suspirando, alongas.
Não ves o nadador, por quem desmaias,
Que teu bem não fluctua
Pelas ondas desertas.
Eis a consternação te inclina os olhos
Á pedregosa areia
Onde o desventurado está sem alma.
Que vista! que terror! as alvas carnes,
Rôtas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejam sangue, aberta a boca,
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, oh Hero! murmurar teu nome.
No espectaculo horrendo,
Misera, tu reparas,
Tu... ceos! não lhe acudis! tu reconheces

O querido semblante, o corpo amado,
Entre as sombras da morte inda formoso:
Com pallidez, que a pinta,
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve ás tranças de ouro,
E as tranças de ouro, delirando, arrancas.
Levada emfim de um impetu raivosa,
Te arremessas da tôrre, e dás e entregas
O teu ai derradeiro ao mudo amante.
La jazem sobre a areia luctuosa
As víctimas do Fado;
Nas angustias mortaes a linda môça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado objecto.
Apiedados delphins nas ondas surgem,
E altos sons (ó prodigio!) derramando,
Lamentam juncto á praia o duro caso;
As mesmas nymphas invejosas de Hero
Soluçam de pezar nos vitreos lares.
Um marmoreo padrão se erige em breve;
Compadecidas mãos a historia triste
Gravam na lisa pedra: a pedra existe;
Mas o monstro voraz, que roe penedos,
Comendo em parte a funebre scriptura,
So deixa solettrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado,
Carpido ao som da lira:
Inda agora de ouvi-lo Amor suspira:

— Aos dous amantes
De Abydo e Sesto
Ardor funesto
Deu negro fim.
Foram-lh' algozes
Os seus extremos:
Mortaes, amemos,
Mas não assim. —

BOCAGE.

A SÉSTA.

D'um sereno ribeiro ás frescas margens
Bordadas de boninas
Na mão nevada repousando a face,
Lilia, a mais bella das gentis pastoras,
Socegada dormia.
Ella dormia; e zephyro ligeiro
Timido e respeitoso
Nem mesmo ousava susurrar-lh'emtôrno.
Mais placida corria a debil onda,
E o plumoso cantor nem murmurava.
O sol, que no Zenith
Vibrava raios na mais alta esphera,
Paracia afastar-lhe ao longe a calma.
Espesso freixo, que rodeiam myrthos,
Longe estendia a cúpula frondosa,
E vaidoso do abrigo, que prestava,
De namorado requebrava os ramos.
Aos pés da nympha a mêdo se beijavam,
Quasi afogando o gôzo,
Sem lascivo arrulhar, meigas pombinhas.
Mal lhe cubria os membros delicados
Pouco avaro sendal, candido e fino.
Via-se a perna, resvalando a furto,

De pulido marfim, que d'alvo cega;
Via-se a fórma do elegante corpo,
E o delicado seio,
Suave palpitando
Em doce voluptuoso movimento.
Dos labios entre-abertos lhe spirava
Mais divino perfume, que ambrosía,
Pouco restava ao soffrego desejo
Debil imaginar d'almos thesouros;
Julguei da equorea Chypre nas florestas
Ver a meiga Erycina de cançada
Por Adonis chamar, que adormecêra.
Manso e manso aproxímo, em cada passo,
Confuso, arrebatado
Julgando commetter um sacrilegio.
Afasto a mêdo os ramos invejosos,
Ah! Lilia reconheço! Lilia, a ingrata,
Que ha muito me fugia : corro a ella;
Começo a lhe beijar as roseas faces;
Beijo-lhe as niveas mãos, e os garços olhos;
Nas veias me pullula ardôr celeste.
Osculo ardente
Do brando seio
Ja sem receio
Lhe ouso roubar.
Prazer celeste
Lhe entr'abre os lumes,
E mil queixumes
Ia a formar.

Vou applaca-la...
Balbuciamos...
E ambos ficamos
Sem respirar.

ANONYMO.

PYGMALIÃO.

Ja da lucida aurora scintillava
O trémulo fulgor, e a noite fria
Nas mais remotas praias do Occidente,
Entre abysmos gelados se escondia.
Amor impaciente
Dos filhos de Morpheu se accompanhava,
E de Pygmalião a altiva mente,
Com lisonjeiros sonhos, affagava.
Ora de Galatea,
A estátua airosa e bella,
Obra de seu cinzel, obra divina,
Se lhe avivava na amorosa idea.
Ora cuidava vella
Pouco a pouco animar-se
E a marmorea dureza transformar-se
Em suave vital brandura, dina
D'aquella que em Cythera,
Sôbre os Amores, e o Prazer domina.
Sobresaltado freme;
E entre illusões espera
Galatea apertar nos ternos braços:
Mas subito desperta
Procura-a, não a ve; suspira e geme.
Então, com rosto triste e carregado,

O corpo ergue cançado,
E mal firmando os passos
Gyrando a vista incerta
Pela vasta officina, o busto encara
Da magestosa Juno,
Que juncto collocara
Ao do implacabil fero deus Neptuno:
Lança mão do cinzel; ergue o martello;
Repoli-los intenta;
E o extremo ideial tocar do bello;
Mas o cinzel da mão se lhe extravia;
Froxo o martelo assenta,
E na vivaz ardente phantasia
So Galatea com prazer revia.
Acceso, arrebatado
De insolito furor, quebra, esmigalha
O marmore inculpado
Dos bustos, que pulia:
Arremeça per terra, e á toa espalha
O martelo, e o cinzel com que trabalha;
Volve os olhos, repara
De Galatea amada
Na formosura rara;
E ferido do amor curva tremendo
Os joelhos, e ja não lhe cabendo
Dentro d'alma incantada
O transporte que o agita, hardido brada:
« Ó tu que os deuses do Olympo
Feres de inveja, e de espanto,

Porque nunca póde tanto
Todo o seu alto poder;
É possibil que reúnas
Tanta graça, tal belleza,
E te negue a natureza
Respirar, sentir, viver?
Eis do genio o prodigio soberano:
Nem poderá jamais o sprito humano,
Depois de rematar ésta obra-prima,
Conter fôrça sobeja
Que poderosa seja
Para novos inventos, sem que o opprima
Tam grande esfòrço d'arte,
E esmorecido desfalleça e caia.
Amor, ó deus! sem quem tudo desmaia;
Amor que me guiaste
O sublime cinzel n'ésta ardua empreza,
Ah! desce, vem; reparte
Da minha vida parte
Com aquella que tu avantajaste
Á deusa da belleza:
Supre assim o langor da natureza:
Influe doce alento
Na minha Galatea tam formosa:
Influe-lhe razão e sentimento.
Ó Amor! ó deidade grandiosa!
Anima-a do calor em que abrasado
Meu coração a teu podêr so rende.

Rouba a Jove esse facho sublimado
Do qual a vida pende:
Sacode, vibra a chamma
Que os mortaes aviventa, anima, inflamma.
Ó Amor! ó deus grande! per quem vive
Quanto nos vastos mares
Se volve, e quanto talha os leves ares;
Per quem tudo revive,
E cuja mão potente desencerra
A vital fôrça que fecunda a terra!
Escuta a voz que o teu soccorro implora,
E a minha Galatea
Possa eu ver sem demora
Sentir o fogo que em meu peito ondea.
Deuses, se isto impedis, de novo digo
Que inveja negra e fea
Em vossos corações achou abrigo.
Mas que vejo! ó justos ceos!
Treme o marmore e respira,
E parece se retira
Ao toque de minha mão!
Rubro sangue as veias gira,
Ja seu braço me rodea,
E da linda Galatea
Ja palpita o coração!
Nos olhos lhe circula, eu não me engano,
O teu fogo, ó Amor! hoje cessaste
De ser um deus tyrano:

Hoje sôbre os mais deuses te elevaste.
Que te direi Amor?... Olha... repara,
Nas faces delicadas
As graças animadas
Ateiando desejos, e compara
Tuas acções com ésta que fizeste:
Ve bem com a ti mesmo te excedeste:
Prazeres fervorosos,
Suspiros incendidos,
Transportes anciosos,
Mil ais interrompidos,
Affagos e deleites, como em bando,
Pela voluptuosa
Cintura mais que airosa,
Qual a hera se enrolam, misturando
As engraçadas frentes;
E de mimos ardentes,
De delicias minha alma repassando.
Ó Galatea! ó minha doce vida!
Tu me faltavas so para endeusar-me,
E de immortaes prazeres inundar-me.
Agora brame irada
A natureza contra mim erguida!
Não a receio, e nada
Ja me póde assustar, porque te vejo
Responder a meu férvido desejo;
Dar vida a novos seres,
Crear o sentimento
De mil novos prazeres:

Eis, ó deuses! sem dúvida a ambrosia,
O divinal sustento,
A suave celeste melodia,
Que embebe de alegria,
E torna glorioso o firmamento!»
Com este pensamento
Transportado contempla a Galatea
(Que, ou mova a mêdo os passos,
Ou revolva o semblante,
Ou ja recurve os braços
Emtôrno ao seu amante,
A cada movimento,
À cada novo instante,
Sente uma nova idea,
Sente um novo prazer que a senhorea.)
Então outro prodigio amor obrando,
A linguagem dos sons vai-lhe inspirando,
E derepente usando
D'este dote sublime
A feliz Galatea assím se exprime:
« Este marmore que toco,
Ésta flor tam graciosa,
Nem ésta árvore frondosa,
Nada d'isto, nada é *eu*:
Mas, ó *tu*! que ante mim vejo,
Que todo o meu peito aballas,
Que tam doce de amor fallas,
Ah! tu sim, tambem es *eu*.
Vem a mim, querido objecto,

Aperta-me nos teus braços;
Convence-me em ternos laços,
Que eu e tu somos *so eu.* »

A. P. de Souza Caldas.

Fabulistas.

Apologos.

O PASSARINHO PRÊSO.

Na gaiola empoleirado,
Um mimoso passarinho,
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.
— « Nasci para ser escravo,
(Carpia o cantor plumoso)
Não ha ninguem n'este mundo,
Que seja tam desditoso.
Qué do tempo, que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousando entre flores?
Mal haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Um raio, um raio te abrase
Fraudulento caçador.
Em que pequei? Per ventura
Fiz-te á seara algum mal?

Encetei, mordi teus fructos,
Como o daninho pardal?
Agrestes incultas plantas
Produziam meu sustento,
Inutil aos que se prezam
Do alto dom do intendimento....
Do intendimento! Ah malignos!
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vicios sem conto
Recheiado o coração.
Ah! se a vossa liberdade
Zelosamente guardais,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?
O que em vós é um thesouro,
Nos outros perde o valor?
Destroe-se o jus do opprimido
Pela fôrça do oppressor!
Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza
A lei, que a vós nos submette,
Tyrannos da natureza.
Em offensa das deidades,
Em nosso damno abusais
Da primazia que tendes
Entre os outros animais.
Mas ah triste! ah malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, se contra a fôrça

De nada serve a razão?»
Aqui parou de cançado
O volatil carpidor,
Eis que ve chegar da caça
O seu barbaro senhor.
Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Uns mortos, outros morrendo.
Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.
O prêso, vendo o tragedia,
Coitadinho, estremeceu,
E de susto, e de piedade
Quasi os sentidos perdeu.
Mas apenas do soçôbro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados
Éstas palavras soltou:
— «Intendi que dos viventes
Eu era o mais infeliz:
Que outros teem peior destino
Aquelle exemplo me diz.
Da minha sorte j'agora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola, que um tiro,
Antes penar, que morrer.»

O LOBO, E A OVELHA.

Uma Ovelha em tempo antigo
Estreita união travou
C'um Lobo: não sei que sancto
Este milagre operou.
Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
E em companhia do amigo
Pelos matos se metteu.
Alli a que d'antes era
Qual mansa Pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeu a ser cruel.
Apenas lhe parecia
Ter feito ja digestão,
Eis prompta a comadre Ovelha
Para a sanguinea função.
Se, vendo as preias, não tinha
O valor de arremetter,
Aomenos, depois de mortas,
N'ellas entrava a roer.
Contemplando o fero mestre
No pervertido animal
Os progressos que fazia
A sua eschola brutal,

De prazer, e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.

Mas um dia em que esfaimado
Saíu com ella a caçar,
Nem rasto do que buscava
Pôde aomenos encontrar.

Montes, valles, bosques, tudo
Farejou, subiu, correu;
Emfim, so farto de vento,
Na cova se recolheu.

Coseu-se á terra esfalfado,
E depois que repousou,
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.

— « Que! (disse o mau la comsigo)
Não ha soffrimento igual!
Heide curtir ésta angústia,
E morrer por ser leal!

A natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.

Tu, virtude, es attributo
Dos homens, dos racionais;
Não me pertences: eu sigo
Meu instincto, e nada mais. »

N'isto, veloz como um raio,

C'o a pobre ovelha investiu,
E logo dentes e garras
Nas entranhas lhe sumiu.
Com trémula voz pergunta
Ao desleal a infeliz :
« —Porque me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz?
Que lei c rigor te ordena
A que eu motivo não dei? »
E elle sofrego responde :
— « Tenho fome, a fome é lei. »
D'ésta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar;
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nus foi guardar.
Vêde, mortaes, n'este exemplo,
Exemplo cheio de horror,
O que produz a alliança
De um perverso, de um traidor.
Se os maus tiverdes por socios,
Eu fico que os imiteis,
E que Lobos d'ésta casta
Ou cedo ou tarde encontreis.

O AMANTE, E A BORBOLETA.

Na solidão da alta noite
Que ceos e terra enluctava,
Lauro em seu curto aposento
Ao somno os olhos negava.
Em meza, donde esparzia
Candida vela o clarão,
Apoiava os froxos braços,
E a turva face na mão.
Tinha absorto o pensamento
Nos motivos do seu mal,
Nos desprezos de uma ingrata,
Nas venturas de um rival.
De quando em quando arrancava
Das entranhas vãos queixumes,
Ja pedindo a Amor vingança,
Ja pedindo a morte aos numes.
Leve Borboleta, emtanto,
Per entre os crebros suspiros,
Juncto do lume ondeiante
Vagueia em rapidos giros.
Ei-la de espaço em espaço
Roçando a flamma luzente:
Doe-se, mas que evite o damno
Cego instincto não consente.

Cevando o fatal desejo,
Que á crua morte a conduz,
Vai e vem, voa e revoa,
Embellezada na luz.
Susurro, que faz co' as azas,
Quando n'ella a simples cai,
Os olhos amortecidos
Do terno mancebo atrai.
Ólha o triste, e ve o effeito
Da luminosa negaça,
Contempla o crestado insecto,
Que ja languido esvoaça.
Dor de o ver n'aquelle estado
Lhe penetra o coração:
Quem ama, franqueia o peito
Facilmente á compaixão.
— « Onde vas, louca, teimosa?
(Grita-lhe elle) encolhe as azas,
Torna em ti; não ves, não sentes
Que te destroes, que te abrazas? »
—« E tu com que jus (diz ella)
Me increpas, porque me mato?
Ah! Se em teu siso estivesses,
Víras em mim teu retrato.
Se te expões, qual eu me exponho,
Se no mesmo caso estás,
Insano, porque não tomas
O conselho, que me dás?
Eu e tu víctimas somos

Da mais funesta loucura,
E esquecemos o perigo
Pasmados na formosura.
Ardes n'uns olhos que adoras;
Eu n'ésta luz que contemplo;
Argue-te, ou não me arguas;
Emmudece, ou dá-me exemplo. »
Proficua moralidade
Deve extraír-se d'aqui :.
Ninguem reprove nos outros
O que não reprova em si.

BOCAGE.

OS RAFEIROS, E O GÔSO.

Morreu um nedio cabrito,
E o guardador, dono d'elle,
Depois de tirar-lhe a pelle,
Aos cães no campo o deitou.
Logo d'um monte chegado,
Tomando os ventos, e o cheiro,
Veio um possante Rafeiro
Que da prêsa se apossou.
Depois um Gôso chegando
Quiz tambem ser camarada;
Mas levou tanta dentada,
Que na empresa desmaiou.
Ganindo e lambendo os beiços
Poz-se de parte sentado,
Até que desenganado
Outro partido buscou.
Foi-se ao casal mais vizinho,
E ao cão que guardava a porta,
De que havia uma rez morta
N'aquelle campo, avisou.
Sem que a nova agradecesse
O convidado Rafeiro,
Atrás do Gôso matreiro
De corrida caminhou.

Eis que á prêsa se aproxima
Ladrando, e os ares mordendo;
Mas o que stava comendo
Adiante se atravessou.

Mostrando os mordazes dentes
Um ao outro se avizinha,
E entre o que stava, e o que vinha,
Pendencia atroz se travou.

Ei-los nas pernas se empinam,
Salto agora, agora tombo,
Dentes ferrados no lombo,
Largou este, este filou.

Emtanto o ladino Gôso
Ésta aberta aproveitando,
Nos restos da rez saltando
Nem migalha esperdiçou.

Depois de bem lacerados
Os dous á prêsa voltaram;
Ma so o sítio lhe acharam,
Que nada o Gôso deixou.

Ah! quantos d'estes exemplos
Não vemos na redondeza,
Depois qu'a torpe avareza
Seu veneno propagou.

Em quanto se debellaram
Outro e tu n'um pleito odioso,
Houve quem foi mais doloso,
Que sem nada ambos deixou.

B. M. C. Semedo.

O DOUDO

QUE VENDE SISO.*

Não posso aviso dar-te mais sisudo
Que o de sempre esquivar d'um doudo o alcance:
Fugir de gente eivada do miolo
Foi sempre san receita.
Na côrte ha bobos: rêis com elles folgam,
E c'os remoqnes lepidos que largam
A velhacos, a tolos, a ridiculos.
Um Doudo pelas ruas, pelas praças,
Dizia em seu pregão:—«Quem compra siso?»
E os sempre-crentes homens accodiam
Á compra diligentes.
Primeiro de barato dava o Doudo
Muita careta, muita monaria;
Mas logo que ensacava na algibeira
Dinheiro de algum tolo,
C'um bofetão, que vinha rebolindo,
Lhes dava duas braças de barbante
Aos taes freguezes em logar de siso.
Uns se agastavam: mas que valem iras?

* Imitação de La Fontaine.

Ser por ellas de todos mais zombado :
Fôra o rir como os outros mais acêrto,
Ou safar-se sem chuz nem buz, levando
O bofetão, e o fio.
Quer bem levar de tolo a surriada
Quem sentido esquadrinha figurado
No proceder d'um louco.
D'um Doudo as obras qual razão decifra?
Quanto volve n'uns téstos desvairados,
A mão do acaso o volve.
Mas fio e bofetão davam tortura
A certas cachimonias.
Um dos logrados vai-se ter c'um sabio,
Que logo lhe entornou, sem muito empacho,
O oraculo seguinte:
— « Hyeroglíphicos meros vende o Doudo :
Deve o prudente duas braças longe
Se pôr de quem tem eiva no miolo ,
Se affagos taes não quer recolher d'elle :
Bom siso vos vendeu. Não sois logrado. »

Francisco Manuel.

O CYSNE,

E OS DOUS GANSOS.

N'um grande lago andando
Mui alvo Cysne airoso,
As aguas retalhando ,
Sereno e magestoso
Se via divagar.
D'aquelle spaço ingente
Despotico senhor,
Na estiva quadra ardente
Sem tedio , sem calor
So ia alli passar.
Dous Gansos apressados
Do lago á borda chegam,
E tristes e encalmados
Taes supplicas empregam
Tentando n'elle entrar.
Assim um d'elles falla:
—« Ó Cysne! ó gran' cantor
A quem nenhum igualla,
Ao teu admirador
Permitte aqui nadar.»
Prosegue o socio então:

—« Bom Cysne, eu sei te agrada
A paz, a solidão,
Um poucachinho, um nada
Me deixa refrescar.»
  Escuta o Cysne attento
Taes gabos, rogos tais,
E a voz soltando isento
Responde:—« E quem jamais
O Cysne ouviu cantar?
  Mentiste; e vão e arteiro
O teu dever esqueces!
Ah! foge, ó lisongeiro:
E tu que me conheces
Me vem acompanhar.»
  Captiva o coração
Um candido louvor:
A torpe adulação
Ao sabio causa horror,
Em vez de lhe agradar.

O BUFO.

Prudente Bufo sombrio
Com tristes guinchos pausados
Grande nome conseguio:
Seus agouros venerados,
Qual a voz dos Numes, vio,
E folgou na solidão.
Feliz, se o lume enganoso
Da vangloria o não cegasse!
Se do applauso insidioso
O coração resguardasse!
E não quizesse orgulhoso
Mais alta veneração!
La sai em dia nefando
Do soturno pardieiro
Quam desenvolto guinchando!
O sol, no seu brilho inteiro
Montes, valles abarcando,
Tirava toda a illusão.
Notou-se a triste figura
Do fatidico impostor
A risivel catadura,
O hypocrita exterior,
Tudo, emfim, que a noite escura
Escondia com razão.

Maldizem quantos o veem
O respeito, que lhe houveram;
Tammanha vergonha teem,
De tal modo se exasperam,
Que se julgou um ninguem
Do campo aereo o Catão.
Quem modesto se retira,
E ao louvor mostra esquivar-se,
Nos penhora, nos admira;
Quem o busca sem disfarce
Desagrada, enojo inspira,
Até mesmo indignação.

O PARDAL

NO VIVEIRO DE CANARIOS.

Um Pardal, que entre os Pardaes
Per gran' musico passava,
Que em chaminé ferrugenta
Continuamente chiava;
Em louvores enfunado,
De mor fama cubiçoso,
N'um viveiro de Canarios
Entrou ledo e presunçoso.

Sacudindo as çujas pennas
Trinou famosa chiada,
Que os Canarios applaudiram
Com solemne pateada.
Ao som do funebre encomio
O altivo Pardal gritou:
—« Que insolencia! a mim taes vivas!
A tal cantor como eu sou! »
—« Seja embora (lhe respondem)
Quanto inculca, e muito mais;
Mas olhe, senhor Pardal,
Que isso é la entre os Pardais. »

A TARANTULA.

Feroz Tarantula infesta,
Que, á proporção que mordia,
Himpando de orgulho ouvia
Mais instrumentos soar:
A voz peçonhenta erguendo
Diz risonha—« Oh quam famosa
Me faz o ser venenosa,
E tudo a flux lacerar!
Ávante, mãos ao trabalho,
Não cessemos de morder;
Possa tam doce prazer
Co'as furias minhas medrar. »

E os venenos requintando
Mais ferina se tornou,
Mais trahiu, mais pelejou,
Fez todos de horror pasmar.
Áquelles que tanto applaudem
Discursos insidiosos,
E maldizentes raivosos
Nunca deixam de afagar:
Não se lhes deve o requinte
Da voraz mordacidade?
É fomentar a maldade
Os seus dictos festejar.

A RAPOSA, E O LOBO.

O crespusclo raiava
De fresca manhan formosa;
A natureza exultava;
So Raposa lacrymosa
Os seus fados pranteava:
Que não é pouca desgraça
Inutil gana de almôço!
Roaz Lobo n'isto passa;
Vinha cheio de alvorôço
Ensanguentado da caça.
De bom tammanho um cabrito

Trazia lançado ás costas,
Ganho em Mavorcio conflito,
Com falta de algumas postas,
Segundo o que vi escrito.
  Chegou-se a Raposa arteira
Ao compadre, e o festejou;
Mui sagaz e interesseira
A proeza lhe gabou
Com aurea voz lisonjeira.
  Acabou choramigando,
Pois desalenta e definha
A gorda rez contemplando,
Pede humilde uma orelhinha
Com que se va esteando.
  Ouvindo-a o feroz compadre,
N'estes dicterios prorompe :
—« E que a mim o cão me ladre!
Que me estafe! que me estrompe!
Bravo senhora comadre!
  Que tretas!... » (Disse) e correu.
Exclama a Raposa então :
—« Que grande tola fui eu!
Maldicto seja o Leão!
Louvar-me o prestimo teu!... »
  A tal nome o Lobo pára,
E sua alma nobre e terna,
Os ais da Raposa ampára,
Com ellà comendo a perna
Que sem damno algum ficára.

Roga-lhe, emfim, com fervor
Que de seus respeitos faça
O bom leão sabedor.
—« Oh que lôgro! oh que negaça!
Que sei eu de tal senhor?...
(Diz a Raposa) e d'alli
Ja fugia, regougando:
Em vão de fome gemi,
Mentindo, basofiando,
Remediada me vi.»
E nós outros mentiremos,
Como mentiu a golosa?
Não: com geito pediremos
Um poucachinho: Raposa
Entre Lobos nos faremos.

O CUCO, E O ROUXINOL.

Tendo o ninho seu provido
Do mantimento diario,
Nobre canto ameno e vario
Um Rouxinol entoou.
O cioso Cuco ouvindo-o
Resmunga—« Que mandrião!
Com taes sons engordarão
Os pobrinhos que gerou!»

No dia seguinte o meigo
Vigilante Rouxinol,
Calado de sol a sol
A buscar sustento andou.
O Cuco attento dizia :
—« Que comilão ! nada o farta :
Mau raio te apanhe e parta.
Ja de cantar se enjoou ! »
Ora pois (digo eu agora)
Ouvi la os taes damnados !
A commentos depravados
Nunca a virtude escapou.

O LOBO, E O JUMENTO.

De uma famosa caçada
Feita a Lobos, um ficou
Tam estrompado e ferido,
Tam tonto, que se estirou
N'um caminho mui seguido.
Não sei como alli chegando
Triste pacato jumento
Esbarra no tal senhor,
E mais ligeiro que attento
Recúa cheio de horror.
O Lobo que não suppunha

Inspirar mêdo , imagina
Que elle o vai denunciar
Á feroz tropa canina,
É submisso põe-se a uivar :
—« Amigo burro , não queiras
Apressar a minha morte;
Sem ja fôrça alguma ter,
Maltractado d'ésta sorte
Que mal te posso fazer ? »
A taes uivos mui ufano,
Muito alegre o Burro fica;
Quam sereno se despeja!
Chega-se ao Lobo, tropica,
E sisudamente orneja.
—« Com que é certo o que me dizes? »
N'isto um couce lhe arremeça,
E a queixada lhe desfaz,
De novo a graça começa,
E o casco em postas lhe faz.
É bem feito. A tal magano
Os seus desastres pondera!
A extrema dor cega e trai.
Quem ser temido podera
Debaixo de couces cai.

O GALLO, E A RAPOSA.

Aos maus não dês attenção;
Álerta, que sempre tem
Mel na voz, fel na tenção :
Quem com elles se detem
Em que p'rigo não está!
N'uma noite de janeiro
Bateu Raposa esfaimada
Á porta de um gallinheiro;
O chefe da turma alada
Respondeu : — « Quem bate la? »
— « Uma triste peccadora,
Que fallar-lhe necessita :»
(Lhe torna a fera traidora.)
N'isto o Gallo se arrebita,
E lhe diz : — « Servida está. »
Então a velha matreira,
Seus regogos adoçando,
Começou d'ésta maneira :
—« Meus peccados contemplando
Quem de mim não fugirá?
Entretanto arrependida,
O remorso me lacera;
Se em crimes gastei a vida,
Esse resto que me espera

Não assim não findará.
  Qual foi o delicto, seja
Tambem o castigo meu;
Ás vossas ordens esteja:
Quem outrora me temeu,
Agora leis me dará.
  Ás garras do Lobo irado,
E da Raposa ás malicias
Obstará o meu cuidado:
Meu so bem, minhas delicias
O defender-vos será. »
  Lamuria tam venenosa
Os corações enternece,
Quasi triumpha a golosa
De um tolinho, que a conhece,
E tal resposta lhe dá:
  —« Quero por tanto saber
Quaes os seus lucros serão,
Que hade a senhora comer? »
Ao vér tamanha illusão
A Raposa que dirá!
  Apurando os artificios
Diz mui meiga e soluçou:
—« Quem tam crueis maleficios
Contra innocentes tramou
De graça vos servirá.
  O comer de nada importa,
O que importa é penitencia;
Abra pois depressa a porta,

N'uma total abstinencia
Meu prazer se fundará.»
Oh fatal hypocrisia!
Te enredaste, te perdeste!
Quem benevolo te ouvia
Replicou então agreste:
—« Ah vai-te embusteira, e já.
Morrer de fome e servir!
Minha sancta não me illude:
Va outros laços urdir,
Que imitar bem a virtude
Nunca o vicio poderá.»

J. V. Pimentel Maldonado.

Elegiacos.

ELEGIA I.

O poeta Simonides fallando
Co' o capitão Themistocles um dia,
Em cousas de sciencia practicando;
Um' arte singular lhe promettia,
Que então compunha, com que lhe ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia;
Onde tam subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama e gloria
Quem dava regra contra o esquecimento
Que sepulta qualquer antiga historia.
Mas o capitão claro, cujo intento
Bem differente stava, porque havia
Do passado as lembranças por tormento;
« Oh illustre Simonides! (dizia)
Pois tanto em teu ingenho te confias,
Que mostras á memoria nova via;
Se me désses um'arte, que em meus dias

Me não lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias! »
Se este excellente dicto ponderado
Fosse per quem se visse star ausente,
Em longas esperanças degradado;
Oh como bradaria justamente,
Simonides inventa novas artes,
Não midas o passado co' o presente!
Que se é forçado andar per várias partes
Buscando á vida algum descanço honesto
Que tu, fortuna injusta, mal repartes;
E se o duro trabalho é manifesto
Que por grave que seja ha de passar-se
Com animoso sprito e ledo gesto;
De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou ja, pois tudo passa,
Se não de entristecer-se e magoar-se?
Se em outro corpo um'alma se traspassa,
Não como quiz Pythagoras na morte;
Mas como o quer amor na vida escassa:
E se este amor no mundo stá de sorte,
Que na virtude so de um lindo objecto
Tem um corpo sem alma vivo e forte:
Onde este objecto falta, que é defecto
Tammanho para a vida que ja n'ella
Me está chamando á pena a dura Alecto;
Porque me não criara a minha estrella
Selvatico no mundo e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro d'ella?

Ou no Caucaso horrendo fraco infante
Criado ao peito de uma tigre hyrcana,
Homem fôra formado de diamante?
Porque a cerviz ferina e inhumana
Não submettêra ao jugo e dura lei
D' aquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das aguas que estilei,
As que passei do mar, fôram do Lete,
Para que me esquecêra o que passei.
Porque o bem que a esperança van promete,
Ou a morte o estorva, ou a mudança;
Que é mal que um'alma em lagrymas derrete.
Ja, senhor, cairá como a lembrança
No mal do bem passado é triste e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
E se quer saber como se apura
Em almas saúdosas, não se enfade
De ler tam longa e misera scriptura.
Soltava Eolo a rede e liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha ja sôlta á saudade.
Neptuno tinha pôsto o seu tridente;
A proa a branca escuma dividia
Com a gente maritima contente.
O côro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatea,
Comsigo socegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopea
Andava pelo mar fazendo mólhos,

Melanto, Dinamene, com Ligea.
  Em trazendo lembranças por antólhos,
Trazia os olhos na agua socegada,
E a agua sem socêgo nos meus ólhos.
  A bemaventurança ja passada,
Diante de mi tinha tam presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
  E com o gesto immoto e descontente,
C' um suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda gente:
  Dizia: Oh claras nymphas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o não tendes esquecido;
  Se per ventura fordes algum' hora
Adonde entra o gran' Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por senhora;
  O[illegible] ver o verde prado enxuto,
Ou j[illegible] por colhêr ouro rutilante,
Das Tagicas areias rico fruto;
  N'ellas, em verso erotico e elegante,
Escrevei c' uma concha o que em mi vistes;
Póde ser que algum peito se quebrante.
  E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
  Elles, que ja no gesto me intendiam,
Nos meneios das ondas me mostravam
Que em quanto lhes pedia consentiam.
  Éstas lembranças que me acompanhavam

Pela tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavam.
 Porque chegando ao Cabo-da-Esperança,
Começo da saudade, que renova,
Lembrando a longa e aspera mudança:
 Debaixo stando ja da strella nova,
Que no novo hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
 Eis a noite com nuvens se escurece;
Do ar subitamente foge o dia;
E todo largo Oceano se embravece.
 A máchina do mundo parecia
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo mar se convertia.
 Luctando Bóreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das naus as vélas concavas rompendo.
 As cordas c' o ruído assoviavam;
Os marinheiros ja desesperados,
Com gritos para o ceo o ar coalhavam.
 Os raios per Vulcano fabricados,
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os Pólos ambos de assombrados.
 Amor alli, mostrando-se possante,
E que por algum mêdo não fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante;
 Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum' hora, senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.

Emfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco d'aquelle
Em quem alguma vez de siso entrasse.
Uma cousa, senhor, por certa asselle,
Que nunca amor se afina, nem se apura,
Em quanto stá presente a causa d'elle.
D'ésta arte me chegou minha ventura
A ésta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E nos proprios quam pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Uma ilha que o rei de Porcá tem,
E que o rei da pimenta lhe tomara,
Fomos tomar-lha, e succedeu-nos bem.
Com uma grossa armada, que junctara
O viso-rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente de armas que se achara.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada;
Com morte, com incendios os punimos.
Era a ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Emfim, outra Veneza trasladada.
N'ella nos detivemos sos dous dias,
Que foram para alguns os derradeiros,
Pois passaram de Estyge as ondas frias.
Que estes são os remedios verdadeiros
Que para a vida stão apparelhados

Aos que a querem ter por cavalleiros.
  Oh lavradores bemaventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
  Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara da agua pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
  Não vêem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
  Vive um com suas árvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A gran' cubiça de ouro reluzente.
  Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado:
  Senão teem as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda, e o jacinto:
  Se suas casas, de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores
Onde os cabritos seus, comendo, saltam.
  Alli lhe mostra o campo várias cores;
Vêem-se os ramos pender co' o fructo ameno;
Alli se afina o canto dos pastores.
  Alli cantara Tityro e Sileno:
Emfim, per estas partes caminhou
A san justiça para o ceo sereno.
  Ditoso seja aquelle que alcançou

Podêr viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou.
  Este, bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se gera a chuva e neve fria:
  Os trabalhos do sol, que não repousa;
E porque nos dá a lua luz alheia,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:
  E como tam depressa o ceo rodeia;
E como um so os outros traz comsigo;
E se é benigna ou dura Cythereia:
  Bem mal póde intender isto que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte,
Que sempre os olhos traz em seu perigo.
  Porêm seja, senhor, de qualquer arte;
Pois, pôstoque a fortuna possa tanto,
Que tam longe de todo o bem me aparte;
  Não poderá apartar meu duro canto
D'ésta obrigação sua, em quanto a morte
Me não entrega ao duro Radamanto;
  Se para tristes ha tam leda sorte.

ELEGIA II.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus penates apartado:
Sua cara mulher desemparando,
Seus doces filhos, seu contentamento;
De sua patria aos olhos apartando:
Não podendo encobrir o sentimento,
Ós montes ja, ja ós rios se queixava
De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrellas contemplava,
E aquella ordem com que discorria
O ceo e o ar e a terra donde stava.
Os peixes pelo mar nadando via,
As feras pelo monte, procedendo
Como seu natural lhes permittia.
De suas fontes via star nascendo
Os saúdosos rios de crystal,
Á sua natureza obedecendo.
Assi so de seu proprio natural
Apartado se via em terra stranha,
A cuja triste dor não acha igual.
So sua doce musa o acompanha
Nos soidosos versos que screvia,
E nos lamentos com que o campo banha.

D'ésta arte me figura a phantasia
A vida com quem morro, desterrado
Do bem que em ontro tempo possuia.
Aqui contemplo o gôsto ja passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuxado.
Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu êrro co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.
Aqui me representa ésta lembrança
Quam pouca culpa tenho: me entristece
Ver sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento d'ella;
Mas muito doe a que se não merece.
Quando a roixa manhan, dourada e bella,
Abre as portas ao sol, e cai o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomella;
Este cuidado que c'o somno atalho
Em sonhos me parece, que o que a gente
Por seu descanço tem me dá trabalho.
E depois de acordado cegamente
(Ou por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acôrdo logra um descontente)
D'aqui me vou, com passo carregado
A um outeiro erguido, e alli me assento
Soltando toda a redea a meu cuidado.
Depois de farto ja de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saúdosos

Á parte d'onde tinha o pensamento.
  Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça, e sem flor, os campos vejo,
Que ja floridos vira e graciosos.
  Vejo o puro suave e rico Tejo
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo..
  Umas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.
  D'alli fallo com a agua que não sente,
Com cujo sentimento ésta alma sai
Em lagrymas desfeita claramente.
  Ó fugitivas ondas! esperai;
Que pois me não levais em companhia,
Aomenos éstas lagrymas levai.
  Até que venha aquelle alegre dia
Que eu va onde vós ides, livre e ledo:
Mas tanto tempo, quem o passaria?
  Não póde tanto bem chegar tam cedo;
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tam aspero degredo.
  Mas essa triste morte que virá,
Se em tam contrário stado me acabasse
Ésta alma, assi impaciente, aonde irá?
  Que se ás portas tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal pela memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.
  Que se a Tantalo e Tityo for notoria

A pena com que vai e que a atormenta,
A pena que la teem terão por gloria.
  Essa imaginação, emfim, me augmenta
Mil mágoas no sentido; porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
  Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na glória possuida.
  Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a fortuna faça o que costuma;
  Se n'ella ha hi mudar-se um triste stado.

CAMÕES.

ELEGIA.

A SILVIA.

Agora quando Marte stá movendo
Os brandos corações á dura guerra,
Iroso fogo n'elles accendendo;
Agora que de Jano senão cerra
O templo á sancta paz offerecido,
Estimado no ceo, pouco na terra:
Agora que Neptuno embravecido,
Por mais suberbas ondas que levante,
Navegado se ve, e não temido:
Agora manda Amor, Silvia, que cante
A tua peregrina fermosura,
Que d'ella tema so, que so m'espante
N'ésta verde e solitaria espessura,
Onde não soa estrondo bellicoso
Do tiro, que não pára em armadura;
Onde com dor não veja o cubiçoso
Vender a cara vida tam barata,
Por ser d'ouro, e de fama cubiçoso:
Onde nunca se cuida, nem se trata,
Senão de fôrças, roubos, crueis mortes:

Onde a divina lei se desacata:
Onde tremendo stão té peitos fortes,
Ouvindo o som qu'ao fero assalto chama,
Receiosos então de suas mortes;
Ond' o ferro, ond' o fogo se derrama
Per campos e per villas e cidades,
Das quais apenas fica o nome, e a fama:
Onde não veja emfim mil crueldades
Usadas dos que vão seguindo Marte
Em todo sexo, em todas as idades:
Mas veja em logar d'isto a fresca parte,
Que vai regando o Lima claro e puro
Saúdoso da fonte, d'onde parte.
Onde logre do bosque verde escuro
A sombra fresca, a fria herva miuda,
Onde dorme o pastor livre e seguro:
E d'elle ouvindo estê a frauta aguda
Na morada porêm, cujo som brando
Ora a cantar, ora a chorar m'adjuda.
Mas que direi de ti, Silvia, cantando
Fermosissima Silvia, que direi
Que va meu canto a teu valor chegando?
Onde palavras novas acharei,
Onde stylo que possa subir tanto?
Cante por mi amor, pois eu não sei.
Co' elle, Silvia, so, so com espanto
Irá pagando o sprito o que te deve,
E ficará devendo novo canto.
A competir comtigo não s'atreve

A manhan em rosada, o sol em loura,
E menos em alvura a branca neve.
Inda qu'os orizontes Phebo doura,
Não veja teus cabellos desatados,
Porque d'inveja logo alli não moura.
Os teus olhos d'Amor tiros dourados,
Cuja doce ferida me consume,
Como poderão ser de mi cantados?
A estrella, que mais no ceo presume,
Diante sua luz não apareça,
Senão quizer ficar cega e sem lume.
Toda a cousa fermosa te conheça
Por muito mais fermosa, Silvia, em tudo,
Porque d'isso tambem louvor mereça.
Nas graças da tua alma fico mudo;
Não sei mais que dizer; cuidando n'ellas
Fica o spirito boto, o ingenho rudo.
Como no limpo ceo claras estrellas,
Assi n'ella contino resplandecem;
São ornamento seu, e ella d'ellas.
As flôres pera ti mais cedo crecem;
As aguas, em te vendo, correm brandas;
Os dias mais fermosos amanhecem.
Se tu nos prados, se nos bosques andas,
Alli nunca fallece primavera;
Alli toda aspereza logo abrandas.
As árvores alli cingidas d'hera
Convidam a cantar mais docemente,
Quem fiar do cunhado não devera.

D'alli, ou ondequerque estês presente,
Toda a dôr, todo nojo se desvia;
Todo o gôsto da vida alli se sente.
A terra herva nociva alli não cria,
Nem faz ás que são boas nenhum dano
A geada de noite, o sol de dia.
Alegre e liberal nos torna o ano
Abastado de fruitos, de maneira
Que não recebe o lavrador engano.
Oh mil vezes ditosa ésta ribeira,
Onde nasceste Silvia, e te criaste,
Onde das suas nymphas es primeira!
Em uma cousa so atrás ficaste
D'essas, de que nos chega a fama e grito,
Indaque mais nas mais t'avantajaste:
A qual foi não ter eu tam alto sprito,
Que dera a tal belleza eterno nome;
A raras graças dera raro scrito.
Mas ja que mais não posso, de mi tome
Isto que digo agora, e for dizendo;
Indaque tudo juncto pouco some.
Mas s'eu vir algum dia o que pretendo,
Ah! se visse algum dia que me vias,
Menos te ficaria então devendo.
Que tu mais celebrada ficarias,
Amor obedecido, eu satisfeito,
Cantando so de ti noites e dias
Com verso mais conforme a tal sujeito.

Diogo Bernardes.

ELEGIA.*

ÁS MUSAS.

Qual nau de um Magalhaes aventureiro
Pelos immensos máres conduzida
Para fazer um gyro ao mundo inteiro;
Voa dos largos ventos compellida
Quando montando vai um promontorio,
Assim desapparece a curta vida.
Claras acções, nome inclyto e notorio,

* O genero de poesia, a que Francisco Dias se deu com mais efficacia, e para o qual mostrou sempre maior propensão, foi a *elegia*. É na verdade como os sentimentos, de que o coração é capaz, nem todos são igualmente sujeitos á influencia das instituições sociaes, um genero de poema, cujo objecto são as paixões e affectos que a natureza fez menos dependentes da diversidade da educação, e da maneira particular de viver de cada individuo, era entre todas as composições sentimentaes justamente aquella, em que um homem occupado quasi toda a vida nos exercicios menos proprios para dar elevação ao spirito, podia mais facilmente distinguir-se.

STOCKLER.

Arcos, estátuas, porticos, tropheos,
Tudo consome o tempo transitorio.
Dissolvidos da vida os frageis veos,
Obeliscos, pyramides não fazem
Voar a fama eterna até os ceos.
Da idade os vivos impetus desfazem
Monumentos firmissimos de gloria,
Que em sôlto po sem nome occultos jazem.
So vós filhas eternas da Memoria,
Musas, divinas Musas gloriosas,
Do tempo alcançais inclyta * victoria.
Vós do abysmo das sombras tenebrosas
Das voragens do negro esquecimento
Tirais ** as obras raras e famosas.
Por mais e mais que s'ergua o pensamento
Para fazer acções esclarecidas,
E com fama subir ao claro assento;
Sem vós, nymphas de Jove procedidas,
Serão no esquecimento sepultadas
As fadigas mais nobres e subidas.

* Ja se acha onze versos acima.

**O verbo *tirar* significa *puxar com fôrça* : ésta é a legítima e verdadeira energia d'este verbo. Camões disse na est. 110 do canto X dos *Lusiadas* :

Deseja o rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvída
Podèr *tira-lo* a terra com possantes
Fòrças de homens, de engenhos, de elephantes.—

La vai fendendo as ondas levantadas
Do athlantico Oceano o invicto Gama, *
Apezar das tormentas irritadas.
La vai Cabral,** vai Castro,*** que se inflama
Em commetter acções de fôrça extrema,
Que merece o louvor da illustre fama.
Ja voltam com victoria alta e suprema,
Notícia dando d'outros novos mundos,
Assumptos dignos de immortal poema.
Mas se com vossos canticos jucundos
Lhes não dais nome eterno, jazerão
Nos abysmos lethargicos profundos.
Vós contra a furiosa inundação
Do diluvio dos tempos sois reparo.

* Vasco da Gama, argonauta portuguez, mui conhecido no mundo por ser o primeiro que montou o cabo da Boa-esperança e passou á India. —

** Pedro Alvares Cabral, tambem famoso argonauta portuguez, o primeiro que passou á India depois do Gama, em cuja viajem descubriu o Brasil. —

** Pòstoque D. João de Castro não fosse descubridor, comtudo a sua glória não é menos resplandecente do que a dos heroes precedentes; porque alèm de elle ser quem primeiro sondou os principaes portos no Mar-vermelho, de que compoz um roteiro em latim, sendo ao depois vice-rei da India, obrou acções de tanta heroicidade e virtude, que a sua reputação não tem que invejar aos heroes da antiguidade. —

Com as obras de altissima invenção.
E por mais que combata o tempo avaro
Contra as virtudes dos sublimes peitos,
Vós lhes dais fama egregia e nome claro.
Vós sois as que inspirais altos conceitos
Ás nobres phantasias, que ao ceo voam
Longe do vulgo involto em vis defeitos.
Em todo o mundo eternamente soam
Vossos prodigios, vossa illustre gloria,
Com que os gentis talentos se coroam.
Vós, que com phrase rustica e irrisoria
Vituperais as musas consagradas,
Peitos, que desprezais clara memoria;
Almas de insania barbara agitadas,
Vêde das castas deusas gloriosas
Mil e mil maravilhas sublimadas.
Alli com proporções miraculosas *
Respira o bronze, e o marmore animado
Exprime as paixões n'alma poderosas.
Ao impulso subtil e delicado

* Uma das artes mais favorecidas das Musas é a sculptura, a qual foi levada ao seu maior auge pelos Gregos, de quem a receberam os Romanos nos tempos antigos; os quaes tambem foram n'ella eminentes. Os modernos depois da restauração das lettras a cultivaram muito, mas os Italianos foram os que a elevaram a maior perfeição, sendo Miguel Angelo Buonarota, e o cavalleiro Bernin os que n'ella mais se assignalaram. —

Do cinzel obedece a massa informe :
Eis um heroe, um Deus alto adorado ! *
  Um grande genio eternamente dorme,
Se o não tiram as musas vigilantes
Do lethargo onde jaz pesado e enorme.
  Subi, claros Espiritos prestantes, **

* Ésta passagem tem similhança com outra do Orador Vieira no sermão do Spirito-sancto, t. III, pag. 419, e transcreverei aqui todo o logar, para que aquelles que tem em pouco o nosso idioma vejam a cópia, e a fôrça de que é dotado. — « Toma (o statuario) o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, depois feição por feição, até a mais miuda : ondeia-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos : aqui desprega, alli arruga, acolá recama; e fica um homem perfeito. » — Todas as linguas teem suas energias e suas bellezas particulares; comtudo para se traduzir ésta passagem em qualquer dos idiomas cultos da Europa, havia de custar a achar elegancias, que correspondessem a éstas : *ondeiar cabellos*, *afilar nariz*, *avultar faces*, *espalmar mãos* e *lançar vestidos*. —

** O merecimento da pintura anda em igual parallelo com o da poesia; porque ambas teem o mesmo fim, que é a imitação da natureza : ambas ensinam, movem, deleitam; e um grande pintor tem igual assento no Parnaso, que um grande poeta. —

Erguei-vos do profundo esquecimento
Coroados de luzes radiantes.
  Dae vulto e fórma ao vosso pensamento;
Que Apcllo a téla de ouro vos estende : **
Mostrae as fôrças do inclyto talento.
  Dae vida ás côres : ja nos ares pende
A fama illustre, que com mil louvores
A obras immortaes vos move e accende.
  Mostrae das sanctas deusas os favores,
Vós emulos gentis da natureza,
Co' a illusão, co' a magica das cores.
  Em varia tincta, com subtil destreza,
O número augmentae das existencias,
Deleitando e movendo em summa alteza.**
  Oh das musas excelsas influencias,
Que conhecer não póde o vulgo ignaro
Agitado de férvidas demencias!
  La nos ceos resplandece o lume claro,
Que incita os nobres filhos de Urania ***

* Com uma similhante elegancia começa o grande Tasso um soneto :

Gran luce in breve tela il buon pittore. —

** Estes fins tem a pintura igualmente com a poesia, e ainda a musica, o que deve ser em grau supremo; porque éstas artes não soffrem mediania. —

*** Urania e a musa ou symbolo que representa a sciencia mathematica. *Filhos de Urania* é expressão

A obras dignas de louvor preclaro.
Muito se eleva a sua phantasia
Sôbre as azas do cálculo sublime *
Guiada da immortal philosophia.
Novas verdades altamente exprime;
E pôstoque uma ou outra se lhe esconda,
D'alta investigação nunca se exime.
O ares pésa: alli calcula e sonda
O movimento eterno dos planetas: **
Qual pêso á massa enorme corresponda. ***

similhante a outra de M. de Voltaire na bella *ode* aos mathematicos, que foram ao circulo-polar, e ao equador determinar a figura da terra:

Que font tes vrais enfans, ó céleste Uranie? —

*Sem o soccorro da sciencia do cálculo, e da geometria, não se póde dar um passo seguro em astronomia. —

**Combine-se ésta passagem com outra similhante de M. de Voltaire na ode acima dicta, e julgue-se quaes foram mais felices n'ésta pintura, as musas francezas, ou as portuguezas. O logar é o que se segue:

Qui mesure des cieux la carrière infinie. —

*** Imitação do seguinte logar da mesma ode de Voltaire:

. . . . *Et ces rares esprits*
Fixent la pesanteur, la masse, et la figure
De l'univers surpris. —

Seguindo vai os rapidos cometas
Per uma ellipse immensa aniquilando *
O susto das coroas inquietas.
La vem, qual bella aurora, levantando,
Coroado de glória e magestade,
A gentil Clio o gesto venerando.**
Ante ella o astro eterno da verdade ***

O epitheto *enorme* significa n'este logar, *grande, pesado, immenso.*

* Este terceto é imitação da seguinte passagem de uma carta de M. de Voltaire á marqueza de Chatelet sôbre a physica de Newton :

Comètes, que l'on craint à l'égal du tonnerre,
Cessez d'épouvanter les peuples de la terre,
Dans une ellipse immense achevez votre cours. —

** Clio symbolo da historia, ou a musa que a ella preside. —

***A verdade é alma, e a mais essencial virtude da historia. O verbo *historiar,* que em si tem grande energia, e não é usado por ignorancia, é antiquissimo no idioma portuguez, comtudo alguns o tem por novo. Fernão Lopes o primeiro historiador portuguez, usa d'elle varias vezes, e bastará apontar o seguinte exemplo no prologo da segunda parte da chronica de D. João I :

« Ora leixando nós a abastança dos muitos louvores por causa de brevidade, que alguns que ante nós fizeram *historiar* largo. » —

Tecendo illustre téla historiada
Canta os fastos do mundo a toda a idade.
 Alli em throno excelso collocada
A próspera fortuna dos imperios
Se ostenta de triumphos illustrada.
 Tambem soam da terra os hemispherios
Co' a ruina dos thronos sepultados
N'um abysmo de horriveis vituperios.
 Sublimes documentos consagrados
Á paz, á gloria das nações do mundo,
Ao vivo alli se mostram retratados.
 A oratoria eloquencia * la no fundo
Dos peitos mais rebeldes á razão
Vence as vontades com valor facundo.
 Ja prende com sagaz insinuação:
Ja com férvido impulso a alma fulmina
Armada de efficaz persuasão.
 Ella nos corações manda e domina, **

* Os scriptos de Aristoteles, Cicero, Quinctiliano e Longino são as verdadeiras fontes do bom gôsto n'ésta materia. —

** N'este terceto se indica aquella parte da eloquencia, a que os rhetoricos chamam — *genero deliberativo* — onde se encontram os maiores e mais vehementes rasgos da eloquencia sublime, propria do govêrno republicano: este foi o genero em que mais resplandeceu a facundia de Demosthenes. O famoso sermão do Vieira contra as armas de Hollanda, é o mais notavel monumento de eloquencia que n'este genero possue a lingua portugueza. —

E aquelles arrebata, accende e abrasa
Em quem receio torpe mais se afina.
Do expressivo pincel a viva brasa
Os feitos pinta dos varões que habitam
Do claro Olympo a omnipotente casa.
Ja doma as tempestades que se agitam *
Quando do vulgo ignobil os furores
N'um grande povo a hostil discordia excitam.
Os movimentos d'alma interiores
Mêdo, esperança, amor, prazer e pranto,
Por ella são dos corações senhores.
Ó musica celeste! ó nobre incanto,
Que os sentidos me prendes brandamente
C'os harmonicos sons do doce canto.
Tu molles affeições suavemente **

* O primeiro que comparou os tumultos populares ás tempestades do mar foi Homero no segundo livro da Iliada, verso 144 :

Κινηθη δ' ἀγορὴ, ὡς κύματα μακρὰ θαλάσσης. —

** Este terceto indica os affectos brandos, como amor, tristeza, compaixão, etc., os quaes costuma exprimir a musica com tons mais suaves, e os communica ao spirito com andamentos mais vagarosos.

Camões fallando d'el-rei D. Fernando no canto III dos *Lusiadas* est. 139, diz:

Ou foi que o coração sujeito e dado

Infundes na minha alma, que adoece
Co' as doces inflexões da voz doente.
  Porêm se aspero affecto se encruece
Em furiosa e viva symphonia,
O meu coração duro se enfurece.
  Que novo impulso e férvida ousadia
Meu espirito impelle, e de improviso
Me levanta da terra a phantasia!
  Eu ja nos ares pendo: ja diviso
Outros ceos, outro sol mais refulgente,
D'outra mais alva aurora o gesto, e o riso.
  Ja vejo o Pindo, e a placida corrente
Da immortal Hypocrene. Apollo e as Musas
Ouço cantar. Ouvi, profana gente:
  «Vós que com gôsto vêdes n'alma intrusas
As torpes affeções, e o pensamento
Nutris de ideias baixas e confusas;
  E que levados do furor sedento *

Ao vício vil, de quem se viu rendido,
Molle se fez e fraco.

E no canto VI, est. 96:

Não c'os passeios *mo[illegible]* e ociosos.

Aponto éstas authoridades, para que se observem os usos translatos do adjectivo *molle*. —

* Apezar de me parecer ésta expressão mui bella e significativa, eu a vi censurar per um docto, e não sei porque, pois não deu razão alguma do seu reparo. Ésta elegancia tem similhança com a célebre de Virgilio no livro III da Eneada, — *Auri sacra*

Do lucro infame e sordido interesse
As obras não prezais de alto talento:
  Vós que amando ócio inutil, que entorpece
Os nobres dotes d'alma, desprezais
Fadiga illustre, que immortal florece:
  N'ésta hora ser profanos não temais;

fames: a qual passagem foi imitada pelo divino Camões no canto VIII, est. 96 dos *Lusiadas*, da maneira seguinte:

Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Póde o vil interesse e *sede* imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

Alêmd'isso, eu vejo-a tam congruente com a boa grammatica, que não posso duvidar de sua pureza. A ambição, o desejo de accumular riquezas sempre foi julgado da philosophia por um furor hydropico, que quanto mais tem, mais appetece; como se ve na seguinte passagem da bella ode II do livro II de Horacio:

Crescit indulgens sibi dirus hydrops
Nec sitim pellit, nisi causa morbi
Fugerit venis.

isso mesmo se ve expressado com energia não vulgar a todas as linguas em *furor sedento*. O epitheto *sedento* pinta n'este logar acção permanente, e faz as vezes de participio do presente: exemplo em Camões, *Lusiadas*, canto III, est. 116.

Não matou quarta parte o fero Mario
Dos que morreram n'este vencimento,

Que Apollo gracioso * vos concede
Ver seus claros prodigios divinais.
Vêde, se ver quereis, como despede
A mente á poesia consagrada
Seu vôo eterno ao ceo, d'onde procede.
Na região excelsa e dilatada
Origem das sublimes invenções,
Se ve de glória ingente coroada.

Quando as aguas c'o sangue do adversario
Fez beber ao exército *sedento.*

A falta de bom gôsto faz censurar as delicadezas da arte e applaudir muitas vezes o que merece ser vituperado. —

* N'este verso está o adjectivo *gracioso* adverbialmente e significa *agradavelmente*, *sem custo*, *sem difficuldade*. Fernão Lopes, chronica do D. João I:

« Vendo os rêis taes rendas e sisas. . . . mostravam ao povo necessidades passadas, ou que eram por vir, e pediam-lhas *graciosamente* por dous ou tres annos. »

Este significado no dicto adjectivo é frequente nos antigos, do qual se não serve o commum dos scriptores d'este seculo, porque não examinam a fôrça d'ésta, nem de outra qualquer voz nos diversos sentidos que os bons auctores lhe deram: d'aqui vem a raridade extrema de obras scriptas n'este tempo com correcção e elegancia; porque raros se applicam seriamente ao studo da lingua. —

Os impulsos, as nobres sensações,
Os extasis divinos, fórma e essencia
Dão ás doces e amaveis illusões.
Então ideias mil d'alta existencia
Formam n'um todo augusto e magestoso;
Plano immortal d'altissima eloquencia. *
Eis um constante studo poderoso **
Para dar vida a um marmore lhe inspira
Policia em grau supremo e glorioso.
Ergue-se ao ceo, immensa luz respira
D'alta doctrina o monumento eterno,
Contra o qual longa idade não conspira. »
Divina Poesia, a quem no interno,
A quem no fundo d'alma adoro e sigo,
Potentissimo influxo, dom superno;
Tu es meu refrigerio e doce abrigo :
No furor das tormentas que me agitam
Tu me es benigna strella e porto amigo. ***

* Ésta élegancia é toda nova na nossa poesia. —
** Sem studo e sciencia não se póde bem screver na poesia ; por isso la disse Horacio na *Poetica*

Scribendi recte sapere est et principium, et fons. —

****Benigna strella*, *porto amigo*, são figuras muito usadas dos grandes poetas. Petrarca no soneto 203 :

Quanto mai piove da benigna stella.

Camões na est. 47 do canto VI dos *Lusiadas:*

Onde as fôrças magnanimas provara
Dos companheiros e *benigna strella*. —

N'um abysmo de dor me precipitam
Meus duros males; mas teus raios santos
Do lethargo mortal me resuscitam.
Então ao som confuso dos meus prantos
Succede a doce e angelica harmonia,
O sagrado prestigio dos teus cantos.
Quando choras em flebil *elegia*; *
Quando na scena tragica trovejas
Com magestade e fervida energia;
Quando, porque com fama illustre sejas,
Em magestosa e altissima epopea
Erguer-te aos astros nitidos forcejas;
Então conceber fazes viva idea
Dos prodigios das musas, do que pode
No coração de um vate a luz phebea.
Se em vão vosso alto influxo não me acode,
Se me illumina e torna em claros dias

* De todos os poemas monologos o mais difficil e interessante é a *elegia*. Ella pede muita perspicuidade, pureza e elegancia; mas o que a faz mais custosa de executar é o manejo dos affectos, e a moral pura, que deve inspirar. Para se cumprirem estes preceitos com perfeição, é necessario grande ingenho e muito saber; e pode-se affirmar, que quem desempenhar no genero *elegiaco*, stará apto para a grande poesia epica e tragica. Quando a *elegia* tem grande commoção de affectos, o seu stylo deve ser mais submisso; porque a dor não se costuma exprimir com sublimidade studada. —

As trevas, que a ignorancia em mim sacode:
Éstas são as mais arduas ousadias,
Deusas do Pindo, que com fama e gloria
Inspirais ás sublimes phantasias.
Mas de subita flamma transitoria
Resultado não são: de tempo e studo *
Sam fructos dignos de immortal memoria.
Ingenho, arte, sciencia, e mais que tudo **
Gôsto subtil, meditação profunda
Contra o tempo lhe tecem firme escudo.
Trabalho e correção pura e jucunda,***
Formam tam gloriosos monumentos

* Os poemas sublimes não podem ser executados senão per ingenhos verdadeiramente sabios. Póde qualquer ignorante fazer um *soneto* menos mau, uma *canção*, e ainda uma *ode;* mas *tragedias*, *epopeas* e outros poemas de grande estenção, so costumam ser desempenhados pelos ingenhos mais sabios e sublimes. —

** A primeira condição para ser bom poeta é ter ingenho; por isso com muita razão começa Boileau a sua admiravel *Poetica*, com a seguinte doctrina:

C'est en vain qu'au Parnasse un téméraire auteur
Pense de l'art des vers atteindre la hauteur:
S'il ne sent point du ciel l'influence secrète,
Si son astre en naissant ne l'a formé poète. —

***A correcção é de muito trabalho: sem ella não é nada a poesia; porque a imaginação não póde repentinamente conceber com perfeição. —

N'uma imaginação viva e fecunda:
  Que aquelles repentinos movimentos
De lutulenta enchente ao vulgo grata,
Não são das irmans nove altos portentos.
  So de nocturnos phósphoros de ingrata
Pallida luz são fatuos resplandores,
Cujo ser, ao não ser, não se dilata.
  Musas, que me inspirais nobres furores,
Que de meu duro e aspero destino
Mitigais as cruezas, e os rigores:
  Vós emblema symbolico e divino *
Do sancto influxo com que o Motor-Summo
Sublima um peito de seus premios dino:
  Vos trassumpto mental, alto resumo
De conceitos eternos, pégo immenso,
Onde a luz da virtude é norte e rumo:
  Vos a quem templo augusto, altar e incenso
Vida e meus pensamentos consagrava,
Se o consentira emfim meu mal intenso:

* Ja um litterato idolatra dos quinhentistas me censurou em certa occasião o adjectivo *symbolico*, pôstoque muito energico e summamente harmonico, dizendo — « que nunca fôra usado dos nossos classicos. » Bem classico é o orador Vieira, que no tomo V, paginas 506 se serviu do mesmo termo da maneira seguinte:

> « Que fundamento cuidais teve a philosophia *symbolica* das fabulas para fingir, que os gigantes fizeram guerra ao ceo? » —

No fundo abysmo e escuridade avara,
Em que triste me vejo sepultado,
Do Pindo me enviae vossa luz clara.
Valei-me, ó deusas! e em tam duro stado
Mandae sôbre a minha alma o fogo ardente
Do vosso sancto influxo consagrado:
Por que me possa oppor claro e fulgente
Co' a luz do pessoal merecimento
Contra o furor hostil da cega gente.
Que n'um combate eterno e violento
De iniquas oppressões, de mágoas duras
Agitado se ve meu pensamento.
Vosso vate illustrae. Voem seguras
De assalto infame de cruenta inveja
Com fama ao ceo suas ideias puras:
Para que o mundo errado note e veja
Vossos prodigios altos e subidos,
Que tanto escurecer tenta e forceja:
Que os ingenhos de vós favorecidos,
Como astros luminosos resplandecem,
Por mais que andem nas trevas involvidos.
Deusas, cujos influxos me enriquecem;
Deusas, meu so prazer, minha so gloria,
E por quem meus espiritos florecem.
Dae-me do Fado escuro alta victoria;
Fazei, que cante em placido remanço
Com voz digna de nome, e de memoria.
Eu vos permetto, se um tal bem alcanço,
De nunca celebrar assumpto infame,

Que eu ja da minha ideia arrojo e lanço.
Nem que o Parnaso invoque, e o Pindo chame
Para cantar grandeza van sem feitos
Dignos, que o mesmo Apollo os louve e acclame.
Consagrarei somente os meus conceitos
Ás virtudes, á Patria, á clara fama
Das proezas dos seus heroicos feitos,
Se a vossa influição, Musas, me inflama.

Francisco Dias Gomes.

ELEGIA.*

É todo o mundo um carcere, em que a morte
Os miseros viventes guarda, encerra,
Para n'elles cumprir-se a lei da sorte:
Ou baça enfermidade, ou torva guerra
Vão co' as ferinas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco um ermo a terra:
De dia em dia as lagrymas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmoreas campas, urnas luctuosas:
Males e males em terribil bando
Vagam per toda a face do Universo,
Peste, veneno, horrores derramando:
Cai o eximio varão como o preverso;
A morte pelo effeito os dous iguaila;
O modo, com que os fere, é que é diverso.
Áquelle a voz de um Deus dos ceos lhe falla
O remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpeia e ralla:
Da chamma divinal afogueado
Um, cravando no Empyreo os olhos ternos,

* Como poeta elegiaco tem Bocage um logar mui distincto.

J. M. da C. e Silva.

Ergue de almo futuro o véo dourado :
  Outro, mordido de áspides internos,
Se entranha em feio abysmo, e ve que passa
De mal finito, a males sempiternos.
  A mão, que as frageis vidas desenlaça,
Ao pio é, pois, suave, ao impio dura;
Traz o flegello a um, ao outro graça.
  Que importa que na terrea sepultura
Baqueie o corpo, a víctima do nada,
Se triumpha nos ceos uma alma pura?
  Se na radiante olympica morada
C'o fulgor, que do Eterno reverbera,
Como o sol resplandece illuminada!
  Ve negrejar ao longe a tenue esphera,
Onde o cego mortal vagueia ufano,
Nota quanto differe o que é, e o que era :
  Per entre a cerração de antigo engano
Contempla como nutre, e como ceva
Vão tropel de illusões o orgulho humano :
  Como o barro servil se abstrae, se eleva;
Como a hallucinação, como a loucura
Lhe abafa o pensamento em densa treva;
  Como o bem, como a paz, como a ventura
No mundo não são mais que um fatuo lume,
Que doura mal o horror da vida escura.
  Graças, graças ao bom propicio nume,
Que alisa com a dextra omnipotente
Á fouce matadora o ferreo gume.
  Dos ceos, oh morte! es dadiva eminente,

Es precioso balsamo divino,
Que cerra as chagas do infeliz vivente.
  Morte, se padecer é seu destino,
Se o torna a febre ardente, a dor aguda
Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino;
  Se um salutar bafejo lhe não muda
Em manso allivio tam penoso stado,
Dita não é que tua mão lhe acuda?
  É sim; pela afflicção desacordado,
Ia afrontar teu nome em meu lamento,
Oh mimo celestial! oh dom sagrado!
  Sumido na tristeza o pensamento,
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de parennal contentamento,
  Estrada, que a virtude aos astros guia,
Guia ao reino immortal, ditoso e puro,
Onde nunca interrompe a noite ao dia;
  Chave e porta do incognito futuro,
Doce amiga fiel, que nos franqueias
Dos ceos lustrosos o invisibil muro:
  Ja voou meu terror, ja não me anceias;
Em risonhas ideias se trocaram
Carrancudas visões, imagens feias:
  Razão, verdade a mente me aclararam,
E de teus mil phantasticos horrores
A medonha apparencia em mim douraram:
  Ah! verta o meu pincel vistosas cores
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os férvidos clamores.

Ouço gemer a filial piedade,
Ferem meu peito os echos da tristeza,
Ingenuas expressões da humanidade.
Deixemos suspirar a natureza,
E os estoicos ou barbaros, embora
Se paguem de uma apathica dureza.
Labeo da especie humana é quem não chora:
Per leões devorado em selva escura,
Aprenda a conhecer a dor que ignora.
Solta-te em ais, dulcissima ternura
De um virtuoso pae, tu, prole amante,
Deves banhar-lhe em pranto a sepultura:
Mas não seja a paixão tam dominante,
Que insulte a sacra mão, que ja da terra
O attraíu luminoso e triumphante.
Se o mundo é campo de contínua guerra,
E os ceos habitação da paz serena,
Mingue o dissabor, que em vós se encerra;
A fôrça da razão sujeite a pena;
Na vontade de um Deus consiste o fado;
Louvem-se o mal, e o bem, que o Fado ordena.
O semblante caído e consternado
Erguei da terra, erguei, filhos saudosos
De um respeitavel pae, amante e amado.
Recordae seus dictames proveitosos,
A mão que vos guiou para a virtude,
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.
Em vez de pompa van, que attrai, que illude
Inchados corações, e enfeita a morte

Na cega opinião do povo rude,
Um ardor firme, um ávido transporte
De alcançar o que os sabios chamam gloria,
E que é no mar da vida o fixo norte;
Honrem as cinzas, honrem a memoria
D'esse, que do mundano atroz conflito
No ceo desfructa singular victoria.
Isto exige de vós, e n'alma escrito
Sempre deveis trazer o insigne exemplo
Que honrosa obrigação vos tem prescrito.
Com os olhos em vós do ethereo templo
A causa da afflicção, que vos devora,
Como que, absorto em extasis, contemplo;
Como que ao Ente-excelso, ao Deus que adora,
Ao Senhor mais que os seculos antigo
Amplos favores para vós implora.
Oh tu, meu bemfeitor! meu caro amigo!
Que contra o desprazer no affabil seio
D'alta philosophia achaste abrigo;
De um grato coração de mágoa cheio
Acolhe o terno, o candido tributo
Que a musa, glória minha, e meu recreio,
Te offrece, involta no funereo luto.

Bocage.

Contos.

CONTO I.*

OS CÁGADOS.**

No tempo que de Luso a gente honrada
La na Africa terra
As campinas talava em dura guerra,
E sempre valorosa, n'éstas partes
Arvorava de Christo os estandartes,

* Éste poema não é mera ficção do auctor, é um facto acontecido em Africa, durante o reinado d'el-rei D. Manuel. Veja-se o livro XII da Vida e feitos d'esse monarcha, scripta em latim pelo bispo Hieronymo Osorio, e vertida em portuguez per Francisco Manuel.

** N'éstas narrações que José de Souza (o cego) fez na Academia-dos-Anonymos, no tempo do carnaval, como presidente, scriptas em stylo jocoserio, para o qual teve mui particular genio, se admira a ele-

Havia um cavalleiro
Valoroso soldado e bom fronteiro,
Que grande enfermidade padecia;
E segundo dizia
Um postilhão da morte (e era physico)
O pobre cavalleiro stava tysico.
Mas eu digo o que intendo sem receio,
Tanto como em Mafoma n'elles creio:
Por concluir emfim, fôsse o que fosse,
Elle stava myrrhado e tinha tosse.
Os amigos procuram cuidadosos
Exquisitos remedios vigorosos,
Com que possam domar da febre ardente
A furia que no peito occulta sente.
Ha certos animaes, que o lodo cria
Humidos moradores da agua fria,
Que nas conchas mettidos
Vivem nas alagôas escondidos;
Medecina approvada, quando acaso
Da vida o meio alqueire não stá raso.
São Cágados; o nome não lhe occulto,
Que é grande bestidade fallar culto,

gante harmonia de sua musa, os delicados pensamentos de seu ingenho, as magestosas expressões de seu stylo, tudo scrupulosamente regulado pelos preceitos da arte, em que era tam eminente, que so da ignorante presumpção não era consultado.

FRANCISCO JOSÉ FREIRE.

Podendo fallar claro;
Mas agora reparo
Que nas conchas mettidos
Se póde accommodar a dous sentidos;
Pois podem presumir alguns marujos,
Que Cágados não são, mas Caramujos;
Porque stou bem lembrado
Do *arame cavado*,*

* Termo de que usou o Beneficiado Francisco Leitão Ferreira, em uma das *lições de conceitos*.

A obra d'este Beneficiado, intitulada : *Nova arte de conceitos*, é a producção mais exotica que eu tenho visto. Para aqui dar uma amostra do stylo e pensamentos do auctor, citarei um pedaço de prosa e duas oitavas suas. Tracta-se de uma *descripção poetica dos olhos* :

« Para praxe e demonstração d'éstas doctrinas, sem por agora mendigar outros exemplos, me aventuro (com licença vossa) a subir nas azas de um poetico, bemque atrevido enthusiasmo, á radiante sphera d'este vivo sol, e qual Prometheu, roubando-lhe breve porção de suas luzes, animarei o corpo da seguinte amplificação. »

Vejá-mos como elle nos descreve a *menina do ôlho* :

Pólo fixo entre luz vária e serena,
Aquem dá bello esmalte a fermosura,
A que chamam *menina*, por pequena,
D'este globo é no centro, imagem pura :
D'alli aos corações, Amor ordena
Que o sigam, como a norte da ventura ;

Que so por ter no centro uma caverna,
Póde trombéta ser, ou ser lanterna :
Ita Leitão de jure Lusitano,
Penultima lição das d'este ano,
A segunda que fez dos epithectos,
Tractando da metaphora os objectos.
Emfim quantos havia interessados
Na saúde do enfermo desvelados,
Concorrem diligentes *
Uns por amigos, outros por parentes,

Mas sendo o Pólo fixo, é vária a sorte,
Quando o amor, por mudavel, muda o norte.

Leià-mos agora a descripção da *pestana* :

Do sol visivo, ecliptica animada,
A *pestana* de risos se guarnece,
Onde a specie em seus pólos regulada,
Com sensiveis acções, ou sóbe, ou dece :
Aqui d'este planeta a luz dourada,
De eclipses em véo funebre anoitece,
Se Morpheu com vãos e humidos vapores,
Faz triste opposição a seus fulgores.

Eis como se screvia e poetava em Portugal pouco antes que Garção, Diniz, Francisco Manuel, e outros Ingenhos de primeira ordem viessem espancar éstas empolas do Gongorismo, e este mau gôsto que produziu a *Phenix-renascida*, a *Constante Florinda*, e outros livros da mesma estofa.

* Vinte cavalleiros lhe offereceram seu prestimo,

Pretendendo á porfia
Dos Cágados fazer a pescaria:
Os arnezes renovam,
Espadas de aço fino a peitos provam,
As couras vestem, montam no cavallo,
Qual rapaz, que no entrudo sai ao gallo,
Mil barbatas lançando
Pelas barbas aos Mouros vão jurando,
Pelo campo brandindo as lanças fortes,
A quem se lhe oppozer, fulminam mortes;
Mas vendo que estão livres de haver Mouros,
Os vestidos tirando, ficam em couros, *
E com presteza surda
Cadaqual na lagôa se chafurda.
Vêde meus Portuguezes,
Que a fortuna é contrária muitas vezes;
E se acaso se enfada
Vos poderá saír a festa aguada.

apenas D. João Coutinho, governador de Arzila, lhes permittisse saírem da cidade, a qual licença lhes facultou o governardor sem custo.

OZORIO.

* Saiem caminho do rio proximo, tiram sellas e freios aos cavallos, sujeitando-os so pelos cabrestilhos, cravam no chão as lanças. Então deposto todo receio, despem as armas, e após ellas os vestidos, e como a calma era muita, e elles destros nadadores, de melhor vontade e folga se refrescavam nadando e colhendo ás mãos infinidade de aquateis tartarugas.

OZORIO.

Eis que, acuda-nos Deus! no campo assoma
A barbara canalha de Mafoma! *
Um dos nossos vigias deu dous brados
Onde stavam estes Mouros incantados?
— « O fato recolhei (disse gritando)
O fato recolhei, que véem chegando! »
E logo a nossa gente
Deixava emcontinente
Da lagôa os remanços,
Qual, visto o caçador, bando de ganços:
Nos cavallos saltaram,
Estavam nus, depressa cavalgaram:
Á fresca stavam todos:
Viam-se alli figuras de mil modos;
Qual espreme a guedelha, qual se coça;

* Um atalaia dos imigos tendo avistado os vinte cavalleiros saír, foi dar parte d'isto a el-rei de Fez, o qual confiou 200 de cavallo ao Almocadem Hamelix, e lhe deu ordem que fosse cercar o váo per onde os nossos tinham de atravessar o rio; mas sendo pre-sentido pelos atalaias de Arzila; dispararam estes a grande bombarda do signal, para os que eram fóra da cidade se recolherem.

Emtanto os egregios nadadores com tanta folga de ânimo, como prazer, galhofeavam, que não havia hi roncos de bombardas que os avisassem do perigo que corriam. A pesca mui venturosa, os motejos, que uns a outros se diziam, os gritos, as risadas atroavam tudo; quando eis que apparecem

Qual atiça o nariz, e a barba roça:
Tambem tu meu Bagulho alli sacodes
As humidas torcidas dos bigodes:
Affirmo-vos, que havia tal dos nossos,
Que irmão podia ser do caixa-de-ossos.
Esta era gordo, aquelle escanifrado,
Este direito, aquelle corcovado:
Havia machacaz, que era roliço,
Mas outro descendente de Magriço. *
Qual os hombros tem cheios de verrugas,
E qual as pernas tem de sanguesugas.
Eu não sei n'este caso, que mais diga,
Senão que muitos teem negra a barriga:
E porque de uma vez vos pinte tudo,
Tal era pelos lombos cabelludo.
  Eis que a mourisca gente alegre vinha,
E á nossa tremia a passarinha,
    Quando Vasco Bagulho,
Famoso capitão de grande argulho,
Uma falla lhe fez grave e sisudo,
Que fallando a verdade, não era mudo:

os imigos. Eis tambem os nossos, que desencravam as lanças, e assi nus montam nos cavallos em osso; e arrancam para a cidade. Véem-lhe os imigos no alcance, e elles, indaque nus, voltam os cavallos, e, como podem, lhes rebatem a furia.
Osorio.

* Um dos doze de Inglaterra.

— « Valentes companheiros,
Vós de quatro rafeiros
Mijando-vos estais? Dae-lhe dous berros;
Não vos acobardeis de quatro perros.
Não digais que não tendes armas ricas;
Porque vejo que todos tendes....
Não queirais, que dos Mouros diga a tropa,
Que toparam com gente fraca ropa.
Eu sei, que sois ladinos n'este trato,
Pois fizestes, ha pouco, espalhafato.
Se temeis, porque os Mouros vêem nas ancas,
Todos estais vestidos de'armas brancas.
Não receeis de serdes invadidos,
Que implica sendo nus ser investidos.
Gente briosa sois, e não bisonha,
Pois sei que todos vós tendes vergonha:
Descalços vos apanham; mas é certo
Que pelejais a peito descoberto. »
Isto disse, e da lança dando um bote,
Ao fogoso cavallo apressa o trote;
A leve companhia
Toda pelos outeiros o seguia.
Agora se me empina o cavalinho, *
Mas n'este caso serve o papelinho.
O fio, sem querer, quebrei da historia;
São trabalhosos actos de memoria!

* Finge com galanteria o auctor, que se perde na oração, e tira o papel para tornar ao ponto.

Ao passado tornando,
O quebrado da historia fio atando,
Digo, que a nossa esquadra valorosa
Fatal aos Mouros foi, foi temorosa;
Porêm contra Bagulho denodado
Cerrendo um Mouro vem de furia armado.
Elle lhe diz : — « Retira-te rafeiro,
Que vens dar c'os narizes n'um sedeiro. »
Ja n'este tempo os nossos com bem graça
Se vinham retirando para a praça, *
Quando as damas, que stavam cuidadosas
De ver a seus amantes desejosas,
Dos muros d'onde stavam pela estrada
Viram vir a famosa encamisada;
Bemque mal se divisa
Se aquillo que alvejava, era camisa;
Umas a outras dizem nas ameias :

* D. João Coutinho, que saíra de Arzila com a sua gente formada para recolher os fugidios, desmanchava-se de riso de ver o esquadrão dos nus, e como era mui engraçado cortezão, tam joviaes apodos alli soltou, que dispararam todos ás risadas. Depois disse aos que o seguiam : — « Não é justo que os nossos camâradas appareçam tanto á ligeira ás damas, cujos servidores são, enroupemo-los antes que entrem na cidade. » Então cadaqual se desfez de parte de seus trajos para cubrir o outro; e assi, entre os chascos de quantos os viam, entraram em Arzila.

OSORIO.

— « Cágados vão buscar, trazem.... »
Outra que melhor ve, disse: — « Os barbados
Cágados vão buscar, e véem ca...? »
Do que agora fallei ninguem se espante,
Porque isto fôrça foi do consoante.
As mãos nos olhos pôem, sabidas tretas;
Mas vigiam dos dedos pelas gretas:
Porque os nossos mostravam com franqueza
O que deu para dar-se a natureza. *
O sino do rebate retinia,
Todo o povo fervia
Pelos muros a ver o leve bando
Da procissão dos nus, que vem chegando;
Mas o que a gôsto immenso persuade
Os.... são, que traz ésta irmandade.
Entrae, meus valorosos Lusitanos,
Entrae fatal terror dos Africanos,
Que eu fico, que nos seculos futuros
Státuas immortaes de jaspes puros
A vosso excelso nome lavre a Fama.
Eu fico, que de Phebo a verde rama
Cinja vossas cabeças generosas
Polas acções, que obrastes valorosas.
Eu fico, que ésta bella retirada
Seja sempre no mundo celebrada;
Pois soubestes na praça denodados
Cavalleiros entrar, não vindo armados;

* Verso de Camões.

E, apezar de Africanos mariolas,
Destroçados não vir, vindo em bandolas. *

* Fr. Simão Antonio de Sancta-Catherina nas suas *Orações Academicas*, tom. II, pag. 241.

CONTO II.

O ENTRUDO.

Agora que no poio da priguiça
Ligeiro a quarta pondo a vil gallego,
Dos camaradas seus a bulha atiça
Correndo para a praça sem socego:
Até que outro, que rouco se esganiça,
Na cabeça lhe faz de sangue um rego;
Todos, emfim, procuram com capricho
A rascoa borracha, o page esguicho.
Agora a cuzinheira se desvella
Por ver na rua o torpe marabuto,
Um caldeirão lhe entorna da janella,
E deixa o machacaz bem pouco enxuto:
Elle diz empregando os olhos n'ella:
— « Ó senhora Lucrecia! eu não sou bruto: »
Apenas isto diz sacode a grenha,

E as adufas lhe faz c'um lancho * em lenha.
Qual branco faz o Ethiope tisnado
A podèr de farinha, que lhe impinge;
Qual da côr do carvão torna o nevado
Inglez com a ferruge, com que o tinge:
Escumando o aguadeiro arrenegado
A quem lhe quebra a quarta as costas cinge:
Toda a praça emredondo se inquieta;
Voa a laranja, ferve a sapateta.
O mochila, talvez que de ser guapo
Presumindo, as janellas examina,
De seu competidor leva um sopapo,
Com que de envergonhado deixa a esquina;
Roncas lançando stá, falla de papo,
As mãos applica logo á tirintina;
Mas o vulgo, que á bulha basto acode,
As pulgas do pelego lhe sacode.
De est'outra parte se ouve a surriada,
Que gritando levanta a rapazia:
— « *Larga o gato* (este diz). » Est'outro brada,
— « Que lhe acuda a volante companhia: »
Qual corre enfarruscado, qual se enfada,
Qual raivoso o contrário desafia,
Qual do papel no cão prega a garrocha,
Aquella o raboleva, ésta a carocha.
A saloia, que os pomos sumarentos,
Que a China nos mandou, guarda na enxaca,

* Seixo.

Á praça do Rocio traz aos centos,
E a trôco de cascalho os desensaca:
O maroto os despeja em dous momentos,
E os gasta no que acaso se embasbaca:
O canudo o rapaz, que espera a môça,
Tanto que ve, que passa, enche na pôça.

Eis que apparece um Futre arrenegando
Do bando dos rapazes, que se chega,
Do azougado liquor o fogo brando
Nas chaminés dos olhos lhe fumega:
De parte a parte a rua vem tomando,
Ligeira a rapazia não socega;
Do tabaco a trombeta traz na boca,
Que em quanto o Baccho ferve, alegre toca.

Outro vem, que ao Galhano se assemelha,
Tal era a que trazia pouca ropa,
Quando um rapaz lhe mette na guedelha,
Per detrás um tição de accesa estopa:
Outro que ve chegar-lhe o fogo á orelha,
Derriba abaixo o torna n'uma sopa;
Mas outro machacaz com brio estranho
Lhe assenta no espinhaço um grande tanho.

José de Souza.

SONHO. *

Considerava comigo, que chegava o hinverno; entrei a cuidar em me reparar do frio.

Penduro nas espaduas o capote;
Tomo o tôpo da rua
Que entesta na *Parada*, ** e vai ao *Pote*; ***
Entro na loja; — alli a imagem sua
Creio que poz Minerva, em testimunho
De quam injusto, quam peitado, no Ida
Dera Páris a Venus delambida
A maçan, á mais bella em dom devida.

Ésta Minerva era, sem mais nem me-

* Ve-se n'este poema o quanto a imaginação de Francisco Manuel era fertil em variar os seus desenhos. Que multiplicidade de quadros! que jovialidade e que riqueza d'expressões! Digno imitador de Horacio, de Boileau, de Pope, e de Voltaire, so a elle coube ferir todas as cordas da lyra, e deixar a seus compatriotas mais de um modêlo em alguns generos.

** Praça da Haya, que chamam da *Parada*, pola que alli fazem as tropas da guarnição.

*** Rua assim chamada polo sítio em que pára.

nos a Dona da loja onde se vendiam papeis pintados.

EU.

Tem cobertores de papa?

A DONA.

Tenho-os excellentes.

(Dizendo e fazendo, tira a Dona d'uma gavetinha do contador cinco ou seis cobertores de lan listados, mas tam finos como lenços patavares.)

EU.

Não é isso o que lhe eu peço.

A DONA.

Ai, senhor, não sabe como são quentes.

EU.

No verão minha senhora!

A DONA.

Ai, não: no hinverno, digo; que no verão abafariam.

EU.

V. m. stá zombando.

A DONA.

Não zombo, tal não cuide.

EU.

Como póde um cobertor tam franzino, e tam delgado... A menos de ser um hinverno tepido, ou de enroupar a cama, c'um cento d'elles?

A DONA.

Esse é o segredo da nossa fábrica. Tal tempêra damos ás nossas lans, que estendidos sôbre o corpo, se embebem logo da quentura vivente, incha a lan, encorpa de maneira, que de fina que era, como um papel, toma o fofo d'um colchão.

EU.

Ja não stamos no tempo das fadas e varinhas de condão. Encampe esse segredo ás meninas da eschola, e não a

quem ha cincoenta annos que se barbeia.

A DONA.

Que duro é v. m. de crer em gente honrada! Ora experimente-o. Ahi stá um leito; dispa-se, que eu o cubro c'uma unica d'éstas cobertas, e verá maravilhas.

Inda estes dictos seus ne ar soavam,
Que eu mãos, à despojar o fato, metto;
Como a palma da mão despido e nu
Nos lençoes me embaínho, e a bella Dona
Co'a fina cobertura me agasalha.
Ja me ia pelos membros recrescendo
O calor promettido; eis que,—com pasmo,
Vejo mui despejada a tal Minerva
Desunhar-se em despir todo fatinho,
E em pêllo ja, como Eva (ha tempos) no Eden,*
Entra n'um camarim, tira aguçosa
Um menino gentil, louro o cabello
Descuidado em anneis, quaes vão anjinhos
Nas procissões, com calix e martyrios.
Ei-la, que mede um pulo, e salta acima,
Se me enfia na cama, c'o menino.

* Nome, que Milton, e outros dão ao Paraíso-terreal.

Ai! que não sei de nojo como o conte! *
Vistes vós um tonel que desembucha
(Desmentida a torneira) um jôrro de agua,
Alaga-se o sobrado, andam boiantes
Os moveis, uns c'os outros, ás marradas?—
Pois assim succedeu c'o tal menino:
Destapou o suspiro da arreigada,
E entre os lençoes, nos atolou tam alto,
Que o perum que no arroz vai fofo ao forno,
Ou sanguineo presunto lamecense,
Que se solapa nas suaves massas,
Não se ve, comò nós, tam empapado

EU.

Mulher, mulher, que destampado arrôjo!...

A DONA.

Chiton! como é travêsso! ai! não se mêxa
Que é sabão de estragão, isso que o ôlho,
Distilla, do rapaz.— Mui prestadio,
Limpa as fezes a tudo; os membros todos,
Em que o sabão tocar, ficarão puros,
E cobrarão belleza e mocidade,
Como se no Jordão fossem lavados.
  Senti (confesso) logo um tal lethargo
Esparzido per todos os sentidos,
E n'elle um doce enlevo assimilhado

* Verso de Camões.

Ao que a alma sente quando sai do mundo
E sóbe ao paraíso de Mafoma;
Do qual quando acordei, ja tudo tinha,
Mudado face na arca do juizo :
Então o rapaz louro, empoleirado
No sôbreceo do leito, ja chovia
Sôbre nós (de outra fonte) tal diluvio,
Que nos não so deśensaboou, mas inda
Continha tal virtude a chuva sua,
Que sôbre dar, como o Jordão, lavagem
Das nodoas, das doenças, das velhices,
Dourou luzente os corpos bem-chovidos.
Que no rico Brasil, sanctinho de ouro
Não ha, que mais que nós co' ouro similhe. *
Eis-nos dourados todos tres; e a loja,
N'um de marmore e jaspes, templo immenso
Transformada. Eis que vozes e instrumentos
Rompem concêrto — delphica harmonia!
Eis, per arte; não vista, collocado
Um altar, bem no meio do zimborio,
Todo feveras de ouro em alabastro;
E emtôrno d'elle, em pinha, muita gente
De Lisboa e París, que eu conhecia,
C'um joelho no chão, venerabunda.
Mas eis que me acontece maravilha
Nunca té-qui fingida, nem sonhada.
Cherubins, Seraphins, em quatro coros,

*—*Puroque simillimus auro.*

Baixam das quatro frestas do zimborio,
Nos levantam da cama, que de certa
Varinha de condão ao toque subito,
Desparece, — e a nós tres assim dourados
Assim nus, sôbre o altar nos esbeltaram.
Panditur interea domus omnipotentis Olympi.
De par em par, do templo as portas se abrem:
Entram a dous e dous paramentados
(Segundo o rito a cada qual devido)
Sacerdotes de quanto culto e crença
Traz prenhes os quadris este Universo.
Vistosas ricas são as vestimentas,
Com amplo talhe de orgulhosa pompa;
Tudo ouro, tudo perlas e diamantes
Nos bordados, nas franjas e alamares.
Melchisedech, e Aarão vinham no couce,*
Com elles o Muphti, e o Papa vinham,
E mais atrás Bramá, com Zoroastres,
Dalai-Lama, Dayri, Bonzos, Faquires,
E o mais bando,—que engorda com embustes**

* *No cabo, fim.* N'ésta mesma accepção se acha em Lucena, *Vida de san' Francisco Xavier*, tom. III, pag. 133:

Diante vieram em procissão o cabido, as freguezias, as ordens todas, e no *couce* o bispo de pontifical.

** Bem se ve que fallo dos últimos, não dos primeiros, e não de Melchisedech, Aarão, nem do Papa. *Vade retro* heresia!

Thuribulos de preço, aureas caçoulas
Nuvens no templo exhalam de perfumes. —
Chegados reverentes e devotos
Ante nós (tres dourados simulachros)
Todos os Truchimões, ca pela terra,
Das vontades de Deus, sôbre as estrellas
Uma musica soa deleitosa
De flautas, e de angelicas gargantas,
Discantando de Orpheu um hymno grego
Em toda a lingua e gente intelligivel; *
Como o ja foram os sermões de Pedro
E mais companha, em tempos atrazados.
A signal certo os instrumentos param:
Prostra-se toda a turba pontificia,
Com profundo-humilhado acatamento:
Per entre as duas naves, larga via
Vai do altar estendida té á praça;
D'onde um consul trajado de escarlata
(Bastão de general lhe peja a dextra)
Cercado de legados, de centurios,
De pendões da republica, e das aguias
Tira após si romana soldadesca
Com ricas reluzentes armaduras,
De prata escamas, pregaria de ouro;
Elmos, broqueis, brazões teem de relêvo,

* Não é cousa nova. Leiam o primeiro capítulo dos *Actos-dos-Apostolos*, e verão, que não é a primeira vez que tal succede.

Que estancam do Peru toda a riqueza :
Marcham ao som dos pifaros, das trompas,
E c'os contos das lanças, c'os pés batem
O militar compasso bem-medido.
Alveja entre elles bando de donzellas,
De setim branco em roçagantes opas,
Que largas fitas tricolores cingem ;
Nas mãos ramos de enzinha, louro e palmas :
Longo tracto, após ellas, se agiganta
O homem-de-ferro do brigão san' Jorge,
Que traz a pino a nacional campana :*
Seguem-no em batalhões lindos meninos,
Guardas-nacionaes, de azul trajados,
Damasquinos alfanges meneiando...
« — Arreda. — arreda :
Da *Convenção* de França é o Presidente!»
De plumas no chapeo cocar soberbo,
Que enxerta n'um chuveiro de brilhantes,
Lhe assombra, balançando, a altiva fronte :
Dos hombros lhe descende ** um rico manto
Lhama de prata; as orlas são erguidas
Pelas mãos de seis gordos secretarios,
Com togas de azul-claro terciopêllo :

* *La sonnette du président.*

** Desce.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sôbre a terra Africana *descendeu.*
CAMÕES, *Lusiadas*, cant. I.

Com broslados de perlas e topazios.
Ricas tôcas indianas na cabeça,
Com fios de rubís, trancelins d'ouro,
Adiante e atrás, e d'este, e d'outro lado,
Respeitoso cortejo lhe faziam
Os porteiros-da-cana da Assembleia,
Com pendentes medalhas sôbre o peito;
Aureas medalhas caiem d'aureos collares.
Segue-os a *Convenção* com galas ricas.
E quem a vista estende além do templo,
Ve pelos campos, muitas leguas longe,
Exercitos sem conto, e emfrente os cabos,
As insignias, a musica: — ascua * de ouro
Chega ante o nosso altar o Presidente,
E apenas chega, sai d'uma ala, e d'outra,
O papa Pio sexto, e o Dalai-Lama,
Cadaum c'uma aurea taça cravejada
De rubís, da grossura d'uma noz,
Que presentam, com muito acatamento,
Á Minerva dourada, que me fica
Á direita no altar: — ésta dos peitos
Espremendo um licor. — oleo de rosas —
Encheu as duas taças trasbordando.
Então o Presidente, grave ordena
Que a mim as tragam, e que as beba me ora.
— «Mas, para que! e quem sois vós? (pergunto)

* Braza viva.

Quem é ésta mulher, e ésta criança ? »
Aqui se fez no templo alto silencio ;
E o Presidente com despejo * nobre,
Tira da profundissima algibeira,
Uma flautinha de marfim lavrado,
Pela qual (em falsete) assim me canta :
— « Aquella alta senhora, que eu venero,
É a *Constituição* sob'rana e sancta ;
Tu cidadão, pentarcha executivo,
O licor, que ella espreme, e que tu bebes,
Succo é das leis, que tu cumprir te obrigas.
E esse almo e bello aditador menino,
Que entre vós ambos, nos recreia os olhos,
Das nações todas é o feliz Fado,
Que muito hade medrar á sombra vossa. »
Disse, e ao metter a flauta na algibeira,
Dispara uma festiva symphonia;
Abalam-se no templo as alas ambas,
Dança o Papa, o Muphti, o Presidente
Com toda a *Convenção* ; dançam soldados,
Dançam as môças, dança toda a turba ;
E dançando oito a oito, de mãos dadas,
Bando a bando, ante mim véem todos vindo ;
Cada bando, ante si, traz o seu preto
Da Virgem-do-Rosario, co'a bacia ;
E a esmola, que me pedem, são decretos
De fino pergaminho, que enrolados,

* Desembaraço,

Enfitados, com sette sêllos de ouro,
Aos borbotões me estouram do embigo,
Com tal chorilho, e tam precipitado,
Que não ha hi poder-lhes dar vasão...

Ainda o sonho iria per diante, se não me vem acordar o excellentissimo senhor A. d'Ar... para recommendar-me uma carta para sua prima. etc. etc.

CONTO.

O ENTRUDO.*

SONHO.**

Um noite do tres-loucado entrudo,
De alto barulho e dansatriz farofia,
De longo rabo-leva e surriada,
De pos, talco, filhós, peruns, carniça;
Eu co'a cabeça quente e nebulosa

* Francisco Manuel, imitando a Voltaire e outros grandes genios, quiz ameigar os dissabôres da velhice, ou da solidão, compondo alguns *contos* e *epistolas* philosophicas. N'este genero é que elle, talvez, não tenha quem o exceda em Lusitania. A mais fina crítica adubada com aquelle sal atico, que so o dá a natureza, forma o incontestavel merito d'éstas suas poeticas composições.

** *Un rêve! ah! que je vous embrasse! Quelle bonne fortune! Vous êtes auteur dans l'âme. Quoi! jusques dans le sommeil! Quand vous aurez contracté quelque habitude du métier, que sera-ce de vous dans la veille!*

C'os vapores de Baccho ebri-festante,
A redonda barriga ainda bimpando
C'o saboroso atola-dente lombo,
E certas trouxas de ovos comesinhas —
Embrulhado na rede, em casa aos passos
(Não mui seguros) punha a pontaria;
E ja Morpheu, das pontas dos cabellos
Se prendia, trepando-se á moleira,
Para no leito me baquear d'um golpe,
Mal que os penates curto saúdasse.

Dispo-me a troncos * do prolixo fato
Aqui me cai o lenço, alli se entorna
A caixa do tabaco; — mal sostidos,
No braço da cadeira, se debruçam
Os calções c'o relogio; e da algibeira
Pingam vintens, retinem no ladrilho,
E vão em caracol correndo; o gato
Pula áquem, pula álem;—co'a garra leve
Da-lhe um bofete, os tomba, e os atabafa.

Dou pouco tino dos vintens rodantes,
Do subtil gato resonante prêsa;
Antes durmo, sem ver, sem ouvir soca; **
Como quem faz fucinho ao mundo inteiro
Comparado c'um bom dormir machucho,
Entre fofos colchões aboborado,
De mortaes barafundas esquecido,

* Atabalhoadamente.
** Nada.

Dormir e priguiçar foi ja o systhema
Do mui faceto imitador de Esopo.
Dormir é irmão de Como, e de Folguedo,
Doce remanso do cançado dia;
Da natureza e Baccho, é o morgado,
Da vida esteio, das tristezas córte,
De todo o mal suave medicina,
E dos grandes negocios conselheiro.
Quem nos diz, que da morte é o somno imagem,
Nunca soube dormir: — resvala a doudo.
Ha hi velar que afronte um sonho amante,
Repinicado de mimosas fallas,
Com seu posponto de intrincados beijos,
E travessos filhados de Cupido?
Quando é que um avarento mette em cofres
Cartuchos de dobrões auri-luzentes,
Como os que viu, em sonho regalado,
Pelas sofregas mãos rodar-lhe a froxo?
Que valído subiu a mor altura?
Que dama foi do amante mais servida?
Quem foi jamais, no sêcco da verdade,
Tam feliz, como na aurea d'um bom sonho!
Que digam, que da *morte é o somno imagem.*—
Não soube o que é dormir quem deu tal mote.
E eu, que estragando a nata de meus versos
Com loucos, de chorudo somno esquivos,
Escornava a moela do meu sonho! —
Viro de véla, metto-me no rumo.
Quando pois mais profundo ressonava,

Engolphado no pégo da modorra;
Quando o grosso vapor, que a ideia embrusca,
Começava a caír, a esvaecer-se,
Despindo o véo aos quadros da memoria...
Como o sol, quando a pino em raios arde,
Transpassa a nevoa com dourado lume,
E derrotada em flocos a afugenta,
Que va nos longes cumes enrolar-se: —
Então a colcha azul o ceo desdobra;
O mar amostra as espraiadas ondas;
Mostra o monte as madeixas de arvoredo,
E os valles a alcatifa de verdura.
Assim no vão da testa (como no ouco
D'uma camara optica) apparecem
Bicharia de fosmeas* sem feitio,
Cardume atrapalhado de aventesmas.
Mas bem imaginaes, que pouco a pouco
Esses inda-embryões foram cobrando
Figura, desbastando o enleiado, o bronco **.

* *Fosmeas intellectuaes* chamava o meu lente de philosophia a todas as concepções disparatadas e inintelligiveis.

Velut ægri somnia, vanæ
Fingentur species, ut nec pes nec caput uni
Reddatur formæ.

HORACIO.

** Pela figura *usteron-posteron* usam mui famosos poetas pôr antes o que deveram pôr depois. Se aqui

Bem presumo de vós, qué haveis ja lido
N'algum roto alfarrabio—ou que a vossa ama
Juncto do lar no hinverno rigoroso,
La pela noite velha, cabeceando,
Ao som da estriga, que na roca ringe,*
Quando ao torcer na maçaroca a enrola;
Depois de vos contar mil casos bruxos,
Mil embelecos de sabidas Fadas,
Sediças travessuras de Duendes,
Trouxesse como historia, vinda a pêllo
Os seixos e terrões, que mal-enchutos
Das porfiadas chuvas do diluvio,
Deucalion e Pyrrha arremessavam
Detrás de si; que em homens e mulheres
Se foram convertendo,** que ao principio
Toscos, mal-amanhados, des-geitosos
Apenas confrontavam no pastrano,
C'os montanheiros sanctos d'uma aldeia;***
Como é claro, e o expoz o exacto Ovidio.—
La tendes um rascunho do meu caso.

eu (sendo o mínimo dos menores) os imitei, fiei-me nos muitos exemplos que apontarei na 15 edição d'este rarissimo opusculo.

* Verso onomatopeico.

** *Paulatimque anima caluerunt mollia saxa.*
JUVÉNAL.

*** *Rudibus simillima signis.*
OVIDIO.

N'ésta camara pois, n'ésta marmota
Do cerebro, surdiam de malhada
As vistas ja mais claras, mais seguidas,
Do que vai, e não vai per esse mundo. —
Quanto me não lembrei da Mouraria,
De seu nobre presepio divertido; *
Quando Lusbel com san' Miguel dançava
Uma briga ao compasso do canario; **
Té que d'um golpe de espadão vencido
De Lusbel que era, em *Satanaz* trocado,
Caía c'os diabretes *nas profundas!*
Ficava escuro e mudo o Chaos, e o Nada;
Depois vinha descendo o Padre-Eterno,
Com opa roixa, e divinal triangulo
Fazia o sol, e a lua. — Oh que era um pasmo!
Que lindeza era ver sol, lua, estrellas,
Ver sem milagre a noite, e o dia junctos!
Criar nos bambolins, nos bastidores,
Nos pannos de espaldar, e no tablado,

* Dizemos *homem divertido* o que *diverte*. Estes adjectivos passivos, tomados activamente, teem muita elegancia na lingua portugueza.

** Era um outavado mui repenicado na viola, e dançado com muitas posturas defficeis, e de muita gravidade. Eram raros os que o dançavam com perfeição : e o que mais admirava os bons dançantes, era ver, com que destreza, os que buliam os arames o executavam nos dous bonecos de san' Miguel, e de Lusbel, com sciencia, e com graça.

Tanta árvore com fructo, tanto bicho,
Que se arrasta, que pula ou se remexe,
Tanta ave, que voando os ares fende;
Aqui mar, com golphinhos resfolgantes,
Alli veigas, lagôas; la mais longe
Cucurutos de serras—Meus queridos,
Meus prezados leitores, perdoae-me
Biscates * de saúdosa meninice.
Que me não deu París, com todo o luxo
D'essa ópera talvez nimio-gabada,
Gôsto igual áquelle extase e arrôbo **
Comque o presepio me enlevou menino:
Alèm de que, não damna á claridade
Um símile de mais, se vem frisando.

* Ouvi a muita gente erudita; mas que (como eu) não attentava na etymologia, ou derivação dos termos, dizer *resquicios* em logar de *restos*. O meu mui estimado amigo Thimotheo Lecussan Verdier me observou, que *resquicios* que eu tinha scripto n'este verso, em vez de *biscates* com que o emendei, deriva de *quicios* ou *gonzos*, e significa a restea de claridade, que a porta, quando se abre, dá pela fenda que vérsa entre as duas machafemeas. (V. o Hyssope, pag. 135. segunda edição.)

** Sempre achei tanta energia n'ésta palavra castelhana, que me não pude conter que não usasse d'ella. Quem lè em hespanhol as vidas dos sanctos mais contemplativos, v. g. a da amantissima *sancta* Theresa, e a ve *arrobada* na mais íntima contemplação, etc. etc. tal graça, tal valentia lhe acha, tal

Vinham, como em presepio, ca no sonho
Saíndo á luz dos ricos promptuarios,
E armazens da memoria, a eito, a eito,
As especies, os moveis, as riquezas
A largo custo alli depositadas;
Vinham máres, sertões, vinham cidades
De erguidos tectos, cúpulas douradas
Nobre adôrno de praças sumptuosas;
Áquem corre um regato serpeando
Per um jardim inglez, e emcima a ponte
Travada de arte em rusticos madeiros;
Alèm campeiam poderosos urcos
Volvendo ufanos fulgidas berlindas;
Mais longe um arvoredo, grato asylo
De sombrio silencio namorado;
Ledos verdejam pampinosos combros
C'os dourados racimos, que reluzem
Entre o vergar das trémulas videiras.
Era um regalo ver desenrolar-se
Pelo sem-margens d'este mappa-mundo
Veigas, vergeis, despenhos de cascatas —
(Cascatas naturaes alvi-spumantes,
Não mesquinhos embôrcos de agua tenue
Com muito afan poupados, — e vertidos

affeição lhe cobra, que a perfilha indaque estranha. Não é ella tam estranha, que não usasse d'ella Fr. Luis de Souza na vida do beato Suso, accrescentando-lhe um *u*.

Com gran' dispendio, em dias prima-classe)
Apavonadas nuvens no horisonte
Com debruns de ouro a vista aformoseiam
Do quadro, que varía, e que revéste
As campinas e hervosas ribanceiras
D'alvos rebanhos, de gentis pastoras,
De choupanas, redis, rabeis, cajados,
Ampla materia, em verso campesino,
De seis folgadas eclogas Albanas.*

Eis que toda ésta scena se retira:
Corre-me a ideia novos bastidores;
Mal que meia modorra me deu azo
De embaínhar nos lençoes certa vasilha,
Que o que foi ja bebido em si recolhe.
Em vez de aldeans humildes singelezas
Vem todo o orgulho e fausto de altas côrtes,
Véem torreões, columnas, obeliscos,
Floreiados jardins, alvas figuras
De heroes de nomes, de gentios deuses. —
Sobem rugindo, a arremedar o orvalho,
Saltos de agua, ás estrellas espremidos
Do garrote e gargalo dos repuxos:—
Foge a vista per entre as espaçosas

* Sempre tive cetrina co'a tal ecloga de Albano e Damiana; não tanto porque ella não vale nada, quanto porque poz a parir tantos ingenhos, que nos inçaram de eclogas más.

Alamedas sem fim, pelos passeios,
Onde a froxo se enrufam,* se apavonam
Possantes damas, lepidas muchachas
De altos *telonios***, rubidos rebiques,
As sedas ruge-ruges arrastrando
Pela rodante polverosa areia.
Alli casquilhos mil afrancezados,
Brinco no orelha, guelas abafadas
C'um tufado lençol, em rancho os guizos
Pendem c'os farfalbudos perendengues
De estiradas cadeias do relogio;
Quadrado é o talhe da cardada trunfa,
Dengue a servilha preta luzidia,
E é giganta a fivella roça-ruas.*** —

* Dis-se dos peruns, quando empavezám as pennas, e arrastam pelo chão a ponta da aza.

** Chamavam *telonios* aos toucados altos que se inventaram em Lisboa, depois do terremoto, quando as môças íam descaradamente sem manto, nem touca, açoutar os ares com o topete. Este nome lhes veio de ter dicto um pregador no seu sermão — « que aquelles *telonios* eram thronos do demonio, como o era o *telonio* de san' Matheus. »

*** Com effeito (*credite posteri*) tam descompassadas as vi, que sobejavam per fóra dos beiços da sola; e mais pareciam os sapatos appendix das fivellas, do que éstas apêrto dos sapatos. Podia-se dizer d'ellas, como outro disse d'um nariz desme-

Seu livro de fitinha na algibeira,
N'outra a ponta do lenço debruçada,
Chamariz de cadímos ratoneiros.
É riso, é compaixão, é menosprêzo
Vê-los em seu meneio e desengonço! *
Não movem pe, nem mão, não volvem olhos,
Que não seja affectada macaquice,
Consultada c'o espelho, arremedada
D'algum maricas do palacio ensosso.
Quem poderá narrar com claro stylo,
O que eu com pasmo alli presenceiava?
As voltas, as guifonas, nos encontros,
O rapapés, o derrengar do corpo,
Tremelbicando a apolvilhada grenha;
As safadas lisonjas delambidas?
Polidos comprimentos — por alcunha.
Em tal tropel andejo eu destraído
Dava assumpto a jocoso passatempo;
Quando vejo luzir duas rodelas

surado: — *Era-se un hombre a una nariz pegado.* — Tam ridiculo foi sempre alargar com demasia as ensanchas ás modas!

Epiphonema.

* Alguns vi eu em París, que, querendo imitar e mesmo exceder os Francezes nos trajos e maneiras, trajavam tam rediculamente, e taes posturas faziam quando caminhavam pelas ruas, que a nada os poderas comparar, salvo ao mono em suas caretas e denguices.

De vidro, n'um nariz vermelho e grosso
D'um tonel ambulante, que cingia,
C'um estreito cordão, larga roupeta,
A basta barba branca se lhe espraia
Pelo peito; na testa um curucheo
D'uma fota listada esguio sóbe;
Como pela ascensão põe carapuça
Bicudo apagador do paschal-cirio.
Traz verdes os debruns da ruíva béca,
Amarellas as luvas, e os sapatos
Com laços roixos ao desdem prendidos,
Qual sandalha de arfante xabregano.
Affinca-se ante mim este estafermo;
Segura os grandes oculos, e encara
Nos meus olhos, pregados n'um tarello,
Que mais, que os outros, estofara os crespos.
Aqui, oh musa! o teu auxílio invoco,
N'este, tam desigual ás minhas fôrças,
Nunca narrado assumpto em prosa ou verso.
Dize, oh Thalia! jovial camena,
Quanto prodigio obrou, quanto me disse
O homem do curucheo! e o como a farça
Pintou viva Morpheu, com mão de mestre,
Na abobada reconcava do cerebro!
Dize: que attento screvo.—Ei-lo que entona
A bicuda cachola, e inteiro e grave,
Me acotovela, e diz: — «Saber quizeras
(Que no curioso olhar bem t'o adevinho)
Que tramoias contem, que farelorios

Aquelle crespo ouriço apolvilhado?
Esse appetite eu contenta-lo quero,
E contentar-to ja.—Que por impulso
De ingenho bemfeitor peregrinando
Per este mundo, ponho em praxe as raras
Profundezas do meu saber, co'a mira
Em contentar caprichos curiosos,
E pôr-lhe, a seu maneio, o que impossibil
Té-qui de alcançar foi—Nem tal te espante:
Que, qual me ves, sou magico d'arromba,
Dos magicos do Egypto mil-bisneto
Per linha recta; e de Merlim o sabio,
Tenho (sem que um so falte) os livros todos:
Que os salvei junctos d'uma certa queima,
Trocando-os, c'o meirinho, por *diurnos*.
Entre segredos mil, que em taes canhenhos
(Autographos genuinos, bem sellados
C'o sinete do occulto Trismegisto)
Lidei por decifrar, o dom possuo
De armar e desarmar cabeças vivas,
Como faz, e desfaz qualquer relogio
O Pires ou Pollet* quando os concerta.»
Tira então da saccola de camurça,
Que ao lado esquerdo cai a tiracollo,
Um estojo de lisa lixa verde,
Cheio de mil ferrinhos. — « Aqui dentro
(Me dizia) ha ingenhos para tudo ».

* Relog*eiros* muito afreguezados em Lisboa.

E arcando as cabelludas sobrancelhas,
Embochechando o rosto, continúa :
— « São sem conto os prodigios estupendos,
Que obram estes ferrinhos milagrosos;
C'uma d'éstas franzinas ferramentas
Armo eu um galeão n'um sancti-amen;
E com ésta agulhinha de nonada
Lhe urdo velame, enxarcias e bandeiras. —
Ves este gancho de ouro? — É bem delgado!
Pois com elle atoei, a salvo, ao porto,
Uma armada turqueza, que ía a pique,
N'um vendaval de ventos assanhados,
Se não lhe acudo c'o bemdicto gancho. —
Não ha traste aqui dentro d'este estojo,
Que não seja um compendio de sabença;
Tem mais prestimo, studo, e mais juizo
Um ferro d'estes, que não coube nunca
Na espessa testa d'um doctor de borla.
Toma este vidro. — Bem dirás que é vidro :
Não é vidro. — Do rei dos Basiliscos
Foi ja ôlho; por mim petrificado,
Polido, preparado com essencias
De aço e oleo oriental de diamante,
Serve de oculo, e ve cousas não vistas
Quem per elle quer ver, não sendo cego. »
E n'isto subtilmente tóca emroda
C'um ponteiro os encaixes do toutiço,
E o craneo sobreceo claro destampa.
Que pasmo foi o meu! que fito de olhos!

Que boca escancarada! — « O tal ferrinho....
— « Que dizes do ferrinho? (me embatuca
A magica aventesma) Este instrumento
Não teem podêr os rêis, não teem thesouros
Que apar de seu valor, não sejam curtos.
Applica esse oculo, e em prodigios tantos
Que elle hade descubrir, admira o ingenho,
E o que n'elle empreguei, lidado studo.»
Que burundangas vi! que farfalhadas
Ferviam em bolhão, nos reconcovios,
E sumiços d'aquella tóca aeria!
Miolos; nada! — Havia em logar d'elles
Um volumoso atrapalhado embrulho
De scriptos, um fardel de versos ternos.* —
Uma fita de anagoa, um cravo murcho,
Que foi prenda*— adorada e mui beijada
D'uma guapa que o poz.... á escaravelha.
Um comprimento para as boas festas,
Com tomas, com ensanchas para tudo,
E um de igual molde para dia de annos.**

* Versinhos de Caldas, versinhos de Chagas, para Nerinas, para freirinhas, mui doces, mui molles, e mui sonoros. *Versus inopes rerum, nugæque canoræ;* ou como Quintiliano diz: *Similiter illa translucida et versicolor quorundam elocutio res ipsas effeminat, quæ illorum habitu vestiuntur. Curam ego verborum, rerum volô esse solicitudinem.*

** Não é invenção minha. Sujeito conheci eu, o Snr. J. Q. de M., que compoz um soneto com tal

O gôsto, que encetei no tal embrulho,
Foi-me apontando o oculo ladino
Para os mais recantinhos e refolhos
D'aquella *feira* frivola *da Ladra* ;
Qual segue a agulha * a mão que empunha o iman,
Per cima dos fieis raiados rumos,
'A cada vento, que lhe acena emroda.
Aqui, alêm reluzem perendengues,
Diches, anneis — encerram bocetinhas,
Chesmininés d'alto primor e chança,
Finezas e requebros derretidos,
Melindres de sem-par chuchurrebío; **

artificio, que trocando as quadraturas e terçarias, de oito maneiras differentes, lhe servia com os mesmos consoantes para oito dias de annos. Estes findos, e bem usados, mudava de consoantes, e tinha para outras tantos despezas de dias de annos, *et sic de cœteris* : conservando (observae bem!) o sentido primitivo do soneto, e os consoantes taes, que a cada canto os deparava, e lhe vinham justos ao corpo do poema.

* Agulha de marear. — Nota do edictor para casquilhos, que so viram o mar, do adro das Chagas.

** *Chuchurrebío* — Palavra a mais imitativa e picturesca (e por isso a mais energica) de quantas inventou a redonda Grecia *quibus dedit ore rotundo musa loqui;* — de quantas inda hoje blasona a imaginativa Arabia. *Chuchurrebío* significa pois o último *quod sic* das cousas, que bem se gostam, *chuchando-*

Quintas-essencias, o beijinho, a nata
Do aperaltado come-emvão namôro:
Tudo arrumado e fofo, entre camilhas
De ambri-odoro algodão. — Vi n'outro cofre,
De talco, encaixilhado em filagrana,
Fundos suspiros (cascaveis das ância!)
Da ausencia os ais, e os tremulos soluços;
Mólhos de phrases vans, com seus atilhos
De *mas, porém, oh ceos! que dita e glória!...*
Fôra um nunca acabar, ir descrevendo
Todo o sarapatel, que o vão pejava
Da tal bola, armazem da parvoíce:

as, remexendo-as, remoendo-as, visitando com ellas na pa da lingua, toda a cupola do paladar, e todos os gabinetes dos gorgomilos; e como quando não temos palavras, que suppram o nosso encarecimento, nos servimos d'um gesto admirativo, — e scholasticamente, de um assobio, que diz ás vezes mais que uma oração gratulatoria. Consta por essa razão a nossa palavra *chuchurrebio* da mais rica e mais sonora *onomatopeia*. — *Chuchu*, do verbo *chuchar*, de que so usâmos para com as cousas que mais delicada golosa e regaladamente nos saboreiam; os dous *rr*, que são em cifra uma allusiva repetição do verbo regalar, recreiar, regozijar, e cujos *rr* denotam aquelle retorncio, que a cousa regalada vai, como de romaria, fazendo pelas roscas da garganta. E emfim aquelle *bio*, que é o sonido final do assobio, sinette de encarecida admiração, que serve de remate e coroa á preciosissima palavra *chuchurrebio*.

So para dar remate a tudo, digo,
Que emroda a vi per dentro afestoada
De espelhados pendentes avelorios,
Onde ufano e risonho se revia
A cada instante o instincto do peralta.
— « Viste (me disse o home' habilidoso)
O que ha la dentro ! — Fecho e recomponho:
Que te quero mostrar, com igual arte,
O coração d'aquella logrativa,
Que de tanto casquilho os olhos leva,
E leva as affeições. — Ah insensatos!
Que chóros ameaçam, que despeitos
Aos que se enlevam no fallaz surriso!
Quanto teem que sentir iniquos fados!
N'esse mar que os embala, (mar de leite!)
Logo empolado em naúfragas montanhas,
Pasmarão de ir a pique. Incautos! na aurea
Bonança das caricias se enfunaram! —
Miseros, que assim ardem n'esse lustre,
Com que intentada * engoda os inexpertos!
Mariposas, da luz que os mata, amantes!
Ah! se, qual eu agora t'o descubro,

* Nenhum commettimento alto e nefando,
Per fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa *intentado* a humana geração!
CAMÕES, *Lusiadas*, cant. IV, est. 104.

Quibus intentata *nites*.
HORACIO.

Vissem o coração d'essa que adoram....
Como as costas voltaram aos agrados
Que aquelle rosto vário lhes promette!
Mas antes que eu comece a abrir os seios
D'essa intricada mina, é bem que saibas
Que n'esse coração, que ao ver te inculco,
Ha taes voltas, maranhas, labyrinthos,
Tanta dobrez, tam fementido enleio,
Que não coube a Theseu, não deu Ariadna,
De fio guiador sabio novello,
Que ao mais ladino acerte co'a saída.
Ólha primeiro o empedernido e negro
Callo que o cobre e escuda aos crebros tiros,
De que o ves d'alto-abaixo espicaçado:
São das flechas do Amor frustrado impulso,
Perdidos golpes dados n'um rochedo. »
Quando elle ergueu, com delicado ingenho
Essa codea durazia, e que olhei fito....
Oh meu Deus! (exclamei) que torcicolos,
Que encruzilhadas, becos e Xancudos *

* Certo pateo, per detrás do calçado-velho, onde morava, antes do terremoto, uma parteira, muito conhecida, chamada Catherina Lopes; que caíndo em idade, e desviando-se-lhe por essa causa a freguezia de seu partejo, se metteu a crystalleira; e dizia um auto de Catherina Lopes, que eu vi impresso, com as licenças necessarias. — *Que para perto se mudou.* — O tal auto, que me não deixará mentir, traz na face o retrato da crystalleira, com

(Obra mais que Dedalea) se enredavam,
Sem nenhum ir cruzar cọ'as portas d' alma.
Sim , senhores , é assim. Que eu curioso,
C'um subtil alfinete, achei que todos ,
Voltando sôbre si , surgiam fóra.
De tam cego escondrijo os vãos incluem
Maços de enfeites, vidros de posturas,
Estojos guapos , optimas pastilhas ,
Pintados leques , luvas perfumadas...
Se não me engano, zune-me aos ouvidos
Certa chacota crítica ; e diz *ella* :
— « Como cabem n'uma arca tam pequena ,
Maços, vidros e tanta bugiganga,
Que apenas n'um bahu caber podiam? »
Mas eu que ja em críticas fiz callo , *
Não me empacho c'o mofador zumbido :
Co' as vistas da marmota lhe respondo : —
Como cabe París , Veneza , Londres
Em tam mesquinho quadro? E mais pergunto
Como cabem dos olhos na retina
Dés legoas de alto mar, armadas frotas ,
Mil objectos de vasta perspectiva?

seus oculos mui magistraes, e nas mãos o folle, e o tachinho. Vista faz fe.

* *Spiritum Graiæ tenuem camenæ*
Parca non mendax dedit, malignum
Spernere vulgus.

HORACIO.

E é nos olhos o espaço inda mais curto
Que o vão do coração.—Quinau : leve essa .
Senhor crítico, e sirva-lhe de ensino—
Ei-lo que abaixa a proa; ei-lo basbaque ;
E a crítica em pantana. Dei retruque,
Por ésta vez, não mais; que as maravilhas
Quero ir enfiando do meu sonho.
. La n'um retrete avisto um mafamede
De miudas garridas gavetinhas
Enfeitadas de fulgidos lettreiros.—
Eu nunca vi botica encharolada *
De espevitado pulchro boticario,
Nem de rico charão vasto scriptorio
Recheiado de tantos escaninhos.

* Se ja não vem pela quaresma a charola da Adjuda dar um descante ao Divino, pela ruas de Lisboa, necessario será contar aos rapazes de agora a composição d'ella. Pelo pouco que me recordo, era um andorsinho asseutado em dous varapaus, cangado nos hombros de dous saloios, acubertado c'uma toalha de mãos, como carro de romagem, com muitos Senhorinhos-dos-passos; muitos penitentes brancos, todos de barro pintado, e tudo per dentro allumiado com rolinhos de cera; e emroda, per detrás, e per diante muito aldeião berrando certa lenga-lenga devota; e pedindo muita esmola; que espalhadas pelas mãos e algibeiras dos cantores, e mais matula (porque alli n'aquella confraria todos são thesoureiros) iam diminuindo pelas baiucas até chegar á Adjuda sem pada.

Vejamos que contem. — « Contem finezas
(Me diz o pachorrento paracleto)
E suspiros fingidos com muita arte,
Que hão de romper mansinho em certa ausencia;
Um volver de olhos brando e piedoso *
Capaz de derreter ferrolhos, que hade
Vir a cabo c'uma inclyta conquista,
Contem desdem suave, arisco afago,
Meneio senhoril, airosas graças,
Entre grave e gentil, desenvoltura,
Com sainetes de estudo e chistes, prompta
Para uma noite de exquisito baile.
Noite de ardil mui primo, em que estes gestos,
Ésta arte se promettem gran' triumpho.
Contem, para brazão, ésta gaveta
Mil corações amantes, involvidos
Em escriptos de languidos amores;
O rotulo per fóra indica os nomes
De seus esperdiçados. Ólha attento
(E este é o mor prodigio dos prodigios!)
No largo coração, que tanto abrange,
Esse espelho, que é cupola do templo.
Da presumpçosa deusa, com que indústria,
Com que ladina subtileza mostra
As offrendas, que na ara são acceitas! —
Arfantes cruzes, saltos encarnados,

* Verso de Camões.

Claros diamantes, chicos * reluzentes,
Bofes tufados, ouriçadas trunfas.
Teem franca entrada, reservado assento;
Tanto mais alto, tanto mais vistoso,
Quanto o dono é mais fofo, ou mais basbaque...
  Mas n'isto tal zoada, tal balburdia
De máscaras, de bebados, de gôsos
Se levantou na rua alvoroçada,
Que o sonho tam egregio me quebrou.
Sobresaltado acórdo, e tómo susto;
Nem que a cidade fôra per assalto
Entrada de improvisos inimigos;
Ou que ardera de ponta a ponta a rua,
Em fumi-flavi-ruivas ** labaredas.

* Como ha 26 annos que saí de Lisboa, não sei se ainda chamam, como então, *chicos* as meias dobras de 6400.

**Como um Portuguez, poeta bem conhecido, e de ajuizado voto na materia, me deu o exemplo de palavra quadri-composta á imitação dos Gregos, eu que não sou nem grande poeta, nem tam afouto, contento-me com uma tri-composta; a unica talvez, que se achará em meus rascunhos. A quadri-composta de que fallei, chama-se — *Doce-ambri-fogo-ondeiante*, e se acha no dithyrambo á S. D. M. etc. Mathevon.

CONTO.

A APOSTA.

— « O pão furtado aguça o appetite :
Negaça e perrexil é a lei que tolhe.
Ir e vir, tomar este ou st'outro atalho,
Não tem pico nenhum, se é permittido.
Dá-lhe o sainete, de que a lei t'o véde,
Vem-te agua á boca, o coração te pula.
Nós somos filhos de Eva cubiçosa;
Inda em nós lavra de Eva peccadora
A nodoa original. Mas pede escusa.
Bemque outros que obrariam peior que Eva,
No lance em que Eva obrou, inda hoje a accusem. »
Assim fallava certo sposo um dia
Á consorte que de íra esbravejava
Contra Eva, que o gatasio nos pregou,
D'onde a flux todo nosso mal surdiu.
— « Despenhar n'um abysmo de miserias
Seu sposo e toda sua descendencia!...
(Dizia) E por que lucro, ou que regalo?
Por ensossa maçan! Nossa mãe Eva
Tinha bem fraco gôsto. — « Ou fraco ou forte

(Lhe retruca o marido) quem foi causa
Quem tudo nos damnou, não foi o fructo,
Mas sim a lei que ao gôsto poz travezes:
Do vedado lhe veio o sabor summo.
Mas seja ou não assim; aposto e digo,
Que quem te ora vedasse qualquer cousa,
Da qual bem pouco ou nada se te désse,
(Digo mais) cousa mesma a ti nociva,
Que almejaras* por ella, se a não tinhas.
— «Eu almejar!... (diz ella) — «Sim te juro,
(Torna o marido) e que o farás sem falta:
Desde ja, se mais teímas, faço a aposta.
— Ó la, se teimo (lhe responde) e a acceito.»
Sôbre palavra entre ambos se stipula,
(Segundo ouvi dizer) grossa quantia.
— «Não quero (diz o mui pacato spôso)
Pôr-te empecilho em cousa que te custe.
Fica-te um charco á esquerda no caminho
Que guia ao banho — va no charco a aposta.
Se a fio, um mez inteiro, em indo ou vindo,
Reprézas a vontade que não molhes
Na borda do tal charco ambos os pés,
Ganhas a aposta, e dou-me por vencido.
Mas se ao passar te encravas no recife,
Sem remissão perdeste o teu dinheiro.»

* *Desejar com áncia* — Usou d'ésta palavra o padre Manuel Bernardes na sua obra intitulada — *Luz e Calor.*

Ora o tal charco, em termos bem frisantes,
Era um lameiro, um cano de infundices,
Digno (polo não ver) d'um bom rodeio.
Fez dar muita risada o desafio,
Á dama, que festeja o bom mercado
De ovo por um real, e o tem tam certo
Da aposta o ganho, como china em burra:
E ja cuida no emprêgo que hade dar-lhe,
Que traste comprará, que novo diche,
Ou qual do toucador novo *tareco.* —
Roupas mormente, *e bem da moda,* a *enlevam.*
Partem (como era de uso) para o banho
(Não sem dar surrateira vista ao charco)
Para a primeira vez não é ja pouco!
N'em d'ésta feita foi mais largo o arrôjo.
Com ir e vir asinha se avezaram
Ao verdoengo, á babuje e lodo da agua;
Que a tudo habituar-nos sabe o tempo!
Fez mais o tempo! fez que o charco agrade.
O ingenho humano é trefego, incluo n'elle,
Per tres quartos e mais o ingenho femeo.
(Em lances de appetite!) O que mui claro
C'o seguinte successo vo-lo provo.
Eis que entra a conceber (nos diz a historia)
Velleidade* a tal senhora minha
De chafurdar n'essa agua çuja e negra:
(Que ja vai n'ella obrando effeito a aposta!)

* Alguma vontade.

E ao ver o charco, ja lhe dava enojo
Da agua do banho a limpa e clara veia.
Aqui entrou com seu bedelho o démo!
Fòsse o que fòsse : a dama de sisuda
Nem n'isso boquejou a Joanninha;
Sua aya, que com ella vinha ao banho;
Ladina e mui perfeita em seu emprêgo,
E era mais que aya; que era a dos segredos,
E por acenos a ama adevinhava,
E tinha alma (não minto) tam maneira,
Que em cem annos e mais que alli servisse
Nunca daria um *não* ao querer da ama.
Mas palrâmos ja muito da criada,
Que é mais que tempo de voltar á dona,
Que em si com muito custo se refreia.
Medrava o charco em convidoso engodo,
Dobrado esfôrço em resistir-lhe incumbe.
Perto.—E mais perto os pés se lhe avisinham:
Por gostinho de exotico tempêro,
Ja não se vai ao banho, vai-se ao charco.
Ja c'o dedo se apontam a Joanna
Os marrecos, que dentro patinhavam,
E que invejosa a mocetona os via!
E com elles trocara boamente!
Que âncias lhe vinham la do amago da alma
De ser pata (sequer) per dous minutos.
A miudo, além do ponto nos arrastra
A próxima occasião, que empuxa e tenta.
Parando a dama á borda apaúlada,

N'um subito violento accesso, um dia,
Tira um pe curioso da chinela,
Tóca ao de leve a ourela verde e çuja,
E d'ésta vez não vai mais longe a dama
Que o scrupulo a atalhou, pondo-se em meio.
Bons combates no peito se renhiam;
Mas bem quadra a virtude em qualquer lance.
Ora o marido que da fresta espreita
O entrecho da tramoia, muito sonso
Rindo stava, e contava pelos dedos
Que a seu salvo não leva o mez ao cabo.
Bem contava (ao que a chronica nos reza)
Que gualdidos do mez quasi os dous terços,
Chega o critico dia finalmente,
E o spôso astuto que tecia o lògro,
Do aguçado capricho vendo a altura;
Diz-lhe — « que vai pôr olhos na vindima,
Dar uma volta, e vir la pela fresca.»
Mas sai ao campo, e recolhendo as redeas
Vem descaír em casa da abegoa,
Onde occulto os redores atalaia.
Partir ve logo para o banho espertas
Ama e aya—no charco demorar-se,—
Contempla-lo,—deixa-lo muito a custo,
Como quem com pezar de clara fonte
Saudosa se arrancasse suspirando. —
Minava-a la no banho incendio occulto,
Que a lança inquieta e triste e pensativa
Fóra da agua, mais cedo que a hora do uso.

Dá-se a perros, comsigo regateia,
Poem-lhe a espora a paixão, o ânimo vérga,
E no alcance a virtude lhe coxeia.
Passa ja de aturar (diz a ama á môça,
Apontando a ferida) Não—« É muito.
Não ha aposta que valha o que eu padeço,
Nem se me dá da aposta um leve adarme;*
Que alto o declaro, e fixo o determino;
Eu heide ir ás do fim: — ou charco ou nada.
Dize quanto quizeres; falla, falla.
Que o saibam, que o não saibam: stou ninando;
Nem o caso é de morte: — e quando o fôra,
Tem de ir desd'ora avante o meu desejo.»
— « Bem morte de homem que é, minha ama, o caso.
Para taes escarceos (disse a Joanninha)
Ca tinha meus barruntos. **—Inquietar-se
Por tam pouco; cismar! — Como é menina!
Faz gôsto d'isso?—Cumpra-o, e dê dous trincos.
Quanto mais que o senhor anda per fóra.
Quem é que a vê? — Ninguem; a bom seguro.
E se vem? — Grande perda! — Perde a aposta.
Deus nos valha! — Virá a morrer de fome
Por isso? — Um gôsto val mais que ouro e perlas.
Além de que, tal móca lhe urdiremos
Que o gôsto, e que o proveito entre n'um sacco.
— «Vales pesada a ouro (a ama lhe torna)

* Meia oitava.
** Suspeitas, indicios.

Hoje seja a funcção, que não mais tarde. »
E n'isto, ja se amanham para a folga:
Chenelinhas na mão, os pés nusinhos,
Caminham aguçosas * para o charco.
Vai diante a senhora, de lampeira
E logo vem de retaguarda a môça,
Deitando de caminho emroda o lúzio,
Se ha espia ou malsim que sonso espreite.
Comem-lhe de ância os pés. No charco arrisca
Primeiro um pe, com que o terreno sonde,
Logo o arreda, mal outro toma o pôsto,
Que tambem logo encolhe mui ligeira. —
Em conclusão: depois de muitos momos,
La vão os dous pés junctos de mergulho,
Até o lodo, onde as rans são inquilinas.
Chafurdar, peguinhar alli folgada
Superlativo gôsto lhe dá n'alma;
Nunca no banho achou igual deleite.
Em tanto o spôso (perdoae) vigia
Muito a seu grado quanto alli se passa;
Dentro em seu coração folgando muito
De não ter pôsto a prova mais forçosa
Tam noviça virtude, e tam vidrenta.
So de cuidar nó impróvido infortunio
De susto estremecia. D'este aviso
Vendo o caso avançado e bem maduro
Vem chasqueando, apparecer á dama.
Não dá mais susto uma alma do outro mundo!
— « Leva, leva; — abalar d'aqui corramos. »

Mas quem corre descalça , corre pouco.
Entram na sala ; e co'ellas entra o spôso.
Que lhe diz logo ; — « E bem ! teve mau gôsto
Nossa mãe Eva em pôr (que tal é a surra)
N'essa maçan fatal seu appetite ? »

DEBIQUE.

Eis que, como Quevedo, me resolvo
A debicar comvosco, meus francelhos,
Que vos desempulhais de meus socates,
C'um baboso dizer : — « *Patrão da lancha*
Carregada das drogas da antigualha. » *
Cuidais que me insultais : e eu tenho em honra
Ter os classicos lido, e ter lembrança
De suas nobres phrases, quando screvo,
Que assim fazia Freire, assim Vieira,
Dous lumes da eloquencia portugueza,
No seculo anterior. Que (por disgraça
Da lingua nossa!) os outros scriptores

* Este rotulo desenxaibidamente scripto per quem nunca me conheceu; e imputado o crime a mim, per obras, que outros traduziram ou compuseram; melhor, e mais frisante ficara se dissesse — *carregado de drogas atrevidas* — Por uma palavra talvez antiga que se achar nos meus versos, acertarão (se bem olharem) com vinte, ou ja novas na lingua, ou ja compostas, ou ja translatas bem atrevidamente. A palavra que mais energica me explica o pensamento, é a de que lanço mão, sem lhe perguntar de quantos annos é, nem quem foi seu pae, ou sua mãe, nem quem foi o cura que a baptizou.

Imitar não souberam. Succedeu-lhes
Um phrasear mesquinho, um mui-poupado
Meneio de palavras. — Ja d'essa era,
Todo o termo por nescios não sabido,
Era a destêrro injusto condemnado.
Então se entrou a arremeçar no olvido
*Soer, quiçá, mau grado, apraz, asinha,**
E outras vozes de energica estreiteza,
(Nobres na Castro, nobres nos Lusiadas)
Para as substituir com termos oucos,
Com palavrões sesquipedaes, bazofios,
Com adverbios de longo rabo-leva,
Como este, que d'um verso a casa occupa:
MISERICORDIOSISSIMAMENTE,
Que se cantou por fecho d'um soneto,
Impresso n'umas festas muito régias.
Veio, por fado mau, fortuna insulsa,
Depois, para deshonra d'este seculo,
Um fallar mascavadas francezias,**

* Não é facil descubrir-se, que é o que acham de feio e nojento em similhantes expressões, uma vez que stão feitas portuguezas, e authorisadas nos livros classicos, sôbre o serem energicas e sonoras.

** É muito boa, é muito para estimar a lingua franceza; mas nem por isso pede que abastardeiem com ella as outras linguas, que teem indole differente da sua. Cuidem os Portuguezes em fallarem bem a sua, e imitem n'isso esses mesmos Francezes, que se esmeram em fallar bem francez, sem estra-

Que se apossou dos cascos dos tarellos,
E poz o peito á barra, muito ufano,
A enlabuzar a lingua lusitana
Com certa mixtiforia frandulagem. —
Vendo que não pegavam taes unturas,
Mais que em carinhas tolas, macaqueiras,
Mais que n'uns certos nayres, certos bonzos,
N'algumas mulherinhas de refugo,
Ou rapazes da fufia: — e que homens lidos,
E os de juizo assente os apupavam,
Deram-se então a baforar vapores
Com que o lustre da *lingua* mareassem,
E assim se desforrassem dos remoques,
Com que o Diniz* e Elysio** os chasqueavam.
Como vos enganaes, meus badameccos!
A lingua portugueza pura e clara
Virirá quanto vivam amadores

garem o que fallam, ou o que screvem com termos, e ainda menos com phrases estrangeiras.

Desgraçado o pregador, o poeta, o lettrado, ou qualquer outro auctor que aqui em França estrangeirasse a sua prosa, ou verso! Tantos, e muitos mais seriam os apodos, os risos, e as satyras. quantas as lettras da sua estrangeirice. E os Francelhos de Portugal se ufanam, e são applaudidos, quando com francezias profanam e corrompem a pureza de sua lingua!

* Hyssope.

** *Philinto Elysio.*

Estouvado no tracto, em termo, em gesto,
Que vai pelos passeios, pelas ruas
Ruminando chymeras todo absorto,
Aqui se enxurda, alli marra co'a gente;
Passa, como um sandeu, d'um cabo ao outro,
Sem caminho ou carreira concertada;
Em casa e fóra, fóra de si mesmo,
Embebido no spaço imaginario:
Não cuidar nos seus bens, no seu alinho,
Nem cortejar a deusa da Fortuna,
Para alcançar per graça, o metal louro,
Que dá vida agradavel, honra,* amigos;
Por poeta, ou por doudo, que é o mesmo,
Logo m'o assignalae em bom canhenho.
Pois se, como a possesso espiritado,
O demonio o aguilhoa co'a veneta
De imprimir engrazados consoantes,
Então lhe quero eu lagrymas e afano!—
Em casa do impressor la stão á lerta,
Esperando o suado manuscripto;
Consumições de cobres, amarguras,
Erratas de impressão, logro de obreiros, **

* *Dat fundus honores, amicitiam :*
HORACIO.

** Por mais asseiada que lhes entre a cópia do manuscripto, por mais agudeza de olhos que o auctor empregue em espreitar os erros da imprensa, nunca lhe sai a obra sem erratas. Tal prova me veio treze vezes á emenda, que não saíu inteiramente limpa

Gatunices do Proto, papeis faltos,
As correcções sem cabo, e sem medida,
Cheios de erros, e sem sentido os versos,
Depois de trinta provas emendadas.
Que loucura! que absurdo indisculpavel,
Perder tempo, e saúde, e paciencia;
Perder as bellas louras reluzentes,
Ganhadas com suor, — talvez sumidas
Aos olhos do appetite mais goloso,
Por ir em negra estampa correr mundo
Após um nome vão. Bem pêco fruito
É o ser por bom poeta decantado
Per outros loucos, que igual trilho seguem.
Ah! se a diva Razão, compadecida
Da enfermidade que lhes lavra n'alma,
Lhes corresse a cortina do futuro,
E lhes mostrasse o mar calamitoso,
Crespo de escolhos, denso de naufragios,
Onde irão mil poetas dar a pique,
E engrossar o cardume dos passados;
Talvez que o mêdo lhe encolhesse as azas
Da presumpção balofa de ser lidos.
Tomae exemplo em mim, Ingenhos cegos:
Que ganhei eu c'um cartapacio de *odes*,

pa carepa. Eu emendava, e os mesmissimos erros vinham na seguinte prova; e, a meu pezar, e a desespêro meu, me vinha a folha impressa não-escorreita e desairosa. (Quasi o mesmo me aconteceu a mim com as provas d'este *Parnaso*.)

Com dés cançados lustros de versista?
Risos, invejas, críticas, calúmnias,
Breve fama, destêrro e desemparo.

Increparam-me algumas pessoas de eu pôr notas em todas as minhas burundangas poeticas; a éstas respondo: Que se todos os meus leitores fossem como Antonio Diniz, N. N. etc., escusada era uma so nota. Mas ai do poeta desgraçado, que cai em mãos de pedantes ou rançosos, se não leva a espada desembaínhada contra os ensossos reparos! Outra razão tenho: pessoas ha curiosas de ler, que não tendo obrigação de saber de cór a fabula, nem a historia, e mil outros requisitos, folgam muito de acharem juncto á difficuldade a nota comesinha, que lh'a esclarece. As notas tambem servem para metigar o tom uniforme e contínuo da poesia.

CONTO.

O VERDADEIRO AMOR.

Nunca ouvi de mulher contar extremo,
Que hombrear possa c'o este peregrino
De Amor mais puro *sem igual realce*,
Que em breve phrase aponto a meus leitores.
Navegavam com próspera viagem
Á decantada Meca dous amantes,
Que os paes devotos concertado tinham
Ajunctar em legítimo consorcio,
Depois de saúdarem do propheta
A sepultura, e de Jacob o poço.
Ibrahim e Fatima suspiravam
Pelo ditoso dia promettido:
Mas com vêr-se e fallar-se eram contentes
Seus desejos de fogo, sempre-castos.
Ja se viam de longe agudas grimpas
Co'as musulmanas luas vencedoras,
Apontadas ao ceo, nas altas tôrres
Dos templos de Giddá, na foz do Estreito;
E o peito alvoroçado dos amantes
Sentia ao longe os passos apressados

Do flórido hymeneu, que a elles corre
C'o estreito laço na aprazivel dextra.
Que caricias, que mimos não debuxam
Na delicada ideia namorada!
Que prazeres, quaes guarda em seu thesouro
Venus, nas gruttas da cheirosa Chypre,
Não passam em revista, e não se escolhem
No futuro com sofrega vontade
Duas almas que amor queima e consume!
Tu não pódes, leitor, com mortas côres
D'um pousado pincel languido e frio
Traçar no quadro as deleitosas chammas,
Que abrasam corações juncto á baliza
Que co'a dextra sagrada as leis pozeram,
Por que viva c'o pejo o amor seguro,
Se não amas honesto e esperançado
De unir-te á tua amada em prazo breve.
Oh mortaes esperanças lisonjeiras,
Frageis idolos da alma! vans chymeras!
Aerias tôrres, frivolos castellos,
Assentados na areia movediça!
Eis que emroda começa o horisonte
A abafar-se de nuvens denegridas, .
Os Pólos se afogueiam com relampagos,
Nos ares cruzam tremulos coriscos,
Com horrendo estampido estalam, rasgam
Roucos trovões roncando, rebramando
Nas rotas rochas da fronteira praia;
Os ventos se ameaçam, se acommettem

Na assustada campina de Neptuno;
As ondas se amontoam, se acapellam,
Em borbulhosa spuma se espedaçam
Os verdenegros rôlos branqueiando.
Um temporal desfeito lhes rebenta
Nas tremedoras vélas de improviso;
O susto de seus animos se apossa,
E a pallidez se espalha pelos rostos.
A vêrga geme, estala o grande masto,
O navio se enjoa, perde o rumo;
Joga desarvorado, e se esconjuncta
A quilha aos duros toques naufragosos.
Um açoute cholerico de vento
O levanta das ondas, e arremessa
Ás crespas orlas de aspero recife;
E entre fileiras de sequaz espuma
Em ponteagudo escolho um rombo o alaga.
Quem contara da acerba desventura
O lastimoso horror? o desconforto
Da esmorecida pallida Fatima!
Toma Ibrahim sôbre os robustos hombros
O doce pêso da formosa amante;
Co' as ondas lucta, em pouco tendo o p'rigo,
Quando olha perto a salvadora praia.
Eis que uma onda mais dura avança irosa
Desprende os braços que lhe atava ao collo
A chorosa belleza desmaiada:
Outra onda sobrevem, que posta em meio,
Lh'a arroja longe do cançado alcance.

O fiel amador arreda, e corta
C'o porfiado peito a vaga avara,
Que lhe encobre as madeixas de Fatima,
Norte e rumo de seus velados* olhos.
Aquí foi o furor, aqui as fôrças
Tirar do amor, que não dos lassos membros,
E emprega-las nas aguas despiedosas.
Debalde as empregava, que mais longe
A cada bracejar lhe punha a amante
O rigor do Destino, que a cadeia,
Que amor formou, queria ver quebrada.
Entam fallido o arrôjo de seus braços
Ibrahim perde o alçance, perde o fito,
Que o turvo manto da imminente morte
Lhe começa a cubrir de sombra eterna
A desperada saúdosa vista.
Um marinheiro, que da salva praia
Vira o vigor de mais ventura digno,
Tam mal-frustrado pela iniqua estrella,
Ás naufragadas ondas arremette
Para arrancar da amarga sepultura

* *Velados* por *veladores*, ou que stão sempre de vigia: como dizemos *namorados* na passiva, os que activamente *namoram*. Temos nos nossos bons auctores infinitos exemplos de nomes verbaes passivos, a que muito elegantemente dão significação activa, como faziam os Latinos, de quem tomámos muitos modos de fallar; e mais ainda tomar deveramos, se bom siso tiveramos.

O pallido Ibrahim da dor vencido,
Oh excesso de amor, sublime glória
Da fineza d'um home'em tal extremo!
De brando á sua amada, a si severo,
Éstas ultimas vozes piedosas
Soltou ao marinheiro compassivo:
— « Emprega o teu soccorro generoso
Em alma de mais preço que ésta minha:
Salva Fatima, que eu contente morro,
Se no ultimo abrir d'estes meus olhos
Vejo na praia salvos os seus dias. »

A VARIEDADE,

GARATUJA POETICA.

Il variare è fonte.
E de' trastulli, e degli uman piaceri.

Quando me lembro ter antrado em Mafra, *
N'um immenso salão, vestido emroda,
D'alto-abaixo, de estantes ajoujadas
De enfadonhos chymericos delirios;
Que apenas ca e la, luz um Sallustio,
Entre as trevas de sabios embelecos,
Mais longe um Pindaro, um Virgilio, um Tasso
Quasi quasi corridos de se verem

* Pois que fallo das grandezas de Mafra, não deixarei no tinteiro a grande paixão e afinco, com que o fundador d'aquelle convento obrigou os Arrabidos, a deixarem o canto da capucha de que usavam nos officios divinos, e a apprenderem o cantochão á romana, que elle fundador sabía com tanta perfeição, que corrigia os descuidos dos cantores; como muitos dos que ainda vivem presenciaram: a mim m'o affirmou assim o Cantor-mor Fr. Domingos do Rosario, (que era um fradalhão de maço) e

Entre bruta e enojosa companhia,
Digo entre mim: Oh quanto a melhor uso
O bom-gôsto assentára aqui seu templo!
Com que ância eu não iria requerer-lhe,
Que mandasse primeiro os seus Meirinhos
Fazer penhora n'estes grossos fardos,
E póstos em leilão, no Pelourinho, os
Comprassem, por dés réis de mel-coado,
As tendas, para embrulhos de alfazema,
Por *secula* sem fim. Então lustrando,
Com agua benta da Castalia pura,
Éstas pollutas rancidas estantes,
Entraras em triumpho a tomar posse
Da sadia morada. Alli, comtigo,
Sentada em juncto solio, mui graciosa,
Cortejada de Agrados, de Prazeres,

tambem o Mestre-do-Seminario João Rodrigues Esteves. E era el-rei tam devoto (digno pae de D. Pedro III.) que tinha sempre na tribuna (quando se achava em Mafra) um livro de-cantochão com a reza do dia, para cantar com os frades, e mais apurado que elles.

Hæc opera, atque hæ sunt generosi principis artes
Gaudentis fœdo peregrina ad pulpita cantu,
Prostitui.

JUVENAL.

Vejão os curiosos a *Historia da fundação do Convento de Mafra*, livro *in-folio*, muito curioso, muito explicativo, e por muitas razões, mui doctrinal.

Viria enfeitar tudo a Variedade,
Com leis facies, leis brandas e agradaveis.
Oh gracioso primor da natureza,
Attractiva, donosa Variedade,
Que quanto airosa tócas, formoseias!
Tu, pelo mundo informe, bruto e feio,
Lançaste, no princípio, as ricas roupas
Do vistoso matiz variegado:
Tu es meu nume, nume dos que aspiram
Ao renome immortal do des-fastio.
O tempo, que correndo atropellado,
C'os pés arrasa, ou com a fouce estraga
Os suberbos fundados monumentos,
Ás leis do teu imperio contribue,
Co' as multímodas faces que renova,
D'uma so que arruinou. Tudo o que agrada,
Tem na mudança, tem no vário aspecto
Fundamento aprazivel. Sem a indústria
D'essa tua inventora dextra, o mundo,
De perduravel fórma, sempre o mesmo,
Cançaria o desejo, mais que a vista;
E os homens morreriam definhados,
Mais de enôjo, que de arida* doença.
Ah! vem, oh deleitosa Variedade:

*A muitos medicos bem nomeiados ouvi dizer « que ninguem morria sem febre.» Ora fundado n'elles puz o epitheto *arida;* porque com affeito, na minha última doença, em que stive desesperado da vida,

Acode-me c'o teu risonho enleio,
E borrifa de agrado éstas rabiscas!
Quando tu desces do celeste côro,
Onde, com diversissimos concertos,
Divertes os celícolas ditosos,
Véem todos teus ministros diligentes,
C'os cheios cofres de riqueza immensa,
C'os artifices vasos de elegantes
Invenções multicôres, exquisitas.
Aos teus joelhos ves prostrados logo,
Os alumnos das *artes elegantes*;
Clio te vem pedir festivo enfeite,
Para o verso sublime ou delicado,
Que na mente do vate, seu mimoso,
Com ingenhosas mãos, traçou aguda;
E Urania um perfumado ramilhete,
Com que dê gala, ajuncte louçania
A complicados calculos austeros,
Que alvo po signalou em negro marmor.
Se a tua mão viçosa não arruma
Os quadros, na opulenta galeria
Do férvido poeta, escravo do estro,
Na pomposa ficção alti-sonante, —
Com tristonhos pesados pés, o Tedio
Vem tomar posse da peccante obrinha,
Toma-a nas frias mãos, a aperta e gela;

senti que não ha cousa mais *arida* (ou sècca) que a febre.

Com desbotado accesso chega a obrinha
Ao sofrego leitor, que a cada lauda,
Depara co'a incivil semsaboria:
Boceja, as mãos lhe afroxam, cai em terra
O livro, ou o papel desenxabido.
Como são para ver! como recreiam
Verdes campinas de felpuda relva,
Quando as esmalta de coradas flôres
A liberal vistosa primavera!
Taes são os cantos d'um sublime vate,
Traçados per Calliope divina,
Se vir borda-los queres engraçada,
C'os teus garridos lucidos matizes.
Então o Tedio, que anda sempre á lerta
De tudo quanto o ingenho em si revolve,
Mal ve, favonias, da venusta deusa
Ás mãos cheias, verter vívido ornato
Nos versos de Garção, de Elpino e Alfeno,
Volta as costas, e os olhos retorcendo,
Murmura, em sua dor, raivosas pragas
Contra o nume, que o seu imperio estreita:
Vai sentar-se, escumando, em amplo throno
De dourados não-lidos larga-margem
Volumes Sylvianos e Cujacios,*

* N'este nome quiz o auctor comprehender toda a corja de maus expositores de Direito, toda a farragem de maus Casuistas, etc. que a san philosophia *mandavit guardare cabras, atque ire tabuam.*

E os outros empoeirados bacamartes,
Que pejam, com deshonra, as livrarias.
Para ensossas espaldas da cadeira
Das Cadavaes exequias * fez escolha,
Com outros livros mais amplo-stampados,
Das ceremonias da perluxa Roma.
Com capa carmesim de tercio-pello,
Brochas douradas de agua, stá acenando
Sem-saborão encôsto, sôbre a meza
A *Henriqueida*, empolas assoprando;
Soporifero cofre de fastio,
Que entranha o somno, pelo cotovelo
De quem n'elle se encosta, e vai trepando
Pelo braço, pescoço e face acima,
Té que entra nos retretes das pestanas.
Que direi dos profundos volumaços
De Logica, aguçada de argumentos
Em *Barbara*, *em Barroco*, em *Baralipton?*
Que direi eu com vozes competentes
De pontos melindrosos da Escriptura,
Tractados, discutidos, explicados,
Enucleados ** sempre, e sempre escuros?

* Livro muito longo, muito largo, muito estampado, muito sermonado, muito versificado, etc. etc. de que se fez presente a todas as grandes livrarias dos conventos, e a fidalgos.

** Palavrinha de preço em discurso de fidalgo Academico, e que me dá visos, pelo seu exquisito re-

Juncto ás paredes, em comprido fio,
Póstos em rumas, pelas mãos do Tedio,
Os Feitos, os Sermões, Genealogias
No pallido salão de enôjo eterno,
Somnolentas fumaças vaporando,
Dão vagados de illusa doctorice,
A leitores de crassa catadura.
Pelo chão (gravunhadas alcatifas)
Se estendem longas eclogas de Albano,
Mil versinhos anões, trovas de outeiro,
Poemas, sem poetico chorume,
Farfalhudos de ripios, e de rhymas,
Cabedal de tarellos do Parnaso!
Nas caligantes * frestas, leves pendem,

meneio, de largos bofes engomados de preguinhas: faz-me lembrar do *Pungebat* para o arguente, e *Dispungebat* para o defendente, nas conclusões do padre-mestre Epiphania-*vulgo*-Gradil, que prégou em Lisboa na Igreja de S. Julião, umas tardes de Quaresma compostas de cinco prosopopeias, cada uma de cinco quartos de hora: houve quem lhe advertisse, « — que as prosopopeias erão difficeis em oratoria. Deu em resposta — « que nada lhe era mais facil. »

* Fallando Juvenal d'umas janellas tam altas, que perdia o lume dos olhos, quem d'ellas olhava para a rua, lhe chama *caligantes fenestræ* na satyra VI. Ora nós que temos janellas d'esse lote (por culpa do senado) não temos adjectivo portuguez, que as designe: eu aqui ponho este, que me não parece des-

Dando á lobrega luz passage esquiva,
As cortinas de fumo d'um Magriço *,
Remendão de furtados brazões de armas,
Das muitas, que no tecto, em pergaminhos,
Desenrolou o Tedio, último emplastro,
Com que amadorra o sprito mais gaiteiro.
Aqui, muito a pedir de boca, vinha
Dar noticia cabal de pagens, servos,
De conselheiros, leis, usos, costumes
D'este Anarcha, e de seus Estados mornos;
E eu vos contara tudo per *extenso*,
Se não fòra, que *alguns dos* que hoje vivem,
(Por modestos, á moda do Talaya)
Não folgaram de ver seu nome scripto
Andar ahi, per bocas d'esse mundo.
Agradeçam-me o dó, que d'elles tenho:
Bemque muitos me tenham merecido
(Por inveja ou malevola calúmnia)
Que a baraço e pregão, eu os levasse

piciendo. No caso que contente, de boa vontade lh'o dou de graça.

* J. C. de F. e S. C. de V. de S. Presidente que foi de certa Academia dos Poucos-Occultos, inventou as taes cortinas, para certo salão de certo bangalé de diabos, que servia de episodio a certo poema soporifero. É pena que depois de tam recondita invenção, nos não deixasse em memoria de que laia eram d'éstas cortinas os anneis, e os varões, de que stavam pendentes.

Da latina facundia, mãe da lusa,
Quanto vivam Camões, vivam Ferreiras:
E a vossa lingua, eivada de Galeno,
Morrerá, como as modas d'essa laia.—
Morreram os Telonios, as Malbrukas;
Merrerão as *conductas*, os *affrosos*,
Com os mais da relé do *francezismo.*
Quando a primeira vez ouvi as fallas
D'esses Francelhos, que na lingua lusa
Mettiam francezias,* cismei muito
D'onde esse destempero acarretaram.
Cismei,... cismei,... e á fòrça de cismar-lhe,
Adormeci cismando.— Eis vem-me um sonho:
E como em sonho aprendo muito, agora
Direi o que sonhei, que vem a pêllo.
Vi um vasto palacio, com feitio
De alfandega-mourisca, onde as fazendas
Eram missangas, talcos, azeviches,
Toucados á franceza, schals á turca.
Mil bonifrates, mil turinas sécias
Rodeiavam taes fardos, e os cheiravam,
Namorados da guapa mercancía...
Eis que se abre uma porta.—Vou entrando

* É indizivel o que se tem accumulado de francezias, não so em traducções portuguezas, mas até em obras de varios generos; de fórma que mais necessita a mocidade portugueza hoje de diccionario francez para intender os livros da lingua materna, que de diccionario da mesma lingua.

Na sala que era terrea, e per paredes,
Per tecto, e per caixilhos das janellas,
Tinha papel pintado, sem mais nada,
Unido e prêso per paineis, per cantos
Com cordas de viola, sem mais pedras,
Mais cal, mais tábuas, mais ferrage ou tornos
Que o tal papel... Eis vejo um cavalheiro
De mui pretos bigodes retorcidos,
Castelhano no traje, e na postura,
Com carinha de escarneo... Este é Quevedo
(Disse eu logo entre mim) Que bom encontro!

EU.

Não me dirá que sitio é este?

QUEVEDO.

Amigo,
Este é o reino da Moda. Eu vim ca vê-la,
Para d'ella contar as maravilhas
Aos meus pataus; como é meu uso antigo,
Chasqueá-los com sonhos de caveiras,
Chafurdas de Plutão, *latini-parla*,..*

EU.

Meu senhor, meu Quevedo, cavalheiro

* *La culta latini-parla* é o titulo d'uma engraçada galantèria, com que D. Francisco de Quevedo zombeteiou de varios tarellos, que foram depois imitados em Portugal pelos fidalgos da Falperra.

De Sanctiago, e momo do Parnaso,
Ja que em *latini-parla* aqui me toca,
Não me dirá (des que anda n'estes sítios)
Se co'a *gallici-parla* deu de acêrto!

QUEVEDO.

Que me diz la!—Besta é, que eu não conheço,
A tal *gallici-parla*. No meu tempo
Chamavam *fallar culto* o intermeado
De latim na conversa, e na scriptura, *

* Viam-se antigamente até os barbeiros e escudeiros fallar latim em portuguez e hespanhol; porque ouviam clerigos e lettrados, que usavam de palavras alatinadas, com que se haviam familiarisado, pelo commércio dos livros; as quaes, ás vezes, não eram melhores, nem de maior valor que as familiares, de que usa o commum : hoje vemos outros taes fallar francez em portuguez; porque as pessoas com quem tractam, pela lição de livros francezes, ou de traducções afrancezadas teem contraído o habito de empregar nos discursos que fazem, às palavras d'aquelle idioma, que lhes ficaram ligadas ás ideias : e as palavras proprias do nosso idioma de que usaram louvavelmente os nossos avós; essas expressões energicas authorisadas nos bons scriptos de Souza, Andrade, Vieira, e outros d'este merecimento, vão perdendo fortuna, sem outra causa mais do que a novidade das substituídas, o gôsto extravagante dos que as introduzem, e a leveza dos que as seguem. De maneira que se alguma vez apparecem, ja os mancebos lhe cha-

Mas entrançar *francez* é mais asneira.
Que ao menos o *latim* vislumbres dava
De quem aulas cursou, syntaxe soube;
Mas *francez !...* de que deu lições um birba,
Um !...

XV.

Meu senhor, vai o tiro inda mais longe:
No seu tempo o latim la se fallava
Mettido em restea com *atqui*, com *ergo*:
Hoje o *francez* se falla em assembleias
Mui de cutiliquê, muito entonado,
Por quem nem steve, nem nasceu em França;
E inda os que mais graúdos se espanejam,
Não sabem o que lèem,* que não comprendem
A allusão d'este dicto, a fòrça o chiste
D'aquella phrase, ou da accepção genuina
Dos termos mais correntes. Lêem Moliere,
La Fontaine, e jejuam da finura
Que encerra a voz, que lèem a troxe moxe.**

mam gothicas, rançosas, e as desprezam por baixas e rasteiras.

* Os francezes explicam nas aulas os seus classicos: se outro tanto se fizesse nas nossas classes a respeito de Camões, Barros, etc. não se atreveriam quatro badamecos a desacreditar os que imitam a phrase classica.

** Ca stou eu em París ha mais de 26 annos, e inda me envergonho do mau francez que fallo, e

QUEVEDO.

Eu inda não entrei n'ess'outra sala,
Cujas portas, bem ve, que bipatentes
Teem quatro conclusões por almofadas:
Inculcam bem sabença.—Talvez demos
La dentro co'a instrucção, que haver pretende.
Entrêmos.
—Lanço a vista pela sala
Onde, em pannos de Arraz traci-comidos,
Toda a Iliada em quadros, entre-vejo
Lacerados, e n'outros so os fios
Despidos de lan tincta; os moveis eram
Os de Nestor... ou netos do diluvio.
Deito-me logo a ver, com serio affinco,
Os gestos das figuras, que compunham
O *conpiscuo* * auditorio. Vejo barbas
E grisalhas melenas de prophetas,
Quaes vão na procissão de san' Francisco;
Um que aponta c'o dedo o po, e as cinzas
Em que todos nos temos de tornar;
Outro ossos descarnados, e a caveira
Despertadora do final arranco.
Mas o que mais la vimos, nunca visto,

do que ainda peior screvo. Creio que é por falta de ingenho.

*D'este epitheto usou, em caso similhante, o padre-mestre Fr. Perada no sermão, de que dei conta na carta ao Marechal de C....

Foi umas tantas velhas desdentadas
Com caras de Sybillas. — Eram doze;
No feitio, nos trajos differiam,
Uma da outra, mas todas eram velhas,
E um rólo de papeis cadauma tinha
Na mão direita: os olhos tinham fitos
Na imagem do Futuro, que era um vulto
Anuviado e esquivo, e sos uns visos
Dava, de vez em quando, pouco claros,
Que subito as Sybillas escreviam.

EU.

Não vejo aqui fazenda, que me quadre. —
Em que haja da parar o *gallicismo*
Muito ha que eu ja o sei. — Escarneos, vaias
Esperam ajoujar esses tarellos,
Que traficam linguage hermaphrodita.
Vejamos, se ha aqui sala do passado,
Que da *gallici-parla* a moda asnatica
Descubra na raiz.

QUEVEDO.

— Vamos mais dentro:
Aqui vejo uma porta acobertada
De velhos manuscriptos quasi cegos;
Forçoso é que haja dentro antigas cousas.

EU.

Não muito antiga é a moda. Ja taludo
Era eu quando pariu na nossa Elysia

Certa má fada o tal fallar mestiço. *
Mas entremos, talvez ache o que eu busco.

QUEVEDO.

Não entre.—Vejo muitos petimetres,
Muitos bonzos de buço amoladinho,
Damas *à la titus*... Alli ha mercia:
Que—*Cagoão de Francelhos* — diz o rotulo.
Vamos la.—Como tudo afestoado
Está de orelhas d'asno!... orelhas d'asno
Dá o Bedel a quantos véem sentar-se

* Ainda não vai tam longe a origem da epedemia, para que nos seja desconhecida; nem é tam complicada, que facilmente se não possa desinvolver. Ha tempos, que principiou em Portugal a cultivar-se com grande fervor a lingua franceza: uns a studaram por curiosidade, outros por interesse: mas a maior parte dos que se deram ao studo d'ésta lingua, era gente que nunca studou a lingua portugueza, nem a lêram nos nossos auctores classicos; contentavam-se so com o uso tal qual, e como esse lhes parecia bastante para interpretarem os livros francezes, não tendo á mão os termos proprios e elegantes da nossa lingua, não havia cousa mais facil, que aportuguezar qualquer termo, qualquer phrase, que se offerecesse no contexto de uma obra, ou porque julgassem que assim os tinham em portuguez, ou porque lhes parecia a lingua pobre, e os taes vocabulos necessarios. Fôsse como fôsse, a nova linguagem parecia maravilha.

N'outros não era tanto a falta de conhecimento da

Em frente do orelhissimo francelho:
Ouçamos o que diz, que hade ser guapo.

FRANCELHO-MOR.

—« Eleves meus *charmans*, eu sou *gostoso*
De ver quanto *foisonna* a nossa moda.
Graças vos dou da contumaz *conducta*,
Com que este nosso *affaire interessante*
Puxaes com nobre ardor, e dais *ressurça*
A damas, bonzos, *piruetantes* nayres
De fallar *culto*, sem saber mais *lingua*,
Que nacos de livrinhos de fitinha. *

lingua, nem dos auctores nacionaes, como uma especie de enthusiasmo, que lhes fazia considerar no stylo francez não sei que de mais relevante. Não me póde esquecer certa personagem, que na conversação com seus amigos, a todo o proposito inculcava as palavras francezas com seus estribilhos: por exemplo: — A *miscellanea a que os francezes chamam bigarrure*. Ou, *isso é uma excessiva bizarraria (como dizem os Francezes.)* Se lhe dava para metter a proposito o *grotesco*, ou o *picturesco*, e outros similhantes, sempre ia adiante o passaporte, — *como dizem os Francezes :* de sorte que o mesmo homem fallava francez e portuguez a um tempo, e a Portuguezes; e pondo na mesma phrase a palavra franceza, e a portugueza, dobrava os termos sem que, nem para que.

* O poeta refere-se aos livros francezes, porque os antigos livros portuguezes não teem fita.

Vêde quanto vos poupo de trabalho,
De studos, de grammaticas prolixas,
De ler Barros, Lucenas, Britos, Freires,
E tantos alfarrabios afonsinhos,
Com que Elpino, Garção, Philinto, Alfeno
Teem queimado as pestanas. Vós entre elles,
Campais nas mais brilhantes assembleias,
E os acanhais, *mystificais-los* todos.—
Quando querem fallar, *moquamos* d'elles;
De modo que se callam : muito apenas
Lançam um *golpe de ólho* * de través
Sôbre nós, que é *garante* ** irrefragavel
Do *interditos* que ficam d'éstas vozes,
Que lhes *frappam* *** no mais sensivel da alma.
Pois se nós lhe atiramos mui-redondos
C'um *sentimento,* **** (bemque escuro seja

* Uma *vista de olhos* disseram sempre os que não fallavam portugez bastardo. Mas um *golpe de ólho*, oh que expressão! sempre tem outra graça!

** *Garante* e *garantir* correm muito pela praça do negócio, e não esquecem facilmente nas anecdotas da gazeta.

*** *Frappar* e *frappante* (com maldição das musas portuguezas) que de *frappantes* ridicularias não teem feito ouvir? *Cór frappante, espectaculo frappante,* e outras similhantes expressões entonadas com este francez rumpante, arrepellam as orelhas, se não são mui compridas.

**** *On parle sans cesse dans notre siècle de sentiment ; c'est un grand mot; et je soupçonne qu'on*

A nós, e a muitos seu significado)
Então vo-los dou eu por concluidos.
E olhando-se entre si, *levam espaduas*:
Eu os vi, que *flancando-lhe* um *ressorte*,
Um bem gritado *affroso*, estremeciam,
Espantados da nossa vasta sciencia.
Elles não ousam *deployar* dos labios
Termo ou phrase, que não lhes traga o cunho
D'algum rançoso auctor, que nós não lemos;
E nós *pourvu* que do francez nos venha
A palavra ou a phrase, temos gaudio
De lhes dar corrimaça e *persiflage*.
Quem nos defende afrancezar a lingua
C'os termos d'esse seculo gabado*
De Luis quatorze, e auctores de alto *rango*,

ne le répète si souvent, que parce qu'on ne l'entend pas.

* Poisque esses Francelhos so do que vem de França fazem caso, porque não tomam a moda dos Francezes, em conservar com pureza a lingua do nosso seculo augusto, como elles punem por conservar a lingua do seculo de Luis XIV? Leiam as criticas, que nos *jornaes* apparecem contra os livros que se arredam d'essa pureza.

Houve pessoa dada a bons studos, e affeiçoada á boa linguage portugueza, que reparou no muito recheio de francezismo que havia n'ésta falla, e que nenhum dos Francelhos usava atochar a conversação com tantos intrusos. O reparo é muito specioso, e quizera eu, que a todas as minhas trovas

Que estima toda a Europa, a Europa studa.
Se em francez são sublimes, mais sublimes
Darão ao portuguez lustre *eclatante.*
Desterremos com elles ésta *affrosa*
Platitude da lingua seiscentista.
Toda a classica phrase, que ignorâmos,
Gritemos logo — *drogas da antigualha* —
Insultemos as obras de Philinto,
As de Alfeno, Bocage, e outros sediços.
Digamos, que o Garção, se elle aprendera
A fallar como nós fôra um portento;
Fôra o melhor poeta lusitano,
Que nem o Camões mesmo lhe chegara
Ao bico de sapato. O Diniz... esse
Inteiro se perdeu co'a tal Arcadia.
Tomasse elle as lições da nossa schola,
Talvez que com seus versos igualasse

houvesse quem me apontasse com juizo os defeitos d'ellas; que eu prometto que com muito gôsto, e proveito meu e d'ellas, as emendara. Por desgraça das minhas trovas, ninguem quiz tomar esse trabalho. — Vamos ao reparo. — Assim póde ser, que os Francelhos, que hoje fazem adulterio na lingua portugueza, não sejam ainda tam chapados na asneira, como o Francelho-mor: mas pola mesma razão que elle é Francelho-mor, mais fartas de francezismo devem ser as suas fallas. Os outros apenas são discipulos: elle é o lente da *gallici-parla.*

Do Telemaco nosso * a bella prosa,
E mesmo alguns sermões, nossos consocios. **
Ter-lhe-hiamos aqui *dressado* státua...
Verdade é, que *scrivães* temos bem poucos
Que os *fins recuem* d'esta lingua secia,
Mas o nosso Telemaco mil vale.
Se não teve atéqui *chalans* em barda,
Que accodissem á compra, *elle é* o motivo
Que inda a lingua rançosa tenha muitos
Partidarios, e que o nosso *fallar culto*
Poucos adoradores *tenha.*—*Poucos* ,
D'esses amantes do fallar de Barros,
So para o criticar, de ódio banzando,
O lêram... mas acharam-se bem *dupes*;
Que o nosso stylo, a que *arrivar* não podem,

* Foi um certo Telemaco que o Snr. J. M. R. P. traduziu, ou (por melhor dizer) a quem deu terminação portugueza, conservando a lingua original do livro : mas do contexto cerceiou (por motivos a elle so patentes) um bom terço : cujo cerceio depois, melhor advertido, suppriu com o casamento do heroe; porque melhor arremedasse os nossos entremezões. Dirão que tomei para a minha alma essa ridícula traducção do Telemaco; mas quem o ler, e conhecer a presumpção do traductor, não m'o levará muito a mal. Se souberam o muito que lhe aturei, e a outros bichassos do mesmo lote, não me estranhariam dar-lhes eu um piparote de passagem. — *Vexatus toties*, etc. etc.

** Veja-se a nota do tomo II, pag. 182.

Lhes fez perder o gôsto de ir *avante*
De mais de duas laudas. Em *revanche*,
Pelo reino e colonias estendemos
Muito ao longe este nosso *seduisante*
Fallar francez * que afflige esses rançosos,
Do seu *patoá* puristas obstinados.»
Assim fallou.— Quevedo lograt:vo,
Voltando a mim o rósto.—«Que tal acha
A destampada arenga?

XU.

Obra de nescios.

* N'uma carta de certo lettrado, que passava por polido e eloquente, li eu (não ha muito tempo) um galante contexto, que constava de uma constancia *inebrantable* : e, sempre serei *sensivel* ás suas bondades : e, os meus desejos *secondados* das suas solidas maximas : e, aqui tenho perdido as esperanças de *fazer fortuna*, e outras pataratas d'este calibre, que se eu não intendesse francez, e não stivesse prevenido d'éstas badaladas á franceza, certamente desconfiaria, que este amigo me stava a empulhar.

Amor da patria, e desejos de que se não escureça inteiramente a glória, qne nos gangeiaram entre as nações estranhas os bons auctores do nosso bom seculo litterario, e não outro algum motivo, me incitaram a destruir (se me é possivel) com as armas

do ridiculo, a seita do francezismo, que tanto deshonra a classica linguage portugueza. Bem sinto em mim não ter fôrças bastantes para a empresa: mas arvoro o pendão, e vou mostrando o caminho a outros mais valentes do que eu. Eia moços studiosos, amantes do bom Camões, terçae as lanças, e arremettei-me com esses espantalhos; derrotae-me esse exército ingrato, que se rebella contra a patria, e contra os que com suas doctas pennas a illustram. Se soubessem os taes Francelhos a estimação que os estrangeiros doctos fazem da nossa lingua, quando a intendem, e que lêem *os Lusiadas*, ou algum dos nossos scriptores de *bom seculo*; e se soubessem a mofa que elles fazem dos que os não sabem imitar, porque não sabem o preço avaliar da lingua que ora fallam, e em que, por desdouro seu, agora screvem, envergonhar-se-hiam (se ainda de pejo conservam algum retraço) e se tivessem juizo, cuidariam em desaprender essa giria da tal *galliciparla*.

DESVARIO.

. . . *Dieu ne fit la sagesse*
Pour les cerveaux qui hantent les neuf Sœurs.
La Fontaine.

Que deus? que homem? que musa? ou que demonio
Me aturdiu a cabeça socegada
Com revoltos poeticos vapôres?
Que tinha eu com Apollo, e co'as Pierias?
Com Pegasos, Parnasos, Hippocrenes,
E outros sonhos de orates rematados?
Quem quizer perder tempo, perder siso,
A saúde estragar, vasar a bolsa,
Tome dos versos a fatal mania:
Que a deusa dos poetas logo ordena
Que para bem cumprir c'os estatutos
Da tres-loucada e pobre confraria,
Em que o boçal versejador se alista,
Não coma um so bocado com socêgo,
Nem breve noite durma a somno sôlto :*
Mas da boca a comida mal-mascada

* *Quæ poterunt unquam satis expurgare cicutæ.*
Ni melius dormire putem quam scribere versus.
Horacio.

Passe ao ventre voraz mal-engolida,
Se ergua da meza, e encaixe o consoante,
Que escarnicando, e a acinte lhe fez foscas;
Que no roto enxergão perneie insomne,
E de phebeus Duendes avexado,
Tresvalie com ocas ventoínhas. *

Quando a Manhan com dedos côr de rosa
Vem as portas abrir ao Sol que acorda;
Quando todo o mortal esperguiçando
Estira os braços, palpebras desgruda,
Põe o fito no almôço, ou no *trabalho*,
O pobre vate *extremunhado busca*
O fecho *atarracado* d'uma glossa;
Ou roe e escarva nas peccantes unhas
Maldicto encantoado consoante.

E o como arqueia na franzida testa
Espantados e fitos, grandes olhos,
Quando revolve no azoado ingenho
Pensamento subtil, valente prase,
Ou desvairadas furias de altas *odes*!

Para bem conhecerdes estes loucos,
Darei alguns signaes. Quando vós virdes
Um homem de conversa atrapalhada,

* *Che le Muse son peste de cervelli:*
E chi vuole far bene i fatti sui
Fugga Apollo più rato che non feo
La ritrosetta figlia di Peneo.

RICCIARDETTO.

Pelas praças e ruas litterarias.
A penna quer correr, que é vasto o assumpto
Quando os auctores maus entram em restea;
Mas mais que muito, oh Musa tagarella!
Pede fim a longuissima carreira;
E ja me ólha jovial-malicio o Nume,
Que invoquei no rompante do poema.*
C'um tom de voz galante e despejado,
Que aqui ponha o remate me aconselha,
Se ao Tedio não quizer pagar tributo:
E apontando umas lettras verde-scriptas,**
No campo da peanha em que preside,
Li dous versos, que um docto amigo, ha muito
(Fructos de gôsto são, lidado studo!)
Na afortunada Elysia me inculcava:
Longos versos influem longo enôjo.
Escarmenta nas odes do Bezerra.

* A Variedade.

** As lettras de ouro para inscripções são hoje tam corriqueiras ja, que até nos rotulos das lojas dos Remendões as tenho visto. Justo era, que a Variedade as tomasse de outra côr, e que escolhesse a verde, que é côr alegre.

MOLHADURA.

DE CERTA OBRINHA.*

Maudit soit le premier dont la verve insensée
Voulut avec la rime enchaîner la raison.
BOILEAU.

Maldicto consoante a quanto obrigas,
Que fazes serem brancas as formigas!

Afigurae-vos um possante vate,
Que (não como quem busca, ou quem reflecte)
Hardido corre, voa, segue, alcança,
Nunca em seu vôo afroxa; e se per caso
Quiz da sphera descer, logo atrevido
Fórça as azas, e no Olympo as plantas pousa.
Nos ouvidos lhe troa a voz de Apollo,

* Muitos annos depois de correrem per esse mundo algumas trovas minhas, que primeiras imprimi, me veio á mão uma satyra contra ellas; e o amigo que m'a deu, nunca me quiz nomeiar a pessoa, que a fez; somente me disse (rindo) que a fizera uma mulher, e que a emendara um frade: que a mulher era velha, e tinha cara de bruxa, e

Que o chama, a que elle acode, como a flecha,
Bem disparada do arco, no alvo fere.
Ora, cuberto de poeira honrosa,*
Do laurifero Pindo baixa opímo,

que o frade era de coroa, porêm leigo. Não fiz então caso algum da satyra, nem da velha, nem do frade: porque a *minha gorda pachorra amiga velha* me aconcelhou sempre, que desprezasse todo o papel satyrico: alèm de que, tive por maxima usual, que o melhor modo de responder a satyras é envidar todo o ingenho, em dar obras menos imper feitas. Um amigo porêm, de quem eu respeito muito as advertencias, me intimou, que, não para responder á satyra, mas para desabusar os que todo o merecimento poetico julgam nullo, se lhe faliece a rhyma, (principal pedrada, que me atira a tal satyra) devia eu dizer o que sentia na materia. Peguei na penna, e saíu isso, que ha ahi. Não é, comtudo, minha intenção offender ninguem: e affirmo que se soubera o nome de quem me satyrisou, não o derreara c'o tal papel, e deixaria passar esse destempêro, como mil outros, que me teem vindo á noticia.

Tal o fez o gran' Tasso, obediente
As soalhas desbautizou Goffredo,
Que Goffrido se chamou; e chamá-lo-hia
Goffrado, ou ja Goffrudo, a instar-lh'o a rhyma.

* *Non indecoro pulvere sordidum.*

Horacio.

C'os despojos vocaes de hymnos eternos,
Com que o virtuoso amor da patria croa.
Ei-lo que assento as Musas lhe franqueiam
No veloz carro! e eis que elle estende a dextra
Acenando, co' a palma triumphante
Ao forte vencedor, que os inimigos
Do rei, da patria destruiu com arte;
Ao sapiente juiz, que insubornavel
Fecha á Calúmnia a peçonhenta boca,
Doma a cerviz do maculoso vício. *
Seus versos astros são, que a *luz* espalham
Nos longinquos *vindouros*, penetrando
Pelas sombras do Tempo esquivo e cego.
Seus cantos batem azas, que os remontam
Pela amplidão etherea, e que os remessam
D'um Pólo ao outro Pólo — des-medrosos
Da inveja, ou ja do jugo de pedantes.
Rompendo assim as nuvens, olhos fitos
No Olympo reluzente, ou ja nas fôlhas
Do austero Fado, em que gravados jazem
Da era vindoura incognitos successos,
Acaso cuida o desenvolto vate,
Que ha no mundo uma velha Philaminta,
Que so conhece os versos, quando arrastam
Por fixo rabo-leva, os consoantes? **

* *Maculosum edomuit nefas.*
Horacio.

** *Los que introduxeron en el mundo poetico la,*

Maldicto consoante, ensosso filho
Do bastardo saber presumptuoso,
Ind'hoje per poetastros perfilhado,
Para aleijado espeque de más trovas,
Para entufar *soneto* campanudo,
Ou d'um outeiro a *decima* rançosa.
Com sua e tres-sua o triste orate,
Quando teimosa, oh rhyma! lhe escoucinhas
No peccante toutiço amartellado!
Quantas penas forrara, quanto enôjo,
Com mandar á tabúa rhyma arisca,
Com gastar o esperdicio d'essas horas,
Em bons versos que soltos brilhariam!
Porque não despendeu proficuo o tempo
Em traçar tal ficção com gôsto puro,
Em sôlto verso, que contente os sabios,
Pela valente e bom-polida phrase?
Vi eu poeta, obediente á rhyma,
(Que com elle jogava as escondidas)

perversa secta de las rimas, ò de los consonantes, que con su cola de dragon arrastrò traz de si la tercera parte de las estrellas, quiero decir, que ha sido la perdicion de tantos nobles ingenios, los quales hubieron enriquecido à la posteridad con mil Divindades; y por estos consonantes (Dios me lo perdone) felizmente ignorados de toda la antiguedad, la dexaron un tesoro inegotable de pobrezas, de impropriedades, y de ripios insufribles.

HISTORIA DE FR. GERUNDIO.

Dar maior torcedor ao pobre ingenho,
Que não dá tratos picaro alfaiate
Ao panno escasso, co' a fiel medida,
Quando arma a surripiar ou manga ou nesga,
Sem que o dono o perceba, o talhe o sinta.
Digam que usou Camões, que usou Bernardes
E Ferreira e Caminha e tanta gente
Pôr, nas fraldas do verso, esses cadilhos
Pendurados;—que em odes muito *guapas*
Do Diniz, do Garção *campam colleiras*
Mui garridas de *chocalheiros guisos*,—
Que eu direi, *que os* não louvo, nem reprendo.
Se esses poetas bons, que eu amo e estimo,
Inda, mau grado seu, grudam a rhyma
A bons versos, quem sabe se assim usam
Por ameigar, co' essa lisonja, ouvidos
Estragados; ou se é que poz a penna
Chocalhinhos no verso, afeita, ha muito,
De usança antiga, a cónsonos badalos; *
E por irem co' as turbas; ou por pejo,

* Rhymas, que não são para comparar com as de que falla a gazeta de Lisboa de 9 de maio de 1795, quando diz:—« Alli foram *cantadas* em verso *sublime* per alguns dos *generaes*, não somente aquellas virtudes das familias reaes Fidelissima e Catholica, que excitam o amor dos seus vassallos; mas tambem o valor daquelles que derramaram o seu sangue para sustentar *os attributos d'onde emana a felicidade dos povos.* »

(Pejo mau! que tarellos, que mulheres
Lhe arguam não ter posses consoanteiras. —
Alguns ha, que talvez põem, sem resguardo,
(Tal ja me succedeu) algumas rhymas,
Que imprevistas e esconsas lhe escaparam.
Que assim vai a devota, (em companhia
Da comadre ou vizinha, a vida alheia
Descosendo e trincando) uma trás outra,
Passando as contas do tenaz rosario,
Sem cuidar, que conversa, e que não reza.
—« Tu fallas contra o bello consoante
(Me diz d'alli mui lepido um Peralta)
Porque veia não tens ; não tens nos cascos
Cabedal de poeta ; e co' essa prosa
Mal-amanhada, que alcunhaste versos,
Nos desgostas da rhyma, que não trincas;
Como a Raposa de uvas, *que são verdes.* —
— « Delambido Peralta, (lhe retruco)
Não consiste, em vencer difficuldades,
O merito d'um vate, a Apollo acceito.
Ja, para ser corrente e sonoroso
Tem que empenhar sobejo esfôrço e lida,
Sem lhe ajoujar da rhyma o atroz trambolho.
Não seja o vate volantim de corda
Que equilibre a maroma, e dance teso,
C'os pés dentro d'um sacco, para gôzo
De pretos ou de picaros basbaques.
A rhyma, que te enleva, e que assim gabas,
Quando achada, depois de mil torturas,

Fez perder ao poeta um pensamento,
De mais valor, que cem milhões de rhymas;
Deslavou toda a côr, mareou o brilho
Do verso, que ia energico sem ella.
Como rompe da Aurora o alegre carro,
Trazendo a luz, que as terras allumia,
Vinha rompendo na alma do poeta
Uma ficção mui guapa, mui luzida...
Eis que emperrada a sarrazina rhyma.
Deita á ficção um véo de esquecimento,
Que chupa, que desbota, *que desmancha*
A polpa, a côr o *fio bem-traçado*,
Dá com tudo *a travez*, ou ja des-medra,
Que é mortecôr, o que era imagem viva.
  Bem foi de certos môços a ufania
Tanger com garbo, no pandeiro delphico,
Ás soalhas dos *ados*, *idos*, *osos*,
Cuidando tantas lanças metter na Africa
Do Pindo, quantas rhymas garganteiavam.
Mas luziu-lhe a razão, quando maduros;
Sentiram que o *tim tim* dos consoantes,
Em vez de modular, faziam grulha,
Contra as leis do bom gôsto; e os proscreveram.*
Para a razão quadrar c'o consoante,
Era fôrça estirar o pensamento;

* *Il vero paragone di un poeta pare esser dovessero i versi puri e spogliati dalla maschera della rima.*

MAFFEI.

E o que n'um verso cabe, sem apêrto,
Toma logar sobejo em dous; que a rhyma
É d'esse desperdicio a causadora.
Sentiram, que era fôrça pôr inuteis
Epithetos, pôr cunhas, e mais cunhas,
Para dar do repique as badaladas,
No metrico-sonante campanario.
Não vi eu tal poeta consoanteiro
Arrumar o enxadrez de *inos e anos*
Antes que lhe apontasse o pensamento,
Com que havia de encher as casas vagas
Do taboleiro seu?—Não vi por isso
O soneto saír tal e que jando; *
Por ser, para o patau metrificante,
A rhyma tudo, e o pensamento nada?
O pesado grilhão do consoante
Arrastra as azas do estro sempre altivo;
E quebra o soffrimento, c'o aturado
Cavar da rhyma; embota-lhe a agudeza,
Com que penetra no amago do assumpto;
Destrue a ideia, se não trouxe rhyma,
Quando nasceu, ou não achou padrinho,
Que, ao bautismo, lh'a d'ésse; e encaixa-lhe outra
Ideia, em seu logar, semsaborona,
Mui somenos, que lhe abortou rhymada.

* *Que tal? de que qualidade?*

Torna o conto a narrar sua vida *que janda* foi:
CHRONICA DO CONDESTABRE.

Razão, que so bastara a bons juizos
Para a rhyma enterrar no esquecimento:
Que se conforme fôra da poesia
Á natureza a rhyma, a natureza
A dera a Gregos e Latinos, quando
Lhes deu benigna o metro harmonioso. —
— « Mas (me direis) os Gregos, e os Latinos
Tinham os espondeus, tinham os dáctylos,
Com que a seus versos davam formosura. »
— « Quem vos tolhe (digo eu) dar-lhes como elles,
Medindo e modulando o rythmo vosso,
Igual canto, ou diverso no concêrto,
Tam mimoso aos ouvidos, que bem valha,
Sem rhyma, o canto grego, ou ja latino?
Não deu a Italia canto harmonioso,
Sem soccorro de ensossos consoantes?
Não o deu a Castella? e nós, os Lusos
Não cantámos tambem sem essa rhyma?
Inda o Milton, na sibilante lingua
Da britanna Albion, não deu poema,
Em branco verso, que ganhou renome,
Nas nações eruditas d'ésta Europa,
Ao seu auctor? á patria? lede, lede. —
Deixo ja de fallar (tempo perdido!)
C'o tal Peralta, que me cançam nescios.—
Eis me vem abafar os sons da cr'éla
Minha gorda pachorra, amiga velha,
E c'um tal segrediuho, que me emborca
Nos attentos ouvidos, me dá parte

Da matreira intenção, porque esses bichos
Pola patrona rhyma tanto punem.
Sabei, que ésta os defeitos lhes disfarça
Co' a zanga* tonadilha : que sem ella
Á vergonha do mundo appareceram:
E que o valente e puro verso sôlto,
De que Milton usou, usaram mestres
Na arte de poetar destros pintores
Pede vasto saber, pede mestria
Na erudição da lingua, a fim que as vozes
Escolhidas com arte a luz espalhem
Na teia da ficção ; essa é a causa
Porque no seu *perdido Paraíso*,
Usa hyperbatos , usa latinismos,
Usa palavras, usa antigas phrases
(Que Addisson** tanto louva em seu estylo)
Por desviar-se da commum loquela,
Armazem dos pedantes consoanteiros.
Sim; que com siso creu, que a pécca rhyma
Nunca apposito foi frisante e guapo
Para ornar poesias de arduo empenho;
Mas somente ouropel, que a triviaes trovas
Dê guapice, com falsos luze-luzes :
Ou muleta, que adjude os aleijados
Versinhos de má morte.—Uso, e mau uso

* Chamam os Hollandezes *zang* o que nós chamamos *modinhas*, e os Francezes *air*.

** *Remarks, art. Venise.*

Lhes deu voga; e correntes e moentes
Té-gora os deixou ir per esse mundo,
Para empecilho serem, serem sécca
Do genuino vate. O inglez Homero
Jamais imaginou, que desinencias
Tam sem-sabores fossem harmonias,
Que mimosos ouvidos deleitassem.
Sentia muito bem, que a quantidade
Das syllabas, saber bem alterná-las,
(Como as falsas e cónsonas, na musica)
Variá-las n'um verso, e n'outro *verso*,
É quem dá boa mu*sica á poesia*.
Tanto mais, *que* antes que elle, o tinham feito
Peritos Hespanhoes e Italianos,
Tornando á antiga liberdade as Musas,
Sôlto, o poema heróico, dos cepos.
Dêmos, que Homero, vindo dos Elysios,
Désse ca volta ao mundo, curioso
De saber como cantam ca os Cysnes
Descendentes de Godos e Sicambros;
Dêmos, que encontre certa mulherinha,
Que faz beicinho a versos não-rhymados.—
Como lhe vejó arcar a sobrancelha,
Olhar per cima do hombro, e com desprêzo
Dizer-lhe: — « Tola! E quem te deu licença
De fallar, ante mim, da poesia?
Cuidas, que é ser poeta, a fraca indústria
De marchetar com rhymas pécca prosa?
Péga na agulha, os trapos arremenda

De teu marido, e as cuzinhaes rodilhas.
Deixa os versos a quem no sprito ferve
Estro ardente, um ingenho alto e facundo,
Que com sublimes sons enleva as almas,
Debuxa ao vivo, e as côres do conceito
Reluz no coração, na ideia cala,
Onde abrase, estremeça, onde latisme.
Taes são da poesia os dons valiosos;
Taes, se souberas ler-me, em mim os viras,
Em Pindaro, em Virgilio e Horacio os viras,
Não rhymas e iguaes drogas—atavios
Lidados, mal-assentes e enojosos.
Mil consoanteiros tomos delambidos
De academicas trovas serão lixo,
Se concorrem c'uma *ode*, onde rutilem,
Os dotes da facundia ousada e nobre,
Os rasgos do pincel, raiando vida,
Acção, affeitos, em seu breve quadro... »
Mais ia per diante. — Eis que repara
Que, com a boca aberta, a Philaminta
Ouvia tudo e nada comprendia. —
Vai ter com quem o intenda, e deixa a velha.
E nós deixemos la o Homero, amigos;
Fallemos entre nós no nosso assumpto.
Reflecti sem paixão na traquinada
Do ajoujado *zõo zão* dos consoantes,
(Traquinada pueril) e achareis certo
Que o que n'elles disfarça o absurdo, é o uso
Em que staes de os ouvir : que assim não ferem

Os ouvidos da antiga vizinhança,
Do ferrador os mazorraes martellos.
Ponde ante os olhos sempre este axioma,
Que estro é quem faz bom versos, não a rhyma.—*
Que ésta os versos tam pouco aformoseia,
Que antes lhes é ridiculo flagello;
E que é um phrenesi disparatado
Teimar contra a razão, que a desapprova,
Contra o bom-gôsto e sancta antiguidade,
Que nunca conheceu taes consoantes,
E que, se os conhecera, os apupara.
Um crime (e esse *é bem grave!*) bastaria
Para a perpétuo exilio enviar a rhyma:
O enójo que ella dá a eximios vates,
E a tarefa de atá-la ao pensamento.
Vêde Corneille, ** tam diffuso ás vezes,
Tam enleiado em declarar a ideia,
Que hardido *** concebeu com estro activo,

* *Ce qui fait la poésie, c'est la vivacité de la fiction, la magnificence des figures, la hardiesse des inversions, la beauté et la variété des images; c'est l'enthousiasme, le feu, l'impétuosité, la force, je ne sais quel tour de pensées et d'expressions que la nature seule peut donner.*

SANADON.

** *La rime rend souvent Corneille diffus, embarrassé, inintelligible, elle gâte plusieurs morceaux pleins de verve et d'élévation.*

MERCIER.

*** Não sei porque motivo os nossos classicos, que

Quando encostado aos mais divinos quadros
Lhes reverbera a côr nos seus poemas.
Quem foi ré d'esse enleio? Foi-o a rhyma.
Dize-me, Apollo, que conceito fazes
D'isto, que chamam rhyma uns melquetrefes,
Uns biltres, umas certas sabichonas,
Regateiras de trovas burdalengas,
Que ignorantes da solida poesia,
Do celeste fallar, do arrebatado
Vôo que enfia o Estro (desdenhando
Preceitos de grammaticos magriços,
De auctores de *Poeticas*, que nunca
Viram a luz de teus potentes raios)
Vai beber, no congresso dos celicolas
Às lições da virtude, os sãos louvores
Dos heroes, que orna o vate com seu canto.
Dize; e não me encareças a resposta,
Que quero um piparote dar, com ella,
A certo bonzo, a certa bruxa tonta,
Rebutalho do Pegaso enjoado.
Bruxa, que inchada, ao ver-se arrumadora
D'umas regras compridas, e outras curtas,
Em que, como atafaes de arrieiro novo,
Entrançou ella alagartadas rhymas,
Nos quer des-bautizar, do nome Delphico,
Quantos nos versos o *zão zão* desprezam,

tomaram a palavra *hardido* dos Francezes, lhe não conservaram o *h* em lembrança da etymologia.

Quantos sabem ser versos, e bons versos,
Os que cantaram Gregos e Latinos,
E nas linguas modernas mil poemas,
Que essa parvoa não leu, ou não intende.
Nem para ouvidos taes, de lição baldos,
Poetaram tam inclytos ingenhos....
Mais largando ia redea aos chascos;
Que tem largas ensanchas este assumpto...
(D'outro golpe virá, se não vem d'este.)
Quando.— Eis me atalha um ronco strepitoso,
Com que se abre a *parede*, ao *réz da banca*,
Em que, par *desfastio, screvo a miudo*
As trovas, *que* aqui vendo para adjuda
De comprar pão, feijões, e ás vezes carne
Nos dias domingueiros; e—oh prodigio!
Eis que rôta * despede um braço nu
C'um bilhete na mão, e em grega nota.
Foi gran' ventura achar-se á minha ilharga,
N'outro lado da banca, studioso
Escrevendo stenographas rabiscas,
O pacato Pinheiro**, que lê grego.
Elle me acorçoou, e deu sentido
Ás greguices do scripto, as quaes rezavam:
« Ao vir ao mundo o filho d'uma virgem,
Todo o nume até então orac'li-parla

* A parede, e não a banca. Intendamo-nos.

** O senhor professor da Universidade Silvestre Pinheiro.

Perdeu a voz: eterno cadeiado
Lhes poz o deus menino, que não gosta
De gente, que dá muito á taramela.
Mas, como não tolheu a nota scripta,
E como sei, d'ha muito, que es mimoso
Das nove raparigas do Parnaso,
Espera um pouco, em quanto aqui te arrumo,
N'outro papel, um conto acontecido
Nas fraldas d'ésta bífida montanha.»

Em quanto espero, tiro da algibeira
O lenço, e logo a caixa de tabaco,
Resfólgo uma pitada retumbante,
E aguardo-lhe a resposta pachorrento,
Commentando o successo, c'o Pinheiro.

Ei-lo, que torna o messageiro braço,
Ei-lo o Pinheiro, que traduz, do Grego,
O promettido conto, e assim dizia:

« Quando Virgilio, á beira do Permesso
Ouviu fallar de *rhyma e consoante*,
E que ninguem sem rhyma ousava agora
Cantar hymnos, fallar em seus amores,
Nem Baccho saúdar n'um Dithyrambo;
Franziu logo o nariz, e deu aos hombros,
Com desprêzo de quem de tal usava.»
— « Que pifia poesia! — « Eis se despede
Menencorio no rosto, e vai-se em busca
De Horacio, e de Catullo, a quem reconta
Assim o seu enôjo.» — Vossês sabem
Que droga é *consoante?* Ou teem ouvido

D'esses, que descem do canoro monte,
Do conselho das Musas, que mania
Prendeu n'éssas muchachas, para urdirem
Tal *sigue sague* em melicos lavores?
Sem esses perendengues farfalhudos
Não eram nossos versos, e os dos Gregos
Bem lidos, bem prezados? E inda agora
Os genuinos vates não se illustram
Co' a nossa imitação? Ou per ventura
Cuidam esses pataus, que a aguada rhyma
Lhes dá a graça, que *aos nossos versos falta*?
Como são nescios! *Que não stá* na rhyma
A delphica donosa formosura;
Na ficção nova stá, e na urdidura,
Na valentia e côres do phraseado,
Na gala da allusão, no ousado tropo,
Ousado, mas pedido, mas frizante,
Que regale, que enleve, ouvido ou lido.
Deem-lhe alma, deem-lhe rosto ao pensamento
Que elle singelo em seu formoso aceio *,
Rejeitará mal-postas maravalhas.
E eu, d'antemão, bem firme lhes seguro,
Que quem lhe ouvir seus versos, mal attente
Se trazem guiso, ou não, de consoante.
—« Acho, que tens razão (lhe diz Horacio)
Mas tambem acho, que comnosco perdes

* *Simplex munditiis.*

Horacio.

Tua eloquente-apostola parlenda.
Razões disseste la, que nós na ponta
Da lingua temos, como tu, sabidas;
Que, por sabê-las bem, bem practicá-las,
Com deleite são lidos nossos versos,
E de cór os memora quem bem sabe.
Mas d'essa, com que vens seccar-nos, rhyma,
Não sei mais novas, que da velha Serpe.
Aqui perto, n'este ambito de murthas,
Ouvimos conversar Chiabrera e Tasso:
Mais modernos que nós, talvez que indiquem
Alguma luz, que te esclareça o ponto.»
—« Bons dias, meus amigos (diz Catullo
Entrando o myrtheo cêrco) Que tal corre,
Ca pelo sitio, a veia Caballina?
Ha per hi novas odes altaneiras,
Que o carro a Phebo, a Jove o raio roubam,
A Venus a cintura, o nó ás Graças? *
Ha poemas de altísona scriptura?
Nova Argos, novo Typhis sulcam máres,
Estranhados das vélas atrevidas?...
Mas não—Vimos os tres de rexa velha
Saber de vós, que bicho, ou que aventesma
Seja o que chamam *rhyma*, e qual influxo,
Ou qual prestimo tenha. O bom Virgilio,
So de ouvir fallar n'ella, per acaso,

* *Segnesque nodum solvere Gratiæ.*

Horacio.

Todo se estramunhou, depressa veio
Tirar de nós, do enigma a quinta essencia;
Mas nós, que stamos tam patinhos que elle
No caso, que a pedrinha no sapato
Lhe deitou, aqui vimos que desates,
Mui *tim tim* por *tim tim* o nó da cousa.
— « Não direi o que é *rhyma* (acode o Tasso)
Que enfadou-me ella muito, e quiz lança-la
Á margem, como mula desserviça.
Bem o sabe o Chiabrera. » — « Sim (*diz este*)
Mas eu t'a explicarei, *sem ser diffuso :*
Sem que por tanto *cuides que eu* a estimo
Antes sou da *opinião* do amigo Tasso.
A rhyma é um cascavel, que os Trovadores *
Punham na cauda a certa prosa insulsa.
Ignorantes do verso harmonioso,
E pés cadentes dos poemas vossos;
(Como a quem negou Phebo o dom celeste)
Capucharam discantes enfezados,
Fundados (quem o sabe) n'uns taes versos
Leoninos chamados, porque davam,
Co' a desinencia, estallos nas ilhargas, **
Como faz o Leão, quando co'a cauda

* *Vid. Encyclopédie, mot* Troubadours.

** Os unicos versos Leoninos, que agora me lembram, são estes taes e quaes :

Brixia vestratis merdosa volumina vatis,
Non sunt nostrates tergere digna nates.

Açouta os dous quadris para assanhar-se. *
 Aos homens e mulheres d'essa quadra,
Meio-broncos ou stupidos guerreiros,
Lhes toou mui-gaiteira a chocalhada
Da rhyma, e lhes fez eccho, no ouco da alma;
Como o som dos badalos das garridas,
Como o som da tremonha dos moínhos,
E o som da nora, na calmosa sésta,
Como o som dos chocolhos da *manada*,
E outros mil de monótona *toada*.
Ouviste este *ada, ada?* pois é rhyma:
Que a fiz sem o querer. Que gôsto lhe achas?
(Catullo) — « É *Bem bestial sem-saboria.* »
— « Como tu Horacio, nos ouvidos toscos,
Nem tu, Catullo, brecha abrir poderas,
Poderam bem entrar n'elles a froxo
As verdoengas trovas colleiradas
C'o chocalho da rima *zanga-zanga*.
 Depois viemos nós, a quem foi cargo *
Ornar de guisos a theorba nossa,
E pôr negaça a gostos corrompidos,
Para os colhêr na rede, e doctriná-los **
Nas schola da virtudes e altos feitos.

* *Vid. Histor. naturel. de Buffon.*

** . . . . . *Usque adeo de fonte leporum*
Surgit amari aliquid, quod in ipsis floribus angat.

*** *Lectorem delectando, pariterque monendo.*
HORACIO.

Este é todo o mysterio, e o mais é pulha. »
—« Mas, meu Chiabrera (o Tasso lhe replica)
Não dizes tudo. Dize, que eu zangado.
Co' a rhyma, quiz compor em verso sôlto;
Que ordinario clamei, que a consonancia
Da rhyma é dissonancia do bom senso.
Que se é por gran' poeta celebrado
Pelo vulgo, e por sabichões da moda,
Vencedor de barrancos consoanteiros
E volteiador de corda mui famoso,
Quem troca os *pés com graça, e quem* ufano
Quiz ostentar *instincto* e paciencia,
Aperreiado á rhyma e leis modernas
De metro, nunca em Grecia ou Roma usadas,
Um *acrostico* mau, um bem suado
Mau *labyrintho* o pareo ganhariam,
Em concurso c'uma *ode* a mais formosa,
Á qual faltasse a fufia tranquitana *
 Pois vai philosophia cerceiando
A escravidão feudal, os desafios,
Des-medremos tambem os altos cantos
Do captiveiro do insensato emprêgo,

* *La rime gêne plus qu'elle n'orne les vers; elle les charge d'épithètes, elle rend souvent la diction forcée, et pleine d'une vaine parure; en allongeant les discours elle les affaiblit. Souvent on a recours à un vers inutile pour en amener un bon.*]

FÉNÉLON.

De andar ao faro da fugiente rhyma,
Qual podengo a perdiz aforoando.
Cortemos-lhe esses feios barambazes
Dos consoantes, que nas mesmas eras,
A litteraria Europa acommetteram,
C'os duellos, de rondão; ferropeando,
Qual escrava, a Poesia, que liberta,
Desde o seu nascimento, campeara,
Não soffrendo mais leis, que as leis suaves,
Que lhe dictou, com gôsto, a natureza.
Quebrem-se quantas peias, quantos laços
Nos pés, nas mãos das Musas tam-senhoras,
Escoimados grammaticos ataram.
Passeiem, corram, voem as Camenas,
Sôltas e airosas, ostentando ao mundo,
Ora o rapido tiro de seu vôo,
Ora o brio dos passos mesurados.»
« Eu sempre ri de mim (torna o Chiabrera)
Quando arrumei no verso os consoantinhos;
Fiz-me comparação c'o fogueteiro,
Que arruma no canudo os ingredientes,
E os estouros, que hão de atroar os ares,
C'o rompante foguete de respostas.»
— « Que frizante que vem o teu apodo!
(Diz d'um canto o Garção, que solapado
Tinha ouvido a conversa.) Eu assim sempre
Que ouvi strophes pindaricas do Pina
Ou soneto, á Tarouca, do Vahia,
Bem campanudo, bem aconsoantado,

Por bem fogueteada noite o tinha
Em arraial bizarro, onde se esmera
Cirio de Nazareth, ou da Atalaia.
Vossês não viram tal. — Perderam muito.

FRANCISCO MANUEL.

FIM DO QUARTO VOLUME.

INDEX.

INDEX

DO TOMO IV.

LYRICOS.

ODES.

FRANCISCO MANUEL.

CALDAS.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

F. J. DO CORAÇÃO-DE-JESU.

BOCAGE.

STÓCKLER.

MENDONÇA.

SARMENTO.

FORJÓ.

VIANNA.

ANDRADA.

BORGES DE BARROS.

DITHYRAMBOS.

GARÇÃO.

DINIZ.

TÔRRES.

SEMEDO.

CANTATAS.

ANONYMO.

FABULISTAS.

APOLOGOS.

MALDONADO.

ELEGIACOS.

CAMÕES.